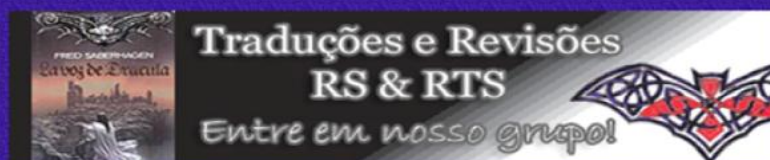


BARBARA BRETON



AMANHÃ E SEMPRE



Revisão, formatação, capa: Dominique Bozzi
Revisão final: Cris Skau





Amanhã e sempre (1997)
Título Original: Tomorrow and always (1994)
Editorial: Harlequin Ibérica
Selo / Coleção: Internacional 144
Gênero: Viagem no tempo
Protagonistas: Andrew McVie e Shannon Whitney

Nota da Revisora: Vocês vão amar essa história, e se apaixonar pelos personagens. Trata-se da história de uma mulher, que construiu uma nova vida depois de livra-se de um marido violento, e que com muita coragem conseguiu viver um novo amor. Vão ficar querendo mais...

Argumento:

Andrew McVie fugia do dever e da dor... para a liberdade e a paixão... em uma escapada que o levaria a duzentos anos para o futuro, para entrar em cheio na vida de Shannon Whitney. Shannon não era o que parecia. Em público, era uma divorciada, bela e rica. Em particular, era uma solitária... com muitas chances de continuar assim. Porque o que Shannon ansiava era um homem valente e honesto, forte e carinhoso de uma vez. Mas onde era possível encontrar um homem assim?

Prólogo

1776, finais de agosto.

Andrew McVie se sentou na encosta que havia atrás do farol e esperou. Não sabia com segurança o que esperava, mas o impulso nele era tão forte que não podia ignorá-lo.

Essa manhã, antes da alvorada, acordou perto do *Milltown*, tão lúcido como se não tivesse dormido a noite toda. A dona da casa, uma boa mulher chamada Annie Willis, que tinha dois filhos servindo sob as ordens do general Washington, tinha-lhe oferecido café e pão recém tirado do forno, mas ele não queria perder tempo.

- O corpo não se sustenta só de patriotismo - disse a mulher enquanto envolvia um pão em um pano branco e limpo. - Pense na senhora Willis quando comer e reze para que seus meninos voltem para casa.

Patriotismo. A mesma palavra que fazia uns poucos anos inflamava seu coração, agora não significava nada para ele. Na realidade, havia vezes em que lhe parecia que nunca havia sabido verdadeiramente o que significava sacrificar tudo pela revolução.

Tinham-no por um herói. Dizia-se que tinha arriscado sua vida para ir onde outros não se atreviam porque compreendia que o bem-estar das colônias era muito mais importante que sua própria segurança. Mas se equivocavam. Todos eles. Desde a derrota para Elspeth e David, tinha deixado acontecer o dia ficar cego e surdo para outra coisa senão a dor que palpitava em seu coração. É fácil arriscar tudo quando não tem nada valioso que perder.

Mas agora, inclusive o tinham despojado de sua eficácia como espião.

Trocou de posição sobre a rocha e apoiou a cabeça nas mãos. Sua viagem ao Long Island para advertir ao General Washington da existência de uma conjuração contra sua vida tinha sido um erro. Não só não havia achado ao General, mas também os soldados com quem tinha falado o olharam como se estivesse louco.

- Ele deve ter ficado muito tempo ao sol. - havia dito um deles, rindo a suas custas. - Enquanto nós falamos, Sua Excelência se acha a salvo, comodamente hospedado em Trenton.

Mais tarde, procurou consolo em uma caneca de cerveja, mas não havia nenhum conforto para ele nas terras verdes do Senhor. A verdade é tão clara como sua própria cara no espelho em cada manhã. Seu tempo se cumpriu. Agora entendia. A tocha passou de mão enquanto ele dormia. Homens mais jovens e fortes que Andrew havia tomado seu lugar. Homens que ansiavam combater nas batalhas que ele já não compreendia.

Um riso amargo surgiu da escuridão de sua alma. Na verdade seria melhor que jazesse morto sobre o chão arenoso de Long Island. Não ficava nada que dar, nada que oferecer, salvo uma vida inteira de arrependimentos. As palavras que deveria ter dito, as ações que não tinha empreendido. A triste procissão de enganos cometidos por um homem do qual se esperava mais.

O jovem e ambicioso advogado de Boston tinha sido substituído por um patriota que tinha deixado de acreditar na rebelião pela que outros homens derramavam seu sangue.

Já nada importava. Andrew sabia como ia terminar aquela luta. Os patriotas se elevariam vitoriosos. A Coroa se converteria em um aliado. O sol, a lua e as estrelas permaneceriam nos céus. E Andrew McVie seguiria sozinho.

Levantou a vista para o farol e sacudiu a cabeça ante o absurdo de tudo.

Nunca tinha pensado voltar a vê-lo. Na realidade, não compreendia como havia chegado até aquele lugar da costa de Nova Jersey quando se encontrava caminho de Princeton. Só sabia que a necessidade de estar ali havia se apoderado dele, ofuscando sua razão.

A verdade era que, naquele momento, devia estar sentado à mesa do Rebekah Blakelee, desfrutando de suas carnes refinadas e perguntando-se o que tinha acontecido a sua vida que agora lhe parecia tão pouco.

Havia perdido a sua mulher e seu filho, não tinha um lar no qual descansar sua cabeça e repousar o coração pesaroso. Às vezes, a solidão que tinha aceitado como castigo surgia das profundidades de sua alma e ameaçava envenenando o mesmo ar que respirava.

Outros homens tinham amigas com quem compartilhar uma noite no verão ou aquecer as frias tardes de inverno. Andrew só possuía arrependimento, e essas recriminações se foram afiando durante as últimas semanas até lhe parecer lamínas que penetravam no mais fundo de seu ser. Por um instante, aquele mesmo verão, havia reencontrado seu coração e acreditado que a felicidade era possível para ele neste mundo.

Emilie Crosse tinha chegado a sua vida uma manhã como aquela, naquele mesmo lugar, debulhando uma história a respeito de um grande balão vermelho no que tinha viajado através dos séculos. Ao princípio, Andrew tomou por louca, tentou evitá-la, mas logo percebeu que era impossível ignorar seus consideráveis encantos.

Emilie o intrigava com sua inteligência ferina. Deleitava-o com seu humor malicioso. Em ocasiões, sua independência o instigava e tirava o chapéu tendo saudades das mulheres dóceis de seu círculo, apesar do qual, uma vez ou outra se sentia atraído por ela.

Andrew não era homem inclinado aos vãos da fantasia. Não acreditava em fantasmas, sinais ou que houvesse um mundo à parte do que habitavam os mortais. No entanto, desde o dia em que conheceu Emilie, no porão do farol, tinha a sensação profunda de que sua vida nunca mais seria a mesma.

Emilie era mais alta e forte que as damas com as quais estava acostumado, e se comportou com uma determinação que ele admirava, mas não só as qualidades que tinham subjugado sua imaginação. Foi o mundo que ela havia deixado para trás. Um mundo de maravilhas tão milagroso que sua mente mortal mal podia compreender em toda a sua glória.

Emilie falava de voar pelo ar dentro de um pássaro de metal brilhante, de homens que tinham deixado sua marca na superfície da lua. Em sua época existiam artefatos que podiam superar em inteligência a homens com o intelecto do Jefferson ou com a criatividade do Franklin. A música podia ser gravada em uma fita marrom e brilhante para escutá-la a vontade. Inclusive bibliotecas inteiras cabiam em um objeto não maior que um prato. Os cidadãos mais pobres possuíam riquezas que superavam os sonhos mais descabelados. Nem sequer Jorge "O Gordo" em seu trono inglês podia imaginar as maravilhas das que falava Emilie.

E, contudo, referia-se a aquelas coisas como se carecessem de valor, como se não lhe importasse não retornar jamais a seu próprio tempo e lugar.

Revisão: Dominique Bozzi

O homem que tinha viajado no tempo com ela não era assim. Zane Grei Rutledge não tinha capacidade nem proveito no mundo do Andrew. Era um homem de seu tempo e Andrew sabia que Zane tivesse removeria céu e terra para voltar com Emilie à época da qual provinham.

E logo surgiram as feridas.

Para seu eterno desgosto, Emilie tinha retrocedido no tempo com o homem que era seu marido. Andrew tinha sido testemunha impotente de como o casal voltava a reencontrar-se, enquanto Andrew desejava com toda sua alma ser o homem que ela amasse e de algum jeito pudesse, fazer com que voltasse a sentir-se inteiro, coisa que nem o rum, nem a revolução podiam obter.

Mas não era vontade de Deus. Estava escrito que Emilie e Zane se pertenciam. Em realidade, Andrew sabia desde o começo, com essa parte de seu coração que tinha morrido com sua esposa e com seu filho fazia tantos anos. O passado os unia; se achavam vinculados pelo mundo que tinham deixado atrás, mas Andrew sabia que uma força muito mais capitalista que os anos vividos em comum encadeavam suas almas.

Tinha ocorrido o mesmo com sua Elspeth? Andrew não podia recordá-lo. Pelas noites, um momento antes de cair vencido pelo sonho, via o rosto amado, ouvia o som de sua voz, sentia a suavidade de sua pele sob sua mão, mas o que ela pensava, desejava e necessitava, revoava longe de seu alcance.

- Sim - murmurou, desejando dispor de rum ou de *whisky* para embotar o fio cortante de sua dor.

Tinha cometido tantos enganos, tinha emprestado tão pouca atenção aos assuntos de autêntica importância, que agora estava condenado a dormir cada noite e despertar cada manhã em um mundo que não guardava para ele somente sombras do que podia ter sido.

Sua esposa e seu filho estavam mortos e enterrados. A mulher que tinha cativado sua imaginação amava a outro homem. Nem sequer a batalha pela independência que fora travada a sangue e fogo ao seu redor bastava para inflamar os ardores da paixão em seu coração lento e gelado. Parecia que não existia mais que para ocupar um espaço, para contar os dias até exalar seu último suspiro. Possivelmente fora seu destino, pensou enquanto se levantava e se aproximava do afloramento rochoso do que se dominava o mar. Viver sozinho naquela ilha abrupta com seu próprio desespero por toda companhia, tão inútil como um farol sem chama que ardesse na torre para guiar o rumo de outras almas solitárias e perdidas.

Se o Todo - Poderoso tinha outros planos para ele, Andrew não podia imaginá-los. Ficou ali, no limite da terra, muito tempo, observando o horizonte em busca de um sinal, de algo que lhe demonstrasse que estava equivocado, que lhe provasse que ainda havia um propósito para sua existência. Mas não viu nada, apenas um estranho manto de nuvens que se aproximava do Atlântico, faixas escuras verticais em sombrios tons de chumbo que avançavam decididas para ele, arrojando trevas sobre o porto e agitando as águas tranqüilas.

Arrepiaram-se seus cabelos da nuca.

- É apenas uma tempestade que ganhou força - disse ao vento por cima das chamadas lamentosas das gaivotas.

A costa de Jersey era famosa pelo clima imprevisível. Só duas semanas antes, tinha escutado em "*El gallo empenachado*" o conto de um marinheiro a respeito de uma

gigantesca coluna de água que tinha virado sua fragata e afogado a metade da tripulação. Uma frente de nuvens cinzentas não podia ser motivo de alarme.

Entretanto, a cena provocou uma grande inquietação em sua memória, como se escondesse algum significado que ele tivesse esquecido.

- Isso já está bem. - disse dando a volta. Havia sentido o impulso de voltar a ver o farol e isso tinha feito. Era óbvio que não havia razão para atrasar-se ali, não quando havia uma tormenta se aproximando. Remaria de volta ao continente, montaria seu cavalo e chegaria a Princeton antes do anoitecer. Rebekah, a boa esposa do Josiah Blakelee, oferecer-lhe-ia um teto sob o que proteger-se e alimento para sossegar os protestos de seu estômago. À manhã seguinte, veria Emilie e Zane, e lhes contaria sua visita descabelada ao farol...

Uma mancha escarlate atraiu seu olhar. Entreabriu os olhos, enfocando-os sobre o tecido inchado que flutuava por cima do mar encrespado.

Um balão grande e vermelho, Andrew... assim é como aconteceu... Gotas de suor se formaram em suas têmporas e sobre a frente. Podia ouvir a voz do Emilie com a mesma clareza que o primeiro dia.

- Onde está esse Balão vermelho, senhora Emilie? - tinha perguntado ele, desconfiado. - Onde está a casquinha?

- Não sei. - respondeu ela simplesmente. - Caímos ao mar. Suponho que se afundou.

Voltou a olhar, mas não viu nada exceto o mar agitado. Tinha sido a mancha escarlate uma ilusão que lhe despertou a imaginação em seu cérebro?

- Não. - disse uma voz potente que se alimentava de seu próprio som. - Está aqui. Existe.

O manto de nuvens rodeava a ilha, obscurecendo o farol. Um vento úmido, muito frio para finais de agosto, aguilhoou seu rosto com sal enquanto ressonava no profundo de seu peito a chamada do destino.

Ver que Emilie e Zane remavam rumo à ilha do continente não foi nenhuma surpresa. Eles o ajudariam a encontrar seu caminho no mundo de que provinham. Igual ele os ajudara no seu. Uns poucos minutos depois, Emilie o abraçava.

- Andrew! Que diabos...? - disse com uma cara tensa pela ansiedade.

- Achava-me de caminho à casa dos Blakelee - disse ele.

- Nós íamos a Filadélfia - disse Zane.

Andrew e Rutledge se estreitaram a mão como dois homens que tinham mais em comum do que nenhum queria admitir. - A tormenta - disse Andrew. - Parece-me quase familiar, mas não saberia dizer por que.

- Oh, Deus! - Emilie ficou pálida e se apoiou em Rutledge.

- Não, por favor. Agora não...

- Por que vieste aqui? —perguntou Rutledge.

De repente, Andrew soube a resposta sem a menor sombra de dúvida.

—Vamos. - disse Emilie com uma nota de pânico na voz. - Nenhum de nós deveria estar aqui. Podemos voltar para terra firme antes que a tormenta nos pegue.

Começou a andar para os botes, mas Rutledge a soltou da de seu braço e apontou mais à frente o farol.

- Olhe.

Andrew olhou para onde ele apontava virando-se lentamente. Ficou sem fôlego ao ver a magnificência do que se elevava ante seus olhos. Uma grande casquinha flutuava

leve sobre as rochas, suspensa mediante cordas de um gigantesco balão escarlate que diminuía até a torre do farol.

- Valha-me Deus! —sussurrou extasiado.

Apesar de seu tamanho, o balão parecia tão frágil, tão insubstancial, que se perguntou como tinha sobrevivido a aquela viagem assombrosa.

Rutledge estreitou Emilie entre seus braços. Pela primeira vez, Andrew não sentiu a menor pontada de inveja. Ela pertenceria ao Rutledge para sempre.

- Esta é nossa oportunidade, Emilie - disse Zane, obrigando Emilie a olhar para ele. Você disse que não voltaria a acontecer, mas aí está. É a ocasião de voltar para nossa verdadeira casa.

Andrew ouviu o rangido agudo das cordas contra os vimes. - Está ascendendo!

Emilie escapou dos braços de Rutledge.

- Não pode ser! - murmurou ela. - Você não compreende.

- Este não é nosso mundo... - suplicou-o. - Vamos agora que...

- Zane... - sua voz se quebrou. - Não posso... Tenho meus motivos...

Emilie arrojou a bolsa bordada contra Zane, mas caiu aos pés de seu marido. Recolhendo-as saias, pôs-se a correr para o farol.

- Tem que escolher agora - gritou Andrew por cima do vento que uivava a seu redor. O mundo de maravilhas que lhe haviam descrito estava chamando-o. Pode ser que nunca haja outra oportunidade.

- Tem razão, McVie. Diabos sim!

De repente, Zane sorriu. Um sorriso que só podia significar uma coisa. Deu meia volta e foi reunir-se com sua esposa.

A casquinha se sacudiu e se elevou um pouco mais. Andrew nunca tinha imaginado que se aventuraria entre os mistérios do tempo sem seus amigos do século XX. Mas não havia esperanças. Encontrava-se doente, quase a beira da morte de tanto lutar. A felicidade que outros davam por segura não formava parte dos planos que o Todo - poderoso tinha para ele, mas aquela aventura sim. Seria um louco rematado se deixava que aquela oportunidade lhe escapasse das mãos. No mundo assombroso que Zane e Emilie descreviam, poderia perder-se entre suas maravilhas e possivelmente, só possivelmente, esquecer que tinha havido um tempo em que tinha desejado mais da vida.

Agachou-se a recolher a bolsa de Emilie e a guardou no cano das botas de couro.

- Tem que escolher agora. - repetiu.

Se tão somente alguém tivesse podido demonstrar que sua existência ali importava, que as minúcias que havia dito ou feito tinham um propósito... Mas... pedia o impossível. Acaso não havia dito Emilie que seu nome tinha desaparecido para sempre dos livros de história?

Possivelmente o motivo de seu desaparecimento dos livros de história fora que também tinha desaparecido por completo do século XVIII. Possivelmente tinha obtido tudo o que tinha que obter naquela época e tinha divulgado a hora de procurar novos mundos que conquistar.

Possivelmente estivesse mais louco que um cão raivoso ladrando à lua. Acaso nada disso importava no grande concerto das coisas. Quando já perdeu tudo, nem sequer a morte parece um risco importante.

O mundo que Andrew McVie tinha conhecido desde seu nascimento, já não lhe parecia familiar. Por essa razão tinha sido enviado a aquele lugar naquele momento

Revisão: Dominique Bozzi

concreto. Fazia um instante, seu futuro tinha sido tão cinza como os céus que se estremeciam de fúria sobre sua cabeça. Agora, em um abrir e fechar de olhos tirava o chapéu transbordante de esperança pela primeira vez em muitos anos. Sua existência ali tinha terminado e sua nova vida no futuro estava a ponto de começar. Elevou a Deus uma prece por que houvesse um lugar para ele naquele tempo ignoto.

Seus sonhos eram de outra época e negá-los teria sido condenar-se a uma morte prematura, de modo que subiu à casquinha e sulcou os ventos para o desconhecido.

Sua última visão antes que o balão mergulhasse entre as nuvens, foram as silhuetas de Emilie e Zane recortadas contra o farol, lhe dizendo adeus com a mão.

Capítulo 1

Em algum ponto sobre Nova Jersey.

- Olá, tio! Que pinta mais alucinante! - saudou uma moça de cabelos negros da casquinha de um balão verde em forma de dragão quando passou a seu lado.

Andrew não estava seguro de que maneira seria aquela de saudar, mas inclinou a cabeça com educação e levantou a mão para lhe corresponder.

Era a sexta pessoa em dirigir-se a ele daquela maneira, ou a centésima? Não conseguia lembrar. Certamente, parecia que logo que havia subido sobre as nuvens quando se viu rodeado de balões em forma de casas e de meias luas e de coisas estranhas que não sabia o nome. E para ser ainda mais extravagante, cada balão tinha uma casquinha e cada casquinha um tripulante, e todos pareciam embarcados na mesma aventura.

Emilie e Zane podiam acreditar que tinham vivido um milagre, mas se equivocavam. Viajar através do tempo era tão comum como cavalgar pelo Caminho de Postas entre o Trenton e Princeton. Diziam que o que lhes tinha acontecido era um ato do destino, algo que só ocorria uma vez na vida, mas a evidência do contrário flutuava ante seus próprios olhos.

Um balão em forma de cão alargado se aproximou do dele. Um homem e uma mulher o saudaram de uma casquinha de uma cor amarela brilhante.

—Festa na mansão Forbes as nove - gritou a mulher—. Com *champagne* do bom!

O homem formou uma buzina com as mãos.

—Um disfarce estupendo! Tenho igual em casa.

Jamais alguém tinha cometido a indiscrição de fazer comentários sobre seu traje. Andrew se contemplou as estragadas calças marrons e o colete cor tabaco. Decidiu que eram umas roupas do mais corrente.

- De que século são vocês?

Mas as chamadas de seu balão rugiram e a gôndola se elevou afastando-se do casal. Tinham todo o aspecto de vir do futuro, mas, por isso Andrew sabia, bem podiam ser granjeiros do estado da Pennsylvania.

Tudo parecia possível.

Apareceu pela borda da cestinha, mas as nuvens lhe ocultavam as terras abaixo. Salvo uma imagem aterradora do farol diminuindo-se frente à magnificência do entardecer, só havia visto nuvens e mais nuvens. E agora descobria que não tinha feito sozinho a viagem... Era suficiente para que se perguntasse se não voltaria para ponto de partida uma hora mais velho e muito mais sábio.

Um grande balão com listras brancas e verdes cruzou em seu rumo, mas os ocupantes estavam muito absortos na conversa para prestar atenção nele. Tinha a sensação de ser o único homem da Criação ao que parecia insólito navegar os ares por cima das nuvens, somente com o ar sob seus pés.

Perguntou-se como ia retornar a terra. Zane tinha quebrado um braço ao descer com Emilie. Tudo o que se interpunha entre o Andrew e uma morte dolorosa era a frágil gôndola de vime que se estremecia com seu peso.

O fogo mágico que propulsava o balão chispou, vaiou e finalmente morreu. Andrew, com o coração lhe batendo forte no peito, aferrou-se a borda da casquinha enquanto começava a cair. Quando era um menino tinha imaginado que as nuvens eram suaves almofadões de penugem suspensos no ar, mas aquilo não era verdade. Cada nuvem ocultava uma surpresa desagradável, açoitando a casquinha de um lado para outro, sacudindo-o até os ossos. Considerou a idéia de saltar pela amurada, mas não sabia a que altura se encontrava do chão nem a gravidade das feridas que essa queda poderia causar.

Apertando os dentes, preparou-se para averiguá-lo.

Shannon Whitney acreditava em três absolutos: a necessidade de ar limpo, de água pura e da edição dominical do *New York Time*. Ou, mais especificamente, das palavras cruzadas que a cada semana se escondiam entre as páginas do suplemento e cuja existência se devia ao único propósito de fazer com que as pessoas sãs ficassem completamente loucas.

Claro que também estavam os que sustentavam que fazer as palavras cruzadas à tinta era o primeiro sinal de loucura incipiente, e Shannon se contava entre eles. Entretanto, isso não evitava que cada manhã de domingo tirasse o capuz a sua caneta preferida e passasse mais tempo do pretendia reconhecer lutando com palavras de seis letras para uma variedade de crustáceos e com palavras de oito letras para um objeto interior das cortesãs do século XVII.

- Anáguas... muito largas - murmurou mordiscando o capuz de sua caneta—. Bloomers... muito práticos.

Em um ataque de raiva, lançou a caneta pelo ar e olhou como ricocheteava sobre os ladrilhos e rodava para a piscina. Que sentido tinha tratar de exercitar seu intelecto quando logo que não podia ouvir seus pensamentos com o ruído que faziam os motores de propano por cima de sua cabeça?

Cada ano, os membros do maldito Clube de Entusiastas do Aeróstato de Nova Jersey Central lhe suplicavam que lhes deixasse usar suas terras para seu festival, e cada ano ela se negava.

- Não causaremos nenhum incomodo. - alardeava seu presidente. - Tem nossa palavra de que deixaremos suas terras tal e como as encontramos.

Essa, naturalmente, não era a questão, mas não esperava que um homem que esbanjava os melhores anos de sua vida subindo em um balão de ar quente o entendesse.

Pensava que esse era um dos muitos inconvenientes que tinham os ricos. Quanto mais dinheiro um homem tivesse ao seu dispor, mais ridículos eram seus brinquedos. E o que poderia ser mais ridículo que sobrevoar a região central de Nova Jersey em uma cesta de vime pendurada em um balão cheio de ar quente?

Shannon havia crescido em um mundo de privilégios onde os cavalos de pólo e as quadras de esportes de tênis privadas eram tão correntes como ter habitações para os convidados e porões acabados até o mais mínimo detalhe, onde homens adultos apostavam fortunas ao resultado de um encontro de pólo ou ao giro de uma roleta. A gente dizia que o dinheiro não podia comprar a felicidade, mas Shannon não estava muito convencida. Hipotecas abusivas, bancarrotas forjadas, pais que não podiam pagar a sanidade de seus filhos, o dinheiro podia fazer muito mais que acumular interesses em uma conta a Suíça.

Inclinou a cabeça e escutou enquanto o ruído se aproximava. Tanto se os membros do clube entendiam suas razões como se não, Shannon tinha deixado sua postura perfeitamente clara. Valorava muito sua intimidade e não pensava modificar sua opinião

sobre esse tema só porque a alguns idiotas adorassem voar pelo ar como Dorothy no Mago de Oz. Se o Mago pudesse lhes dar um cérebro, possivelmente se replantaria a questão, mas, até então, suas terras lhes estavam proibidas.

A decepção nublava os sentidos do Andrew enquanto sacudia ramos e terra de seu cabelo e de suas roupas. A aventura de sua vida se converteu em outro desatino mais de uma vida abundante em desatinos.

Precipitar-se contra os ramos de uma árvore prateada e cair ao chão com um golpe surdo não tinha nada de excitante. Em realidade, podia considerar-se afortunado por ter saído ileso, embora esse fato não lhe servisse de consolação.

Quando por fim as nuvens se apartaram, pôde contemplar uma vista do rio Raritan e de uma paisagem que lhe resultava familiar, inclusive desde aquele posto de observação tão particular. Voou por cima de uma casa idêntica em forma e tamanho às casas que tinha deixado atrás. O único pouco habitual era um lago de brilhantes águas azuis em forma retangular na parte traseira da moradia. Tinha ouvido falar com os marinheiros das águas cor turquesa do Caribe, mas nunca tinha pensado encontrar algo semelhante.

Não se achava no mundo brilhante com o que Emilie e Zane o haviam seduzido. Nem sequer tinha alcançado outra colônia. Ainda se encontrava em Nova Jersey, possivelmente a umas poucas milhas de onde tinha começado sua viagem.

A casquinha estava derrubada sobre um matagal e o balão desinflado pendurava dos ramos da árvore majestosa. Não havia sinais do artefato que mantinha o balão no ar. Fora o que for, perdeu-se ao cair.

- Não tem importância - disse, e pôs-se a andar pelo caminho que levava a casa.

Tinha perdido a oportunidade de dar um salto por cima dos séculos. Ele tentou dizer que se não fosse por Deus, mas aquelas palavras eram um pequeno consolo para ele.

Ia ter que perguntar onde estava, pedir um copo de água e bater estrada. Se partisse a bom passo, podia chegar ao farol antes de escurecer. Havia muitas coisas que desejava discutir com Emilie e Zane.

O ar tinha um aroma estranho, percebeu enquanto caminhava. O aroma úmido e generoso das folhas podres e da terra fértil se mesclava com um pouco pesado e acre, algo que nunca antes tinha cheirado. Fumaça? Distinguia claramente o aroma dos pinheiros, mas não o aroma penetrante de madeira queimada. Aquilo era algo diferente, algo que lhe ardia nos olhos e lhe irritava a garganta.

Elevou a vista através do dossel de árvores. Certamente, o céu tinha uma tintura amarelada que não lhe era familiar. Ele não era um homem inclinado há passar seu tempo contemplando as maravilhas do mundo natural, mas mesmo assim se dava conta de que não era como tinha que ser.

Pensou nos balões. Subiam nos ares impulsionados por fogo. Certamente aquelas chamas eram as responsáveis pela estranha sombra amarelada que velava o céu. Sentiu uma quebra de onda de alívio ao encontrar uma resposta lógica que explicasse o que acontecia.

O caminho se estreitava conforme se aproximava da casa. As fileiras de sebes estavam limpamente podadas e havia montões de lenha a intervalos regulares. Só uma pessoa de grande fortuna prodigalizaria tantos cuidados a parte de fora de sua propriedade. Andrew se sentiu invadido pelo receio. As pessoas acomodadas invariavelmente se alinhavam no bando dos ingleses, por isso se preparou para uma confrontação.

Não lhe cabia dúvida de que o proprietário o receberia com perguntas que não poderia responder... com perguntas e com um mosquete carregado.

Shannon agitou os pés na água da piscina e aguardou. O balão tinha caído em algum ponto de sua propriedade e só era questão de tempo que o desafortunado piloto chegasse à casa em busca de algo frio para beber, uma visita ao lavabo e uma poltrona cômoda no que esperar a sua equipe de apoio. Conhecia a rotina tão bem como seu próprio nome e a odiava. Encontrar-se só em casa não lhe incomodava, embora supusesse que devia lhe preocupar. Mildred e Karl, o casal de caseiros tinha o verão livre e, por uma vez na vida, as casas de acolhida que Shannon mantinha para mulheres maltratadas e seus filhos estavam vazias. Naturalmente, aquilo era uma condição temporária. Em um par de dias, outra mulher aterrorizada se sobreporia a seus temores e daria o primeiro passo para uma vida independente, igual a Shannon fazia mais ou menos três anos atrás.

Sair pela porta e lhe dar as costas à violência tinha sido seu primeiro passo. Enfrentar seu marido e declarar a verdade em um tribunal cheio de público para que todos pudessem ouvi-la, tinha-a liberado do último de seus terrores e não estava disposta a permitir que nada nem ninguém voltasse a intimidá-la jamais. Nem sequer o fato de que Bryant tivesse saído em liberdade condicional seis meses antes era suficiente para lhe roubar sua independência.

Desejou que a solidão ofegante de seu coração fosse tão fácil de conquistar.

De vez em quando, conseguia convencer-se que se acostumou a estar sozinha, de e estava satisfeita com o que tinha, e que não necessitava nada mais. Mas então via um casal passeando de mãos dadas, ouvia a risada doce dos apaixonados e doía que a melhor parte da vida seguisse evitando-a.

E era muito provável que sempre a evitasse. Uma verdade difícil de digerir, mas que não podia continuar negando. Tinha quase trinta anos. Casado e divorciado. Tinha aprendido em carne própria que, quando se tratava do resto de sua vida, não podia conformar-se com menos que o homem de seus sonhos.

E que o homem de seus sonhos existia unicamente em sua imaginação era a prova definitiva de que acabaria o resto de seus dias sozinha. Queria um homem forte, com caráter. Um homem que soubesse dominar uma situação sem esquecer-se dos desejos e necessidades dela. Um homem que a quisesse por cima de tudo e que soubesse reconhecer o dom que lhe entregava ao lhe corresponder.

Definitivamente teria rezar para encontrar a lâmpada do Aladim com seus três desejos porque era a única maneira em que poderia descobrir semelhante modelo de masculinidade.

Ouviu um rangido de ramos e se voltou para a direita. Havia um homem em pé à sombra de uma árvore prateada.

- Sim que demorou. - ela comentou quando ele deu um passo adiante. - já ia procurar você.

O homem andou pela grama para ela como se fosse o dono da casa. Vestia-se com uma versão desalinhada do período da Guerra da Independência: umas calças marrons estragadas, uma camisa gasta de um pano ocre, um colete de couro e umas botas desgastadas pelo uso. Para ser um disfarce resultava dolorosamente autêntico. Shannon tirou o chapéu desejando um toque de menos realismo e um pouco mais de teatralidade.

O desconhecido se deteve três metros dela e a contemplou como se nunca tivesse visto uma mulher.

- Há alguém nesse maldito clube de vocês que entenda o conceito de propriedade privada?

O homem contemplou sua cara e baixou a vista por seus seios até seu ventre. Shannon desejou estar usando um maiô formal. Ficou de pé e jogou os ombros para trás, lhe desafiando a que questionasse seu direito a estabelecer as regras em sua própria casa.

A mulher estava quase nua. Plantou-se frente a ele, desafiando-o a olhá-la. Acaso não conhecia o recato? A visão de seu corpo, apenas coberto por uns pedacinhos de tecido amarelo, inflamaram-lhe o desejo como jamais havia sentido. Um fogo, escuro e perigoso, ameaçou convertê-lo em um garanhão no cio derrotando anos de comportamento civilizado.

Que o Senhor o perdoasse, mas só desejava despojar a de suas exíguas vestimentas e gozá-la ali mesmo, ante os olhos de Deus e dos homens.

Enquanto que Emilie era alta e robusta, aquela mulher era miúda e delicada, mas pressentia que não era fácil de dominar. Aquela era uma mulher a qual terei que lhe fazer a corte e não uma empregada de botequim com a que pudesse deitar-se para logo esquecê-la logo que despontasse a alvorada.

Com grande esforço, tirou o olhar das curvas amadurecidas de seu corpo e contemplou os arredores. O que viu fez com que seu coração pulsasse ainda mais depressa. Aquele não era um lago como os que ele conhecia. Era um retângulo perfeito cheio de água azul e também uma grande prancha de madeira me sobressaía por cima da água de um extremo a outro. Umas faixas brancas eram visíveis no fundo.

- Dignou-se ouvir uma só palavra do que eu disse? - retrucou a mulher quase nua. Voltou a olhá-la e a sentir que uma febre de desejo lhe estremecia até os ossos. - Sua equipe de apoio saberá encontrá-lo?

Equipe de apoio? Que diabos seria uma equipe de apoio? - Não, senhora - disse com precaução deliberada. Vim sozinho. Para ouvir sua voz, ela inclinou a cabeça para a direita.

- Escocês. Verdade? - um suspiro comprido e encantador voou pelo ar até ele. - Suponho que ninguém lhe terá informado que estes terrenos são propriedade privada.

Andrew assentiu. Mostrar-se aquiescente com ela parecia ser o mais indicado em quanto não soubesse do que estava falando.

Era evidente que algo acontecia com aquele pobre homem. Parecia incapaz de entender mais de um punhado de palavras seguidas de uma vez e, a verdade, seu aspecto não era muito alentador.

- Está pálido como um fantasma - disse ela. - Bateu a cabeça ao aterrissar?

- Espero não ser causa de alarme, senhora. Se me indicar em que direção está a cidade, desejar-lhe-ei boa noite.

O desconhecido arrastava os erros como um personagem de uma velha comédia de Hollywood. Shannon tinha conhecido um par de escoceses em sua vida e, certamente, não falavam como ele. E, agora pensava, tampouco tinham aquela pinta.

- Não estamos perto da cidade - disse ela, precavida. - Você acaba de sobrevoar minha casa, deveria sabê-lo.

- Um caminho de pastagem, então - insistiu ele, e olhou ao céu. - Há luz suficiente para cobrir um trecho considerável e encontrar meu caminho.

Aquele desventurado devia ter batido a cabeça. Possivelmente sofresse uma comoção. - Acredito que será melhor entrar na casa - disse ela.

Revisão: Dominique Bozzi

Shannon pôs-se a andar com a intenção de lhe dar algo frio para beber enquanto esperavam a que chegassem seus companheiros a recolhê-lo, mas não houve resposta. Por que demônios devia lhe surpreender? Aquele homem estava tão silencioso como uma tumba. Deu a volta e o descobriu agachado ao lado da cadeira. Contemplava os suplementos dominicais do Time com a mesma cara com que o homem primitivo devia ser cuidadoso o fogo.

Shannon começou a dizer algo inconseqüente e divertido, mas as palavras morreram em sua garganta. Bom Deus! A seu modo, era um homem magnífico. Levava o cabelo comprido, preso em um rabo de cavalo com uma tira de couro. Seu rosto era magro e sério. Era a cara de um homem que tinha desafiado os elementos e as iras dos homens. Não era bonito, considerando os critérios correntes. Entretanto, era o homem mais atrativo que ela tinha visto. Seus olhos cor de avelã com irisações douradas, não eram nada espetaculares, mas ali havia algo mais, algo indefinível que lhe arrebatava o coração. Só alcançava uma estatura mediana, entretanto, havia nele uma aura de tal solidez, de tanta força, que no profundo de seu coração, Shannon sentiu que só poderia ser um desejo.

“Minha vida nunca voltará a ser a mesma depois de hoje”. O pensamento surgiu em seu cérebro com a mesma clareza que se o houvesse dito em voz alta e Shannon não soube se rir ou chorar. “Este é o homem que sonhaste. Não há outro como ele em todo mundo”.

Desprezou aquele pensamento ridículo da mesma maneira que tinha aprendido a desprezar seus temores. Que idéia tão absurda e ridiculamente romântica! O homem tinha caído de um balão, e sem a menor graça, começou a pensar: Não era um nobre cavalheiro montado em um alazão branco que tivesse chegado para resgatá-la de sua vida solitária. Obviamente, tinha visto Ghost muitas vezes.

Era o momento de injetar uma dose de realidade.

Entrariam na casa, ele chamaria sua equipe por telefone e tomariam um refresco antes que partisse.

E a vida do Shannon continuaria sendo a mesma que havia sido antes que o desconhecido saísse do bosque para lhe fazer recordar o que se sentia ao desejar algo impossível.

Capítulo 2

A evidência estava ante os olhos de Andrew. Impressas na parte superior de cada página, figuravam as palavras esclarecedoras. “Domingo, 29 de agosto, 1993”.

Não era um homem dado a grandes emoções, mas suas mãos tremiam quando deixou o periódico. Ele conseguiu! - Consegui realizar uma façanha!

O mundo que ele conhecia não era apenas uma lembrança, uma relíquia reduzida a um par de capítulos em algum poeirento livro de história. O General Washington, Thomas Jefferson, estavam relegados ao passado. Deteve-se um momento enquanto um nó lhe atendia a garganta. Emilie e Zane.

Todos tinham ficado atrás, tinham desaparecido nos abismos do tempo.

Por um momento aterrador, a enormidade do que tinha feito caiu sobre ele, envolvendo-o com uma sensação de perda que ameaçava ser sua aniquilação. Mas então seus olhos repararam em uma ilustração da primeira página da revista. As palavras sob a ilustração não tinham sentido para ele: Separa com êxito a Lançadeira Espacial. Os astronautas orgulhosos. Mas a ilustração, Céus! Que artista tinha podido imaginar semelhante visão? Uma estrutura gigantesca que apontava aos céus, desafiante, deixando uma esteira de fogo em sua ascensão.

Sim, aquele era um mundo de maravilhas muito mais assombrosas do que lhe haviam descrito. E agora formava parte dele.

As últimas dúvidas se desvaneceram em uma corrente de júbilo que lhe levantou o ânimo muito acima do balão que lhe tinha transportado sobre os séculos até aquele momento e lugar. Pouco importava que houvesse visto viajantes do tempo realizando façanhas similares. O único fato importante era que tinha obtido o impossível. Agarrou-se à oportunidade com ambas as mãos para forjar um milagre e sua vida nunca voltaria a ser a mesma.

Sentiu que a mulher o olhava intensamente e elevou os olhos. Em realidade, ela o olhava abertamente, com os olhos verde mar muito abertos e uma expressão de curiosidade no rosto.

De repente, pressentiu que devia guardar o segredo de sua viagem, embora não imaginava o motivo. Apesar da evidência do contrário, Emilie e Zane se mostraram convencidos de que viajar no tempo era uma experiência mais que extraordinária. Seria melhor manter suas reservas até conhecer melhor o terreno que pisava.

“Acreditar-me-ia, senhora, ou me tomaria por louco?”, perguntou-se.

- Disse algo? - perguntou Shannon.

- Não, minha senhora.

- Estou segura que sim.

- Não. - insistiu ele. - Tem que ser sua imaginação.

- Você falou sim. Eu ouvi.

Andrew ficou em silêncio.

“Está perdendo a cabeça”, pensou Shannon. “Note como ele a olha, como se estivesse para lhe agarrar”.

Shannon pegou o penhoar para cobrir-se, embora não conseguisse explicar por que se incomodava. Aquele escocês a fazia sentir-se nua de um modo que pouco tinha que ver

com o exíguo biquíni. Não havia motivos que justificassem a sensação estranha que tomou conta dela ao vê-lo caminhar sobre a grama.

“O sotaque”, concluiu. “Se não tivesse esse sotaque, o teria mandado a pé”. Sempre a tinham atraído os homens com sotaque.

- Pode trazer o jornal - disse com um tom seco com o qual pretendia ocultar a repentina aceleração de seu pulso. - Não me importa.

- É muito interessante - disse ele levantando-se.

- Já imagino - disse ela, notando como apertava o periódico contra seu peito. De onde vem você, suponho que não haverá nada parecido com o *Time*.

- Não, minha senhora. Não há nada que possa comparar-se.

- E a que vem tanto "minha senhora"? —disse ela, sentindo vontade de provocá-lo. Não parece um pouco arcaico?

De novo notou aquele olhar de incerteza que não combinava com o ar de masculinidade crua que projetava sem esforço.

- Não tenho o prazer de conhecer seu nome.

Shannon não pôde evitar um riso surpreso.

- Shannon Whitney.

- Andrew McVie - disse com uma inclinação de cabeça. Por ventura é casada, senhora?

—Tenho que admitir que os escoceses não percam tempo.

Andrew a olhou sem compreender. Ela sentiu que suas bochechas se ruborizavam.

- Estive casada, mas se acabou.

- Viúva?

- Não, divorciada.

- Deve ser uma epidemia destes tempos.

- A que se refere?

- Ao divórcio - disse ele meneando a cabeça. - À senhora Emilie e ao Rutledge separaram-se com a mesma enfermidade. Como é possível que o matrimônio tenha acabado em tamanha desgraça?

- Bem vindo aos noventa - disse ela sem poder livrar-se da sensação de que aquele escocês não era um homem corrente. - A metade dos matrimônios deste país acabam em divórcio.

- Tal coisa não é possível.

- Por Deus, McVie! De onde saiu você? Não posso acreditar que na Escócia seja muito diferente.

- Por que pensa que tenho que conhecer os costumes escoceses?

- Você não é de Nova Jersey, isso é certo...

- Nasci ao norte de Boston.

- Conheço os sotaques de Boston e o seu não é dali.

- Digo-lhe a verdade.

Shannon suspirou.

—Não o duvido, mas, por que tenho a sensação de que estamos falando de temas diferentes?

—Como disse senhora?

Shannon fez um gesto de derrota com a mão. Aquele homem acabava de estatelar-se contra as árvores. Não podia surpreender-se de que sua conversação fosse incoerente.

Revisão: Dominique Bozzi

—Não importa. Você vai sentar se e a tomar um refresco.

Com um pouco de sorte, seus companheiros apareceriam para buscá-lo antes que anoitecesse.

—Nada me agradaria mais.

Aquele tipo era uma miscelânea de forças contraditórias. Um momento pensava que tratava de seduzi-la para descobrir ao seguinte que se queixava da incidência do divórcio nos Estados Unidos. Era tão robusto como um carvalho e, entretanto, Shannon pressentia nele uma vulnerabilidade que a comovia como poucas coisas na vida.

Tudo aquilo era completamente absurdo. Não sabia nada dele, exceto se tratava de um desses entusiastas dos aeróstatos que a deixavam louca todos os verões sem falhar nenhum. Não importava que ele tivesse um sotaque delicioso? O que importava que fosse sólido como um carvalho? Se alguém conhecia o muito que as aparências enganavam, essa era Shannon, e decidiu que faria um grande favor a si mesma esquecendo-se dele.

- Onde se encontra o desculpado? - perguntou ele.

- O desculpado?

- Sim, a privada, senhora.

- Por que não diz simplesmente o banheiro? Há um no corredor, junto à cozinha.

Uma privada dentro da casa, junto à cozinha? Andrew sentiu enjôo apenas em pensar. Seguiu-a pelo atalho empedrado até a porta lateral da casa. Havia uma construção de madeira que se parecia muito a uma privada não muito longe do lago de águas azuis com listras pintadas no fundo. Quis dizer algo à senhora Shannon, mas então recordou as maravilhas que lhe tinham falado Emilie e Zane e conteve sua língua. Podia ser que a aventura ainda lhe proporcionasse muitas por descobrir.

A mulher moréia balançava os quadris ao andar de uma maneira muito agradável, e Andrew não teve dificuldade em recordar o corpo que ocultava aquele penhoar branco e curto. Levava as unhas pintadas em um suave tom rosa e, para seu assombro, descobriu que também as dos pés estavam pintadas.

De modo que assim era o futuro, um lugar onde inclusive um pouco tão supérfluo como as unhas dos pés de uma mulher recebiam a atenção de um artista. Sem retroceder em seu assombro, Andrew se perguntou se haveria gente que ganhasse a vida proporcionando aquelas cuidados. Tentou imaginar-se a si mesmo ajoelhado frente a uma mulher com um pincel na mão, mas a idéia era mais lasciva que prática e decidiu que o melhor seria tirar ela da cabeça.

- A porta traseira está rota - disse ela por cima do ombro. - Teremos que entrar pela cozinha. O banheiro está aí mesmo.

Era surpreendente que uma casa tão grande não tivesse um edifício separado para as cozinhas. Nenhum homem com certa posição suportaria o fedor das plumas de frango chamuscadas flutuando no salão. Era uma casa normal, nem mais nem menos imponente que as que conheceu em Boston ou em Nova Jersey. Uma construção de dois pisos em pedra e tijolo. Três chaminés adornavam a linha do telhado e um par de clarabóias da água-furtada contemplava os bosques que se estendiam mais à frente do lago. Os marcos das janelas estavam pintados de branco e era evidente que precisavam uma reparação.

Andrew descobriu que só com muita dificuldade podia conter seu desengano. Até agora, exceto o lago retangular e o jornal que levava sob o braço, os arredores eram como os que recordava de sua época. A casa que tinha compartilhado com Elspeth possuía um

terreno plano na parte de trás e um muro de pedra ocultava a horta, igual à da senhora Shannon.

Foi ela quem abriu a porta e depois apertou a mão contra a parede. Imediatamente, o quarto ficou alagado pela luz de dez sóis. Andrew retrocedeu alarmado.

- Valha-me Deus!

- Você está bem? - perguntou ela preocupada.

- Isto brilha como a luz do sol.

- Iluminação indireta - disse ela com um gesto para o teto.

Andrew saltou sobre um suporte e pôs as mãos contra o teto. Estava frio ao tato.

- Onde se ocultam as velas?

- Desça daí, seu grande idiota! — gritou ela irritada. - Afaste suas botas sujas de meus móveis agora mesmo.

Andrew a ignorou.

—É um artefato muito engenhoso, mas tenho a intenção de encontrar as velas.

—E eu tenho a intenção de chamar à polícia se não descer daí imediatamente.

Shannon olhou a seu redor, como se procurasse algo com o que golpeá-lo. Ele fez o que lhe pedia a senhora da casa. Suas botas deixaram manchas de barro e as limpou com a manga. A argila avermelhada caiu sobre o branco imaculado do chão. A senhora parecia bastante zangada para pegá-lo e, pelo mais sagrado, Andrew não conseguia imaginar por que razão.

Shannon aproximou uma cadeira e lhe fez gestos de que se sentasse.

- Se não tivesse tão mau aspecto eu atiraria na sua cabeça. Sente-se enquanto pego um pouco de chá gelado.

A cadeira era de um metal prateado e brilhante, dobrava-se em umas curvas que agradavam a vista, mas assombravam a mente. Perguntou-se que ferreiro teria empreendido tão enorme trabalho, porque havia cinco cadeiras mais, exatamente iguais, ao redor de uma mesa do mesmo estilo. Unido de algum jeito ao metal, havia uma almofada coberta de um tecido que nunca tinha visto. Era escorregadia ao tato e de um amarelo brilhante à vista e, quando se sentou, o chiado que fez o deixou perplexo.

Shannon cruzou a cozinha e abriu uma porta branca descobrindo um armário. O interior também era luminoso como a luz do dia e continha toda tipo de comida.

- Deixe-me ver. Suco de laranja, leite... Aqui está o chá.

Tirou uma jarra grande e verde e encheu um copo comprido que logo lhe ofereceu.

- Beba isto.

Andrew tomou um gole e logo outro maior.

- Uma bebida insossa, mas fresca - disse perguntando-se como tinha conseguido esfriá-la.

- Basta com um simples obrigado.

Andrew estudou o copo e o conteúdo da jarra verde.

—Não vejo as folhas de chá, possivelmente esse seja o problema.

- Não lhe parece ser alguém muito exigente para quem invadiu minha propriedade? Eu se fosse você, beberia o chá e economizaria os comentários para outra ocasião.

- Não era minha intenção criticar, senhora.

O olhar que ela lhe lançou não admitia discussões.

- Se precisa usar o WC, pode que agora você pode ler melhor.

- WC?

- O banheiro. - disse ela exasperada. - O desculpado, como você o chama.

Andrew compreendeu. Os dois falavam inglês, mas as variantes na linguagem eram extraordinárias. Negava-se a acreditar que houvesse uma privada no interior da casa e fez um gesto para a janela.

- A cabana de madeira junto ao lago azul?

- Muito engraçado, senhor McVie. Isso é o stand. A segunda porta à direita - a acrescentou indicando o corredor.

- É um homem muito estranho - murmurou Shannon quando ele desapareceu.

Quase diria que não sabia o que era um quarto de banho. Shannon tinha estado duas vezes em Escócia. Havia quartos de banho, luz elétrica e todas as comodidades que o século XX tinha para oferecer. Seu visitante inesperado atuava como se fossem inventos recentes.

Ouviu que a porta do banho se abria e voltava a fechar-se atrás dele. Pelo menos, entendia o conceito de privacidade. Ao vê-lo saltar sobre o móvel da cozinha, não tinha estado segura de que a civilização tivesse chegado ao degrau que ele ocupava no curso da evolução.

Olhou pela janela para o lugar onde tinha aparecido. O entardecer tocava as copas das árvores, não havia sinais de vida exceto o forte gemido de uma gralha azul. Os apoios da equipe do McVie já deveriam havê-lo localizado. Em outras ocasiões, não tinham demorado mais de dez minutos em recolher aos navegantes extraviados. Disse-se que tinha que animar-se. Possivelmente naquele mesmo instante estavam recuperando os restos do balão e em qualquer momento se apresentariam em sua porta perguntando por seu companheiro.

Claro, também cabia a possibilidade de que fora o idiota bastante para ter decolado sem levar um sistema de rastreamento, em cujo caso teria que chamar um táxi e deixar seu balão condenado para preocupar-se no dia seguinte. Não era próprio de ela permitir que um desconhecido entrasse em sua casa, não quando estava sozinha. Do momento em que tinha ouvido estatelar-se contra as árvores suas reações tinham sido estranhas, como se estivessem ditadas pela emoção mais que pelo cérebro.

Seus olhos procuraram o telefone. Possivelmente devia chamar a sua amiga Dakota e lhe contar o que estava passando. A idéia parecia boa, estava a ponto de desprender o telefone quando soou.

- Devia imaginar que seria você - disse Shannon quando ouviu a voz familiar de Dakota. - Sempre faz o mesmo.

- É um dos problemas de ter poderes psíquicos. O recibo de meu telefone é tremendo - disse Dakota rindo. - Vai tudo bem por aí? Estava meditando e não deixava de ouvir seu mantra.

Shannon, que não acreditava em mantras nem em coisas que se apareciam de noite, foi direita ao assunto.

- Tenho um homem aqui.

- Sei. Pude senti-lo em meus ossos. Amigo ou inimigo?

- Nenhuma coisa, nem a outra. É um escocês estranho. Se não fora porque é impossível, diria que não é deste século.

- Pode que não o seja. - disse Dakota, que não acreditava que houvesse limites ao possível no universo. - De onde saiu?

- De meu pátio traseiro - disse Shannon com uma risada.

- Quero dizer que como chegou aí.
- Seu balão de ar quente se estrelou no bosque.

Dakota parecia desiludida.

- Um desses tipos do festival aéreo?
- Suponho que sim.

Shannon desejou soar mais segura. Pelo amor de Deus, o homem estava em sua casa e ela não tinha tido a precaução de lhe pedir algum documento que o identificasse. Que diabos lhe estava acontecendo? Normalmente, ela era muito mais atenta com tudo isso.

- Quer que te faça companhia? -perguntou Dakota. - Posso me aproximar em um momento.

—Estou bem. Mas obrigado por...

Shannon inclinou a cabeça para escutar.

- Shannon? Segue aí? O que acontece? Estou recebendo umas vibrações muito estranhas.

- Está puxando a corda. Que diabos aconteceu com aquele cara?

- Puxar a corda não é nada estranho - disse Dakota. - O que me incomoda é que depois não baixem a tampa.

- Ninguém puxa a corda cinco vezes seguidas.

- Possivelmente esteja doente.

- Outra mais! Esta faz seis. Não me importa que leve um golpe na cabeça. Pode esperar a seus malditos amigos no bosque.

- Shannon, possivelmente...

- Chamo-te dentro de um momento.

Pendurou o telefone, o coração lhe palpitava acelerado. Peculiar era uma coisa, louco perigoso outra. A gente normal não puxava a corda da como se estivessem em Las Vegas jogando com uma máquina caça-níqueis.

Em silêncio, aproximou-se do corredor e escutou. Parecia que houvesse uma convenção de encanadores no banheiro do quarto dos convidados. A água corria a torrentes. A cisterna do banheiro se esvaziou uma vez mais.

- Por todos os demônios! —exclamou McVie por cima da cascata de sons.

- Desfruta enquanto possa compadre - resmungou enquanto ia procurar a pistola que guardava em uma gaveta. - É a última vez que puxa a corda.

Um milagre, isso era. Um condenado milagre. Água por toda parte e a vontade! Andrew ficou de quatro para contemplar a taça de mármore branco. Um verdadeiro torvelinho de água gelada se precipitou pelo ralo e desapareceu para ser seguido por outro com apenas atirar do cabo de bronze.

Havia aquela bacia no nível da cintura que proporcionava um jorro inacabável de água, tão quente que empanava o espelho que havia em cima. E não descobria traçados de fogo por nenhum lado. E para que as coisas fossem ainda mais fantásticas, toda a parede era um gigantesco espelho no qual se via sorrir como um velhaco agachado junto à tigela de porcelana. Nada do que Emilie e Zane lhe contaram lhe tinha preparado para aquela surpresa. Deitou-se junto à tigela e tocou os tubos de metal frio que desapareciam no muro. Perguntou-se se a água entrava ou saía através deles. E por que era necessário bombear água a um quarto desde tantos lugares de uma vez? O que passava ali que requeresse tanta água, tanta variedade de temperaturas?

Shannon havia dito que era a privada, mas não se parecia com nenhuma que ele tivesse visto. Havia um assento sujeito à tigelada de porcelana e seu propósito era óbvio, mas o jorro de água e o ruído que produzia lhe faziam duvidar de utilizá-lo. Além disso, estava a questão da bacia ao nível da cintura. Não havia muitas coisas que um homem pudesse fazer em uma privada e nenhuma tinha que ver com os espelhos nem com as flores frescas que havia em vários vasos de cristal.

Abriu uma porta que se encontrava debaixo da bacia e colocou a cabeça em um pequeno armário. Cheirava a cedro e a rosas e a combinação lhe fez espirrar. Sua mão caiu sobre uma garrafa cilíndrica e a tirou para olhá-la à escassa luz do entardecer que entrava pela janela. "Ambientador" rezava umas letras atrativas. A palavra não tinha significado para ele. Fez girar aquela espécie de garrafa entre as mãos. "Sua Casa Cheirá Como Um Jardim Inglês". Muito curioso. Cheirou a garrafa e captou o onipresente aroma a rosas. Golpeou o cilindro de metal contra o chão, mas não aconteceu nada. Então descobriu as palavras "Pulsar Aqui" junto a um botão que sobressaía em um extremo.

Fez como lhe indicava e alagou o quarto com uma nuvem sufocante de perfume de rosas.

- Deus do Céu! – rugiu. - Jamais vi nada igual. Choravam-lhe os olhos enquanto a nuvem se hospedava sobre sua cabeça e seus ombros. Levantou-se e colocou a cabeça sob o jorro de água quente da bacia. Naquele momento, a porta se abriu de repente. Através da água que jorrava por sua cara, viu a senhora Shannon de pé frente a ele, com uma pistola que apontava diretamente a seu coração.

- É uma pistola pequena. — pensou. - Mas temo que seja mais mortífera que as armas de fogo que eu conheço.

Shannon segurava a pistola com ambas às mãos.

- Contra a parede. Apóia as mãos nela, bem separadas.

- Um estranho pedido para fazer a um viajante inocente.

- Já te mostro quem é estranho. Separa os braços.

- As palavras são familiares para mim, não o significado...

- Pelo amor de Deus! Será que não vêm séries de policiais em Escócia?

Aquilo sempre funcionava com Angie Dickinson na mulher polícia. Ele a olhou com aquela expressão de não entender nada a qual já começava a acostumar-se.

- Ponha as mãos contra a parede e separa as pernas para que eu possa te revistar.

Um amplo sorriso apareceu em seu rosto duro fazendo com que quase parecesse bonito. – Senhora, sou seu humilde servidor.

Andrew obedeceu. Havia algo intimidatório em toda aquela masculinidade posta ao alcance de sua mão. Não se tratava de que ela queria tomá-la, entretanto, a situação era estranhamente excitante.

Shannon estava ali, pistola em mão, contemplando seu corpo extremamente viril. Tinha visto o Crockett e Tubbs revistar suspeitos centenas de vezes em reprises de Miami Vice, mas a idéia de fazê-lo ela mesma lhe causava apreensão.

“Tem que fazer algo, idiota. Reviste-o, pelo menos”.

Segurando a pistola com a mão direita, apalpou-lhe os ombros e as costas. Duvidava de que seus nervos pudessem suportar muito mais. Aquela musculatura era impressionante, como poucas, e soube sem perguntá-lo que não era resultado de levantar pesos frente a um espelho em um ginásio elegante. Tinha-a desenvolvido ao velho estilo, mediante o trabalho duro.

A pergunta era, que classe de trabalho duro?

- Esvazia seus bolsos - ordenou. Não era muito original, mas tinha que começar por algum lugar.

- Faz parte da revista, senhora? Até aqui foi um interlúdio prazenteiro.

- Faz o que digo!

- Não tenho nada importante que lhe mostrar.

- Isso é absurdo. Tem que levar algo.

Andrew colocou a mão no bolso e tirou uma moeda de vinte e cinco centavos, um lenço de cambraia e algo que guardou rapidamente no cinturão das calças.

- O que é isso?

—Nada de importância.

- Isso eu decido.

Entregou-lhe uma carteira plastificada. A foto de uma bonita mulher ruiva a olhou. Emilie Crosse, dizia, seguido pelo número de uma carteira de motorista de Nova Jersey.

- Que diabos você faz com isto? - perguntou temerosa da resposta. Possivelmente fora um assassino e aquela era a única evidência que podia lhe vincular com sua desafortunada vítima.

- Devolva-me isso - exigiu ele.
- Quero uma explicação.
- Não há nenhuma que me ache disposto a dar.
- Onde está Emilie Crosse?

Andrew guardou silêncio. Ela martelou a pistola.

- Quero respostas, McVie, e as quero agora.
- É você uma dama atraente, mas seu comportamento é muito pouco feminino - observou ele.

Shannon não sabia se ria ou dava um tiro nele.

—Tem a carteira de motorista de Emilie Crosse na mão e é evidente que você não é Emilie. De modo que começa a falar ou chamo à polícia.

—Tem uma língua muito afiada, senhora. Não sente saudades de seu marido que partiu?

- Está brincando com fogo, McVie.

Andrew deu um passo para ela.

Shannon se manteve em seu lugar.

Andrew deu outro passo.

- Sou uma atiradora perita. Nunca erro.
- Seria uma lástima que falhasse a esta distância.
- Não tem graça.
- Não é minha intenção diverti-la.

- Eu gostaria de conceder-lhe o benefício da dúvida, mas me está tornando isso impossível. Andrew se lançou para a pistola, lhe segurando o braço e abaixando-o. Os dedos de Shannon perderam a força e a arma caiu ao chão. Os dois tentaram recolhê-la, mas Shannon aterrisou sobre ela. Tratou de ignorar a dor em suas costelas quando McVie se jogou em cima.

Era forte. Muito forte. Shannon sentiu cravar em sua medula os afiados dentes do pânico quando as lembranças voltaram contra ela, mas se negou a deixar-se dominar.

“Respira fundo”, ordenou-se. “Pode fazer frente à situação”. Três anos praticando defesa pessoal tinham que servir para algo.

Obrigou a seu corpo a relaxar.

Andrew titubeou.

Shannon sacudiu a pélvis com força, fazendo-o perder o equilíbrio e rodar de costas contra o chão. Montou-o e pôs o canhão da pistola na garganta.

- Esta é minha casa - disse ela com voz tensa. Não deixarei que você nem ninguém me avassalem. Diga-me agora mesmo o que está fazendo aqui ou juro Por Deus que te mando ao outro mundo.

Andrew tinha dificuldade com as palavras, mas compreendia perfeitamente. Não tinha o menor desejo de apresentar-se ante o Criador pelas mãos da senhora Shannon, embora tampouco desejasse pôr fim a aquela situação. O penhoar branco tinha descido de seus ombros, revelando ante seus olhos ávidos aquele corpo dourado pelo sol. Os seios, cobertos só por uma estreita banda de tecido amarelo, subiam e baixavam ao ritmo agitado de sua respiração.

As curvas deliciosas de sua cintura eram perfeitamente visíveis, como o eram seu estômago plano e seus quadris femininos. Sua parte mais secreta estava oculta depois de

um mero pedacinho de tecido. E, diabo! As coxas apertavam seus quadris com tanta força que podia sentir como os músculos do Shannon se esticavam com o esforço.

Somente precisava de um ligeiro movimento para ficar em cima dela e recuperar o domínio da situação, mas nenhum homem de valia renunciaria voluntariamente a aquela visão paradisíaca.

Entretanto, tinha que considerar o olhar que havia naqueles olhos verde mar. Aquela era sua casa, sua terra. Merecia saber a verdade, embora isso significasse que ele ficaria em perigo.

- Emilie Crosse era uma amiga, senhora, e uma boa esposa para o homem que amava.

- O que você faz com sua carteira de motorista?

- Já não o necessita.

“Não pergunte mais, senhora, por que não sei o que é uma carteira de motorista”.

- Isso era o que eu temia.

- Não, minha senhora. Não tem que preocupar-se com ela.

- Está morta? - perguntou ela com voz tremula.

Andrew meditou a pergunta um momento. Cabalmente, podia muito bem dizer que Emilie já não caminhava sobre a terra. Mas seguindo aquele raciocínio, não seria possível que ele estivesse respirando no ano do Senhor de mil novecentos e noventa e três.

- achava-se sã e salva a última vez que a vi.

O alívio de Shannon foi evidente.

- Não quero pensar o pior de você, McVie, mas está tornando muito difícil chegar ao fundo deste assunto. Só sei que havia um festival de balões esta tarde e que você tem caiu em minhas terras. Se houver algo mais, quero sabê-lo em seguida.

Um festival? Era possível que os balões se utilizassem para algo mais que viajar no tempo?

- Há uma explicação singela - começou ele lentamente—. Mais não estou tão seguro de que aceite de bom grado.

- Tente.

Como podia uma mulher tão pequena soar autoritária com um homem que a dobrasse em estatura?

- Não sou parte de seu mundo.

- Conte-me algo que eu não saiba.

Andrew franziu o cenho, incapaz de decifrar o significado de suas palavras.

- Percebo uma nota de ironia, mas não compreendo a causa.

Aquilo dito por um homem que se entretinha dando descarga? Se tivesse gritado "Kierkegaard", Shannon não se haveria ficado mais surpresa.

- Disse que não é escocês. - disse ela tragando saliva. De onde é?

Andrew a olhou diretamente aos olhos.

- Meu último lar era em Nova Jersey.

- Isto é Nova Jersey.

- Passei quase todo o verão em uma granja perto de Princeton.

—Princeton não está longe daqui.

—Não, minha senhora. A cidade de Princeton que eu conheço há tempo desapareceu.

“Deixa-o que fale... quem sabe está dizendo a verdade, Shannon... Não tenha medo”.

A expressão de Andrew se escureceu, mas ela não sentiu nenhum temor. Era estranho, mas sua coragem não vinha de ter uma pistola, mas sim da sensação de que estava conectada de uma maneira inexplicável com aquele desconhecido.

- Quando despertei esta manhã, era o ano de nosso Senhor de mil setecentos e setenta e seis.

Os ouvidos de Shannon começaram a zumbir e ela sacudiu a cabeça para limpar-se.

- Devo ter perdido um parafuso - disse com uma risada amarga. Pareceu-me ouvir que dizia mil setecentos e setenta e seis.

- Sim, senhora. Foi o que eu disse.

O zumbido se fez mais intenso e Shannon começou a tremer.

- Não é possível.

- Eu sou a prova de que sim o é.

- Você não é a prova de nada. Não tem pinta de ter mais de trinta e cinco anos.

Andrew fez uma careta de desgosto.

- Trinta e três, cumpridos o último cinco de maio.

- Não - disse ela com uma gargalhada. - Se o que me diz é certo, tem duzentos e cinquenta anos.

- Isso não merece consideração.

Shannon deixou de rir com a mesma brutalidade com que tinha começado.

- Está me dizendo que encontrou a carteira de motorista de Emilie em Princeton do século dezoito?

- Sim.

- E crê que vou engolir isso?

- Não a compreendo e tampouco pretendo ofendê-la, mas é certo que a senhora Emilie e seu marido viajaram a minha época em um balão de ar quente.

- Claro. - disse ela começando a pensar em celas acolchoadas e camisas de força. - E você subiu ao mesmo balão e caiu em minhas árvores, não?

O rosto de Andrew se transformou quando sorriu.

- Assim é como aconteceu.

- Um momento. - disse ela. Levantou-se embora se assegurando de seguir apontando-o com a pistola. Espera que eu crie acredite que usou um balão como uma espécie de táxi entre o passado e o presente?

“Está dizendo a verdade. A crua, incrível, inegável verdade...”

—Pode acreditar no que lhe agrade, senhora. Não posso fazer nada por convencê-la, exceto lhe apresentar a história tal e como é.

- Por que quereria vir a nossa época qualquer pessoa que estivesse em sã consciência? - perguntou ela ao cabo de um momento.

- O marido da senhora Emilie me descreveu um mundo de maravilhas e riquezas.

- Para uns poucos afortunados.

- Disse que o homem tinha posto o pé na superfície da lua e tinha empreendido o caminho para as estrelas.

- E não disse nada das famílias sem teto que dormem na rua ou dos anciões que vivem sozinhos, escondidos na mais absoluta miséria?

- Nos Estados Unidos da América qualquer homem pode conseguir uma fortuna se estiver disposto a trabalhar duramente para consegui-lo.

Disse-o com tanto convencimento que Shannon sentiu que lhe rasgava o coração. A última vez que tinha visto um otimismo tão iludido tinha sido no verdureiro coreano da cidade, uma alma cândida que ainda era capaz de acreditar no sonho americano. —Em teoria, é certo, mas a verdade não é tão de cor de rosa.

- Você vive rodeada de esplendor - disse ele abrangendo com um gesto as paredes decoradas com painéis e o carpete do chão.

- Mas não sou feliz.

Aquelas palavras ficaram flutuando no ar entre os dois. Ao Andrew pareceu que não só tinham som, mas também forma e substância.

- Por que não, senhora? - perguntou brandamente. - Dir-se-ia que possui tudo o que uma dama possa desejar para ser feliz.

Se uma mulher necessitava outros dons além de beleza, riqueza e inteligência, Andrew não conseguia a imaginar quais poderiam ser.

- Não sei por que disse isso. Esquece que o ouviu.

Shannon se separou dele. Quando subiu o penhoar que havia cansado escorregado de seus ombros, Andrew viu uma cicatriz em forma de meia lua. Aproximou-se de Shannon.

—Uma ferida de faca. Como sofreu uma ferida assim?

Shannon se ajustou o pescoço do penhoar, mas não o olhou nos olhos.

- É uma história velha e aborrecida. Prefiro que me conte algo mais de você.

- Alguém a feriu.

- Não quero falar disso.

- Desejo sabê-lo.

Shannon se deu a volta e o olhou desafiante.

— Por que não chama alguém de uma vez? Já é hora de você ir.

—Não tenho a ninguém a quem chamar senhora. Mas irei se for isso o que deseja.

Shannon sentiu que suas palavras faziam que todo seu corpo se estremecesse. Ela desconfiava e Andrew não tinha estômago para ser a causa de seus receios.

- Diga-me. - lhe urgiu em voz baixa. - Seja sincero comigo e ajudarei. Não siga com essa algaravia de viajar através do tempo...

- Não posso lhe contar outra coisa. Essa é a verdade. É você quem deve escolher o que lhe agrade acreditar.

- Não é que não queira acreditar. Só que é muito difícil.

- Eu não posso acreditar que o homem tenha posto o pé na lua, entretanto, estou disposto a aceitá-lo.

—Não é o mesmo.

—Possivelmente sim.

Shannon sacudiu a cabeça.

- Além disso, eu gostaria que deixasse de me chamar senhora e de se expressar nesse tom. Ninguém fala assim.

- Como queira.

Andrew pôs-se a andar para a porta. “Jamais faria mal, Shannon. Nem nesta vida, nem em nenhuma outra”.

As palavras de Andrew se abriram caminho até palpitar no corpo de Shannon, deixando uma esteira de fogo em seu caminho. Ela ouviu seus pensamentos com a mesma clareza que se Andrew tivesse falado em voz alta. “Jamais lhe faria mal... Nem nesta vida...” Se negou a acreditá-lo. A confiança e o perigo sempre andaram juntos.

Ficou completamente imóvel, os braços cruzados sobre o peito, escutando o som de suas botas pesadas enquanto se aproximava da porta. “Não vá”, pensou ela, surpreendendo-se a si mesma.

Andrew se deteve com a mão na maçaneta.

- Dizia senhora?

Shannon o olhou aos olhos.

- Não disse nada.

- Ouvi sua voz claramente.

—Não acredito.

Andrew abriu a porta.

“Por favor, fique”.

Andrew titubeou. O coração de Shannon pulsava descompassado.

- Maldito seja! Pode dormir no barraco. A cabana perto da piscina - acrescentou ao dar-se conta de sua expressão.

- Não tem nada o que temer senhora. Não lhe faria nenhum dano.

- Não vás entender o que não é - lhe advertiu com aquele tom feroz e guerreiro. Está anoitecendo, estrelaste contra as árvores. Só estou brincando de ser a boa samaritana. Se tentar ultrapassar, encontrará o canhão de minha pistola.

- Não tenho a menor intenção de me ultrapassar - disse ele, confuso com as palavras que ela escolhia para descrever o que estava passando entre os dois. - Partirei quando raiar a alvorada.

“Muito cedo”.

- Não - disse Andrew. - Não é muito cedo. O amanhecer é o melhor momento para sentir o caminho sob os pés.

Shannon o olhou; pálida como um lençol. Andrew tinha ouvido suas palavras, mas ela não as tinha pronunciado.

Ou sim?

- Como queira - disse dando a volta. - Boa noite.

Capítulo 4

- Tudo está bem - disse Shannon a Dakota pela terceira vez em outros tantos minutos. “Exceto pelo fato de que McVie e eu estamos ouvindo vozes”. - A crise passou.

- Estou sentada mais de uma hora ao lado do telefone. Comi meio quilograma de sorvete. Deveria haver me chamado.

- Chamei-te. - lhe recordou Shannon. - Além disso, deveria ter sabido que estava bem. Sempre se inteira do que me acontece antes que eu mesma.

- Isso era o que me preocupava. As vibrações sofriam interferências.

- Como disse?

- Não sei do que outra maneira expressá-lo. Cada vez que tratava de me concentrar em você, ficava em branco.

“É verdade que Deus existe”, pensou Shannon. Já tinha tratando de esclarecer suas próprias emoções. Não necessitava que sua melhor amiga se metesse em sua cabeça e tratasse das ordenar por ela.

- Não recebe nada de nada?

- Já disse... Interferências.

- Mas nada sobre o senhor McVie?

- Não da última vez que falamos. Totalmente em branco.

Uma sensação estranha percorreu o espinho dorsal do Shannon e sentiu calafrios.

- Já aconteceu isto alguma vez?

- Só uma - disse Dakota depois de duvidar um momento. - Possivelmente devesse ir dar uma olhada nesse tipo. Aqui há algo estranho. Posso senti-lo nos ossos.

- Não! - exclamou Shannon dando-se conta de que tinha exagerado e querendo dar marcha atrás. - Refiro-me a que não tem nada para ver. Partiu-se.

- Os de sua equipe foram recolhê-lo?

- Não exatamente.

- Então, como se partiu, exatamente?

- Está dormindo no barraco da piscina.

- Como que no barraco?

- Não há nada mau no barraco. Tem água quente, asseio e um sofá para deitar-se.

- Por que não pediu um táxi?

- Você é a bibliotecária telepata. Diga-me isso você.

- Muito graciosa - resmungou Dakota. - Eu preocupada consigo, e você me atirando sarcasmos.

- Escuta, agradeço-te o interesse, mas estou bem. De verdade.

- Estupendo. - disse Dakota sentindo-se suscetível. Chamar-te-ei pela manhã.

Shannon pendurou o telefone com uma sensação estranha, mescla de carinho e chateio. Dakota só queria ajudar, mas tinha que se dar conta de que Shannon era perfeitamente capaz de enfrentar o que a vida lhe proporcionasse.

Tinha demonstrado no dia em que apresentou uma denúncia contra Bryant sem voltar atrás nem sequer quando o julgamento ficou tão horroroso como tinha sido seu

matrimônio. Tampouco era que tivesse sido consciente de quão horrível tinha sido, necessitou muitos meses para dar-se conta que, o que ela tomava por uma atenção amorosa desmesurada, era em realidade uma obsessão perigosa. Uma obsessão que lhe tinha deixado cicatrizes no corpo e na alma.

Subiu a seu quarto, tirou-se o biquíni e colocou uns jeans velhos e uma camiseta grande. Retornou à cozinha e passou a mão pelos móveis de madeira branqueada e pela pia resplandecente.

“A vida é bela”, pensou como se tratasse de convencer-se a si mesma. Tinha segurança, uma solidão voluntária e a satisfação de ajudar a outras mulheres a descobrir que estar sozinha não era o pior que podia acontecer.

Deveria ser suficiente.

Então, por que sentia um vazio aumentando em seu peito, no mesmo lugar onde estava acostumado a ocupar seu coração e cada vez que pensava no futuro, ficava em branco?

Ficou em pé no solário e olhou as portas rotas que davam ao alpendre traseiro. Tinha escurecido e as luzes que delimitavam o perímetro da piscina brilhavam brandamente contra o negrume da noite do verão.

Andrew estava ali fora. Shannon não podia vê-lo, mas sabia que estava ali. Possivelmente Dakota não pudesse sentir sua presença, mas ela a percebia com cada nervo e cada fibra de seu ser. Levava a lembrança tateante dele em suas coxas, que recordavam o calor de seu corpo baixo ela, seu aroma insólito que tinha aspirado ao rodar juntos pelo chão do corredor, encetados em um combate estranho e excitante.

Possivelmente estava ficando louca. Talvez o motivo pelo qual Dakota não pudesse detectar sua presença era que em realidade não existia. Possivelmente ela mesma o tinha convocado a partir de sua própria solidão, criando-o para encher o vazio ofegante de uma noite do verão.

Algo se moveu junto à piscina. O estava ali, com as pernas separadas, as mãos nos quadris, olhando-a enquanto ela seguia junto às portas, observando como o observava. Era como um desses reflexos infinitos em uma série de espelhos, onde a realidade e a fantasia se moviam tão velozes que nunca podia saber onde começava ou acabava.

O estalo de um relâmpago iluminou o céu, seguido ao pouco pelo retumbar do trovão. Uma chuva fina golpeou contra o cristal.

“Nem sequer tem o sentido comum de proteger-se da chuva”, pensou. Podia cobrir-se no barraco, cômodo e seco. Não tinha por que estar olhando-a como se ela fora a Super Monopoliza ou um pouco parecido. “O que vai fazer? Deixá-lo aí fora como um cão que não se atreve a entrar pela força?”

Shannon abriu a porta e lhe fez gestos de que rodeasse a casa e entrasse.

- Pensava ficar sob a chuva toda a noite? - perguntou ela assim que passou. - Podia entrar no barraco.

—Esta chuva é distinta da que eu conheço.

—A chuva sempre é chuva.

—Eu também diria o mesmo vinte e quatro horas antes.

—Em que sentido é diferente?

—No sabor - disse ele. - Em seu aroma. Em realidade, na maneira em que cai sobre a pele.

—Que Deus me ajude, mas estou a ponto de acreditar em você.

—Não tenho desejos de mentir.

—Quem é? —disse ela elevando a voz—. É sua última oportunidade para dizer a verdade.

—Sou Andrew McVie - disse ele com uma voz que ressonou na quietude do solário.

- Já relatei os acontecimentos tal e como eu os conheço.

—Não sei por que acredito.

—Eu tampouco, senhora.

—Pode dormir aqui - disse ela assinalando ao sofá. - Já sabe onde está o banho.

—Sim, por certo.

Seu rosto solene se iluminou outra vez em um sorriso largo. Apesar de suas dúvidas, Shannon se encontrou sorrindo.

— Você conserva todos seus dentes - observou ele com um movimento apreciativo da cabeça.

Shannon se pôs a rir.

—O que disse?

—Seus dentes. São brancos e parecidos. E tem todos.

—Fala a sério, verdade?

—A senhora Emilie conservava todos seus dentes e tinha trinta anos. Algo surpreendente em uma mulher.

—Bom, eu quase cumpro os trinta e não só conservo todos meus dentes, mas também além não tenho cárie.

—E a que magia atribui tal maravilha?

—A uns bons genes - disse ela encolhendo-se de ombros. - Além do Pepsodent.

—Pepsodent?

—Massa dental - grunhiu ela—. Não suporto quando me olha com essa cara de não entender nada.

Não, não estava disposta a lhe explicar o que era a pasta de dente a um homem que podia estar lhe pregando a brincadeira mais pesada da invenção da "Câmara Oculta".

—Fique aqui. Volto em seguida.

Com a familiaridade, Shannon lhe resultava cada vez mais bela. Andrew não podia detectar sinais de artifício em sua pessoa, simplesmente uma combinação deliciosa de rosto e formas pensadas para enfeitiçar os olhos masculinos. Embora decepcionado porque já não usava aquela tira amarela que deixava ao nu quase todo seu corpo, resplandecia de formosura com aquelas calças de homem e uma camisa folgada.

A primeira vez que tinha visto a Emilie, ela levava umas calças negras que se ajustavam a seu corpo de uma maneira quase indecente. Caminhar detrás dela tinha sido uma experiência esclarecedora. Emilie lhe explicou que as mulheres eram livres para vestir-se a seu gosto no século XX, mas Andrew se negou a acreditar que existissem semelhantes trajes... até agora.

Andrew percorreu aquela sala grande, notando os nos escassos móveis brancos e em como a madeira parecia ter o mesmo aroma que a pele de Shannon. Tinha acreditado que conhecer o Emilie lhe prepararia para encontrar-se com as mulheres do século XX, mas se tinha equivocado.

A senhora Shannon tinha as maneiras delicadas as quais ele estava acostumado, mas também possuía uma fortaleza física que o assombrava. E, como se aqueles dois rasgos

opostos não fossem bastante enigmáticos, falava com a mesma franqueza inquietante que Emilie, embora ele pressentisse umas sombras que espreitavam atrás de seus olhos verde mar que não tinham escurecido os olhos do Emilie.

—Não cometa o mesmo engano — murmurou tomando um edredom sedoso do respaldo do sofá.

Andrew não tinha ido ao futuro para procurar amor ou companhia. O edredom também cheirava ao perfume do Shannon e se apressou a deixá-lo onde estava. Andrew não era nenhum estúpido. Reconhecia o perigo quando o tinha diante, devia manter a tentação longe.

A solidão fazia que um homem pensasse com o coração e não com a cabeça. O verão anterior, por um breve instante, tinha acreditado estar apaixonado por Emilie quando, na verdade, só se sentia atraído pelo mundo que ela tinha deixado atrás. Não voltaria a cometer o mesmo engano.

—Uma escova de dente e dentifrício - disse Shannon voltando para solário.

Entregou um tubo de metal flexível e uma escova de dente comprida com cerdas curtas. Desenroscou a tampa do tubo e observou fascinado como saía uma massa branca de aroma doce quando o apertava.

—Isso fica sobre as cerdas — disse a senhora Shannon. - E depois se utiliza para escovar os dentes. Saberá lavar os dentes, não?

—É obvio — disse ele indignado—. Com uns ramos suaves e um bom pano se obtêm os mesmos resultados.

—Pelo visto, não — disse ela—. Se isso fosse verdade não estaria surpreso de que conserve a dentadura completa. Agora, irei para que possa dormir.

—Acompanho-a a seu quarto.

—Não faz falta — disse ela esboçando um sorriso.

—Sim, minha senhora. É o correto.

—Agora sei que não é deste século — disse ela voltando a sorrir. - Não há um só homem neste continente que não fizesse isso sem uma segunda intenção. Você não levará segundas intenções, verdade?

—Não tenho outra intenção que a de escoltá-la até seu dormitório.

“Fala de coração”, pensou Shannon enquanto ele a seguia pelo corredor e a cozinha. Estava decidido a comprovar que chegava a seu quarto sã e salva. Sentia-se adulada, apesar de si mesmo. Comprovou que a porta da cozinha estava fechada e prendeu a corrente, consciente em todo momento de que ele a observava intensamente.

—Vou conectar o alarme - disse enquanto teclava o código—. Ouvirá uma...

Um ulular agudo estalou na cozinha e Andrew amaldiçoou surpreso.

—... uma sereia - acabou Shannon.

—Por todos os demônios! O que foi isso?

—O alarme de segurança.

—Não compreendo.

Shannon lhe assinalou o dispositivo, perguntando-se por que tinha que explicar o sistema de alarme a um homem que provavelmente, só provavelmente, fora tão produto do século XX como ela mesma.

—Há conexões em todas as portas e janelas. Se alguém tenta entrar pela força, dispara-se o alarme e a polícia recebe um aviso automático.

—Há perigo? Estamos em guerra?

—Não do modo que você conhece, mas a maioria das casas tomam precauções especiais nestes tempos.

Andrew guardou silêncio. Ela podia ver a consternação que aparecia em seus olhos.

—Necessita o amparo de um homem - disse ele ao final.

—Não – corrigiu Shannon é o único não necessito.

Acompanhou-a ao salão e observou como comprovava o alarme da janela.

—Não espero que me proporcione segurança, mas sim me avise de que há problemas. Minha pistola se encarregará do resto - acrescentou ela olhando-o fixamente aos olhos.

Shannon foi ao vestíbulo e conectou o alarme da porta principal.

—E se um homem lhe arrebatasse a pistola?

—Duvido que isso possa acontecer.

—Pode acontecer, senhora. É você forte, mas pequena de complexão. Não seria difícil vencê-la.

—E um corno! — replicou ela. - Você não pôde.

—Eu não tentei.

—Exato. Você adora que lhe apontem à cabeça com uma pistola.

—Não sei a que se refere senhora Shannon.

—Sou faixa marrom de caratê.

—Não sei nada desse cinturão. Só sei que, por natureza, a mulher se encontra em inferioridade de condições.

—Se me propor isso poderia te atirar ao chão antes que tivesse tempo de pestanejar.

Andrew se se pôs a rir com um ar de superioridade masculina insofrível.

—Uma possibilidade muito remota.

Shannon se lançou para ele, sem manter o equilíbrio em sua precipitação de lhe demonstrar quem mandava ali. Três anos de treinamento se foram ao embora sem a concentração, o controle ou o apoio adequados. Em poucas palavras, era como tratar de derrubar um carvalho com as mãos nuas.

—Maldição! —ofegou frustrada. - Cai ao chão de uma vez.

Andrew a sujeitou pelos braços e a obrigou a olhá-lo aos olhos. «Posso te vencer», dizia seu olhar, «mas prefiro não fazê-lo». Não havia forma de negar sua força e o fato de que dominava a situação e, não obstante, Shannon não sentia medo.

Andrew a sujeitou com a suficiente força para deixar clara a questão, mas em nenhum momento lhe causou o menor dano. Durante aqueles instantes, Shannon se encontrou em seu poder e ele foi o bastante homem como para não aproveitar-se das circunstâncias.

Uma sensação de júbilo aninhou em seu peito enquanto que a tensão e a fúria escapavam de seu corpo.

—Foi um comportamento desafortunado, senhora - disse ele soltando-a.

—Agora me dou conta - assentiu ela.

A expressão nos olhos do Andrew trocou e ela se sentiu irresistivelmente atraída a pesar do sentido comum.

—Não necessitará caixas que chame esta noite.

—Não entendo.

—Eu a protegerei contra o perigo.

Shannon deixou de respirar. Literalmente. Seu coração se lançou a palpitar com tanta violência para ouvir aquelas palavras que lhe resultava doloroso introduzir ar em seus pulmões.

—Senhora?

—Muito obrigada. — balbuciou, lutando por recuperar a compostura.

Andrew a seguiu ao piso de acima, percorreram um corredor e chegaram à porta do dormitório.

—Boa noite — disse ela entrando.

—Boa noite a você, senhora — disse ele com uma inclinação de cabeça.

Shannon sentiu o louco impulso de lhe corresponder com uma reverência, mas assentiu e fechou a porta.

Andrew ficou no corredor, frente à porta fechada da senhora Shannon, escutando o suave som de seus passos enquanto ela se movia pelo quarto. Que maneiras ficavam naquele mundo onde as mulheres viviam sozinhas e atemorizadas, obrigadas a confiar seu amparo a uma caixa que chiava? Acaso não contava com família ou com amigos que velassem por sua segurança e bem-estar, com alguém com quem compartilhar o pão?

Caminhou com o passar do estreito corredor considerando as opções que lhe ofereciam. Podia baixar a escada e explorar aquela casa do futuro que lhe era estranhamente familiar. Havia toda sorte de raridades por descobrir. Estava seguro de que podia passá-la noite desvelando um milagre atrás de outro, até que a cabeça girasse com tantos sons, visões e possibilidades novidadeiras. Mas tinha formulado um voto e, por cima de tudo, era um homem de palavra.

«Quem quer te fazer mal, senhora?», perguntou-se enquanto apoiava as costas na porta e fechava os olhos. «E por que está tão só neste mundo?»

Capítulo 5

Dakota Wylie trabalhava como bibliotecária na Sociedade Histórica de Nova Jersey em Princeton. A própria biblioteca se encontrava abandonada em um extremo do campus, junto ao Teatro McCarter. As segundas-feiras pela manhã estava acostumada fazer de cicerone, guiando as tropas das Girl Scouts ou clubes da terceira idade através da mansão colonial restaurada da Rua Stockton que albergava o museu.

Não estava segura se devia à sorte ou a algum intuito cósmico, mas aquela manhã em particular o museu estava fechado por reformas e ninguém a esperava na biblioteca até o meio-dia.

Tampouco que um pouco tão insignificante como seu trabalho tivesse bastado para deter a Dakota. Passou-se toda a noite dando voltas na cama, pensando no Shannon e em seu inesperado visitante, perguntando-se por que diabos era incapaz de perceber claramente a situação.

Farrapos e retalhos de conversação... a sensação inquietante do desconhecido... a certeza deque o destino estava operando naquele preciso momento. Mas Dakota não tinha a menor idéia de com quem, onde ou por que. Uma vez, inclusive chegou a vislumbrar um farol e ao George Washington, duas imagens estranhas que não pôde centrar. Quando por fim amanheceu, Dakota era uma massa tremente de nervos a flor de pele.

Algo não ia bem. Não acertava a assinalar com exatidão o que era, mas fazia muito tempo que tinha aprendido a confiar em seus instintos e a deixar-se guiar por suas intuições, por muito extravagantes que parecessem com primeira vista. Shannon precisava dela. Não era todos os dias que recebia vibrações de uma pessoa para perdê-las ao momento seguinte e isso era exatamente o que tinha passado essa noite. Em um momento, tudo tinha sido claro como o cristal de quartzo que levava em torno do pescoço e logo, sua tela mental tinha ficado em branco.

A última vez que tinha acontecido algo pouco parecido tinha sido com o Cyrus Warren do Lawrenceville. Ela estava lhe fazendo uma leitura na biblioteca quando sua aura desapareceu de repente. Aquela mesma noite, Cyrus tinha morrido engasgado com um osso de frango em um restaurante, justo sob o pôster que descrevia a "manobra do Heinrich" para evitar a morte por asfixia.

É obvio aquela manhã Dakota lhe tinha jogado as cartas ao Shannon enquanto tomava o café e logo tinha comprovado seus runas só para assegurar-se. Tudo estava em ordem. Uma larga vida, boa saúde, uma família maravilhosa, mas o único que não tinha sentido era quando e onde ia acontecer todo aquilo.

Por muito que o tentasse não podia concretizar um enquadramento temporário nem um cenário para a realização das precisões. Entretanto sentia a profunda intuição de que teriam muito que ver com o homem que tinha chegado à vida do Shannon navegando em um balão de ar quente.

Shannon despertou sobressaltada. Dakota se inclinava sobre ela, os olhos muito abertos de emoção.

—Já era hora! — disse Dakota, agarrando a bata que estava sobre a cadeira de balanço e atirando-a. Começava a pensar que nosso desconhecido te havia drogado.

—Mas que diabos...?

Shannon se deu a volta para olhar o relógio da mesinha. De algum jeito, saber que Andrew velava ao outro lado da porta tinha sido excitante e consolador. O amanhecer raiava no horizonte quando se ficou dormida.

—Ainda não são as sete. Perdeu a cabeça?

Dakota, dotada de poderes psíquicos, mas não com o dom da sutileza, não fez conta.

—Levante-se! Quero conhecê-lo.

Shannon reprimiu um bocejo e tirou os pés da cama.

—Ficou toda a noite ao outro lado da porta.

—Bom, pois agora não está - disse Dakota fazendo um gesto para o corredor.

—E o alarme? Por que não se disparou?

—Não me pergunte. Entrei pela porta traseira.

—Essas portas estão rotas.

—Já não.

Andrew. Shannon correu à janela e jogou uma olhada ao alpendre traseiro. A superfície da piscina estava em calma. As cadeiras se encontravam em seu lugar. Não havia sinais de vida em nenhuma parte. Uma súbita sensação de desespero ameaçou esmagando-a, mas não podia fazer nada por evitá-lo.

—Foi-se - sussurrou, apoiando a bochecha contra o cristal.

Tinha chegado a acreditar que o encontraria ali ao despertar, ainda vigiando seus sonhos para que nada pudesse lhe fazer dano.

—Onde foi? —perguntou Dakota.

—Eu esperava que você pudesse responder a isso — disse Shannon olhando duramente a sua amiga.

—Não recebo nada desse homem por muito que o tente, embora haja estado neste quarto — acrescentou inclinando a cabeça. - Posso senti-lo.

—Tem que estar equivocada - disse Shannon. - Não chegou a entrar.

—Sim, sim que entrou — insistiu Dakota. - Estou captando umas vibrações contundentes.

—Pois então capta as minhas porque ele não passou que a porta.

A expressão do Dakota dizia o contrário, mas Shannon não quis fazer insistência naquele assunto. Perguntou-se se teria entrado em contemplar seu sonho. Em vez de sentir-se brava a idéia lhe produziu calafrios de satisfação. Havia algo tremendamente íntimo naquela imagem, algo que era erótico e tenro de uma vez, e muito tentador para seu próprio bem.

—Parece distinta - disse Dakota—. Encontra-se bem?

—Estou cansada.

Não tinha querido dormir. Saber que ele estava a um passo de sua cama lhe pareceu tão embriagador, tão perfeito, que tinha querido prolongar todo o possível aqueles momentos.

—É algo mais. Parece... cativada.

—Boa palavra - disse Shannon sarcástica. - Não acredito que me haja sentido mais cativada em toda minha vida.

Dakota jogou uma olhada pela janela.

—Possivelmente tenha ido ao bosque para procurar seu balão.

—Ou pode que se partiu.

—Não se foi - disse Dakota sacudindo a cabeça. - Ainda não.

—De verdade acredita nisso?

—Estou completamente segura. O assunto que lhe trouxe até aqui não está resolvido, nem muito menos.

—Faz que pareça terrivelmente misterioso - disse Shannon com uma risada forçada. - Só é um membro de um desses clubes de loucos pelos balões.

—Não me parece isso.

O coração do Shannon se acelerou.

—Não te deixe levar pela imaginação, Dakota. Saiu-se de sua rota e sua equipe lhe perdeu o rastro. Não há nada mais.

—Nem você mesma acredita no que diz.

— Da um tempo - resmungou Shannon apartando-se da janela. - Vou abaixo a preparar café.

—Eu farei o café, você se vista.

—Não!

Fazendo um esforço, Shannon tratou de modular seu tom. Sentia uma necessidade, forte e descabelada, de proteger ao Andrew inclusive de sua melhor amiga. Tratou de sorrir.

—Já provei o café que faz. Prefiro prepará-lo. Dakota a seguiu conversando sem parar sobre auras e vibrações e se os Yankees de Nova Iorque poderiam estar nas finais da Super Monopoliza. A conversação típica de Dakota Wylie, e Shannon notou que pouco a pouco se relaxava. «Ainda está aqui», disse a si mesma enquanto preparava o café. Dakota tinha percebido suas vibrações e, apesar de que não acreditava no mundo extra-sensorial, sentia um respeito perplexo e involuntário pelas capacidades psíquicas do Dakota. Além disso, a gente acreditava no que lhe dava a vontade sem fazer caso do sentido comum, ou não?

Dakota passou um dedo por uma capa de pó avermelhado que cobria um banco.

—Tem a cozinha muito suja. O que tem feito? Transplantar seus gerânios aqui em cima?

—É uma história comprida. - disse Shannon enquanto servia uns sucos de laranja.

—Não tenho pressa.

—Ontem à noite subiu ao banco - disse Shannon lhe dando o copo.

Os enormes olhos castanhos do Dakota se abriram muito depois dos óculos de avó que levava.

—Por alguma razão em particular?

—O... Algo ia mal com as luzes.

—Bom. Ou seja, que além de voar em balão também é eletricista, não? Muito bom! Shannon lhe lançou um olhar fulminante.

—Quer deixá-lo? É um tipo estranho, vale? Assunto concluído.

Shannon se entreteve em tirar o leite do frigorífico e duas xícaras do armário. Dakota foi à porta traseira para olhar a piscina.

—Temos companhia - disse ao final de um instante.

Shannon correu à porta a tempo de ver que Andrew McVie saía do bosque arrastando a casquinha e o balão.

Revisão: Dominique Bozzi

—Fique aqui - disse enquanto se limpava a toda pressa as mãos na bata. - Eu irei ajudá-lo.

Pôs-se a correr, esperando que Dakota fizesse o que lhe tinha pedido.

—Bom dia, senhora Shannon — disse Andrew quando viu que a formosa mulher moréia corria sobre a grama ao seu encontro.

Levara um vestido vaporoso e fino, e uma capa que o fazia parecer-se muito às mulheres que ele conhecia, exceto pelo detalhe de que seus membros eram claramente visíveis através do tecido.

—Faz uma manhã do verão magnífica, não é certo?

—Pare! — disse ela, umas palavras que não encaixavam com o sorriso que brilhava em seu rosto adorável. - Volta a te colocar no bosque e espera até que chame.

—Preciso de um lugar onde deixar a boa cobrança estes arranjos - disse ele, assumindo que a saudação era perfeitamente normal em 1993—. É fato improvável que volte a utilizá-los, mas pode que sirvam a alguém no futuro.

— Este maldito balão não importa—disse ela em um tom de voz mais acalorado que antes. - Pare agora mesmo!

Andrew olhou por cima dela, viu que uma mulher de média estatura se aproximava correndo e ficou com a boca aberta. A mulher levava uma saia larga, estampada em flores de cores vivas, uma blusa branca com volantes, umas pesadas botas negras que teriam ficado melhores em um carpinteiro e um par de óculos que serviriam a Ben Franklin. Uns grandes pendentes de prata brilhante adornavam suas orelhas e em torno de seu pescoço e nos braços tinha correntes brilhantes de ouro e de prata. Havia um anel de um estilo diferente em cada um de seus dedos. O cabelo negro, ou o que restava dele, era muito curto e emoldurava seu rosto com uns cachos de cabelo diminutos, como os de uma menina. Entretanto, não foi o estranho penteado nem a exibição de joalheria o que mais o assombrou, foi o coração que tinha tatuado no ombro direito. Andrew voltou a olhar à senhora Shannon.

—Uma prostituta de botequim?

Shannon deixou escapar um gemido. Nem sequer eram as sete e meia da manhã e o dia já se anunciava desastroso.

—É minha amiga Dakota. Vai fazer um montão de perguntas. Não as responda, McVie. Não, se souber o que lhe convém. Como isto chegasse, ou seja, sua vida não valerá um centavo.

—Nos apresente Shannon! — disse Dakota, detendo-se justo diante de Andrew. - Morro por conhecer seu novo amigo.

Shannon fez uma careta de resignação.

—Andrew McVie, Dakota Wylie - disse antes de voltar-se para ela. - Não tinha que trabalhar?

—Tenho tempo até o meio-dia - disse Dakota com um sorriso cândido.

—Maldição! —resmungou Shannon baixinho.

Dakota estendeu sua mão.

—É um prazer.

Andrew contemplou estranhamente aquela mão e logo olhou para Shannon, que assentiu.

—Uma honra, senhorita Wylie.

As sobrelanceiras do Dakota se elevaram disparadas para o céu. «OH, Deus!», pensou Shannon. Quase podia ver como se desdobrava a antena psíquica de sua amiga.

Andrew lhe estreitou a mão e Shannon viu com horror como Dakota caía redonda ao chão.

Ele foi mais rápido que Shannon. Elevou o corpo inconsciente em seus fortes braços e a levou a casa. Shannon os seguiu atrás. «Isto é um pesadelo», pensou. Andrew não tinha a menor idéia do que lhe fariam se estendia a notícia de sua viagem no tempo.

A imprensa sensacionalista acreditava que tinha encontrado a galinha dos ovos de ouro com o Carlos e Senhorita Dava. Shannon não queria nem pensar no que fariam se encontrassem um Antigo Americano autêntico que estava em guerra contra A Coroa.

Não é que Dakota fora capaz de fazer voluntariamente algo que pudesse machucar a outro ser vivo. O problema estava em que ela gostava de alardear suas emoções, dada a paroxismos de fofoca extra-sensorial que deixava aos simples mortais afogueados em busca de ar.

— Encontra-se doente? —perguntou Andrew enquanto a depositava no sofá do salão.

—É o calor. Quer me trazer um copo de água?

Andrew ficou onde estava. Ela se voltou, viu aquela expressão perplexa em seu rosto e sentiu que lhe partia o coração.

—Os copos estão no armário que há à direita da janela.

Shannon se deteve. Aquilo estava muito bem, mas não explicava como conseguir a água fria. Não havia tempo para entrar em detalhes sobre o funcionamento do frigorífico.

—Há água no lavabo do banho. Torce o cabo para a direita e para cima para que saia água fria.

Andrew desapareceu pelo corredor. Shannon contemplou a sua amiga perguntando-se o que havia passado para que se deprimisse com tanta facilidade.

«Um farol com sua torre sem luz... uma mulher ruiva e alta, e um homem grande... uma sensação de perigo por toda parte, mas aquele perigo se mesclava com um sentimento mais profundo de compromisso com uma causa... mas, que causa?»

Dakota se sentiu muito estranha de volta a seu corpo. Lutou tudo o que pôde, mas aquela força era mais potente que sua vontade de resistir e abriu os olhos enquanto se debatia para sentar-se.

—Não está grávida, verdade? —perguntou Shannon, que sustentava um copo de água.

Dakota pegou o copo e bebeu um gole.

—Não, não estou grávida. É preciso um homem para ficar grávida, sabe? — disse Dakota olhando-a aos olhos. - Foi ele. Seu contato.

Andrew McVie entrou em seu campo de visão.

—Não sempre sou consciente de minhas forças, senhorita. Ofereço-lhe minhas mais humildes desculpas.

Dakota voltou a procurar o olhar de Shannon.

—Anda, me diga que não está de brincadeira.

Shannon parecia extremamente incomodada.

—Por aqui, não estamos acostumados às boas maneiras - explicou.

Dakota terminou o copo de água e secou os lábios com o dorso da mão antes de jogar ao Shannon um olhar furioso.

—Sabe condenadamente bem a que me refiro. É ele. Há algo que não é normal. Andrew bateu na têmpora com o indicador fazendo sinais indicando que Dakota era maluca e se voltou a olhar a Shannon, que parecia incapaz de seguir contendo a risada.

—Não está louca — disse Shannon. - Só tem uma imaginação transbordante.

McVie assentiu e Dakota sentiu o impulso irresistível de bater a cabeça de um na do outro, pelo puro prazer de ouvir como soavam seus crânios.

—Eu gostaria de saber o que os dois pretendem. - disse indignada.

—Sabe que só estou brincando - disse Shannon com um sorriso.

—Eu não sei nada - replicou Dakota. - está claro é que aqui há umas vibrações estranhas.

—Vibrações? —disse Andrew—. A que se refere? Creio que não a compreendo.

—Já sei que não - disse Dakota. - E vou averiguar por que.

Capítulo 6

—Amiga ou inimiga? — perguntou Andrew quando Dakota saiu dando uma portada.

—Amiga — disse Shannon com um suspiro. - Uma estranha amiga psíquica.

—Física?

—Não, não. Psíquica. Tem poderes extra-sensoriais. Pode ver o futuro.

—Minha mãe possuía uma segunda visão - disse ele sem mostrar assombro.

—Dakota tem algo mais que uma segunda visão. Às vezes, juraria que pode ler os pensamentos.

Andrew a olhou intensamente. Ela tentou não fixar-se nas bolinhas douradas de seus olhos castanhos.

—Senhora, você preferiu não revelar detalhes sobre minha pessoa. Se ela pudesse ler as mentes, nada teria impedido que descobrisse a verdade.

—Sei — disse ela aflita. - Ainda me pergunto por que. Foi uma sorte que não conseguiu.

—Por que deseja guardar o segredo'?

—Porque aí fora, o mundo é cruel e o comeriam vivo McVie.

—Não compreendo o que quer dizer.

—Às pessoas de hoje adoram a fofoca - disse ela, passeando de um lado a outro do salão. - Se chegasse, ou seja, se souberem que veio de outro século, os produtores de televisão, os diretores de cinema, os jornalistas de todo o mundo lhe destroçariam. Acabaria sendo prisioneiro de seu próprio milagre. E a Dakota não ocorre pensar em todas as implicações.

Um sorriso brotou na dureza daquele rosto.

—Acredita que não minto quando digo que venho de outro século?

—Acredito McVie - disse ela suspirando—. Que Deus me ajude, mas eu acredito. E, a propósito da confiança, por que não faz um esforço e me apóia?

Que acreditasse não deveria haver importado ao Andrew. Que ela pensasse que dizia a verdade não mudava nada. Entretanto, no profundo de sua alma, sabia que com as palavras "Acredito em você", entre eles dois tudo mudava.

—Entenda-me bem, não albergio o menor desejo de me converter em uma carga para você, Shannon. Só necessito que me indique que direção tenho que tomar para chegar a Princeton.

—Necessitará algo mais que isso.

—Explique-se - disse ele elevando uma sobrancelha.

—Olhe como vai - disse ela assinalando suas roupas. - Se aparecer na rua vestido assim, prender-lhe-iam por vagabundagem.

—Em minha época, colocariam à senhorita Wylie no pelourinho meramente por sua indumentária.

Entretanto, Andrew não ousou fazer comentários sobre o descarado e escasso vestido amarelo que Shannon tinha levado no dia anterior.

—Então, compreenderá a que me refiro.

Andrew se contemplou um momento.

—Não há nada mau em minhas vestimentas.

—Têm duzentos anos.

—Abrigam e protegem.

—Estão mais que andrajosas.

A sobancelha se arqueou um pouco mais.

—Não se ofenda - seguiu ela ruborizando-se. - E tampouco cheiram muito bem.

—Minha senhora, é muito difícil manter-se limpo no bosque.

—Compreendo-o, mas se quer viver nesta época, vais ter que fazer algumas mudanças - disse ela enrugando comicamente o nariz. - Começando preferentemente por seu vestuário.

Shannon era uma mulher encantadora que o deixava desarmado, inclusive quando criticava sua pessoa.

—Só conheço uma maneira de me vestir.

—E esse amigo teu que chegou do futuro? Que tipo de roupa usava?

—Não o recordo em detalhe, o que me sugere que as diferenças entre nós não eram notáveis.

Shannon ergueu os ombros.

—Pois me sugere que chegou o momento de entrar no século XX.

—Acho-me disposto a aprender.

—Não há nada como viver no presente.

—Sim, em qualquer lugar que o presente te conduza.

Vinte minutos depois, enquanto tomavam o café da manhã no pátio, começou a primeira lição.

—Suas maneiras na mesa são atroz - disse ela sinceramente. - Parece que dirige uma pá em vez de talheres.

Andrew levantou a vista de seu prato de ovos com presunto.

—Como com prontidão e eficiência.

—Come como um porco.

—Esta não é a mesa do Jorge "O Gordo", com talheres de prata e porcelana - observou ele. - É uma mesa corrente e me comporta como um homem corrente.

—Bom, pois aqui não. Já não usamos o garfo dessa maneira. Recorda a um mineiro cavando em busca de ouro.

Andrew se ergueu, apoiou as costas contra a cadeira e cruzou os braços bronzeados sobre o peito.

—Mostre-me como se faz, já que possui a chave da sabedoria.

—Nisso tem razão - disse ela enquanto se limpava a comissura dos lábios com o guardanapo.

Cortou uma parte pequena de ovo com o garfo e o levou a boca. Depois, assegurou-se de mastigar ao menos trinta vezes. Tragou e lhe obsequiou seu sorriso mais encantador.

—Assim, senhor Andrew McVie, é como se faz.

—Assim, senhora Shannon Whitney, a comida estará dura como gelo antes que tenha podido terminá-la.

—Um cavalheiro nunca se queixaria disso.

—A comida quente é para comê-la quente.

—De acordo, mas não tem por que parecer um porco.

Andrew engoliu outro garfo transbordante de ovos com presunto.

—As pessoas estão acostumadas a fazer comentários sobre a maneira de comer de outros?

Shannon pensou na quantidade de livros de boas maneiras que havia no mercado e pôs-se a rir.

—Algumas pessoas inclusive ganham a vida fazendo-o.

—Este é um mundo estranho - disse ele.

—Mais do que imagina. Acredito que devemos fazer uma visita ao centro comercial.

—Ao centro da cidade?

Shannon teve que lhe explicar o conjunto de lojas e restaurantes que compreendia o centro comercial do *Bridgewater Commons*.

—Um negócio assim está fora de minha compreensão - disse ele.

—E da minha - disse Shannon, que tinha deixado de lado as compras exorbitantes junto com seu matrimônio—. Mas não há mais remédio. Vamos às compras.

Depois do café da manhã, Andrew observou como Shannon guardava os pratos sujos em um armário, jogava sabão líquido nesse mesmo armário e fechava a porta. Estava a ponto de lhe perguntar por que não punha os pratos a encharco na pia que havia sob a janela quando ela pulsou alguns botões e um horrível chiado junto com o som da água correndo encheu a cozinha.

—Que demônios...?

—Uma máquina de lavar pratos - disse ela—. Fricção automaticamente os pratos.

Andrew assentiu como se fora algo de todos os dias. O pano de cozinha que pendurava de uma cavilha atraiu sua atenção.

—E logo seca com um pano?

—Não, isso também o faz a máquina de lavar pratos. Andrew se agachou ante a máquina que produzia aquele ruído infernal.

—Não pode ser. Há trapos dentro do armário?

—Ar quente.

—Repita-me isso senhora.

—Não sou um gênio da mecânica, mas acredito que o ar quente circula pelo interior da máquina de lavar pratos e seca a baixela depois de terminar a lavagem.

—É milagroso.

—Não, é algo comum, meu senhor.

—Brinca com minha maneira de falar.

O rosto de Shannon parecia iluminar-se de dentro quando sorria.

—Jamais. Acredito que sua maneira de falar é encantadora.

—Não deseja que a troque?

—Não, só parece um sotaque diferente. Ao princípio pensei que foi escocês. Imagino que as pessoas cometeram o mesmo engano. Além disso, este é um país muito variado. Ninguém sentirá saudades por seu sotaque.

—Não tem que ser tão solícita com minhas necessidades. Sou um homem de recursos, conseguirei me abrir caminho em seu mundo.

—Não necessitaram que lhes ajudasse esses amigos que viajaram ao teu daqui? — disse ela deixando de sorrir.

—Estávamos em plena revolução, o perigo espreitava a cada passo. Só fiz o que considere necessário para garantir sua segurança.

—Eu posso fazer o mesmo por ti. Não estamos em plena revolução, mas me acredite quando digo que este mundo é muito mais perigoso do que tenha podido imaginar.

Andrew pensou nas epidemias de varíola e gripe, na febre puerperal e nas perdas dos tempos de guerra. Nada do que Emilie e Zane lhe haviam descrito podia ultrapassar aqueles horrores. Duvidava sinceramente de que Shannon pudesse lhe mostrar algo que o fizesse mudar de parecer.

—Pode abrir os olhos, já aconteceu o pior - disse Shannon.

—Não, senhora - disse ele com as pálpebras fechadas fortemente. - Não acredito.

—Já saímos à auto-estrada e vamos por nosso caminho.

Andrew tinha aceitado a existência dos carros com um aprumo digno de elogio. Mas tomar a auto-estrada 287 com um caminhão de oito eixos competindo com ela para ficar na frente, tinha sido outra história.

—Não há nada que temer - insistiu ela.

O pobre homem estava completamente verde. Shannon lhe abrandou o coração quando ele abriu lentamente os olhos e olhou a seu redor. «É incrível», pensou. Voltou a concentrar-se na condução enquanto se perguntava se ela teria tido a décima parte de sua coragem se tivessem invertido os papéis.

—Movemo-nos a grande velocidade - observou ele enquanto a cor voltava para seu rosto. - É norma semelhante rapidez?

Shannon olhou o velocímetro. A agulha marcava firmemente os oitenta quilômetros por hora.

—Em realidade, vamos pela estrada lenta. O tipo do Porsche vermelho deve ir a cento e vinte.

—Não vi nenhum alpendre e não sei a que te refere com isso de cento e vinte. Shannon olhou pelo retrovisor e trocou de estrada.

—Posso acelerar para que veja o que é viajar a cento e vinte quilômetros por hora.

O que era uma multa por excesso de velocidade comparado com a possibilidade de alardear diante de um homem magnífico? Andrew sacudiu a cabeça.

—Não vejo a vantagem de ir mais depressa.

—A maioria de homens me animaria a fazê-lo.

Andrew a olhou aos olhos.

—Eu não sou como a maioria de homens.

«OH, Deus!», pensou ela acreditando que o coração ia estalar lhe no peito. «Não tem a menor idéia de quão certo é». Nem na aparência, nem em educação, nem na força irresistível que parecia emanar de cada um de seus poros.

—Sigo me perguntando por que me pediu que ficasse - disse ele.

—Eu não lhe pedi isso.

—Ouvi claramente as palavras de seus próprios lábios. "Não vá. Por favor, fique. ", em um tom de súplica.

Shannon perguntou-se: - era possível que Andrew tivesse ouvido seus pensamentos com a mesma clareza que ela tinha acreditado ouvir os dele?

—Possivelmente deveríamos nos esquecer do centro comercial e levar-lo a um médico - disse ela. Tinha tentado falar com um tom desvolto, mas fracassou miseravelmente.

—Não necessito dos serviços de nenhum médico.

Shannon voltou a meter-se na estrada lenta quando se aproximaram da saída do Bridgewater Commons. —Entre sugerir que ficasse um pouco mais e suplicar-lhe existe nisso um abismo.

—Havia uma emoção profunda em sua voz.

Os pneus chiaram quando tomou a velocidade normal para a saída.

—E você? Não pode dizer que eu tenha amarrado você a uma cadeira para mantê-lo prisioneiro.

—Seu raciocínio era lógico. O sentido comum me ditou que devia seguir suas sugestões.

—Já!

—Por acaso está me chamando mentiroso?

—Você pensa que sou idiota se acha que vou engolir isso.

—É uma mulher suspeita Shannon Whitney. Uma característica indesejável em uma dama.

—Isso é algo que dá que pensar - disse ela detendo-se em um semáforo frente ao shopping. - Isso cheira uma esta sua atitude e protetora paternalista.

—Sou um homem, trato às mulheres como o que são.

—Neste século os homens tratam às mulheres de igual a igual.

—As mulheres não são iguais aos homens.

—E por que não!

—Sua força é menor que a minha.

—E minha inteligência superior à sua - replicou ela. - Estamos iguais.

—Não pusemos a prova nossos intelectos para fazer semelhante afirmação.

—A simples lógica bastará para me apoiar - disse ela, caindo nas velhas táticas masculinas—. Meu mundo está mais avançado que o seu. Eu sou produto deste mundo, logo estou mais avançada que você.

—Sou graduado pelo Harvard - disse ele.

—Claro, não faltava mais - disse ela, desviando-se para o estacionamento.

—E exerci a advocacia em Boston.

Shannon subiu ao meio-fio e voltou a baixar com uma sacudida.

—Naturalmente, e eu sou físico nuclear.

—Não acredita?

—De maneira que é advogado, não é? — disse ela detendo o carro e olhando-o à cara. - E todos os advogados se vestem como você?

—Não exerci minha profissão desde que meu...

Andrew se calou bruscamente.

—Vamos, continue. - o apressou ela—. Não pode soltar uma explosão assim e guardar os detalhes.

—Os detalhes já não têm importância - disse ele asperamente.

—Eu gostaria de conhecê-los.

—Meu passado está morto. Espero refazer minha vida aqui, neste tempo e lugar.

Shannon pensou em seu próprio passado, nos dolorosos detalhes de seu matrimônio e algo dentro dela cedeu. «Eu passei pelo mesmo», pensou. «Sei como se sente».

Comprovou no retrovisor a pintura de seus lábios e depois lhe obsequiou com seu melhor sorriso.

Revisão: Dominique Bozzi

—Se quer refazer sua vida, veio ao lugar correto, Andrew McVie. Não há nada mais autenticamente americano que ir às compras no shopping.

Andrew estava convencido de que só por muito pouco tinha evitado o perigo. Não o tipo de perigo que estilhaça ossos e derrama sangue, a não ser um mais sutil e mortífero. Tinha estado a ponto de abrir-se com o Shannon, de lhe falar de Elspeth e David, de lhe contar o interminável desfile de enganos que tinha cometido até que ela conhecesse a alma de Andrew tão bem como seu próprio rosto no espelho.

Contemplou com dissimulação aquele perfil adorável. Não, justificar-se com ela tivesse sido um engano de proporções colossais, um engano que não estava disposto a cometer.

As arrumou para soltar o cinto que lhe sujeitava ao assento e atirar de uma alavanca chapeada para abrir a porta. Zane fazia um trabalho admirável ao lhe descrever os automóveis. Recordou a noite em que Rutledge tinha esboçado no pó o desenho de uma caixa quadrada que se sustentava sobre quatro pneus. Aceitar aquilo como possível não tinha sido difícil, mas então, Rutledge, tinha-lhe contado que aquela caixa se chamava carro e que não era movida com uma parrelha de cavalos, e sim por uma série de explosões continuadas que tinham lugar em seu interior.

—Acaso todo mundo possui um destes carros? —perguntou ele fixando-se nas intermináveis fileiras de caixas estacionadas em um descampado junto ao gigantesco edifício do centro comercial.

—Quase todo mundo - disse Shannon, fechando sua porta.

—Como pode encontrar o seu em meio de todos outros?

—Não sempre é fácil.

—Já não há cavalos?

—Claro que sim, mas é muito caro mantê-los.

Os dois puseram-se a andar para o edifício.

—E não resulta custoso ter um carro?

—Depende do modelo de automóvel, do condutor e do seguro.

—Do seguro?

—O seguro que cobre os possíveis acidentes. Andrew pensou na coisa que ela tinha chamado caminhão e nos destroços que poderia lhes haver infligido no caso de que tivessem colidido.

—Não desejo escutar nada mais, senhora Shannon. Vi muitos acidentes de carruagens em minha época. Posso imaginar as conseqüências com um carro.

Andrew ouviu um alvoroço a suas costas e se voltou para ver um grupo de adolescentes que riam assinalando-o.

—Vê o que dizia? — disse ela olhando-o fixamente. - Tem que tirar estas roupas.

Andrew se deteve em seco para ver afastar-se aos moços.

—Não quererá que eu acredite que esses trajes são normais?

—Malhas de ciclista, tops, jaquetas - disse ela—. O normal para adolescentes.

Andrew não conhecia aquela palavra, mas seu significado estava claro. O único que o fazia sentir-se um pouco mais cômodo era que os moços levavam o cabelo comprido e recolhido como ele mesmo.

—Não consinto em me pôr um desses calções.

—Prometo-te que não pedirei que faça isso. Agora vai ver muitas coisas estranhas, Andrew — disse ela, reparando em que se aproximavam das portas de cristal. - Tentarei

explicar isso o melhor que saiba, mas seria conveniente que me deixasse falar com os empregados.

—Não é natural para o homem deixar que a mulher leve a iniciativa.

—Tampouco é natural viajar através do tempo em um balão. Agora está em meu mundo. Deixa que ajude.

Suas palavras estavam ditadas pelo sentido comum, mas foram contra as convicções mais arraigadas do Andrew. Ela o tinha visto em um estado no que nenhuma mulher deveria ver um homem: necessitado e inseguro. Andrew estava acostumado a dominar a situação e não a esperar que outros o dirigissem. Era um homem, e como tal, sua missão na vida era mandar.

Mas isso não se aplicava a aquele mundo.

E tampouco a aquela mulher.

O que eram os dois principais raciocínios que lhe impulsionavam a começar sem demora a refazer sua vida no mundo onde se achava.

Capítulo 7

Andrew fez gesto de empurrar a porta e retrocedeu de um salto alarmado, enquanto as folhas de cristal se abriam por si só.

—Células fotoelétricas - disse ela assinalando as luzes vermelhas do teto—. Esqueci de avisar. São como olhos que detectam que se aproxima e enviam um sinal para que se abram as portas.

—Como?

—Não me pergunte isso. Há coisas que me surpreendem tanto como a ti.

Deus do céu! Quantas coisas mais terão que ela não tinha em conta e que podiam fazer que Andrew desse um salto mortal. Como a fila de gente que se apertava à entrada do cinema para ver "*Jurassic Park*" pela enésima vez.

—A que estão esperando? — perguntou ele.

—Ainda não está preparado para ver filmes. Sobre tudo as de dinossauros. Antes que nada, vamos comprar roupas.

—Não, senhora. Andrew se aproximou do corrimão e se apoiou nela para olhar para cima.

—É uma visão assombrosa. Árvores que crescem dentro de um edifício e têm a altura de uma casa.

Shannon contemplou o mini bosque que haviam plantado em um jardim de cascalho.

—Sim, suponho que é surpreendente. A verdade é que nunca prestei muita atenção.

—Estas são as coisas das que me tinham falado Zane e Emilie.

Era como soltar um menino em uma loja de brinquedos. Queria tocar e compreender tudo o que via.

—Em qualquer lugar que olho vejo abundância.

Detiveram-se frente à vitrine de uma joalheria de luxo para ver os anéis de diamantes e os *Rolex*. Andrew se fixou nos pendentes de diamantes e nos braceletes que levava ela.

—Adorna sua pessoa com jóias. Emilie levava ouro e prata. Nem o próprio Rei da Inglaterra poderia pedir mais.

—Agora é a Rainha da Inglaterra - disse ela sorrindo. - Mas, me acredite, tudo isto não é nada ao lado de suas jóias.

—Isso é algo que está além de minha imaginação.

Passaram frente a uma loja de cartões de felicitação, uma loja de brinquedos e duas joalherias mais. Duas mulheres maiores conversavam frente a uma confeitaria.

—Parecem duas princesas orientais. Como podem os anciões dispor de tantas maravilhas?

—Agora sei por que viajou ao futuro - disse ela sarcástica—. É um yuppie do século XVIII.

—Emilie me disse o mesmo, embora não recordo bem o significado dessa palavra - disse ele franzindo o cenho—. Acredito que não era nada bom.

—Um yuppie é um consumidor de trinta e tantos anos cuja cobiça de possuir coisas supera seus ganhos.

—Ofende-me, Shannon.

—Não era minha intenção.

Shannon tratou de lhe levar para as lojas de roupas para homens, mas ele parecia extasiado diante uma vitrine que exibia prendedores para lactação.

—Mas se quer entender o que ocorre, deve olhar além das miçangas e chegar ao coração das coisas.

Shannon se dirigia às escadas rolantes, mas decidiu que isso seria procurar problemas gratuitamente.

—Será melhor que vamos pelas escadas correntes, do contrário...

Shannon se deteve em seco. Onde se tinha metido Andrew? Um momento antes estava a seu lado, extasiado na contemplação dos prendedores. Tinha que pensar. Onde poderia ir um homem como ele?

Os aromas misturas de pizza, cachorros quentes e comida chinesa, chegaram até ela. Pôs-se a correr pela galeria para a zona dos restaurantes. Toda classe de estabelecimentos e lojas de comidas, Chinesa, italiana, grega e americana, alinhavam-se naquela zona. Certamente Andrew não tinha podido resistir.

Percorreu a zona de parte a parte. Perguntou aos empregados, aos clientes e aos guardas de segurança. Ninguém tinha visto um homem com roupas extravagantes e de média estatura com aspecto de não ter estado em um shopping em sua vida.

—Vá a informação, na planta baixa — lhe sugeriu o guarda de segurança. - O avisarão pelo sistema de megafones. Magnífica idéia pensou enquanto corria em busca das escadas rolantes. Uma idéia estupenda para qualquer que se despistasse em um shopping. Para qualquer, exceto para o Andrew McVie, que não distinguia um sistema de megafones de um buraco e que podia tomar o anúncio pela voz de Deus ressonando por todo o edifício.

Andrew observou que três mulheres com meninos entravam por uma porta e desapareciam. Uma vez, fazia muito tempo, tinha visto em um botequim de Boston um mago que fazia desaparecer diversos objetos em um assombroso desdobramento de prestidigitação. O lenço de uma dama. Uma peça de meia coroa. Um maço de cartas. Andrew havia sentido impressionado pelas habilidades do mago, mas nem sequer aquela atuação lhe tinha preparado para isto.

Aproximou-se da porta. Uma mulher maior, carregada de pacotes, esperava junto a ela. Abriu muito os olhos ao ver sua forma de vestir, mas em seguida apartou o olhar. Em realidade, ela mesma era um motivo de curiosidade para o Andrew, que nunca tinha visto que uma mulher tão amadurecida exibisse tanto seu corpo apesar de sua idade. Levava as pernas nuas e podia ver as varizes que sulcavam suas panturrilhas musculosas. Levava umas calças curtas de homem, um objeto parecido com uma camiseta sem mangas nem pescoço, e a suficiente maquiagem no rosto para pintar a lateral de um celeiro.

«Senhora» o pensou movendo a cabeça. «Não estaria melhor em casa, cuidando de seus netos?»

Apartando a vista da anciã maquiada, Andrew se fixou em que havia uns números em cima da porta que pareciam estar iluminados por dentro. O mais alto se acendeu e a porta se abriu para os lados. Um bando de meninos se precipitou para fora seguidos por suas mães e dois homens com estranhas roupagens negras que pareciam o vivo reflexo um do outro. Se Shannon pretendia que ele se vestisse com essas roupas ridículas estava disposto a lhe dizer em términos que não deixassem lugar a dúvidas o que pensava daquele assunto.

Apartou-se para deixar que a mulher maior passasse diante. Ela pareceu assombrar-se, mas acessou. Duas garotas de uns dezesseis anos entraram também. Cobriam seus corpos magricelas e desajeitados com calças rodeadas e andrajosos e camisetas de meia surripia nas que se lia U2 e "Virginia É Para Os Amantes". Nenhuma das duas tinha sido benta com um busto que merecesse a pena admirar, mas uma delas tinha algo mais que a outra. Além disso, pareciam idênticas até nos diminutos pendentes que levavam nas orelhas.

Quando as portas se fecharam e as duas garotas se fundiram em um abraço ardente, Andrew ficou tão perplexo que demorou a dar-se conta de que o quarto no que se achavam caía em pecado enquanto uma música soava ensurdecadora de uma fonte invisível.

— Me valha Deus! —estalou ele. - Que está acontecendo?

—Quanta vulgaridade! —disse a mulher maior fazendo um gesto para o casal que se beijava. - Amassando-se em público... é vergonhoso. Simplesmente vergonhoso.

—Por que não morrem? —disse uma das garotas com uma voz profunda que indicava que não se tratava de uma mulher. - Todos os velhos têm problemas com o sexo.

Sua companheira soltou uma risada.

—Será porque nunca o praticam?

—Exato - disse o moço aproximando-se da anciã. De um tapa repentino lhe atirou vários pacotes ao chão. - Parece-me que este peito de peru defumado faz tempo que ninguém o cheira, né?

A raiva ameaçou arrebentar os rins de Andrew. Deu um passo adiante e se interpôs entre o moço e a anciã.

—Agora mesmo vais apresentar lhe desculpas a esta boa mulher - disse em um tom que não admitia réplica.

—E a quem pensa chamar para me obrigar?

Andrew agarrou o canalha pelo pescoço e levantou-o.

— Desculpe-se agora mesmo, ou este será seu último fôlego.

—Não deixe que ameace você, Mike! —gritou a garota. - Se te fizer mal, podemos lhe demandar até deixá-lo sem um centavo.

Os olhos do moço cuspiam fogo. Andrew apertou um pouco mais.

—Diga-o — ordenou em voz baixa. - Diga-o ante todos nós ou já pode te encomendar ao Criador.

—Sinto-o - conseguiu articular o moço. - Só era... uma brincadeira.

O quarto móvel se deteve, comporta-as se abriram e Andrew largou o jovem sem esforço. O casal se apressou a perder-se entre a multidão.

—É você um homem valente — disse a mulher maquiada enquanto se agachava a recolher os pacotes. - Esse vândalo podia ter tido uma navalha. Pouca gente teria saído em minha defesa como você fez.

—É difícil acreditá-lo - disse ele, ajudando-a a sair daquele quarto instável. - Não podia por menos que ajudá-la.

A mulher lhe sorriu. Seus dentes eram brancos, simétricos e completos. Outro milagre daqueles tempos.

—Que sotaque tão encantador! É você de Escócia?

—Sim, senhora — disse ele lhe devolvendo o sorriso.

Uma voz ensurdecadora ressonou em todo o edifício.

—O senhor Andrew McVie, por favor, vá à informação. O senhor Andrew McVie, por favor, vá à informação. O senhor...

—Diabo!

A anciã o olhou com curiosidade.

—É você Andrew McVie?

—Sim, senhora.

—E não sabe como chegar até o mostrador de informação?

Andrew negou com a cabeça.

—Desconheço-o.

«Sim, senhora, e a verdade é que não sei o que possa ser isso».

A mulher se agarrou a ele com um braço ossudo.

—Faz só três minutos que avisamos - disse a empregada encarregada do mostrador de informação. - Estou segura de que seu amigo chegará a qualquer momento.

—Eu não estou tão convencida.

Shannon se deu a volta. Andrew era um homem forte e independente, mas mesmo assim, não estava à altura do que poderia acontecer nos finais do século vinte. As tremendas dimensões do shopping deveriam ser irresistíveis para ele. Podia ter caído por uma escada rolante e romper uma perna. Podia ter saído à rua e ser atropelado por um carro.

Escondeu o rosto entre as mãos e gemeu enquanto lhe ocorria outra possibilidade sinistra. E se tinha entrado em loja de roupas, tinha pegado algo que gostasse e tinha tentado sair com o artigo sob o braço? Não só precisava de dinheiro, mas também a única identificação que tinha era de Emilie Crosse que, por isso Shannon sabia, encontrava-se sã e salva em 1776.

Pareceu-lhe ouvir uma voz conhecida e se arriscou a jogar uma olhada entre os dedos. Andrew caminhava por volta dela e o acompanhava uma mulher de uns sessenta anos que não parava de falar pelos cotovelos. O alívio que sentiu esteve a ponto de provocar que lhe falhassem os joelhos.

—Bom, aqui tem a seu amigo perdido - disse a mulher, obviamente remissa a separar-se do Andrew. - Assegure-se de que lhe conte o que tem feito no elevador - acrescentou enquanto lhe beliscava a bochecha. - Não o deixe escapar, senhora. Já não existem homens como ele.

A mulher partiu e Shannon olhou ao Andrew aos olhos.

—E bem? O que aconteceu no elevador?

—Nada que qualquer outro homem não tivesse feito nas mesmas circunstâncias.

—Gostaria que fosse um pouco mais explícito com os detalhes.

Andrew franziu o cenho e as rugas sulcaram sua frente.

—Nada extraordinário. Recordei a um moço que aos mais velhos se deve respeito.

—E quanta força usou para recordar-lhe.

—Não o golpeei.

—Fico feliz em saber. — disse ela secamente. - Não sei como seria em sua época, mas esta é uma sociedade litigante. Espirre em um mau momento e te encontrará com uma intimação entre as mãos.

—A moça ameaçou empreendendo ações legais.

—Neste mundo, a força física se utiliza menos... em certos aspectos - disse ela tratando de esquecer a violência exacerbada que formava parte da vida cotidiana em grande parte do país. - Arrumamos nossos desacordos com palavras, não com golpes.

—Pode dar o mesmo sermão ao velhaco que ameaçou à mulher - disse ele, dando meia volta e pondo-se a andar.

—McVie!

Shannon tentou alcançá-lo, mas ele se manteve alguns passos adiante. A propósito, sem dúvida alguma.

—Aonde vai?

Andrew seguiu andando.

—McVie! —gritou ela. - Espere.

«Tornaste-te louca, Shannon? Não corra atrás dele. É sua vida... Andrew só pode complicar-la. “Deixe que vá».

Mas estava sozinho em um mundo completamente desconhecido. Ninguém abandonava tudo o que conhecia e viajava a um mundo distante se estava de acordo com sua vida. Andrew não se dava conta, mas era como um menino perdido no bosque. Um passo em falso e seria tragado pela voragem do século XX, e ninguém se lembraria de que tinha existido.

Shannon não podia permitir que isso acontecesse. Andrew se dirigia à saída que dava ao *First Agrada*. Pôs-se a correr e o agarrou a poucos metros das portas.

Andrew se livrou dela e continuou caminhando.

—Andrew! —exclamou Shannon plantando-se ante ele, desafiando-o a passar por cima dela—. Por favor.

—Não tenho desejos de discutir com você — disse ele detendo-se.

Shannon, que se orgulhava de não chorar nunca, sentiu que umas lágrimas ardentes de frustração alagavam seus olhos, deixando-a confusa e envergonhada.

—O que aconteceu? Por que está tão zangado?

Shannon o olhava com os olhos verde-mar transbordantes de emoção e ele se perguntou como era possível que aquelas emoções ficaram tão fortes em tão pouco tempo.

—Andrew? —insistiu ela pondo a mão em seu braço—. Fale-Me.

—Não sei o que dizer - disse ele, debatendo-se para controlar a batalha entre forças opostas que se travava em seu peito. - Aqui sou um estrangeiro.

Um sorriso leve animou o rosto do Shannon.

—Acaba de se dar conta?

—Sim.

Aquele momento de violência no quarto móvel, tinha-lhe forçado a tomar consciência mais que nada do que lhe tinha ocorrido até aquele momento. Shannon se passou um dedo sob o olho com um gesto rápido. Perguntou-se se chorava por ele ou por ela mesma.

—Não o será por muito tempo.

—Acredito que há diferenças na linguagem e nas maneiras, mas não é só isso. Há muito mais.

—Pobre Andrew - sussurrou ela olhando-o aos olhos. - Está se perguntando se não cometeu um engano ao se lançar a nosso mundo feliz, verdade?

—Não, senhora... Não, Shannon - disse ele, relegando definitivamente às sombras o século XVIII. - Não foi nenhum engano. Aqui é onde desejo estar.

Revisão: Dominique Bozzi

Shannon sorriu, mas permaneceu em silêncio. E naquele silêncio, Andrew viu algo muito parecido à tristeza.

Capítulo 8

Vestido com suas roupas do século XVIII, Andrew tinha sido um homem misterioso. Vestindo à moda do XX, estava devastador.

Embora nunca fosse um homem bonito segundo os critérios clássicos, sua cara de rasgos severos e seu corpo de compleição forte chamavam a atenção. Shannon sofreu uma sacudida de puros ciúmes quando se deu conta de que a atendente da boutique derrubava todos seus encantos para Andrew, que já levava umas calças marrons, uma camisa de seda cor nata e uns mocassins italianos. Tinha expressado sérias dúvidas sobre os mocassins, convencido de que lhe sairiam ao dar o primeiro passo.

A atendente arqueou as sobrancelhas quando Shannon tirou o cartão de ouro do *American Express* para cobrir as compras e seu orgulho só ficou escurecido pelo olhar incômodo que descobriu nos olhos de Andrew.

—Já verá como acostuma a usá-los - disse ela quando saíram da loja carregados com as compras. - Prometo-te que os sapatos não lhe sairão. Ao fim e ao cabo, os índios não tinham problemas para andar com seus mocassins, não?

—Não se trata do calçado - disse ele em tom áspero—. Cada hora que passa minha dívida contigo aumenta.

—Acredite, tenho mais dinheiro de que poderei gastar em minha vida - disse ela lhe tirando importância com um gesto da mão. - Não pense mais nisso.

Certamente, ao seu ex-marido não importava nem um pouco gastar o dinheiro a rodo.

—Não se trata disso - disse ele, pouco disposto ao parecer a dar por resolvida aquela discussão. - Sempre me vali por mim mesmo neste mundo.

—Mas este não é seu mundo - disse ela amavelmente enquanto se dirigiam ao restaurante. - É o meu e, até que não aprenda a jogar com suas regras, necessitará que alguém ajude.

—Eu pagarei a comida — sentenciou ele depois de que Shannon pediu hambúrgueres, batatas fritas e refrigerantes para os dois.

—Com o que?

Andrew agarrou a bolsa que continha suas antigas roupas. Tirou um relógio de bolso antigo e o atirou sobre a mesa.

—Com isto.

Shannon o sustentou na palma da mão.

—É de ouro, verdade?

Andrew assentiu. Ela se fixou em que um músculo de sua mandíbula palpitava. Shannon lhe deu a volta ao relógio e estreitou os olhos para ler a inscrição que havia na caixa.

—De Elspeth — disse, olhando-o com curiosidade.

—Minha esposa. Duas palavras singelas, mas a tristeza que aparecia em seus olhos era justamente o contrário.

—Em lembrança do nascimento de nosso filho.

—De ouro? — repetiu ela em uma nota mais aguda.

—Houve um tempo em que não tinha que mendigar dinheiro, Shannon.

— meu Deus!

Shannon lhe devolveu o relógio pensando que nenhum homem deveria sacrificar seu passado para obter um futuro.

—É assim como tenho feito que se sinta?

A expressão do Andrew se suavizou.

—É esta situação a que me faz sentir assim. Não pretendo ser uma carga para outros. Acreditei que...

—Você não é uma carga. Você é...

Shannon se calou. Que diabo tinha estado a ponto de dizer? «Você é meu destino». Patético. Verdadeiramente patético.

—Irei esta noite.

—Não! — a palavra estalou com a carga de comprimentos anos de solidão. - Não pode ir.

—Devo fazê-lo.

Shannon estava furiosa. Sabia que não estava sendo justa, mas a emoção se apoderou dela.

—Se acredita que tem uma dívida que saldar, salda-a. Foi você quem reparou as portas esta manhã, não é certo?

—Foi fácil. Surpreende-me que não tenha cuidado de as arrumarem há tempos. Não é uma mulher pobre, você mesma o reconheceste.

—Prefiro fazer outras coisas com meu dinheiro - disse ela pensando que aquelas outras coisas sim eram importantes. - Mas as janelas também necessitam uma reparação e uma boa mão de pintura. À parte, faz falta pôr um chão novo no barraco. Poderia saldar sua dívida e...

—De acordo. Ficarei até que tenha acabado.

A garçonete lhes serviu os hambúrgueres olhando descaradamente ao Andrew. Shannon logo que pôde conter o impulso de lhe atirar um chute na tibia.

—Há fogo em seus olhos - disse Andrew.

—Imaginações tuas.

—Não, Shannon. Posso vê-lo claramente.

Shannon jogou as costas para trás.

—Acredito que gosta da garçonete.

Andrew seguiu a direção de seu olhar.

—Foi muito atenta - disse ele com um sorriso malicioso—. Em meus tempos, uma empregada de cantina como ela viveria como uma rainha.

—Não faça ilusões. A perseguição sexual não é bem vista em nossos dias.

Estava assombrada dos ciúmes que sentia. Nunca havia acontecido com Bryant.

—Os homens e as mulheres ditam suas próprias regras de batalha e essas regras nunca são iguais.

Shannon sentiu outra vez aquele ardor no sangue, um desejo profundo para ele que desafiava seu entendimento. Bebeu um sorvo de refresco e se inclinou sobre a mesa.

—Suponho que este é tão bom momento como outro qualquer para ditar nossas próprias regras de batalha, como você diz. Refiro-me a que, já que vamos viver sob o mesmo teto, deveríamos...

—Não tem nada que temer de mim. Nunca tomei pela força o que tem que ser entregue livremente e em confiança.

Shannon se olhou as mãos e respirou profundamente. —Oxalá meu ex-marido tivesse pensado igual a você.

Andrew ficou enjoado ao ouvir aquelas palavras. Do primeiro momento tinha intuído que havia nela uma funda dor, uma atitude receosa que contrastava com a generosidade que lhe tinha demonstrado desde o começo. Ela era uma mulher forte e valente, certo, mas aquelas virtudes tinha conquistado batalhando.

—Era duro contigo?

—Que se era duro? — repetiu ela deixando escapar uma gargalhada amarga e levando uma mão à bochecha. - Rompeu a mandíbula à noite de núpcias. Disse que eu tinha passado muito tempo dançando com meu cunhado. Pode acreditar? —perguntou e riu outra vez. - Com meu cunhado.

Andrew sentiu que a bÍlis lhe subia à garganta. Bebeu um gole daquele refresco escuro e doce para aplacar-se.

—Não lhe ficaram cicatrizes.

—Ah! As maravilhas da cirurgia moderna. Mil e uma maneiras de conseguir que os segredos familiares continuem sendo secretos.

—Acaso há mais?

—Mais do que precisa saber.

—Queria ouvi-lo.

Shannon o olhou desafiante.

—Ninguém quer sabê-lo, Andrew. Nem minha mãe, nem meu pai, nem nenhum de meus irmãos e minhas irmãs.

—Eu sim. Escuto-te.

—Não há muito que contar - disse ela sem emoção na voz. - Eu queria um marido. Ele queria outra propriedade para colocar em uma vitrine.

Shannon afastou o cabelo da testa com um gesto de impaciência. Andrew se fixou nos diamantes e os rubis que brilhavam em sua mão elegante.

—Tentei abandoná-lo na mesma noite de bodas, mas ele me disse que o sentia... jurou que nunca voltaria a fazê-lo... que tinha bebido muito. E eu o amava - outra vez aquele gesto de impaciência. - Quis acreditá-lo.

—E sua família? —perguntou Andrew consciente da fúria com que pulsava seu coração. - Por que não intercederam em seu favor?

—Porque Bryant tinha linhagem, porque era muito capitalista — disse ela apartando o olhar. - Porque eles acreditavam que era o melhor e nunca lhe tinha acontecido à família e que meu pequeno problema era um preço ridículo a pagar pelo que ele podia fazer por todos nós. Nós tínhamos dinheiro, mas ele tinha relações.

—Malditos bastardos! —exclamou Andrew descarregando o punho sobre a mesa.

—Sim. Malditos bastardos os descreve bastante bem - disse ela sorrindo.

—Alguma vez tratou de escapar?

—Uma vez cheguei até o guichê de passagens do aeroporto. Estava a ponto de conseguir a liberdade, quando Bryant apareceu feito uma fúria e me tirou rastros dali.

Andrew não se atreveu a perguntar como lhe tinha feito pagar seu intento de fuga, mas Shannon o contou e ele soube que levaria consigo aquelas palavras até o instante em que exalasse seu último fôlego.

—Pegou-me no assento traseiro da limusine - disse com uma expressão longínqua em seus olhos verdes—. Golpeou-me uma e outra vez... Mas tomou cuidado de não me

deixar sinais na cara... Deu-me murros nos ombros, nos peitos, no ventre... O condutor não deixava de olhar pelo espelho retrovisor, mas não moveu um dedo. Limitou-se a seguir olhando.

Andrew observou seu ombro.

—Sim - disse ela com firmeza. - A ferida de faca que viu também devo ao Bryant.

Uma névoa vermelha e raivosa ameaçou devorando ao Andrew enquanto imaginava que lhe proporcionava uma morte horrível ao homem que a tinha maltratado sem comiseração.

—Mas está divorciada - disse quando pôde voltar a falar—. Como conseguiu se libertar?

—A última vez que tratei de abandoná-lo, Bryant contratou um valentão, um homem ao que lhe paga para que ataque a outras pessoas, e a polícia tomou cartas no assunto.

Sua voz recuperava a confiança conforme falava, como se ao contá-la em voz alta, a história perdesse poder sobre sua alma.

—O suposto valentão era um policial infiltrado e me ofereceram um trato. Eles me ajudavam a fingir que morria e logo pegavam Bryant em uma armadilha. Era arriscado, mas funcionou. Descobri que a polícia estava mais interessada em prender o Bryant por um assunto de tráfico de drogas com apóio nas Bahamas que em me ajudar com meu problema. Precisavam tirá-lo de circulação para romper a cadeia e meter no cárcere a toda a organização. Ao fim, Bryant fez um trato de falar com troca de uma condenação de cinco anos. Saiu em liberdade sob fiança no começo deste mês.

—Está livre? Eu lhe teria proporcionado uma tumba fria e solitária.

—Já não importa. Agora estou segura.

—Como pode estar tão segura de que nem ele nem algum de seus capangas podem te ameaçar?

—Converti-me em outra mulher - disse ela depois de duvidar um pouco.

—Não te compreendo.

—Fiz o mesmo que você, Andrew. Minha antiga vida não servia e a refiz por completo.

—Deixou sua casa?

—Deixei tudo. Minha casa, minha família, meus amigos. Inclusive deixei minha velha identidade.

—Não se chama Shannon Whitney?

—Sim - disse ela completamente segura de si mesmo. - Sou mais Shannon Whitney que a outra mulher que fui. Katharine Morgan já não existe e nem sequer acredito que tenha existido alguma vez.

Andrew desejou encontrar ao mal nascido que a tinha torturado para lhe arrancar os pulmões com as mãos nuas. Todo seu corpo se fazia eco da dor do Shannon. Imaginá-la humilhada pela mão de um bastardo era suficiente para lhe fazer perder a razão e sentir que uma irrefreável sede de sangue lhe consumia.

—Ouvi o que me contaste. E, entretanto, apesar de tudo, abriu-me as portas de sua casa. Não posso conceber que ainda seja capaz de confiar em um desconhecido.

Shannon procurou seu olhar.

—Eu tampouco o entendo, mas senti que estávamos conectados de algum jeito.

—Sim. Não é algo que eu procure ou necessite e, não obstante, não posso te deixar.

Shannon tinha as mãos unidas sobre a mesa. As de Andrew descansava a uns poucos centímetros.

—Não tem que ir - murmurou ela. - Não, até que esteja preparado.

Andrew lhe pôs as mãos em cima das suas e por um instante voltou a sentir-se inteiro e esperançoso, igual a quando o mundo lhe tinha parecido jovem e toda sua vida se estendia ante ele, nova e prometedora.

Ninguém no restaurante achou estranho que ela pagasse a comida. Andrew se sentiu muito incômodo quando Shannon procurou na bolsa e tirou o mesmo retângulo dourado que tinha servido para pagar a roupa. A garçonete agarrou o retângulo e a conta e desapareceu em uma sala.

—Suponho que esse retângulo será alguma classe de dinheiro - disse ele. - Mas lhe devolvem isso sem mudanças cada vez que o entrega.

Shannon sorriu e Andrew se deu conta de que se alegrava ao ver que uma chispada de humor iluminava seus olhos tristes.

—É uma espécie de dinheiro, mas não como você conhece.

Shannon começou a lhe explicar o sistema de crédito que parecia requerer uns níveis inimagináveis de confiança entre desconhecidos.

—E todo isso se obtém por meio do correio?

—Parece incrível, verdade?

—Em minha época não podia confiar em correio. Uma carta podia demorar sete dias em chegar desde a Filadélfia a Nova Iorque.

—E segue demorando sete dias - disse ela com olhos faiscantes. - Há coisas que nunca mudam.

Não havia razão para que o bom humor de Shannon afetasse ao Andrew. Ela não era sua esposa nem seu amante. Conheciam-se tão pouco tempo que nem sequer podia chamá-la amiga. Entretanto, contemplar seu rosto resplandecente de alegria inflamava um fogo inextinguível no mais fundo de sua alma. Perguntou-se o que faltava para que ela fora feliz todos os dias de sua vida.

«Mais do que você poderá lhe dar nunca», disse-se a si mesmo enquanto foram procurar o carro. Ela pertencia a um mundo de comodidades e bem-estar, um mundo que ele queria considerar como próprio algum dia. Mas até o momento em que pudesse caminhar por esse mundo como igual em privilégios, ela não podia ser outra coisa que um sonho.

Andrew começou a tossir enquanto andavam.

—É muito desagradável - disse esfregando-os olhos chorosos. - Nunca tinha visto um ar semelhante.

—É a poluição. Nunca me tinha dado conta de que houvesse tanta aqui. Entretanto, quando vou a Manhattan não posso respirar sem tossir.

—Qual é origem desta poluição?

—A Revolução Industrial.

—Não ouvi falar dessa rebelião.

Shannon se pôs a rir, mas Andrew não se sentiu ofendido.

—Não se trata de uma rebelião, Andrew. Mais que nada é um resultado. Quando chegarmos a casa, sentar-te-ei frente ao computador e deixarei que explore um pouco.

—Emilie me falou uma vez desse artefato. É um objeto que pensa como um homem, mas que carece de sua emoção e de seu intelecto.

Revisão: Dominique Bozzi

—Deixa-me boquiaberta - disse ela verdadeiramente impressionada. - Que mais contou Emilie?

—Que havia pássaros de metal que transportavam passageiros através dos ares, caixas falantes e quadros que se moviam e tinham som e música.

—Sim que se espalhou a gosto, não? —murmurou ela. Por um momento, pareceu-lhe que voltava a repetir o ataque de ciúmes, mas decidiu que era absurdo. Abriu as portas do carro. Andrew estava a ponto de entrar quando ela o deteve.

—Olhe! Ali vai um desses pássaros metálicos dos que falaram seus amigos - disse ela assinalando para cima.

Andrew jogou para trás a cabeça e olhou, entrecerrando as pálpebras para evitar o sol. Só via o céu azul, salpicado aqui e lá com umas nuvens com penugens.

—Não ouve o barulho? — perguntou Shannon. É o avião. Aparecerá entre as nuvens em qualquer momento.

Andrew olhou e esperou com o coração em vela e quando estava a ponto de render-se, teve sua recompensa. Um objeto prateado, de formas alargadas e elegantes, atravessava majestosamente o céu. Parecia algo alheio ao mundo dos humanos, como se tivesse surto exclusivamente de uma imaginação desbocada e não necessitasse ajuda para manter-se flutuando.

—Certamente se dirige a Nova York - disse Shannon olhando-o. - É um 747.

—O que é isso?

—Um avião grande que se fez muito popular a finais dos sessenta. Tem capacidade para trezentas pessoas.

—Não pode ser.

—Deveria te levar a aeroporto. Centenas de aviões decolam e aterrisam todos os dias.

—Deve ser uma aventura reservada unicamente às pessoas acomodadas.

—Absolutamente — disse Shannon. - Aposto que a maioria das pessoas deste país voaram em avião alguma vez. Aquilo ficava além de sua capacidade de compreensão. Quando o avião desapareceu entre as nuvens, Andrew subiu ao carro muito consciente do pouco que sabia sobre aquele mundo.

Fazia um calor de rachar no interior do veículo. Andrew fez uma careta ao queimar os dedos com as fivelas do cinto. Perguntou-se como podia servir para lhe salvar a vida em caso de catástrofe, mas decidiu apostar pelo futuro e ter confiança. Shannon introduziu uma chave sob o volante e o carro ganhou vida.

—Está um dia maravilhoso - disse ela. — Podemos ir para casa se quiser, mas me ocorreu que possivelmente queira ver outros lugares.

Shannon ocultou seus olhos atrás de uns óculos escuros. Andrew resistiu o impulso de tirá-los.

—Possivelmente queira ir ver o aeroporto ou Filadélfia.

Andrew considerou sua sugestão.

—Acredito recordar que disse que Princeton não estava longe.

—A umas dez milhas.

—Eu gostaria de ir vê-lo.

Tinham ocorrido muitas coisas nos arredores de Princeton. Quase podia ver a granja dos Blakelee, o lugar no *Millton* onde Emilie, Zane e ele tinham aparecido uma noite. Grande parte de sua vida estava vinculada a uma pequena parte de terra em Nova Jersey.

Revisão: Dominique Bozzi

—Ensinar-te-ei a *Nassau Hall*, o *Morven* e a *Bainbridge House*...

—Eu gostaria de ver Princeton, mas hoje não.

Shannon levantou os óculos e as encaixou no alto da cabeça.

—por que não?

—Tenho que arrumar as janelas e algumas costure mais. Se quiser saldar minha dívida, será melhor que comece quanto antes.

Andrew precisava lembrar a si mesmo que tinha ido ao futuro para procurar um propósito a sua vida e não para apaixonar-se.

Dakota sorriu a uma menina com meias três - quartos a raias verdes e brancas e uma camiseta decorada com um dinossauro e lhe deu um prospecto.

—Encontrará tudo o que quer sobre o Diabo de Nova Jersey em nossa seção de folclore nesta ala. Nosso mapa ajudará a encontrá-la.

A menina desapareceu com sua mãe, uma mulher que evidentemente se sentia presa ao verão de seus filhos. Aconteciam todos os anos com precisão matemática. Só os mais dedicados investigadores visitavam a sociedade histórica desde junho aos quinze de agosto. E então, bingo! Progenitor atrás progenitor pastoreavam seus rebentos pelos salões vazios da sociedade na intenção de divertir as crianças que sofriam overdose de divertimento nas férias de verão.

Dakota pensava que não eram necessários os poderes extras sensoriais para reconhecer uma causa perdida quando se colocava diante dos narizes. Ou você gostava da história ou você não gostava. Para alguma gente, a importância e o amor do passado estavam tão mortos como os jornais do dia anterior. Não ouviam a música, nem sentiam a paixão, nem compreendiam a natureza fluída do próprio tempo.

Dakota sim. Para ela, o passado, sobre tudo a guerra da independência, vivia lado a lado com o presente, convertendo seus dias em uma rica mistura do que era e o que tinha sido.

O que explicava por que se passou quase toda à tarde com os cotovelos fincados em documentos que datavam do verão de 1776.

Não de 1775.

Não de 1777.

Desde mil setecentos e setenta e seis.

E não estava documentando-se a respeito da Declaração de Independência nem sobre qualquer das coisas que a maioria da gente associava com aquele período histórico. Estava procurando qualquer dado que pudesse encontrar sobre Andrew McVie.

—Está perdendo as faculdades mentais - resmungou enquanto agarrava outro enorme volume dos arquivos da cidade.

«Conhece um homem perfeitamente normal, se não considerar sua maneira de falar, e de repente está convencida de que é um viajante do tempo».

Dakota acreditava na energia dos cristais, no poder das runas e em que sendo Gêmeos podia trocar de opinião tantas vezes quantas tivesse vontade. Via auras, lia mentes. E de vez em quando tinha a incômoda sensação de que pelo mero feito de ter nascido na segunda metade do século, isso não significava necessariamente que essa era sua época. Mas uma viagem no tempo de verdade, autêntica? Estava começando a cansar. Quando uma começava a jogar com as leis da física, a parte lógica do cérebro fazia com que voltasse para a realidade.

Era uma filha muito digna de seus pais. Seu pai, professor de física, tinha sido condenado a ter um cérebro capaz de penetrar na lógica inerente a tudo, das matemáticas à dinâmica de fluidos. Pelo contrário, sua mãe era uma devota da teoria do caos existencial: cedo ou tarde algo incrível ia passar e ela pretendia estar preparada para desfrutar disso, fosse o que fosse.

Seus quatro filhos eram uma estranha mescla de muito altos coeficientes de inteligência e a suficiente percepção extra sensorial para pôr o mundo de pernas para o ar. Frederick Wylie tinha estado lhes dizendo que planejassem seu futuro desde que tinham idade suficiente para compreender as palavras "conta de economias" e "carreira". Ginny Wylie se limitou a sorrir e a lhes contar histórias sobre a Atlântida e espaçonaves que viajavam a Marte.

—A vida é breve - falava sua mãe. - Quando a aventura chamar vocês abram a porta.

Então, por que ela estava procurando o nome do McVie em todos os livros amarelados e mofados que tinha podido encontrar?

—Porque perdi a cabeça, por isso - disse em voz alta.

—Senhorita Wylie! —disse o doutor Forsythe, o diretor do museu, fulminando-a com o olhar do outro extremo da sala—. Sst!

«Sst? Tenho vinte e seis anos e me está mandando calar?»

Ninguém tinha mandado ficar calada escola primária. Não era estranho que Forsythe tivesse uma aura tão cinza e repelente. Aquele tipo tinha uma alma de burocrata. As auras eram algo muito curioso. A maioria das pessoas não acreditava que existissem, mas existiam. E eram tão individuais e precisas como os rastros digitais. Dakota só tinha que ver a aura uma só vez para...

«Exatamente!», pensou enquanto lhe acelerava o pulso. «A aura!» Ou a ausência dela. Isso era o que lhe tinha estado incomodando desde que tinha visto o McVie arrastando aquele balão vermelho sobre a grama de Shannon.

Fechou os olhos com força para reconstruir seu encontro matinal. Invocou em sua mente o rosto do McVie e se concentrou em seus traços um por um. Nada de nada. Não havia aura. Nem sequer o mais mínimo resplendor. Tinha esperado encontrar um tênue brilho dourado, um toque de azul claro, uns ligeiros traçados de vermelho, mas não havia nada.

Seu pulso seguiu acelerando-se. E isso não era tudo. Aquele homem tinha um campo de força incrível a seu redor. Quando havia lhe dado a mão, Dakota teve a sensação de estar conectada a um cabo de alta tensão e de que toda aquela eletricidade lhe transpassava o corpo.

A gente pensava que uma energia assim era sexual, mas não. Ao menos com ela. Era algo diferente, algo difícil de definir, como se toda a cadeia da História tivesse seguido McVie até este tempo e lugar.

—Senhorita Wylie! Dakota se sobressaltou para ouvir a voz nasal do doutor Forsythe junto a seu ouvido esquerdo.

—Por Deus! — exclamou ela levando a mão à garganta. - É necessário que me dê estes sustos?

—Tenho-lhe feito a mesma pergunta três vezes, senhorita Wylie. Encontrou o diretório principal de baixas ao mando do general Mercer durante a Batalha de Princeton?

—Não, digo sim. Quero dizer que estou procurando agora mesmo.

Um sobrelance cinza e espessas se uniram para formar um cenho de desaprovação.

—Não lhe pagamos para que sonhe acordada, juvenzinha.

Dakota também franziu o cenho. «Se nem sequer me pagam o suficiente para comer». Se não fossem as feiras ambulantes em que trabalhava durante os fins de semana

e em festas privadas as segundas-feiras de noite, estaria vivendo no barraco de Shannon junto com o Homem Balão.

Revolveu entre as montanhas de papéis que lotavam sua mesa e deu com a informação que procurava Forsythe. Ter capacidades extra-sensórias resultava muito útil quando vive sumido na desordem, o caos e em um profundo amor pelo inesperado. Dakota se meteu os papéis sob o braço e pôs-se a andar para o escritório do diretor.

—Aqui tem. — disse largando em cima do caderno de anotação imaculado de sua mesa. - Vou para casa.

—Só são quatro e quarenta e seis.

—Dói-me a cabeça. — disse ela sem mentir - Quero ir para casa e repousar.

O que verdadeiramente precisava era dez minutos a sós com o Andrew McVie, sem que Shannon estivesse perto como uma poedeira protetora. Só dez minutos.

—Acreditei que a rádio lhe surpreenderia mais - disse Shannon.

Estava ligeiramente desiludida. As últimas notas do Surfin' USA dos Beach Boys se apagaram.

—Emilie me falou disto.

Shannon fez uma careta.

—E suponho que te ensinaria a letra do Doo Wah Diddy em seu tempo livre, não?

—Em realidade, sim. Isso era parte do plano para salvar a vida do general Washington.

Shannon o olhou. Andrew não sorria.

—Fica comigo?

—Não me parece prudente baixar-se em marcha desta carruagem.

—Refiro-me a que se tomar por uma ingênua.

—Digo a verdade.

Andrew começou a cantar o velho tema de rock dos anos sessenta e Shannon pisou nos freios. A seu redor, a auto-estrada se encheu de buzinas e dos insultos dos condutores.

—Valha-me Deus! —rugiu ele—. Quer que nos matemos?

Envergonhada, Shannon ligou a luz de alerta e passou ao sulco lento.

—Avisar a próxima vez que pensar em fazer algo pouco parecido — ofegou ela perguntando-se se seu coração poderia recuperar-se algum dia—. Guarda mais surpresas como essa na manga?

Andrew se lançou cantar uma animada versão de Gigue Bells que não demorou a fazê-la rir a gargalhadas.

—É um homem de muito talento, McVie.

—Sim - disse ele com aquele sorriso a que Shannon começava a acostumar-se. - Mas tanto talento não serve de nada para a causa. Sua Excelência tinha partido quando eu cheguei ao Long Island.

—Sua Excelência?

—O general Washington.

—Chamavam-lhe Sua Excelência? Por Deus! E eu que acreditava que a idéia da revolução era livrar-se dos títulos nobiliários e tudo o que significavam.

—Não posso dizer nada para lhe explicar isso que o justifique.

Saíram da auto-estrada e se detiveram em um semáforo em vermelho.

—Não posso acreditar que esteja mantendo esta conversa, mas, me diga o que passou quando chegou ao Long Island e soube que Washington já havia partido?

—Fui ao botequim "Grampeie & Ale" e me bebi três canecas de cerveja.

—De verdade? —disse ela rindo.

—De verdade.

«Há coisas que nunca mudarão...»

—Bom o que acontecia a Washington? De verdade tentavam matá-lo?

—Tem poucos conhecimentos de história - observou ele.

—Confesso. Nunca foi minha disciplina favorita.

Embora agora começasse a adquirir dimensões que Shannon nunca se atreveu a sonhar.

—A gente do Crosse Harbor acreditou que eu fosse um herói por ter salvado a vida de Sua Excelência, mas a façanha foi do Zane.

—Bom, e o que? —disse ela estalando os dedos. - A quem lhe importa o que diz um chato e velho livro de história? De qualquer maneira, ninguém se preocupa com eles.

—Não se preocupa o lugar que ocupa na história?

Shannon esteve rindo até que dobrou pela rua que levava a sua casa.

—Meu lugar na história? Nem sequer serei uma nota a pé de página, Andrew. Este mundo é um lugar muito maior que o que deixaste atrás. A maioria de nós vivemos e morremos sem que o mundo saiba que estivemos aqui.

Uma dura observação, possivelmente. Mas era melhor que Andrew soubesse com o que ia enfrentar.

Por algum motivo, Andrew pareceu surpreender-se de que o balão e a casquinha estivessem sobre a grama.

—Acreditava que ia voltar a inflar-se sozinho e sair voando? — perguntou ela, olhando-o com curiosidade. Está onde você o deixou esta manhã.

—Não se comportou assim com Emilie e Zane — disse ele, começando a pegar o balão para obter um vulto manejável. - Desapareceu quando se estrelaram contra a água.

—É óbvio que não desapareceu para sempre ou você não estaria aqui.

—Mas algo mudou. - disse ele, olhando de perto o tecido escarlate. - Parece mais pálido, mais estragado.

—Como quer que esteja depois de ter viajado duzentos anos de uma só vez?

—É algo mais que isso - disse Andrew obviamente inquieto—. Não nos ausentamos muito tempo e a mudança é evidente.

Shannon lhe jogou uma olhada e acabou encolhendo-se de ombros.

—Eu não vejo nenhuma diferença.

—Sim, tem a diferença ante seus olhos, Shannon. Mas o significado está além de meu entendimento.

Sem o balão, Andrew estava preso no presente para sempre. O júbilo fez que Shannon se sentisse culpado.

—Nada tem muito sentido em toda esta história. Por que teria que isto ser diferente?

—Porque o é - disse uma terceira voz.

Os dois se deram a volta e viram o Dakota apoiada no tronco do salgueiro chorão.

—Não lhe ensinaram a bater na porta? — perguntou Shannon exasperada.

Dakota deu três golpes no tronco de árvore.

—Bem, pessoal. Vão ser sinceros comigo ou tenho que me pôr de joelhos e lhes suplicar?

Shannon sentiu que as mãos lhe formigavam, ansiosas por fechar-se em torno do pescoço de sua amiga. Com toda calma, Andrew seguiu dobrando o balão em um pacote como se aproximasse o fim do mundo que conheciam. Dakota se aproximou dele e o olhou descaradamente.

—Dakota - disse Shannon em tom de advertência.

—Não tem aura - disse Dakota ao Andrew—. Demorei a perceber, mas era isso o que me incomodava quando nos conhecemos. Não se encontram pessoas sem aura todos os dias.

—Não sei o que possa ser uma aura, senhorita...

—Deve desculpar Andrew - disse Shannon sentindo-se como um rato por tentar despistar sua amiga. - Não é daqui.

—Eu já sabia. —disse Dakota. Olhou duramente para Shannon. - Se me disser que é francês, vou quebrar o seu pescoço.

—Não, é escocês - disse Shannon percebendo outra vez como era fácil mentir.

—Não acredito. — disse Dakota. - Muito bem, Andrew. Diz que não sabe nada de auras, o aceito. A metade da gente com quem trabalho tampouco sabe nada. Mas sua forma de falar, este velho balão...

—Percebe a diferença? — perguntou ele com uma ansiedade evidente. - Percebe que a cor está mais desbotada?

—Naturalmente que percebo da diferença — disse Dakota impaciente. - Como é possível deixar de vê-la? A cor era muito mais intensa esta manhã.

Parecia que Andrew queria agarrar Dakota entre seus braços e beijá-la.

—Não foram minhas impressões, Shannon - disse ele.

—Eu não disse que você tinha imaginado — disse Shannon olhando incômoda a sua amiga. - Fez muito sol hoje. Pode que tenha descolorido o tecido. Essas coisas acontecem.

Dakota a ignorou e centrou toda sua atenção em Andrew.

—Toma minha mão - lhe ordenou.

—Não! —exclamou Shannon. - Não faça isso.

Dakota estendeu sua mão. A multidão de cadeias e anéis de ouro e de prata cintilou ao sol.

—Por favor, Andrew - insistiu. - Preciso saber. Shannon se interpôs entre os dois.

—Há espaço de sobra na garagem para o balão e a casquinha. Deixa-o onde quiser.

Andrew pareceu aliviado de escapar ao intenso escrutínio ao que o submetia Dakota e se apressou a desaparecer.

—Que diabos está acontecendo? — falou Shannon logo que ele se afastou o suficiente como para que não pudesse ouvi-las. - Perdeu o pouco juízo que possuía?

Dakota não se acovardou diante da ira de Shannon.

—Está ocultando algo. Está falando comigo, sua melhor amiga, a modesta bibliotecária telepata da Nova Era. Não posso ajudar com a fundação ou com os ornamentos benéficos e agora que sim posso prestar alguma ajuda, quer me deixar de lado. Sei que ele não é desta época. Sei...

Dakota tomou fôlego entrecortadamente e todo seu corpo começou a oscilar.

«Outra vez?», pensou Shannon, «Como pode acontecer de novo? Se nem sequer o tocou!»

—Necessito um refrigerante de baixa caloria. - balbuciou Dakota.

Shannon não pôde evitar a risada.

—É para evitar o desmaio?

—Não me deprimi. Entrei em transe, que é diferente — protestou Dakota.

—Ninguém entra em transe - disse Shannon enquanto a ajudava a chegar à casa. - Não acredito que alguém tenha entrado em transe desde que deixaram de usar as saias com creolina depois da Guerra Civil.

—Bingo! —disse Dakota com um sorriso malicioso. - Embora seja uma guerra mais antiga a que eu tenho em mente. Bom, me diga, por que estou entrando em transe agora?

—Porque está como uma cabra.

—Ofende-me.

—Valeu. Porque é uma excêntrica.

—Sou uma visionária. Descendo de uma linhagem de visionários por parte de minha mãe e sei que os visionários sempre têm sido uns incompreendidos. Entretanto, me acredite quando digo que estou recebendo umas vibrações muito claras de outra época e de outro lugar.

Shannon a fez passar pela porta que levava à piscina.

—Andrew fez um bom trabalho - disse Dakota, jogando um olhar a seu redor.

As portas ficaram todo o verão quebradas. Shannon pensou que não era só isso que havia mudado desde que Andrew tinha chegado.

—Nasceu sob uma estrela generosa - disse Dakota. - Com minha sorte, se alguma vez chegasse a cair um encanador em minha varanda, dir-me-ia que não trabalhava os domingos.

Shannon abriu o frigorífico e tirou duas latas de refrigerante.

—Continua dando problemas a pia da cozinha?

Dakota elevou seus olhos ao céu.

—A pia da cozinha, o lavabo do banho. A banheira mesma. A calefação. Isso é o que acontece quando se vive em uma casa velha.

Abriam as latas. Shannon sentou à mesa da cozinha e olhou fixamente ao Dakota.

—Minha oferta segue em pé.

—Não posso permitir que pague as reparações de minha casa.

—Por que não? Nem sequer sei o que fazer com tanto dinheiro. Por que não posso gastar isso com minhas amigas?

—Com ele sim gastou, verdade?

Shannon levantou as sobrancelhas.

—Posso saber o que a faz pensar isso?

—Vamos não se faça surpresa. De verdade acreditava que não ia me contar? De repente, Andrew aparece tirado de uma página de revista.

Shannon sorriu candidamente.

—A camisa me pareceu particularmente atrativa.

—Ou seja, quem a pagou foi você.

—Por que diz isso?

«Não tente sua sorte, Shannon. “Sabe que Dakota sempre descobre».

—Como ele ia comprar roupa? — contra-atacou Dakota. - Não tem dinheiro.

—Tem sim.

—Bom, mas não é desta época.

—Certamente, você é mais teimosa que uma mula, Wylie.

Dakota deixou sua lata sobre a mesa e olhou ao Shannon nos olhos.

—Isto não vai durar.

Shannon teve a sensação de que uma mão monstruosa lhe esmagava o estômago.

—O que é o que não vai durar?

O gesto que fez Dakota abrangeu a casa e seus arredores. Tinha um olhar extraviado detrás dos cristais tintos de seus óculos fora de moda.

—Ele, você. Tudo isto. Vejo que ele não ficará muito tempo. Só é uma situação temporária.

—Está dizendo coisas insensatas.

Dakota se inclinou sobre a mesa e pôs a mão na frente de Shannon.

—Cedo ou tarde, Andrew deverá tomar uma decisão e, quando chegar esse momento, você terá que deixar que ele vá.

—Deixar que se vá? Não é um empregado submetido a contrato, Dakota. Poderia ir-se agora mesmo se quisesse.

—Mas você não quer que ele vá embora; verdade?

A mão que torturava seu estômago apertou com mais força.

—Não me importa o que faça ou deixe de fazer.

—Que nada! Apaixonou-se por ele.

Shannon ficou em pé de um salto atirando a lata de refresco.

—OH, maldição! Olhe o que fiz por sua culpa.

Dakota pôs um guardanapo sobre o líquido que se derramou na mesa.

—Não tem que se envergonhar de estar apaixonada.

—Recordo-te, Dakota, que esse homem é um desconhecido. Caiu junto a minha casa faz menos de vinte e quatro horas. Teria que estar louca para me apaixonar por alguém que não conheço.

—Pode que sim - disse Dakota com uma calma que deixou Shannon exasperada. - Mas a verdade é que se apaixonou pelo Andrew e ele não vai ficar. Você sabe. Eu sei. E ele também acabará sabendo.

Shannon sentiu que começava a perder suas energias. Ocultou as mãos tremulas nos bolsos da calça e olhou a sua amiga diretamente nos olhos.

—Mantenha-se fora disto, Dakota. Adoro você, mas desta vez peço que não coloque o nariz em minha vida.

—Se pudesse faria alguma coisa por você. - disse Dakota com um sorriso triste. - Mas não posso fazer o que me pede. Você goste ou não, estamos juntas nisto.

Capítulo 10

A garagem era um recinto grande com espaço suficiente para que coubessem três carros do mesmo tamanho que o que Shannon conduzia.

Andrew não demorou a encontrar um canto para o balão e a casquinha de vime em um rincão à esquerda do carro. Uma sensação de intranquilidade o invadiu enquanto empurrava o artefato contra a parede e o cobria com um grande trapo branco que encontrou em uma prateleira. Por que o balão não se desvaneceu igual tinha ocorrido com o Emilie e Zane? A amiga de Shannon parecia acreditar que havia um motivo para tudo aquilo e ele mesmo não podia deixar de perguntar-se se não teria razão.

Realmente, tinha sido um dia muito inquietante. O mundo maravilhoso de seus sonhos existia de verdade, mas possuía um coração escuro que escurecia a luz da paisagem. Viu-se rodeado de um esplendor em que todas as necessidades estavam saciadas, mas naquela magnificência havia descoberto o fio cortante de uma violência sem sentido e gratuita, muito mais perigosa e inesperada.

E, entretanto, ninguém parecia surpreender-se. Nem a anciã maquiada que havia sido vítima, nem Shannon, que tinha sofrido seus efeitos dentro dos vínculos sagrados do matrimônio.

O mundo do qual ele vinha precisava de muitos luxos, mas, ao menos, um homem sabia quem eram seus inimigos e onde podia buscá-los.

Havia um ar de derrota em todos e em tudo, uma curiosa ausência do compromisso que impulsionava a homens e a mulheres para o bem ou o mal do mundo. Davam por seguras às maravilhas de seu tempo, como se atravessar os ares ou possuir jóias que valiam o resgate de um rei fosse um direito e não o milagre que verdadeiramente era. Parecia que a interminável cadeia de guerras que aconteceram havia extinguido a chama da justiça para deixar só despojos amargos.

Shannon tinha advertido com palavras simples e certas que o homem corrente tinha poucas oportunidades de deixar seu rastro no mundo e absolutamente nenhuma de influenciar o curso da história. Como podiam ter ocorrido tamanhas catástrofes no breve intervalo de duzentos anos?

A viagem ao shopping ensinou que tinha chegado a hora de tomar o controle da situação e se adaptar a esse novo mundo logo que fosse possível. Sempre havia sido o dono de seu próprio destino e jamais tinha ido a ninguém para que o orientasse.

Deu-se conta de como era difícil para o Zane retroceder a um mundo que não reconhecia seu valor. Não só seu dinheiro não valia nada, mas também tampouco seus méritos. E essa era uma pílula muito amarga de tragar.

Durante o tempo que tinha passado em Harvard, Andrew havia aprendido que o conhecimento significava poder. Era um homem inteligente, escolheu viajar para o futuro por própria vontade. Agora seu principal objetivo consistia em aprender a viver neste mundo com a maior rapidez e eficácia possível ou resignar-se a ser uma sanguessuga mais no meio do povo para o resto de seus dias.

A princípio não havia compreendido que Shannon teimasse em que sua incrível história seguisse sendo um segredo entre os dois, mas no shopping tinha visto que seus temores estavam justificados. Havia um anseio desmedido naquele mundo; que ele não tinha visto ou sentido em nenhuma outra parte, uma necessidade insalubre; não sabia definir, mas que sentia como uma vibração persistente no mesmo ar que respirava. Perguntou-se que mais podiam desejar quando os milagres formavam parte da vida cotidiana.

Passou a tarde arrumando as janelas do recinto que Shannon chamava garagem. Brandia o martelo como se empunhasse uma arma. Com cada golpe pensava nos empregados desdenhosos que tinha conhecido no shopping, todos haviam se divertido com sua dependência de Shannon.

Pelo visto, inclusive no ano 1993, era um dever para o homem cuidar de que a mulher tivesse satisfeitas suas necessidades de roupa e manutenção. Havia se sentido inútil cada vez que ela usava aquele retângulo brilhante que utilizava para pagar a crédito.

Shannon havia dito que era um cartão ouro. Um nome muito apropriado para um objeto que se utilizava em lugar do nobre mineral. Desejou que outros objetos e artefatos tivessem nomes semelhantes. A habitação que subia e baixava se chamava elevador, um tipo de calça se denominava vaqueiro. Os sapatos já não levavam fivelas. O cabelo podia ser comprido ou curto, ou de qualquer longitude intermédia, mas não havia uma só peruca empoeirada em toda Nova Jersey.

Em geral, a gente tendia a levar o mínimo de roupa possível e Andrew duvidava de que alguma vez pudesse acostumar-se a ver os mamilos de uma mulher perfeitamente moldados contra o tecido de seu sutiã. E também havia carros, caminhões e os pássaros metálicos chamados aviões.

Era necessário que fizesse um esforço por acomodar-se a aquela nova situação. Não podia seguir dizendo "minha senhora". Quando não entendesse um comentário, devia deter-se e descobrir seu significado esmiuçando as palavras e recorrendo a tudo o que pudesse lhe oferecer uma pista. Tinha que encontrar a maneira de conseguir um lugar naquele mundo, embora fosse mais veloz, maior e mais perigoso que tudo o que ele tinha imaginado.

—Que tipo de comida é esta? —perguntou perplexo contemplando o triângulo de uma espécie de bolacha, talher com um molho vermelho e queijo branco fundido.

Shannon o comia com as mãos, um costume desconcertante, mas atrativa.

—Pizza. É italiana.

—Italiana? É normal comer pratos estrangeiros?

Shannon se limpou os lábios com um papel suave e quadrado.

—Tão normal como os cachorros quentes.

—Santo Deus! —exclamou ele olhando-a alarmado. - Até esses excessos chegamos?

Shannon não pôde reprimir as gargalhadas.

—Não refiro aos cães de quatro patas, Andrew. É...

Shannon se deteve e fez uma careta.

—A verdade é que sonha asqueroso, mas se trata de carne muito picada metida em um envoltório de tripa e fervida. Comemos com mostarda e couve azeda.

—Já, é repugnante o que me descreve.

Andrew tomou uma porção de pizza, lutando contra os fios de queijo fundido que se negavam a desprender-se.

—Entretanto, isto é muito saboroso. Vem nessa caixa?

—Repartem assim. Eu chamo por telefone e encomendo uma pizza, meia hora mais tarde me trazem aqui para casa.

Shannon agarrou um objeto apenas maior que um sapato de mulher e extraiu uma varinha de suas profundidades. O observou com a boca aberta como teclava no centro como se tocasse um piano. Sorrindo, Shannon o deu.

—Ponha o no ouvido. Não! Assim não — disse rindo. - Ao contrario. Andrew obedeceu e ouviu um timbre estranho. Depois, uma voz humana, nítida como o dia, falou junto a sua orelha.

—Boa tarde. As dezoito e trinta, a temperatura no aeroporto do Newark é de oitenta e cinco graus Fahrenheit...

Andrew deixou cair o artefato sobre a mesa.

—Há algo sobrenatural nessa coisa.

—É um telefone — disse Shannon, era evidente que sua reação o fazia graça. - Certamente é um dos inventos mais importantes do mundo.

—É um invento absurdo. Como vais julgar a valia de um homem se não poder olhá-lo aos olhos?

—Não acreditaria que é um invento inútil se tivesse que falar com alguém que se encontre na Inglaterra, verdade?

Andrew voltou a agarrar o telefone e lhe deu voltas entre as mãos.

—Como é possível falar com este objeto através do oceano?

—Sei que tem algo que ver com os cabos de fibra óptica, os satélites e coisas pelo estilo.

—Tudo para que possam trazer um prato exótico a sua casa.

—Bom, se quer ver o dessa maneira, sim.

—Há gente que vive disso?

—Que vive e muito bem - disse Shannon. - A comida rápida é um negócio que move milhões.

—Já não há ninguém que se sente a uma mesa normal para jantar em família?

—Este é o jantar mais comum em nossos dias, Andrew. Os membros da família sempre estão com pressa e apenas se vêem durante a semana. São poucos os que têm a oportunidade de sentar-se a comer todos ao mesmo tempo.

—Por que têm tanta pressa?

—Trabalham até tarde, vão à escola noturna, treinam futebol, à liga infantil de beisebol, vão às reuniões das Girl Scouts, etc. E quando não estão por aí fazendo coisas, sentam-se em casa para ver televisão.

—Os quadros que se movem em uma janela pequena?

Shannon assentiu.

—Se não tiver vontade de sair ver o mundo, a televisão leva o mundo em casa. Agora penso: se quer aprender coisas sobre esta sociedade a que veio, a televisão é o melhor para começar.

—Não tem livros?

—Aos milhares. Acabe a pizza e mostro a biblioteca.

«É como um menino em uma confeitaria» a pensou enquanto Andrew devorava os Anais da História Americana. Fazia horas que não se movia do lugar onde se sentou junto à janela. Tinha o corpo arqueado sobre o livro, como se estivesse o protegesse.

Seu coração transbordou de ternura. Para não falar do choque cultural. O pobre homem voava sobre as páginas, passando do minueto da Virginia ao rap sem pára-quadras.

Shannon reconhecia sua necessidade de aprender tudo o que pudesse, de absorver toda a informação possível para armar-se frente ao desconhecido. As advertências de Dakota seguiam ressoando em sua mente. «Temporal... É só temporário».

Shannon não se enganava. Sabia que chegaria o momento dele partir. Não tinha viajado através de duzentos anos de tempo e espaço só para conformar-se com uma cidade pequena na região central de Nova Jersey. «Ou com uma mulher desesperadamente sozinha».

De onde demônios tinha saído aquela idéia? Vivia sozinha, mas não se sentia desesperada e sua solidão era mais uma reclusão voluntária que uma condenação imposta. Tinha a Dakota e às pessoas que administrava seus abrigos, por não mencionar as mulheres e os meninos que passavam por eles no caminho para uma vida melhor e mais feliz. Só Deus sabia que tinha uma vida social que outra gente invejaria. Uma lista interminável de atos de sociedade e bailes e jantares beneficentes que consumiam todo o tempo que podia permitir-se. Sua fotografia era um tema recorrente nas colunas de sociedade dos jornais locais.

Não procurava uma relação com um homem. Não necessitava um homem para sentir-se realizada. «Está segura?», perguntou uma vizinha provocante. Não havia um pedaço de seu coração que ainda tinha saudades de um lar, uma família, alguém que compartilhasse seus dias e esquentasse suas noites? Preparou-se para não desejar o impossível e a enfurecia ser de novo vítima daqueles velhos desejos.

«Dakota tem razão», pensou enquanto lutava por livrar-se da melancolia que se apropriou dela. Não havia nada permanente naquela situação. Andrew iria logo que se familiarizasse com os costumes do século XX. Os homens como ele não se conformavam passando o dia na cadeira junto à piscina, bebendo margaridas e escutando as partidas de beisebol pelo rádio.

Andrew era um homem ativo, nascido em uma época dinâmica e cedo ou tarde procuraria o modo de deixar sua estampagem no mundo em que havia chegado.

E ela ficaria atrás, encerrada sozinha em sua fortaleza, a salvo de tudo o que pudesse lhe fazer dano, a salvo inclusive do amor.

Valley Forge. O terrível inverno do Morristown. Abraham Lincoln e os inconcebíveis horrores da Guerra Civil. Os sofrimentos da Reconstrução. A guerra contra Espanha. Enquanto lia, Andrew sentiu que lhe esmurravam todo o corpo, décadas de luta lhe deixavam machucado e ferido. Sim, havia triunfos no caminho, a expansão para o Oeste, a Revolução Industrial, mas tinha a impressão de que cada um desses triunfos ficava escurecido pelas disputas.

A Primeira guerra mundial e suas seqüelas de veteranos cujos nervos tinham ficado permanentemente danificados por um produto chamado gás mostarda. Fez-se um nó no estômago enquanto continuava lendo e chegava a Segunda Grande Guerra, em que milhões de seres tinham sido assassinados a sangue frio por sua nacionalidade, por sua religião ou pelos amigos que tinham. Por mais que tentasse, não conseguia imaginar um mundo inteiro envolto nas chamas da destruição.

Em 1950, a guerra tinha começado na Coréia, ao outro extremo do mundo. Logo no Vietnã, em Terra Santa, na Arábia, em... Jogou o livro contra a parede e se levantou do assento.

—O assombroso é que o mundo continue existindo - rugiu enquanto ficava a caminhar pela biblioteca vazia.

Shannon apareceu na porta.

—É muito para digerir o de uma só vez.

Tinha-lhe levado um refresco. Andrew o bebeu desejando que fora rum.

—Como é que a vida continua? — perguntou, embora soubesse que não havia resposta. - Há armas aniquiladoras por toda parte. Como pode alguém construir sua vida sabendo que a podem destroçar em um abrir e fechar de olhos?

—Com otimismo, com teimosia. Não era igual em sua época? A vida sempre esteve dominada pela incerteza. Tentamos desfrutá-la ao máximo enquanto podemos.

—Isto não é o que eu tinha imaginado - murmurou ele.

—Tampouco é tão mau - replicou ela com brutalidade—. Se procurava algo fácil, veio ao lugar errado, McVie.

—Sim, já me dei conta.

—O que esperava? —perguntou ela aproximando-se. - Que demônios pensava encontrar aqui que não houvesse em seu tempo?

—Um propósito.

A palavra surgiu por si só. Andrew ficou surpreso porque tinha pensado dizer comodidade e riqueza. A expressão do Shannon se suavizou e Andrew teve o pressentimento de que ela o entendia melhor que nenhuma outra pessoa do passado ou do presente.

—Espero que o encontre, Andrew McVie - disse ela com uma voz lhe acariciem—. A vida não vale nada sem um propósito.

—E você? Tem um propósito?

Shannon meditou um momento sua pergunta.

—Sim, mas propósito e felicidade não sempre estão juntos.

—A felicidade é um objetivo de néscios. Um homem deve ter um propósito na vida.

—Falou um homem que uma vez foi feliz.

—Não tem conhecimento disso, senhora Shannon.

—Outra vez? Acreditava que tinha decidido deixar esses formalismos.

—Por que pensa que me conhece tanto? — perguntou ele, ignorando seu comentário. - Acaso possui os dons de sua amiga Dakota?

—Não tenho poderes extra sensoriais, se refere a isso. Só que me lembro de sua cara quando me mostrou o relógio que Elspeth lhe deu de presente.

Andrew ficou com um nó na garganta e teve que fazer esforço para falar.

—Como marido, fui um fracasso decepcionante.

Shannon não disse nada. Apoiou-se a porta e o contemplou com seus grandes olhos verde mar.

—Mais tinha um propósito. Juntar montões de dinheiro. O todo-poderoso dinheiro! Todo o resto era secundário.

—Comprovará que isso não trocou. Muitos homens e mulheres seguem cometendo o mesmo engano todos os dias.

—É uma lástima sabê-lo. Não desejo a ninguém a pena que eu conheci quando enterrei a Elspeth e David.

«Agora estão em braços de Jesus», havia dito o bom reverendo Samuels enquanto Andrew permanecia em silêncio junto à sepultura, gelado até a medula sob os embates da tempestade de neve de dezembro que açoitava o cemitério. «Já não sofrerão mais». Tinha desejado que alguém tivesse podido dizer o mesmo a respeito dele.

Shannon se aproximou um pouco mais, tão perto, que Andrew pôde cheirar a fragrância doce de sua pele e sentir o calor de seu corpo junto ao dele.

—Estou segura de que eles sabiam que os amava.

—O amor nem sempre basta para que uma mulher afugente o frio das noites de inverno.

—Sua esposa era infiel?

—Não, embora lhe desse suficiente motivo para procurar consolo em outro homem. A lei era minha esposa, a proprietária de minha casa e meu filho, todo o resto não importava. Elspeth teve uma vida de solidão em uma cidade que não era a sua e o fez para dobrarem-se as minhas ambições.

—O que aconteceu com Elspeth e a David? Como...?

—Um incêndio. Eu voltava da Filadélfia. Morreram umas horas antes que eu chegasse onde ficava de meu lar — a voz lhe quebrou e baixou a vista ao chão. - Então abandonei a advocacia e abracei a causa da rebelião.

As palavras se derramavam de sua boca como gudes da mão de um menino. Falou-lhe da conjuração dos espiões, dos riscos que tinha deslocado, dos louvores das que tinha sido objeto por haver-se arriscado a vida.

—Não merecia esses louvores — disse ele desejando poder encontrar o esquecimento em uma garrafa de rum. - Um homem que arrisca sua vida quando sua vida é valiosa, merece que o elogiem. O homem que arrisca a vida quando a única procura é a morte, não merece outra coisa que desprezo.

Shannon lhe pôs a mão sobre o braço e Andrew acreditou por um instante que as feridas e o cansaço de seu coração sanavam.

«Delírios de sua imaginação», disse-se. «O que sente é um desejo premente de aliviar sua virilidade».

Shannon se ruborizou quando ele a olhou com avidez. Acaso tinha ouvido seus pensamentos mais íntimos? A idéia lhe alarmava e lhe agradava por igual. Sempre havia freado ferreamente suas emoções na crença que um homem não podia reconhecer que tinha debilidades.

Entretanto, tinha-o visto despojado de toda riqueza, poder e conhecimento, como um homem nu, reduzido a aprender a sobreviver em um mundo novo e estranho e, apesar de tudo, considerava-o um homem de valor.

—Não sou o que você crê Shannon - disse ele com voz afogada pela emoção.

—E tampouco o que você crê ser — sussurrou ela. - Não se torture mais, Andrew. Siga adiante com sua nova vida.

Andrew olhou a mão que descansava sobre seu braço. Vendo-o, Shannon sorriu ligeiramente e fez gesto de retirá-la, mas Andrew pôs a mão sobre a sua. Shannon o olhou nos olhos.

Andrew levantou a outra mão e deixou que aqueles cabelos negros se deslizassem entre seus dedos. Tão suave... tão sedoso... tão fragrante. Um homem podia embriagar-se com a doçura de sua fragrância.

«A Deusa Fortuna me fez uma honra ao me trazer para sua casa, senhora».

—Agrada-me que pense assim, Andrew.

Andrew se separou dela sobressaltado.

—Não hei dito nada para que me respondesse.

—Sim. Ouvi perfeitamente.

—Não pronunciei uma só palavra.

—Entretanto, ouvi sua voz. E não é a primeira vez que ocorre.

—O mundo é um lugar estranho - disse ele. - Há muitas coisas que não nos é dado entender.

O impulso de estreitá-la contra seu corpo se fazia mais difícil de ignorar agora.

—No primeiro instante, tive a sensação de que este era meu destino, de que todos os acontecimentos de minha vida me tinham conduzido até ti.

—OH, Deus! — sussurrou ela e apoiou a cabeça contra seu peito, - quando vi você sair do bosque, senti que minha vida acabava de começar.

Andrew lhe agarrou o rosto entre as mãos e a obrigou a olhá-lo. Shannon tinha os olhos muito abertos, os lábios separados em um suspiro. Soube que, se o Criador lhe tivesse chamado a sua presença naquele instante, teria morrido conhecendo a glória, porque não podia pensar em uma recompensa maior que beijar aqueles lábios.

Capítulo 11

«Isto não pode estar acontecendo», pensou Shannon enquanto fechava os olhos para beijá-lo. «Estas coisas não acontecem na vida real».

—Sim que passam - disse ele junto a seu rosto. - Nós somos a prova.

Andrew conhecia seus pensamentos antes que Shannon pudesse expressá-los e o mesmo ocorria a ela. Havia uma conexão inexplicável entre os dois e ela nada podia fazer para evitá-lo. Entretanto, não estava assustada. Aquela era uma rendição sensual, um abandono que prometia maravilhosas recompensas. Algo profundo, real e para sempre.

Andrew lhe roçou a boca com os lábios, levemente ao princípio, como se quisesse medi-la. Ela aspirou ao aroma de sua pele e se deixou levar pelas sensações de delícia que despertava em seu corpo. Sentia aqueles dedos ásperos sobre o rosto, mas a acariciavam com tanta ternura, com tanta suavidade, que se perguntou se não podia morrer de tanta doçura. Nunca antes havia sentido tão adorada, nunca tinha tido a impressão de que seu prazer fora importante. E para o Andrew o era. Shannon soube instintivamente, igual soube que estavam começando algo que trocaria irrevogavelmente sua vida de um modo que não conseguia nem imaginar.

Queria arrastar-se até o coração do Andrew e aliviar sua dor. Queria deslizar-se ao interior de sua mente e conhecer seus segredos. Mas mais que nada desejava lhe sentir dentro dela e passar a noite entre seus braços.

E nem sequer uma noite seria suficiente. Entretanto, tinha que conseguir o que quer que fosse porque nada durava para sempre. Nem a juventude, nem a beleza, nem a riqueza. Certamente, a felicidade não. Mas preferia quando chegasse a velhice saber que havia seguido uma vez os ditos de seu coração antes que deixar uma oportunidade de ser feliz lhe escapasse entre os dedos como um punhado de areia.

Andrew aprofundou o beijo, tomando o ar de seus pulmões em um suspiro ofegante. Shannon se sentiu intoxicada, tão embriagada com seu aroma, suas carícias e com sua contemplação que acreditou ouvir sinos.

Por desgraça, sim estava ouvindo sinos. Era o timbre da porta.

—Estão chamando - murmurou ela junto a sua boca.

Andrew voltou a beijá-la, com todo seu ardor e Shannon precisou recorrer a toda sua força de vontade para romper o abraço.

—Esperava visitantes? —perguntou enquanto lhe alisava o cabelo com um gesto tão carinhoso que Shannon sentiu que lhe falhavam os joelhos.

—Não, mas direi a quem é que volte amanhã.

—É uma grande idéia.

Shannon sorriu, sentia-se jovem e coquete, transbordante de esperança.

—Sabia que ia gostar. Agora mesmo volto.

Flutuou pelo corredor para a porta, envolta em um devaneio romântico. O timbre voltou a soar no momento em que abria o fecho.

—Começava a pensar que não estava em casa - disse uma atrativa mulher afro-americana—. Chamei duas vezes.

—Estava na biblioteca.

Shannon abraçou à outra mulher e a fez passar ao vestibulo. Karen Naylor era advogada, defensora das mulheres maltratadas e uma das pessoas preferidas de Shannon.

—É uma visita de negócios ou de prazer, Karen?

—De negócios, por desgrça. Esta noite vamos trabalhar muito.

Shannon agarrou a agenda que tinha em uma cesta junto à porta.

—Quantas pessoas?

—Seis. A mãe, a avó e quatro meninos. O doutor está examinando a mãe agora mesmo e logo Jules os trará na caminhonete.

—Que idades têm os meninos?

—Onze, oito, cinco e dezoito meses.

—Necessitaremos o berço?

—Não seria má idéia. A pequena sofre alterações do sonho.

—Por que será que não me surpreende? — murmurou Shannon.

Muitas mulheres suportavam um matrimônio vexatório pelos filhos, só para descobrir um dia que os meninos estavam marcados pelo interminável ciclo de abuso emocional.

—Chamou Dakota? Ela vai querer dar uma volta para vê-los amanhã quando sair do trabalho.

A cruzada do Dakota era a literatura. Eram muitas as mães jovens e seus filhos aos que tinha ajudado a descobrir as alegrias da leitura.

—Deixei-lhe uma mensagem — disse Karen. Mas me parece que as segundas-feiras são quando vai a essas festas da Nova Era. Possivelmente seria melhor que você a chamasse pela manhã.

—Irei ver os abrigos para me assegurar de que tudo está em ordem - disse Shannon, pondo sua mente a funcionar. - Tenho um bom montão de revistas, alguns vídeos e roupa para meninos. Há alguma menina?

—Três - disse Karen. - Estará na glória.

Shannon rabiscou umas notas rápidas e consultou seu relógio.

—Que demônios faz você aqui a estas horas? Poderia me haver chamado para me dizer tudo isto.

—Sei - disse Karen. - Mas queria deixar alguns documentos para que os lesse e pensei aproveitar a viagem.

O interesse do Shannon despertou imediatamente.

—Meu testamento atualizado?

—Isso e os novos módulos para os depósitos.

—Asseguro que será uma leitura genial para ficar dormindo — disse Shannon com um gesto de impotência.

—Você se ocupe de lê-los advertiu Karen. - São muito importantes. Preciso estar segura de que sabe o que assinará.

—Disse o que queria fazer e você se encarrega de tramitá-lo, que mais posso pedir? Confio em você.

—Não confie tanto em mim - disse Karen levantando os olhos ao teto. - Não confie em ninguém e põe a prova duas vezes todo mundo.

—Essas palavras são minha bandeira - disse Shannon com um sorriso.

Karen a contemplou atentamente.

—Parece o gato que comeu o canário.

—Sério? Pois não sei por que.

Karen fez um gesto para o corredor.

—Pode ser ele o motivo?

Shannon girou sobre seus talões e viu o Andrew que as observava com os braços cruzados sobre o peito.

—Venha, garota. Apresente-nos — disse Karen enquanto lançava ao Andrew um olhar deslumbrante. - Onde o tinha escondido? —disse entre dentes. - É adorável.

—É um antigo amigo meu - disse Shannon fazendo gestos ao Andrew de que se aproximasse. - Ele... Bem, chegou o outro dia e lhe pedi que ficasse uma temporada.

«Andrew não sorri», pensou Shannon enquanto ele se aproximava. Em todo caso, parecia molesto. Karen estendeu a mão.

—Karen Naylor - disse sem deixar de sorrir.

Andrew ignorou a mão estendida e Shannon gemeu para si. Amaldiçoou a Dakota e seus desvanecimentos repentinos. O pobre homem tinha medo de voltar a estreitar a mão de uma amiga sua durante o resto de sua vida. Considerou a possibilidade de lhe dar uma cotovelada nas costelas para animá-lo, mas pensou que não era uma boa idéia. Com sua má sorte, Karen podia cair morta no ato e teriam algo do que preocupar-se de verdade. Karen era uma mulher muito racional e experta. Se dissesse que Andrew tinha vindo do século XVIII imediatamente iriam para um hospital psiquiátrico.

Shannon pigarreou. O sorriso de Karen empalideceu, mas seguiu oferecendo sua mão.

“Dê-lhe a mão”, pensou Shannon. «Está-me pondo em apuros».

Andrew a olhou com uma expressão perplexa em seu rosto sério. Com óbvia relutância, estreitou a mão da Karen um segundo e se afastou.

—Andrew McVie — disse ele.

—Que sotaque encantador - disse Karen sem querer incomodar-se. - De onde é?

—De Boston - disse Andrew.

—Da Escócia - disse Shannon ao mesmo tempo. - Quero dizer que veio de Escócia a Boston.

—Ah! —exclamou Karen. - E o que o traz a Nova Jersey?

—É um ano sabático¹ - se apressou a dizer Shannon.

Andrew arqueou as sobrancelhas.

Karen também.

«Está embrulhando-o tudo, Shannon», disse a si mesma. «Deixe que ele responda».

—Tomei-me um ano sabático - disse Andrew.

Karen apertou os lábios como se tivesse que sufocar uma gargalhada. Quem podia reprovar? Aquilo era pior que um filme do Abbott e Costello.

—E do que está descansando todo um ano? — perguntou Karen a Shannon.

—Muito graciosa - disse esta e fechou a boca para que Andrew pudesse responder.

—Da lei - disse ele.

Karen abriu os olhos surpreendidos. Shannon desejou que a terra a engolisse. —É advogado? —perguntou Karen.

¹ Sabático é o afastamento do trabalho inspirado por uma motivação íntima. Seu objetivo é a reavaliação da vida pessoal ou profissional. O termo vem do hebraico shabbath, e significa repouso. É o dia de recolhimento semanal dos judeus.

—Sim - disse Andrew.

—Sempre desejei conhecer um colega do Reino Unido - disse Karen. - Exerce em tribunais superiores, ordinários, ou é advogado trabalhista?

—Sou jurista - disse ele em um tom de voz que Shannon nunca lhe tinha ouvido.

—E no que se diferencia de um advogado da corte suprema?

—Não sei.

—Bom - disse Karen voltando-se para o Shannon enquanto mexia na bolsa e tirava um envelope. Tenho que ir para casa. Lê os documentos. Já marcamos para que venha a meu escritório assiná-los.

Karen a abraçou fez um gesto com a cabeça ao Andrew, desejou-lhes boa noite e partiu.

Shannon se voltou para ele com uma fúria que Andrew não tinha visto nunca em uma mulher.

—Que há de errado com você? — rugiu ela. - Como se atreve a ser tão descortês com a Karen?

—Não fiz nada reprovável.

—A tratou gelidamente.

—Respondi as suas perguntas.

—Não queria lhe dar a mão.

—Sim - disse ele. - Não tinha a menor intenção de fazê-lo.

—Por que diabos não? — disse ela sem tratar de controlar sua fúria, que aumentava.
- A Dakota sim deu a mão.

—E já viu os resultados.

—Mas não se trata disso, verdade? — insistiu ela. - Trata-se de que Karen é negra. Andrew não pôde negá-lo.

—Fanático!

Andrew a olhou zangado.

—Venho de um mundo diferente. Os escravos negros não dão a mão a seus amos.

—Fanático! A escravidão foi abolida a mais de cem anos. Para sua informação digo que Karen é advogada, igual você.

A idéia era tão extravagante que Andrew pôs-se a rir a gargalhadas.

—Não diga tolices.

—É a pura verdade, Andrew. Karen é advogada.

—Não acredito.

—Fez a carreira de direito em Harvard.

—Você inventou isso para me fazer discutir.

—O que te incomoda mais, que seja uma mulher advogada ou que seja negra?

—A verdade, as duas coisas me resultam impossíveis de acreditar.

—Pelo menos é sincero — disse ela. - Agradeço-lhe. Mas isso não faz que suas opiniões sejam aceitáveis.

—Acaso só há uma maneira de pensar em 1993?

—Não, há muitas maneiras de pensar, mas quando se trata dos direitos fundamentais de outros, só há uma maneira que seja aceitável para seres humanos decentes e responsáveis.

—Crê que sou irresponsável?

—Neste tema, sim - disse ela levantando o queixo.

—Elspeth e eu não tínhamos escravos.

—Parece-me estupendo — grunhiu ela. - Mas fizeram algo para convencer a outros de que os liberassem?

—Não era meu assunto dizer a outros como deviam viver sua vida.

—Inclusive quando sua maneira de viver consistia em escravizar outras vidas?

—A maioria dos escravos eram bem cuidados.

—OH, por favor! —disse ela com um gesto enojado. - Se importaria me explicar a Guerra Civil, ou não chegaste tão longe em suas leituras?

—Havia outras razões além da existência da escravidão para que estourasse a guerra entre os estados.

Andrew tinha lido a história aquela mesma tarde e recordava os dados claramente.

—Mas nenhuma mais importante.

—Falas como se eu carregasse com o peso da escravidão sobre meus ombros.

—Pois claro que sim - disse ela, cega de fúria. - Você e todos os que permitiram que esse sistema continuasse. Tiveram a oportunidade de erradicá-la com a Declaração de Independência e deixaram que lhes escapasse das mãos por pura cobiça.

—Há pouco tempo para debater essas coisas quando está combatendo pelo futuro de seu país. Sei dessa declaração e sei como se forjou. Agora não existiriam os Estados Unidos da América se Jefferson e Adams não tivessem cedido às exigências dos cavalheiros sulinos ali presente.

—Uma resposta fácil, mas não me trago isso. Teve que haver outra maneira de obtê-lo.

—Grande parte da vida é compromisso e pacto. Ainda não aprendeu isso?

—Claro que aprendi, mas não deixo de me maravilhar que vocês o converteram em uma arte.

—Não se defenda depois das palavras, Shannon. Fale-me claro.

—Ainda não o entende, verdade? Pensa em mim, Andrew. As mesmas atitudes que se mantinham com os negros se conservaram no trato que dá às mulheres. Como considerava você ao Elspeth? Era uma propriedade? Sua companheira? Sua pulseira?

—Era minha esposa e tudo o que isso significa.

Aquelas palavras soavam a desculpa, algo que Andrew não pretendia. Por que lhe pedia Shannon que defendesse algo que não necessitava defesa?

—Eu te direi o que significava. Até este século, ser a mulher de um homem significava ser de sua propriedade. E até faz muito poucos anos, um homem podia fazer o que quisesse com sua propriedade, inclusive destruí-la. Podia pegar a sua esposa, violá-la e assassiná-la sem que ninguém, ninguém! Dissesse uma palavra.

Andrew queria estreitá-la entre seus braços e acalmar seus temores, mas sabia que não podia fazê-lo. Ela não necessitava seu calor, a não ser algo muito mais difícil de entregar.

—Juro Por Deus que jamais golpeei ao Elspeth nem lhe desejei nenhuma classe de mal — disse ele. - Nem tampouco tenho feito mal a nenhuma outra mulher em modo algum.

—Sei - disse ela em apenas um fio de voz. - Sei e acredito.

Andrew sentiu a necessidade de tocá-la e lhe agarrou a mão.

—Então, o que ta atormenta para que me olhe dessa maneira?

—Andrew, muitas mulheres vem para mim em busca de ajuda.

—Compreendo que sinta afinidade com outras boas amigas que tenham sofrido injustamente.

—Sim - disse ela lhe apertando a mão. - E essas amigas, mulheres e meninos que vêm, são de todas as cores, de todas as religiões. Se... se quer ficar comigo... terá que as aceitar como seus iguais e como meus.

—É muito que me pede.

—Já sei, mas você é um homem bom.

Andrew sorriu.

—Confia muito, me conhecendo tão pouco.

—Sei o que sei.

Shannon lhe acariciou o rosto brandamente e ele sentiu que Deus o havia abençoado.

—É melhor homem do que supõe Andrew McVie. Acredito que pode aprender a aceitar a Karen e outras como ela.

—Não posso assegurar isso.

—Eu estou segura.

—Não é possível que saiba coisas sobre mim que nem sequer eu conheço.

—Aprendi a confiar em minhas intuições.

Shannon se plantou frente a ele com a mesma pose de mulher guerreira que tinha adotado a primeira vez que se viram. Via nele algo que Andrew fazia muito tempo que acreditava extinto, um fundo de ternura vital pelo que estava disposta a vender sua alma.

—Vai tentar verdade?

—Tentarei.

O sorriso de Shannon brilhou mais que o sol. Andrew sentiu que lhe chegava à medula, reconfortando.

—Sempre há um começo.

—Sim - disse ele. Sim, era um princípio e Andrew não sabia prever se haveria um final, mas esperava com todo seu coração que faltasse muito, muito tempo para vê-lo.

Capítulo 12

Os abrigos estavam perto dali, do outro lado dos bosques de sua propriedade. Tinham sido construídos originalmente como casas para hóspedes pelo primeiro dono do imóvel, um homem ciumento de sua intimidade. No momento em que Shannon as viu, soube que estavam destinadas a cumprir uma missão muito mais importante.

Com a ajuda de Andrew, carregou mantimentos, revistas e roupa de crianças no porta-malas do carro. Não havia pedido que a ajudasse. O fato de que ele se oferecesse a lhe dar uma mão a comoveu profundamente. Sua discussão tinha sido dolorosamente sincera, para ambos, imaginava ela. Quase tinha esperado que Andrew fosse embora naquele momento. Que não o tivesse feito que tivesse ficado, significava mais para ela do que se atrevia a admitir.

—Demoraremos bastante. - disse pondo o carro em marcha. - Às vezes necessitamos várias horas para acomodar a todo mundo.

—Muito bem. Shannon saiu da esplanada e se desviou por um caminho de terra que levava aos abrigos. Alguns minutos mais tarde, deteve-se frente a uma das casinhas.

—Ainda não chegaram - disse ela.

Andrew inspecionou a porta com olho crítico.

—Necessita uma boa reparação.

—Karl não vale para arrumar imperfeições.

—Karl?

—Karl é meu homem para tudo. Mildred e ele se encarregam do imóvel.

—Não os vi.

—Estão de férias. Queriam ir visitar uns parentes que têm na Suécia.

—As portinhas também parecem estragadas. Por que segue tendo a seu serviço a um homem que faz tão pouco para ganhar seu salário?

Shannon agarrou duas bolsas de comida e foi à cozinha.

—Sou o que diz uma mulher branda de coração - disse sem deter-se enquanto ele a seguia pelo diminuto corredor. - Karl e Mildred trabalhavam para o antigo proprietário. Estão virtualmente em idade de aposentar-se. Não acredito que ninguém os tivesse despedido.

Logo que tiveram tempo para descarregar o carro antes que a caminhonete do Jules aparecesse barulhenta pelo caminho.

«Nunca conseguirá se acostumar», pensou Shannon, contemplando como as duas mulheres ajudavam a descer os meninos. «O dia em que você achar normal, já pode cancelar sua inscrição na raça humana».

—Hoje vamos estar até os batentes - disse Jules enquanto a avó recolhia as mantas dos meninos. - Tenho que recolher a mais dois grupos.

—Dois mais? Que demônios passam hoje?

—É lua cheia. Fez muito calor este fim de semana. Atribui ao que preferir. Sei tanto quanto você.

—Há mais meninos?

—Adolescentes esta vez. Duas em uma família, um na outra.

—Necessitaremos mais comida - disse Shannon. - Assim que tenhamos instalado a esta, irei buscar na despensa.

—Irei eu — disse Andrew quando Jules partiu a recolher a novos refugiados.

—Admito que já se adapte. Que maravilha, mas não estou disposta a lhe deixar conduzir.

—Não necessito do carro - disse ele. - Irei andando.

—Faz uma noite fechada. Nunca poderá ir e voltar.

—Diga o que precisa e eu lhe trarei isso.

Shannon lhe enumerou alguns artigos básicos, disse-lhe como desconectar o alarme e onde estava a despensa. E depois cruzou os dedos para que pudesse atravessar o bosque antes que passassem outros duzentos anos.

Na verdade, Andrew iria caminhando até o fim do mundo para escapar à dor que havia nos olhos daquelas mulheres e crianças.

Tinha visto coisas terríveis em sua vida. Perto de Lexington havia sustentado a mão de um moço agonizante que tinha sido vítima de um mosquetão de um casaca vermelha. Depois, tinha levado seus escassos pertences à mãe, que já havia enterrado a dois filhos.

Mas nada o tinha preparado para ver as duas mulheres que tinham chegado à casa da Shannon em busca de ajuda. A maior tinha em sua pessoa os sinais da derrota, visíveis nos ombros encurvados e as expressões temerosas, como se esperasse que o perigo surgisse de detrás de uma árvore ou caísse do próprio céu. Entretanto, era a mais jovem a que tinha suportado o castigo de algum homem irado. Grossas vendagens cobriam seu olho esquerdo, enquanto que o direito estava rodeado de hematomas negros e violetas. Uma costura de pontos de alfaiate cruzava sua bochecha e cada ponto testemunhava o horror que tinha sofrido nas mãos do homem a quem tinha consagrado sua vida.

Atravessou o bosque a passo vivo, confiando em suas habilidades que nunca tinha acreditado úteis para aquele mundo. Um homem não necessitava uma estrada para chegar a seu destino. Um grupo de árvores, as estrelas do firmamento, tudo servia para orientar-se se sabia utilizá-lo. Não obstante, havia diferenças que dificultaram sua caminhada de um modo que nunca teria imaginado.

A escuridão não caía com a mesma contundência no século do Shannon como no seu. Estava acostumado a um negrume total, tão profunda que parecia que as estrelas se encontravam ao alcance da mão. Mas agora a noite tinha um tom cinza, como se um véu o separasse da abóbada celeste.

E a qualidade do silêncio seguia confundindo-o. Até no solo do bosque, percebia um zumbido constante que não conseguia identificar. O instinto lhe dizia que não se tratava do vento, os insetos ou os animais noturnos, algo que não era natural.

A parte traseira da casa estava iluminada como se o sol da tarde caísse sobre as terras e iluminasse o lago de águas azuis. A eletricidade fazia aqueles milagres dominando a mesma fúria que fazia estalar os céus durante as tormentas do verão. Perguntou-se se não seria a causa do onipresente zumbido que revoava sobre a soleira de sua consciência noite e dia. Em realidade, tinha saudades daquele silêncio absoluto que antes tinha dado por corrente.

Seguindo as instruções de Shannon, entrou na casa sem tocar o alarme. —Uma pequena vitória - murmurou enquanto ia à despensa.

Perguntou-se se o resto de sua vida não seria uma sucessão de pequenos triunfos que não significassem nada.

Revisão: Dominique Bozzi

Quinze anos antes, ao dia seguinte de graduar-se na universidade, Pat Conner se casou com o Jack Delany. Todo mundo dizia que eram o casal perfeito. Jack estava se formando, a ponto de começar um programa para formação de executivos e Pat se encontrava ansiosa por começar uma família, algo ao que dedicaram muitas horas durante sua lua de mel.

Os dois acreditavam no autêntico sonho americano: meninos, uma carreira, uma casa bonita em um bairro de moda, um carro familiar e um cão de caça, o desfile interminável de expectativas que nunca se cumpriram.

Não para eles.

Nem para muitos outros.

—Encontrar-nos-á - disse Pat.

Estavam na cozinha, ela bebia um caldo quente sorvendo-o com uma colher e os meninos engoliam cachorros quentes. —Disse-me que se tentasse abandoná-lo nos encontraria e mataria a todos.

A mãe de Pat, Terri, levantou os olhos de sua xícara de café.

—Carinho, de todas as maneiras estava nos matando pouco a pouco, dia a dia.

Procurou com o olhar a Shannon, que tentou não fixar-se nos hematomas que a anciã tinha na mandíbula e nas bochechas.

—Diga que ela fez bem, senhorita. Diga que não poderá nos encontrar aqui.

—Aqui estão seguras - disse Shannon. Fez uma pausa para lhe dar um aperto de mãos a Pat e animá-la. - Não vai acontecer nada.

—Não conhece o Jack - disse Pat tremendo e olhando nervosa as crianças. - É um homem muito forte. Tem amigos em todos os lugares.

— Meu marido também tinha—disse Shannon.

Pat a olhou surpresa.

—Você?

—Sim, eu - disse Shannon com um sorriso tímido. - Eu também passei por isso, Pat. Sei como se sente.

—Mas você... Quero dizer que nunca pensei que pudesse acontecer a alguém como você - disse Pat fazendo um gesto amplo para abranger o imóvel.

—Pois pensou mal - disse Shannon. - Os maus entendimentos não conhecem classes sociais nem diferenças econômicas.

—Obriguei-a a fazê-lo - disse Terri com os olhos fixos no café. - Ontem à noite, quando ele... Se voltar a lhe pôr a mão em cima a minha pequena ou a meus netos, juro que o mato.

—Não diga isso, mamãe! —disse Pat com voz trêmula de emoção—. É meu marido.

—É um bastardo vadio. Isso é o que é.

—Não o entende - disse Pat olhando ao Shannon em busca de apoio. Shannon guardou silencio. - Ele não queria nos fazer dano... Só que sofre muito estresse no trabalho. Não é um posto fixo e...

Sua voz se apagou quando tomou outra colher de sopa.

—Vê? — disse a mãe. Ele diz que quer matá-la e agora ela tem pena do pobrezinho. Eu não sabia o que fazer. Pareceu-me que esta era nossa última oportunidade.

—Você vivia com eles?

—Desde fevereiro. Meu marido morreu e Pat me levou para sua casa.

—Você tomou a decisão correta - lhe assegurou Shannon. - O importante é que a tenha tirado dessa casa antes que o pior acontecesse.

—Posso tomar minhas próprias decisões - protestou Pat. - Só quero dar ao Jack a oportunidade de descansar - disse olhando a seus filhos, que tinham acabado os cachorros quentes e começavam com o sorvete. - É muito duro para ele. Os meninos fazem muito barulho e necessitam tantas coisas que...

Sua voz se quebrou e pôs-se a chorar.

—Bom, já está - a consolou Shannon, pondo um braço sobre os ombros. - Nada lhes pode acontecer aqui. Estão a salvo.

—Tenho muito medo - disse Pat entre soluços—. Não sei o que vou fazer, nem aonde ir...

—Primeiro antes de qualquer coisa descansem - disse Shannon. - Os seis precisam dormir bem. Amanhã pela manhã começaremos a pensar em seu futuro.

Andrew se ocultou ainda mais nas sombras. Tinha visto a expressão de seu rosto, tinha ouvido a ternura infinita de sua voz e se deu conta de que era a pessoa mais extraordinária que tinha conhecido.

Em tempos de guerra, homens e mulheres correntes alcançam a grandeza com atos de heroísmo que escrevem as páginas da história. Mas a verdade é que resulta fácil ser um herói quando a situação o exige.

O que sim resulta estranho é o heroísmo frente às vicissitudes cotidianas. Algo que a Shannon sobrava. Via dor e tratava de aliviá-lo. Via injustiça e tratava de remediá-la. Não podia imaginar que muitas pessoas, homem ou mulheres, fossem capazes de abrir de par em par as portas de sua casa para atender às pessoas que necessitavam.

«Vê com cuidado», advertiu-lhe uma voz interior. «É sua maneira de dar consolo. “Será um estúpido se não compreender que em seu comportamento não há, mais que uma profunda compaixão humana».

—Estiveste genial com as crianças — disse Shannon algumas horas mais tarde quando voltavam no carro.

—São ariscos - disse ele.

—E isso é surpresa? O pai lhe deu uma surra de morte a sua mãe, e a dois deles apontou com uma pistola. Isso bastaria para que qualquer fosse arisco.

—É algo mais que isso. Estão furiosos com seu pai.

Shannon o olhou um momento. Chegaram a casa e ligou o controle remoto da garagem.

—Eles disseram isso?

—Não era necessário que me dissessem isso. Estava claro para quem queria vê-lo.

—Eu não o vi.

Andrew se encolheu de ombros.

—Você descobre coisas nas mulheres que são invisíveis para mim.

Shannon deteve o carro e se voltou para olhá-lo aos olhos.

—De modo que o que está dizendo deve ser coisa de homens, não?

—Coisa de homens? —repetiu ele, enrugando a frente.

—Já sabe a solidariedade entre machos e tudo isso.

—Solidariedade?

—Deixar-te-ia um livro do Robert Bly, mas temo que suba em seu balão e voltaria para casa se o fizesse.

Revisão: Dominique Bozzi

—Por favor, Shannon. Fale claramente. Suas palavras não têm sentido.

Shannon suspirou, lutando para encontrar uma maneira de explicar os livros de auto-ajuda, os programas de debates em televisão e a teoria que preconizava que era imperioso fazer as pazes com a criança que todos temos dentro de nós.

—Muitos americanos passam grande parte de seu tempo pensando em suas vidas e outros poucos americanos preparados ajudam a outros a pensar melhor.

Andrew lhe jogou um olhar tão estranho que ela rompeu a rir.

—Claro que se você não gostar dos livros de auto-ajuda, sempre pode ir ao psicólogo.

—Não conheço essa palavra.

—Um mundo sem o Freud? Tinha que ser glória pura - suspirou ela. - Um psicólogo é um médico que você paga para que escute seus problemas.

Andrew ficou com a boca aberta. — Pagam a outros para que escutem seus problemas?

—Bom, sim. E logo ele te oferece soluções.

Um sorriso sarcástico apareceu nos lábios de Andrew.

—Com umas quantas canecas de cerveja no "Galo Empenachado", em companhia dos amigos, consegue-se o mesmo.

Saíram do carro e puseram-se a andar até a casa.

—Suponho que sim. O problema é que nesta época não temos tempo para os amigos. Estamos muito ocupados com três empregos para poder pagar a hipoteca, a moça que cuida dos meninos, os impostos...

—Isso sim que o entendo. Em meus tempos um homem entregava à Coroa a metade do que trabalhava em sua vida.

—Enfim, já não temos que nos preocupar com A Coroa, mas o Tio Sam se alegra muitíssimo de receber sua parte.

—Acreditava que já não te tratava com ninguém de sua família.

—O Tio Sam não é minha família. É família de todo mundo.

Shannon lhe teve que explicar o porquê do mote quase afetivo para o governo dos Estados Unidos.

—É representado como um homem alto, com barba e cabelo branco e usa uma roupa muito estranha, a franjas vermelhas, brancas e azuis que recorda a nossa bandeira.

—As mesmas cores que a bandeira da Inglaterra — disse ele, indignado com a notícia.

Shannon abriu a fechadura e entraram na cozinha. —Não sei como lhe dizer isso Andrew, mas a Inglaterra é nosso mais firme aliado nestes tempos.

—E segue sendo a nação mais capitalista da terra?

—Não, em realidade somos nós.

—De verdade?

—Palavra de honra.

—Foi um dia muito ilustrativo.

—Sim — disse ela pensando em tudo o que tinha acontecido em só vinte e quatro horas. - Ilustrativo o define bastante bem.

Seus olhos se encontraram e um formigamento de antecipação começou a correr pelo peito do Shannon e subiu pela espinha dorsal.

—Bom — disse ela erguendo os ombros. - É tarde e amanhã há muito que fazer nos abrigos. Veremo-nos pela manhã.

Shannon conectou o alarme e pôs-se a andar pelo corredor. Andrew ficou ao seu lado.

—Acompanharei a seu dormitório.

Shannon assentiu. Parecia-lhe muito bem e o amou por lhe parecer necessário acompanhá-la. Subiram as escadas sem falar. Só era a segunda vez que subiam juntos aquelas escadas e já lhe parecia que formava parte de uma cadeia interminável de acontecimentos que os vinculavam. O qual, é obvio, não era, mas que uma tolice romântica. Entretanto...

—A casa tem sete dormitórios — disse ela quando chegaram à porta do seu. – Pode escolher o qual quiser.

—Ficarei aqui, como fiz ontem à noite.

Shannon sentiu que se ruborizava.

—Não tem que fazê-lo, Andrew. Estou perfeitamente segura. Por favor, durma tranqüilo.

Andrew não respondeu só a olhou com aqueles formosos olhos castanhos, olhou-a até que ela pensou que ia se derreter em um atoleiro de puro desejo.

—Bem, boa noite — disse ela com a mão no trinco. Seu coração pulsava tão forte que logo não podia ouvir sua própria voz. Vejo você pela manhã.

Andrew continuou calado. O calor subiu mais um grau nas vísceras do Shannon.

«Por que me olha assim? É que vai me beijar?»

—Sim - disse ele—. Vou beijar-la.

Shannon inalou a fragrância de sua pele.

Andrew tomou o rosto entre as mãos.

Ela pensou que morria de desejo.

Ele se perguntou se um homem podia morrer de prazer.

Era um simples beijo, um beijo como outro qualquer.

Seus lábios se encontraram.

Seus fôlegos se mesclaram.

Não era suficiente e, entretanto, era tudo.

E o milagre era que os dois sabiam.

Capítulo 13

Andrew estava arrumando a janela do banho do quarto dos convidados quando a advogada negra retornou.

—Bom dia — disse a mulher sem tentar lhe dar a mão. - Shannon está por aqui?

—Está nos abrigos, com as mulheres — respondeu ele sem levantar os olhos de seu trabalho.

Sentia-se incômodo, e não gostava daquela sensação. Karen passou a mão pelo marco da janela. Andrew intuía que lhe estava sorrindo, mas preferiu ignorar.

—Um bom trabalho. Você gosta da carpintaria?

Andrew assentiu e seguiu arranhando pintura.

—Eu prefiro correr - disse ela.

Um comentário estranho para o que Andrew não tinha resposta.

—Não te caio muito bem, verdade?

—Eu não hei dito isso.

—Não tem que fazê-lo, McVie. Seu silêncio é bastante eloqüente. Vou procurar ao Shannon. Que tenha um bom dia.

Andrew esperou até que o ruído de seu carro se perdeu na distância e atirou a ferramenta que estava utilizando ao chão. Não havia o menor respeito naquela mulher. Nem reconhecia sua superioridade nem lhe tratava como a um inferior. Em realidade, falava-lhe como se fossem iguais ante Deus e ante os homens, e isso lhe inquietava mais que algo que ela tivesse podido fazer.

Pensou em seus dias em Harvard e logo tratou de imaginar uma mulher avançando em busca do saber por aqueles corredores cavernosos. Era uma imagem que não podia se representar claramente. O fato de que a mulher em questão fosse negra, fazia ainda mais impossível de compreender.

Shannon lhe tinha por um fanático em assuntos de raças, ele preferia não considerar-se assim. Em seu tempo ficava subentendido que a divisão entre amo e escravo era absoluta. Inclusive quando um escravo era liberado, essa liberdade se parecia muito à escravidão anterior.

Aquele não era o caso na atualidade. Os descendentes dos escravos, homens e mulheres por igual, eram advogados e médicos. Tinham êxito por direito próprio e em seus próprios términos. E isso em um mundo do qual Andrew tinha chegado a pensar que só tinha que alargar a mão para fazê-lo seu.

Perguntou-se se era possível que houvesse lugar suficiente para que todos; homens e mulheres tivessem êxito e poder, ou se não haveria alguns que caíam à sarjeta e eram esquecidos.

Nada era como ele tinha imaginado. Tinha sonhado com um mundo no que os homens viviam como reis, onde as mulheres se mantinham formosas aos quarenta anos e até mais à frente, onde imediatamente teria que encontrar um significado para uma vida que fazia tempo tinha perdido todo propósito.

—E onde se encontra agora, Andrew McVie? — murmurou.

Reparando portas e arranhando pintura das janelas. Um trabalhador comum realizando tarefas menores para uma mulher que tinha uma nuvem de cabelo negro e uns olhos da cor do mar. Uma mulher cuja beleza de rosto só era igualada pela beleza de sua alma.

Em sua época, teria sabido como conquistar a uma mulher assim. Tinha havido um tempo em que ele era respeitado, que as boas gentes de Boston lhe tinham festejado gritando louvores de amizade quando passava. Um tempo no qual podia ter merecido uma mulher como Shannon.

Mas aquela época já não existia e duvidava de que voltasse a existir alguma vez.

Durante a noite tinham chegado mais três famílias. Todas as mulheres contavam uma história de abusos, medos e perdas de respeito por si mesmas. Suas histórias passavam por cima das barreiras sociais e econômicas. E faziam que Shannon voltasse a dar-se conta da importância que tinham aqueles abrigos.

Às nove da manhã, passou meia hora ao telefone falando com uma escola de voluntariado do Bridgewater para pedir um técnico que arrumasse o ar condicionado dos abrigos e arbitrou uma briga a gritos entre dois dos filhos maiores de Pat. Karen Naylor passou por lá a caminho dos tribunais para ver se alguma das mulheres queria que pedisse ordens judiciais que restringissem a liberdade de movimentos de seus maridos, mas se chocou com uma oposição generalizada. A jovem advogada realizava um grande trabalho em benefício dos abrigos, e freqüentemente se sentia tão frustrada como Shannon pela resistência que demonstravam as mulheres maltratadas a demandar judicialmente aos maridos que as tinham torturado.

—Vi a seu amigo Andrew — disse Karen enquanto tomava uma xícara de chá na casa de Shannon. - Estava lixando a pintura das janelas.

—Gosta de trabalhar com as mãos - disse Shannon.

—Um advogado que trabalha com as mãos? Não é muito corrente.

Shannon lhe sorriu com mansidão.

—O que quer que te diga? É um homem do Renascimento.

—De modo que a coisa está séria?

—Por que tantas perguntas? — perguntou Shannon elevando uma sobrancelha.

Karen deixou sua xícara de chá e suspirou.

—Fazia muito tempo que não me encontrava alguém como ele. Suponho que tinha esquecido de que existe gente assim.

—Andrew não pretendia ser descortês.

—Pode que não, mas parecia que o tinha ensaiado.

—Oxalá pudesse dizer algo que a fizesse sentir melhor.

Karen lhe deu uns tapinhas no braço com um gesto natural e afetuoso.

—Não é sua responsabilidade, Shannon. Acredite ou não, não pode trocar o mundo inteiro.

—Pois não será porque não o tento com todas minhas forças — disse Shannon sorrindo.

—Bom, tenho que ir. Tenho uma vaga à uma hora. Se quiser vir podemos aproveitar para assinar os documentos da fundação, porque os terá lido, verdade? — perguntou, olhando-a com ironia.

—Acabarei em seguida.

—Antes da uma?

—Prometo-lhe isso.

—Senhorita Wylie, temos que falar.

Dakota apareceu a cabeça depois da pilha de livros onde se esteve escondendo da hora do almoço.

—O que acontece, senhor Forsythe?

—Cheguei quinze minutos tarde. Já conhece o que pensamos sobre a falta de pontualidade.

—Meu despertador não funciona.

—E ontem se foi antes da hora.

Dakota pensou rapidamente.

—Doía-me a cabeça.

«Era isso, não?» Não podia recordar com exatidão que desculpa tinha posto, unicamente que era imperativo que fosse a casa de Shannon para falar com o Andrew a sós.

O doutor Forsythe bateu o pé no chão com gesto impaciente.

—Não posso falar com você se continuar se escondendo atrás dessa pilha de livros.

Dakota se obrigou a rir alegremente e se levantou enquanto sacudia o pó de décadas de sua vaporosa saia estampada.

—Por que diz que me escondo? Só estou catalogando estes livros, pelo amor de Deus.

«Muito bem, Dakota. “Agora reza para que seu nariz não comece a crescer».

—A senhora Payton vai vir esta tarde para nos fazer entrega de seu legado. Queria que se reunisse conosco em meu escritório para atuar como testemunha da assinatura.

Dakota levantou ambas as sobrancelhas.

—A que hora tem que vir?

O doutor Forsythe a olhou carrancudo. Aquilo não era um bom sinal.

—As três em ponto. Espero que isso não transtorne seus planos, senhorita Wylie.

Sim os transtornava, mas Dakota não acreditava que ao doutor Forsythe interessassem seus problemas.

—Tenho uma hora de almoço, mas estarei aqui as três em ponto.

A carranca transformou-se em um gesto de desprezo.

—Sua ética trabalhista é deplorável, senhorita Wylie. Se eu fosse você meditaria sobre minhas capacidades. Lembre que seu contrato se renova em novembro e não gosto de ficar vigiando.

O que se podia esperar de um homem que tinha uma aura da cor de uma colcha parda e velha? O diretor se foi pelo corredor feito uma enorme serpente e Dakota voltou para sua fortaleza de livros. Claro que nada daquilo a pegava de surpresa. A noite anterior tinha sonhado que o doutor Forsythe obrigava ao pessoal a trabalhar como autômatos e cumprir o cronograma a risca.

Entretanto, Dakota estava a ponto de encontrar o que estava procurando. Fechando os olhos, visualizou um livro. Era um volume pequeno e magro, com as capas azuis e sem lapelas, com imperfeições no canto inferior direito. Faltava a primeira lâmina e parte da página onze, mas o nome de Andrew McVie figurava na segunda frase, primeiro parágrafo, página cento e vinte e sete. Podia vê-lo todo, quase podia cheirá-lo. Mas, condenação! Onde tinha metido o maldito livro? Não é todos os dias uma garota dotada com poderes extra-sensoriais tinha entre as mãos a prova de que a nova paixão de sua

Revisão: Dominique Bozzi

amiga era um viajante do tempo. Consultou o índice. Farmácias na Nova Jersey Colonial... Artistas da Revolução... Declaração da Independência: Chamada às Armas... Heróis esquecidos...

—Heróis esquecidos - sussurrou.

Tirou o livro da prateleira e sentiu um formigamento nas mãos enquanto o estreitava contra seu peito. Era aquele. Nem sequer tinha que abri-lo pela página cento e vinte e sete para estar segura. Sentia que se conectou a uma fonte de energia cósmica e que toda aquela eletricidade atravessava seu corpo naquele instante.

Embora seguisse sem entender por que Andrew tinha um efeito tão desconcertante sobre ela. Era um homem normal em todos os sentidos. Um aspecto normal, uma estatura normal, uma cor normal. Em um dia normal, ela nem sequer o teria olhado duas vezes. E, entretanto, quando lhe tinha dado a mão, havia sentido a mesma energia cósmica que experimentava naqueles momentos.

Respirou profundamente e procurou a página cento e vinte e sete. Primeiro parágrafo. Segunda frase.

Em um ato de coragem sem par na época da Guerra da Independência, o advogado de Boston e mais tarde espião Andrew McVie, realizou uma temerária incursão contra as tropas inglesas acantonadas em no *Jóquei Hollow* durante o inverno de 1779-1780 e, completamente sozinho, salvou a dois espiões, membros de *Los Conjurados*, de uma morte certa quando...

—Maldição!

O resto da página estava deteriorado, mas não importava. Dakota tinha lido o suficiente para saber a verdade.

Shannon chegou ao escritório da Karen a uma em ponto e à uma e meia, os documentos tinham sido assinados, selados e legalizados.

—Muito bem - disse ela. - Deixe ver se entendi. Se quisesse por um sarong ir a Borneo viver a base de cocos, os abrigos sobreviveriam.

—Não só sobreviveriam - disse Karen enquanto dava os documentos a sua secretária para que os fotocopiasse—. Desenvolver-se-iam por si só. Fez algo extraordinário, Shannon. Não estou segura de que seja consciente de quão maravilhoso é.

—Só se trata de dinheiro - disse Shannon encolhendo os ombros. - Há um limite para os diamantes que uma mulher pode usar.

Karen meneou a cabeça.

—Não, menina. Acredite-me quando digo que não há limite. É uma pessoa excepcional.

Shannon subtraiu importância ao louvor com um gesto da mão.

—Enfim, como vai o problema da falta de espaço nas instalações? Na última reunião de sócios fizeram muitas promessas, mas quantas se concretizaram em abrigos de apoio?

Shannon tinha em construção mais instalações em quatro condados vizinhos, mas fazia falta mais. Emocionava-lhe ver como crescia uma idéia dela, mas que essa idéia fora tão necessária era uma fonte de sofrimento constante. Karen recitou uma lista de nomes dos poucos que estavam em dia.

—Vê que me refiro? —disse a advogada. - Os que possuem dinheiro e casas vazias não querem fazer algo que incomode.

—Já nos encarregaremos disso no traje de gala do próximo fim de semana.

—Você vai quebrar os pescoços? — perguntou Karen sorrindo.

—Como se fora uma massa. - respondeu Shannon lhe devolvendo o sorriso. - Isso sim, uma maça sofisticada e elegante.

—Você sabe que ninguém a obriga a fazer tudo isto, verdade? Para isso está a fundação.

—É fácil dizer que não a uma fundação. Mas é muito mais difícil me dizer isso na cara.

—A questão é por que o faz. Estive-o pensando e me dei conta de que, na verdade, apenas te conheço.

—Faço-o porquê é necessário que alguém o faça.

—Mas há muito mais, não? —insistiu Karen. - Uma motivação pessoal.

Shannon se limitou a sorrir.

—Esteve lendo muitas novelas de mistério, Karen. Algumas coisas são exatamente como você acha que são.

—Você não. Há muito mais em você do que parece a primeira vista.

Shannon se levantou sem deixar de sorrir.

—É melhor ir para casa.

—Me diga uma coisa, até que ponto é sério o seu relacionamento com o Andrew?

—perguntou Karen com uma expressão estranha.

—O que te faz pensar que há algo entre nós, sério ou não?

—Está vivendo em sua casa. Isso significa algo.

—Precisa dormir em algum lugar.

—Então agora você dirige um refúgio para escoceses deslocados?

Shannon suspirou. Não havia motivo para evitar aquela pergunta.

—Já sei que tem seus problemas, mas é um bom homem.

—Estou convencida de que sim - disse Karen em um tom de voz que desmentia suas palavras.

—Só tem que aprender algumas lições sobre relações inter étnicas.

—E não temos que as aprender todos? —disse Karen com cepticismo. - Cada vez que penso que conseguimos um avanço real, tropeço com alguém como seu amigo e me dou conta de quanto nos falta ainda.

Shannon recolheu a bolsa e as pastas.

—Estou trabalhando nisso.

Karen se levantou para acompanhá-la até porta.

—Se cuide - disse abraçando-a afetuosamente. - Sempre me anima.

Andrew abriu a porta do armário branco e iluminado que havia na cozinha e contemplou as distintas classes de comida que continha. Leite frio em uma caixa azul e alta; pedaços de manteiga envoltos em papel brilhante, ovos de galinha em uma cesta com depressões que a fazia parecer um ninho. Havia dois filés grandes sobre uma bandeja de cristal. Cada um envolto em um material transparente. Agachou-se, tirou uma gaveta e encontrou verduras em quantidade suficiente para alimentar ao Exército Continental.

Shannon havia dito que comesse o que quisesse, mas descobriu que com sua presa ao seu dispor, era incapaz de escolher. Em realidade, teria trocado todo o conteúdo gostoso do armário que chamavam frigorífico por uma caneca de boa cerveja, um pedaço de pão e uma perna de cordeiro.

Tinha que haver pão em alguma parte da casa. Em seu mundo, inclusive a família mais pobre tinha pão em algum armário da cozinha. Atrás do frigorífico, depois de um grande cilindro de metal, encontrou um pacote.

O pão estava brando e doce e não era ao que ele estava acostumado, mas lhe encheu o estômago. Comeu quatro fatias, bebeu uns goles de um leite frio e aguado, e se dispunha a voltar para seu trabalho quando soou o telefone.

Tentou recordar o que tinha feito Shannon para fazê-lo funcionar. Não teve oportunidade de provar, com um chiado, a voz do Shannon soou na habitação.

—Sinto não poder lhe atender agora mesmo, mas deixe seu número depois de ouvir o sinal e lhe chamarei o antes possível. Obrigado.

Andrew tinha começado a dizer algo, mas houve um assobio estranho e repetitivo e soou outra voz, embora desconhecido.

—Sou Terri, chamo do refúgio. Faz uma hora que os meninos saíram passear pelo bosque e ainda não voltaram. Acredita que poderá vir nos dar uma mão? Sinto incomodá-la, mas não sabemos o que fazer. Muito obrigado.

—Eu posso encontrá-los — disse ele em voz alta para o quarto deserto. Tinha atravessado aquele bosque na noite anterior. Não seria difícil encontrar aos moços a plena luz do dia. Poucos minutos depois, meteu-se no bosque. Recordava que havia um pinheiro perto dos bordos e um sassafrás convexo pelo raio na diagonal do grupo de pinheiros. O lugar onde caiu com o balão ficava um pouco longe de ali, mas Andrew o encontrou sem dificuldade. Quando chegou, ficou perfeitamente imóvel e escutou.

Girou-se em direção aos abrigos e esquadrinhou cada palmo do chão coberto de folhas procurando sinais dos meninos. Não necessitou muito tempo. Encontrou o rastro perto da borda do bosque com os abrigos, um pedaço de papel laranja brilhante do tamanho de um polegar. Cheirava a doce, como um caramelo e Andrew soube que um dos meninos o tinha atirado ao passar por ali.

Em realidade, era tão fácil seguir sua pista que se surpreendeu de que as mães não pudessem fazê-lo. Pegada no chão grama pisada, uma moeda de cobre que brilhava sob os raios do sol.

Ao fim ouviu as vozes agudas dos jovens. Um momento depois, saía a um claro e encontrava aos quatro meninos sentados sobre um tronco com expressão mal-humorada.

—OH, vá! —disse um deles, olhando-o com desgosto—. Mandaram o tipo que fala tão estranha.

—Tinha acreditado que lhes alegrariam de minha presença — disse Andrew, restando seu gênio ante tamanha falta de respeito.

—É poli? —disse a única garota do grupo.

—Sou advogado.

Os meninos trocaram olhares e estalaram em um coro de gargalhadas. Ao Andrew não gostou daquelas risadas porque teve a sensação de que, no fundo, havia uma nota desagradável nelas. O maior dos meninos o olhou aos olhos.

—O que é um advogado no fundo do mar? —perguntou.

—Um bom começo! — exclamou o menino negro que estava ao seu lado e os dois se deram uma palmada na mão.

—Parece-lhes que a morte de um advogado é motivo de graça? Perguntou Andrew, perguntando-se como podiam ter tão maus instintos.

—Alegra essa cara, tio — disse a garota. - Só é uma piada.

—Eu acreditava que as piadas se contavam para fazer rir.

O menino negro franziu o cenho.

—Não foi engraçado?

—Não, não havia nada engraçado nessa piada.

Andrew podia sentir como sua coluna vertebral lhe enrijecia no melhor estilo de Boston.

—Mas tirei de um livro — disse o primeiro engraçado. - Havia mais de cem piadas sobre advogados.

—O que acontece para que os advogados sejam motivos de piadas? —perguntou carrancudo.

—São uns abutres - disse a garota.

—Uns engana bobos - disse um dos meninos.

—Meu tio é advogado — disse o major, o que lhe valeu ser objeto da brincadeira e as brincadeiras de outros.

Andrew se sentou junto ao tronco em que estavam sentados.

—A missão de um advogado é manter a ordem em um mundo civilizado.

—Tom Cruise fazia papel de advogado em La Coberta — disse a garota. —Tom Cruise é um maricas — disse o menino negro para alegria dos outros dois.

—Não é! — disse a garota.

Andrew, completamente aturdido com aquela conversação, ficou de pé.

—Suas mães estão preocupadas. É hora de que voltem para que possam ficar tranqüilas.

—É muito aborrecido estar metidos nessas casas - disse o maior. - Só há uma televisão.

—Nem sequer têm um Nintendo - se queixou o menino negro.

—Eu queria trazer minhas Barbies — disse a garota chamada Ângela. - Mas mamãe tinha muita pressa e não me deixou colocá-las na mala.

Começaram a retornar aos abrigos com o Andrew à frente. Não sabia o que era uma Barbie ou um Nintendo, mas reconhecia as marcas do medo quando as via. Os meninos ocultavam aquele terror sob um manto de insolência e hilaridade, mas estava claro para quem soubesse ver além da superfície.

Pensou em seu filho David e se perguntou como se haveria sentido se a violência entre seus pais tivesse formado parte de sua vida cotidiana. Sua imaginação não era capaz de imaginar uma carga semelhante para uns ombros tão frágeis.

—Como nos encontrou? — perguntou Ângela, apertando o passo para ficar ao seu lado. - Derek e Charlie nos colocaram tanto no bosque que não sabíamos sair.

—Não foi nada - disse Andrew. - Só se precisa saber onde olhar.

Derek, o menino negro, uniu-se a eles.

—Mas se tudo parece igual aqui. Só há árvores. Andrew riu.

—Há pinheiros, abetos, sassafrás, bordos prateados...

—Vejo árvores de Natal - disse Derek. - Mas outros me seguem parecendo iguais.

Árvores de Natal? Andrew se perguntou o que podia ter em comum uma árvore com o Natal de Cristo. Charlie, o maior dos quatro, vadiava atrás com o menor, Scott.

—E a quem lhe importa isso? — disse em tom beligerante. - Só os escoteiros sabem essas coisas.

Andrew voltou a cabeça para olhar.

—Não teria tido medo se soubesse encontrar o caminho de volta.

—Eu não tive medo!

—Sim teve. - disse Andrew de bom humor.

—São pequenos - disse Charlie. - Eles tinham medo, mas eu não.

—Você também estava assustado - interveio Scott.

—Sim - disse Ângela. - Queria que viesse sua mamãe.

—É normal sentir medo em um lugar desconhecido - disse Andrew. - Entretanto, quanto mais aprendam do mundo que lhes rodeia, menos medos terão.

Ângela o olhou e sorriu.

—Me dá medo a escuridão. Papai se tirou a correia ontem à noite porque me pegou dormindo com a luz acesa.

Andrew se fixou que, por debaixo da manga curta de sua blusa, aparecia um hematoma violeta. Em sua imaginação, viu a criatura feita um novelo e aterrorizada enquanto seu pai se aproximava brandindo o cinto. Que classe de mundo era aquele para que uma menina tivesse que levar em seu corpo as marcas da violência? Não pôde evitar perguntar-se se as sementes daquela violência não se teriam semeado em sua própria época. E também se não tinha havido algo que ele tivesse podido fazer para evitar que meninas como Ângela ou mulheres como Shannon sofressem a fúria de um homem em sua carne.

A pequena levantou a vista para ele, considerou-o um momento e lhe deu a mão. Não falaram, coisa que Andrew agradeceu porque o nó que lhe tinha formado na garganta o teria impedido.

Capítulo 14

Shannon chegou à casa cansada e vagamente deprimida. Não se tratava de que se arrependesse de ter assinado os documentos que asseguravam o futuro para os abrigos. Saber que sua fortuna seria empregada para um bom fim, era um motivo de felicidade profunda e sólida.

Mas havia outra coisa, um pouco mais elementar que tinha disparado a consciência de que o tempo passava rapidamente. Muito para seu gosto. Tinha a sensação de ter vivido toda uma vida durante as vinte e quatro horas anteriores, como se tudo o que havia dito, feito e sentido tivesse mais significado agora que em qualquer outro momento de sua existência.

Ao princípio se havia sentido conectada com o Andrew de uma maneira que desafiava toda lógica, como se suas almas estivessem unidas em uma estranha forma de comunicação. Então, em um abrir e fechar de olhos tinha deixado de ouvir sua voz no coração. Perguntava-se se não estava vivendo adiantado o que ia acontecer quando ele partisse se não se teria embarcado em um afastamento gradual até que ele fosse para começar uma nova vida sozinho.

Suspirou e cruzou o pátio para entrar na casa pela porta de trás. Tinha a mão na porta quando algo captou sua atenção e deu a volta. Andrew estava trabalhando ao outro lado da piscina e a certa distância dele estavam sentados quatro meninos dos abrigos, embora ela não os visse, só tinha olhos para Andrew.

Era um homem magnífico.

Ficou imóvel, com as chaves do carro pendurando em seus dedos, incapaz de respirar.

«Absolutamente magnífico».

Não tinha outras palavras para descrevê-lo. Nu de cintura para acima, partia lenha junto ao confine do bosque. Shannon se ocultou nas sombras de um bordo e observou como os fortes músculos de suas costas e de seus ombros se contraíam cada vez que batia o machado.

Pensou que aquele sim era um homem de verdade e sentiu que uma avidez tórrida se acendia no mais fundo de suas vísceras. Era um desejo que derretia os ossos, que paralisava o coração. Fechou os olhos para suportar uma quebra de onda de puro fogo que irradiava do centro de seu ser.

Shannon não o tinha procurado, não esperava que o desejo seguisse formando parte de sua vida, mas ali estava em todo seu elementar esplendor. A necessidade mágica e vital de unir-se com outro ser humano e apostar pelo futuro. Sorriu para si. Ou pelo passado, como naquele caso.

«Tem que haver um modo de que isto funcione». Pensou sem lhe tirar olho de cima. Ela tinha dinheiro, posição e influência. Se Andrew permitisse, poderia criar uma vida para ele que faria empalidecer seus sonhos mais descabelados.

O chiado de freios a tirou de suas fantasias. «Por favor, que não seja outra emergência», pensou enquanto voltava para o pátio para ver quem tinha chegado. Às vezes passava semanas inteiras sem ver uma alma vivente e logo, de repente, desatava-se o inferno, como tinha passado ontem à noite.

Dobrou a esquina a tempo de ver Dakota descer de seu Mustang ano setenta e dois, levando um livro sob o braço.

—Onde está? — gritou ao ver o Shannon.

—Na parte de atrás.

—Bem. Isto é muito importante. Não tenho tempo para desmaiar agora mesmo.

—Muito graciosa - disse Shannon enquanto notava que o cabelo da nuca lhe arrepiava de apreensão.

Dakota jogou uma olhada a seu redor.

—Será melhor que falemos dentro. Isto não é algo que possam escutar uns ouvidos indiscretos.

Shannon a conduziu à cozinha apoiou-se de costas em um móvel e olhou a sua amiga.

—Enfim, o que acontece nesse livro?

—Tenha, olha você mesma. Página cento e vinte e sete. Primeiro parágrafo, segunda linha.

Shannon olhou o título. Heróis Esquecidos. As mãos começaram a lhe tremer e rezou para que Dakota não o notasse.

—Abre apressou Dakota cheia de excitação. - Há algo que deveria saber.

—Não será um desses livros da Nova Era sobre o homem que salvou ao mundo com flores de cabaça ou um pouco parecido, verdade?

«Sabe de sobra o que é, Shannon. “Tem algo a ver com o Andrew...”»

Dakota se sentiu ofendida. —Venho a te trazer notícias que podem alterar o curso de sua vida e você me sai com piadas.

Shannon começou a abrir o livro, mas o fechou de repente e o devolveu ao Dakota.

—Não quero vê-lo.

—Andrew vem do passado - disse Dakota rechaçando-o.

—Isso é ridículo - Shannon tentou devolver o livro ao Dakota.

—Página cento e vinte e sete - disse Dakota saltando de excitação. - Aí está bem claro.

—Não sei como lhe dizer isso, mas a gente não vai por aí viajando no tempo. Isso só passa nos filmes.

—Sim que passa - replicou Dakota sensatamente. - Só que nunca é notícia.

—OH, OH - exclamou Shannon procurando uma oportunidade para trocar de tema. - Já, e a Nova Era está à volta da esquina.

—Não tem nem idéia - disse Dakota apontando o dedo indicador contra seu nariz. - Só porque não entenda algo não te dá direito a fazer piadas a suas costas.

—Sente-se.

Shannon lhe indicou uma cadeira. Em caso de dúvida, sempre cabia o recurso da hospitalidade.

—Vou preparar um chá gelado.

—Boa intenção, mas não há trato - disse Dakota.

—Não vai me deixar em paz, verdade?

—De maneira nenhuma.

Shannon agarrou o livro de mãos do Dakota e folheou as primeiras páginas.

—Já sei como vai ser isto. Qualquer referencia a um cara louco com um curioso sotaque escocês que... Shannon se calou, olhou Dakota, respirou profundamente e voltou a ler a página danificada.

Em um ato de coragem sem par na época da Guerra da Independência, o advogado de Boston e mais tarde espião Andrew McVie, realizou uma temerária incursão contra as tropas inglesas acantonadas em Jóquei Hollow durante o inverno de 1779-1780 e, completamente sozinho, salvou a...

—Shannon? —disse Dakota, lhe pondo uma mão no braço. — Você está bem?

—Não - disse Shannon, sentando-se no chão. - Não. - Saber que Andrew tinha chegado do passado era uma coisa. Vê-lo escrito em letra de imprensa, outra completamente distinta.

—Vai desmaiar? — perguntou Dakota solidária.

—Eu nunca desmaio. É você a que faz isso.

Dakota se ajoelhou a seu lado.

—Tem a aura um pouco pálida.

—Não coloque a minha aura nisto.

—Você já sabia, não é verdade?

—De minha aura?

—Do McVie. Ele já contou isso, sim?

Shannon lutou por recuperar suas forças.

—Não pode dizer-se que Andrew McVie seja um nome estranho. Devia haver montões de Andrews McVie naquela época.

—Observa a lâmina da página seguinte. Se esse não for seu Andrew McVie, comerei minha bola de cristal.

Precipitadamente, Shannon voltou a página e encontrou a reprodução de um quadro do século XVIII que comemorava a batalha de Princeton. — Eu não vejo nada.

Dakota apareceu por cima de seu ombro.

—Aqui - disse assinalando uma figura no ângulo inferior esquerdo. - É ele.

Shannon olhou. Não havia dúvida. Era Andrew com seu queixo teimoso e seu torso musculoso.

—Falam que todos têm um duplo.

—Leia o pé de página. — insistiu Dakota. - Diz que sua identidade foi mantida em segredo até o final da guerra para que pudesse seguir espionando e fazer toda classe de coisas heróicas.

Shannon se sentia incapaz de pensar com coerência. Parecia-lhe ter papa no cérebro. «Dakota a apanhou, não tem escapatória».

—Por isso desmaiei. Esse tipo tem um campo de força incrível a seu redor. É como se levasse dois séculos de bagagem com ele.

Shannon agarrou a mão de seu amiga e abandonou todo intento de continuar fingindo.

—Não pode lhe contar isto a ninguém - suplicou.

—É obvio que não - disse Dakota indignada. - Que classe de pessoa crie que sou?

—E tampouco pode comentá-lo com seus amigos extra-sensoriais, nem com seu mentor, o doutor Forsythe.

—E o que te parece o National Inquirer, já que estamos falando disso? Poderia tirar muitos milhares pela história — Dakota levantou o queixo. - Me insulta, Shannon. Não sou uma oportunista.

Shannon apoiou a cabeça entre as mãos.

—Já sei que não, mas isto é vital. Se correr por aí que Andrew é um viajante do tempo, estaremos assinando sua sentença de morte. Os meios de comunicação o comeriam vivo.

—Completamente de acordo - disse Dakota, lhe sussurrando ao ouvido: - Venha me diga. Como ele chegou até aqui?

—Lembra aquele balão vermelho que viu ele arrastar ontem pela manhã?

Dakota assentiu.

—Pois assim.

—É brincadeira?

—Não, não brinco. Caiu no bosque durante o festival de aeróstatos, como já disse.

Dakota franziu o cenho.

—Mas isso não é possível, o vôo do primeiro balão não foi até 1783... e ocorreu na França, ou por aí perto.

—Não lhe posso explicar isso Só posso contar o que ocorreu. Andrew... conheceu um casal e ficaram amigos. Eles viajaram para o passado o último verão.

—Como se chamavam?

—Não sei. Radcliffe ou Rutledge. Acredito que ela se chamava Emilie.

—Que emocionante! — Dakota lhe agarrou a mão e puxou a de Shannon para que ficasse de pé. - Vamos contar lhe o do livro. Morro por ver sua reação. Quero dizer que esse homem é história viva...

—Não!

—Não? Tem que contar. Você não gostaria de ver seu nome em um livro de história e saber que influenciou no curso dos acontecimentos?

Shannon se manteve firme.

—Ah, já vejo! — exclamou Dakota, compreendendo. - Não sabe ler, né? Não se preocupe, eu lhe ensinarei. O que importa um aluno mais?

—Ele era... quero dizer que é advogado, Dakota. Sabe ler perfeitamente.

—Então, onde está o problema?

—Aqui — disse Shannon assinalando a data.

—Inverno de 1779-1780 — leu Dakota em voz alta. - Bom, e o que?

Shannon a olhou aos olhos.

—Andrew deixou seu mundo em agosto de 1776.

—O tempo é fluido — disse Dakota ao cabo de um momento. - Pode que tenha acontecido.

—O tempo não é tão fluido — replicou Shannon—. Além disso, não se lembraria de ter realizado uma façanha heróica em meio de uma tempestade de neve durante a guerra?

—Mas aqui o põe bem claro. Como explica isso?

—Você é a dos poderes. Esperava que você pudesse me explicar isso.

—Possivelmente vá retornar.

Shannon sentiu que lhe esfaqueavam o peito.

—Me dê esse livro - disse arrebatando-lhe ao Dakota e indo à biblioteca.

—O que faz? —perguntou Dakota lhe pisando os talões. - É propriedade do museu.

—Já não.

—Shannon, tenho problemas de sobra com o doutor Forsythe. É bastante mau que tenha tirado o livro do edifício. Já pensa que sou uma marmota, se der conta de que falta o livro fico sem trabalho.

—Pagá-lo-ei.

Shannon subiu à escada móvel que havia ao outro extremo da biblioteca.

—Vistas paralelas, do Plutarco. Este é o lugar.

Deixou cair o livro Heróis Esquecidos atrás do tomo. A julgar pela grossa capa de pó que a cobria, aquela obra do Plutarco devia estar há séculos ali. Por uma vez se alegrou de que o serviço de limpeza não fora tão eficiente como eles pretendiam. Desceu da escada muito satisfeita consigo mesma até que viu a cara de Dakota.

—Não posso acreditar que o tenha feito - disse Dakota.

—Assinar-te-ei um cheque. Dois cheques. Comprar-te-ei uma casa nas Bermudas. O que faça falta para que fique quieta.

—Não te reconheço.

—Eu tampouco.

Dakota estreitou os olhos e olhou Shannon.

—Sua aura está trocando outra vez. Está ficando laranja fosforescente.

«Porque estou fazendo algo por mim mesma, pensou Shannon. “Porque esperei a alguém como Andrew toda minha vida e não posso deixar que me escape».

—Não vai dizer ao Andrew, verdade?

—Não terei que fazê-lo - disse Dakota, apoiando uma mão sobre o braço de Shannon. - Isto não pode durar. Não é seu destino. Seu futuro está em outro lugar.

—Esta enganada — disse Shannon, apartando-se de sua amiga. - Somos nós quem decidimos nossos destinos e é aqui onde ele deseja ficar. Foi sua escolha, Dakota. Não a minha.

—Isso não vai servir - disse Scott olhando ao Andrew. - Necessita uma chave de fenda elétrica.

—Servirá — disse Andrew contemplando os beirais da casa de Shannon.

Não tinha a mais remota idéia do que podia ser uma chave de fenda elétrica, e tampouco queria perguntar aos meninos. Tinham estado seguindo cada um de seus movimentos desde que os tinha encontrado no bosque. Parecia-lhe indecente que um homem de trinta e três anos pedisse conselho a um menino.

Até o momento, a tentativa de despertar seu interesse pelo trabalho físico tinha sido um fracasso. Era muito estranho, pareciam contentar-se observando como trabalhava, como se ele estivesse atuando para seu recreio. Andrew se lembrou da janela dos quadros que se moviam que tão pouco atrativo tinha para ele.

—Onde estão seus óculos de amparo? —perguntou Charlie. - O tipo da televisão diz que sempre terá que colocar.

—Esse tipo não tem nem idéia - disse Ângela. - Meu primo tem uma serra elétrica no porão e nunca lhe vi usar óculos.

—Porque é um estúpido.

—Não o é.

—Sim que é.

—Não o é.

—Sim que...

—Meu deus! —rugiu Andrew. - Ajudem-me quando lhes pedir isso e deixem essa animação infernal agora mesmo!

Quatro caras infantis se voltaram a olhá-lo com a boca aberta, mas nenhum se moveu. Andrew assinalou ao Charlie.

—Você segura à escada enquanto eu subo. E você, Ângela, irá dando os pregos. Os outros dois empilharão a lenha.

—Eu não sei empilhar lenha - disse Derek.

—Não tem nada de difícil - disse Andrew.

O menino franziu o cenho.

—Acredita que haverá aranhas escondidas?

—Não sei seguro, mas a lenha está recém atalho. Não acredito que as aranhas tenham tido tempo de encontrá-la ainda.

—De acordo - disse Derek—. Então, farei.

—Boa decisão — disse Andrew esforçando-se para não sorrir.

Ele não gostava muito de aranhas e não sentia outra coisa que afeto pelo Derek. Sua pele negra não contava para nada.

«Mas Derek só é um menino», disse uma voz em seu interior. «Como se sentirá quando for um homem e rivalize contigo para conseguir um lugar no mundo?»

Pensou na reação que tinha tido com a Karen, a amiga de Shannon. Perguntou-se se só tinha rechaçado sua cor e seu sexo ou se havia algo mais, o medo oculto a não dar os passos necessários para ter êxito naquele mundo. Era uma idéia inquietante e desagradável.

Os meninos se dedicaram ao trabalho com rapidez, e com entusiasmo. Os meninos se vestiam de um modo peculiar, calças largas, arregaçados até meia perna, sapatos do tamanho de botes com as cordas soltas, boinas estranhas com a viseira volta para trás. A garota usava umas calças curtas de uma cor verde brilhante e uma camiseta de manga curta que estava muito grande.

Tinham um aspecto extravagante aos olhos do Andrew e, entretanto, poucas coisas tinham trocado em duzentos anos. Os meninos seguiam respondendo ao caráter de um líder forte e à disciplina.

—Assim está bem? — perguntou Derek, que carregava um lenho de grande tamanho para a pilha que tinha começado a crescer junto à porta de trás

—Muito bem - respondeu Andrew enquanto subia a escada.

—Você fala muito estranho - disse Charlie. - É inglês?

—Nasci em Boston.

Andrew não podia recordar haver-se sentido alguma vez tão cômodo em companhia de um adulto como aqueles meninos. Quando era pequeno, nem sonhava sequer dirigindo-se com tanta liberdade a um homem com idade suficiente para ser seu pai.

—Pois sim que se fala estranho em Boston.

—Pois sim que fala estranho em Nova Jersey.

—Não, nós falamos normais - disse Charlie.

—É uma questão de perspectiva.

—O que é isso? —perguntou Ângela.

—A perspectiva é a maneira que tem de olhar as coisas.

Perto dali, Derek carregou outro tronco.

—Pegue um menor - disse Andrew. - É preferível fazer duas viagens antes que se machucar.

Derek assentiu e fez o que lhe dizia. O gesto recordou ao Andrew a seu filho. David se tinha parecido muito a aquele menino, um moço que necessitava que o dirigisse sempre ávido de conselhos. Sempre procurando avidamente sua aprovação.

«Sim, esse é o problema». Quase não tinham tido tempo para estar juntos, seis escassos anos e Andrew tinha esbanjado quase tudo com sua carreira. Frequentemente, transcorriam semanas inteiras sem ver seu filho e o pequeno mudava naquele tempo de uma maneira que preocupava Andrew cada vez que voltava para casa.

Tinha os olhos cheios de lágrimas. Piscou com rapidez desejando que cessassem. Fazia o impossível ao viajar a um mundo que se encontrava a duzentos anos no futuro, mas nunca havia encontrado uma maneira de dizer a seu filho que o queria, que se sentia orgulhoso dele.

—Estão fazendo um bom trabalho. Todos vós.

—Obrigado - disse Charlie. - Mas deixou a calha torta. Agora terá que voltar a fazê-lo.

Andrew olhou e teve que voltar a olhar.

—Tem razão.

—Sim - disse Charlie sorrindo—. Imaginei que você gostaria de sabê-lo.

—Sempre é melhor saber - disse Andrew tirando os pregos.

—Não sempre - disse o menino—. Minha mamãe diz que o que não conhece não pode fazer dano.

—Sua mamãe se equivoca - disse Andrew com segurança, pensando no pequeno que só vivia em seu coração.

Era o que um homem não conhecia o que tinha o poder de lhe ferir mais profundamente.

Capítulo 15

Dakota recolheu os meninos e os levou aos abrigos um pouco antes das cinco. Shannon sempre se maravilhou pela capacidade que tinha sua amiga de relacionar-se com os meninos sem mostrar-se condescendente, um pouco particularmente difícil, tendo em conta que se tratava de meninos cujas famílias tinham sido destruídas pelos abusos e maus entendimentos. Antes que de ir a sua casa, Dakota não só teria determinado o nível de leitura de cada um, mas também teria ganhado seus corações.

Shannon andou de um lado para outro da casa durante um momento. Ligou a televisão e viu parte das notícias antes de desligar. Não podia concentrar-se com uma revista e tampouco estava de humor para escutar música. Em realidade, era-lhe impossível fazer outra coisa que pensar no livro que tinha escondido na biblioteca. Como poderia pensar em outras coisas quando se livrava uma batalha furiosa entre seu coração e sua consciência? Deixou-se cair sobre um degrau do vestíbulo e apoiou a cabeça nas mãos.

Levava impressa no interior das pálpebras a imagem do Andrew com o torso nu, dirigindo a tocha. «Isso é o que quer para ele, Shannon? Que se passe o resto de sua vida arrumando calhas e cortando lenha?»

Raciocinou consigo mesma que só estava há alguns dias ali. Ninguém troca de vida tão radicalmente e espera que sua carreira e seu futuro fiquem intactos. Essas coisas necessitam tempo, inclusive em umas circunstâncias menos excepcionais. Certamente, não podia voltar a exercer advocacia, mas tinha que haver algo que ele pudesse fazer algo importante que lhe satisfaria algo que o manteria a seu lado para sempre.

«Não há nada mau em ser um trabalhador manual. “Muita gente pensa que é mais íntegro que ser advogado».

Mas as reparações que ela podia fazer na casa tinham um limite. Por um instante, viu-se como Penélope, a mulher de Ulisses, mas em vez de desfazer cada noite a tapeçaria, Shannon rompia janelas e trancava encanamentos, tudo para que Andrew tivesse trabalho ao dia seguinte.

«É uma mulher rica. Pode montar um negócio e nomear ao Andrew presidente honorífico. “Teria trabalho, auto-estima e...”»

—Idiota! —resmungou.

Passou as mãos pelo cabelo. A quem queria enganar? Andrew era um homem orgulhoso. Uma situação como a que ela imaginava era um caminho ao desastre assegurado.

Não tinha documentos de identificação. Deus! A única carteira de conduzir que ia ter em sua vida pertencia a Emilie Crosse, que se encontrava sã e salva vivendo em 1776. Qualquer registro relacionado com a existência do Andrew devia ter um mínimo de duzentos anos.

«Pensa Shannon. “Tem que haver uma solução.» Ela tinha conseguido criar uma vida completamente nova para si, embora Os Federais tinham dado uma mão. Tinha superado o horror de seu matrimônio para encontrar a maneira de que outras mulheres se beneficiassem de sua experiência. Acabaria encontrando um lugar em seu mundo para um homem tão extraordinário como Andrew.

Mas algo que encontrasse tanto se era presidente ou trabalhador manual, poderia comparar-se com o fato de ter sido um herói no mundo que tinha deixado atrás?

—Dakota se equivoca — disse, ficando de pé.

Andrew lhe tinha contado que, segundo Emilie e Zane, os livros de história não recolhiam nenhuma menção sobre ele depois do verão de 1776. O que Dakota tinha encontrado devia ser um engano, uma coincidência, possivelmente.

Para Shannon, alguém tinha apropriado da identidade do Andrew e tinha realizado um ato de heroísmo solitário que tinha merecido um lugar na história. Genial, mas não provava nada.

Apenas estava segura era de que Andrew McVie estava em seu mundo e formava parte de sua vida, e ela ia fazer tudo o que estivesse em sua mão para mantê-lo ali.

Shannon saiu da casa ao redor das seis da tarde.

—Vou acender a churrasqueira e preparar uns filés suculentos e politicamente incorretos - disse ao Andrew. - Como você gosta da carne, bem passada ou mal passada?

—Ainda está claro - disse ele enquanto passava o braço pela frente para secar o suor. - Seguirei trabalhando até que fique noite.

—Esses beirais agüentarão até manhã.

Andrew trocou uma tabua. O tamborilar de seu martelo pontuava suas palavras.

—Não, não agüentarão.

—Você está bem, Andrew?

—Estranha pergunta — disse ele, batendo outro prego. - Está tudo bem

—Não parece muito contente.

«É sua consciência culpada que está falando, Shannon?»

—O entardecer se aproxima e tenho muito trabalho.

—Se mudar de idéia, só tenho que pôr a carne na churrasqueira.

Mas não trocou de idéia. Shannon não esperava que o fizesse. Sua expressão tensa havia sido mais clara que as palavras que tivesse podido utilizar.

«Algo mudou», pensou mais tarde, enquanto jantava no pátio olhando como trabalhava. Durante os dois últimos dias Andrew tinha seguido seus movimentos com avidez, convertendo-se em parte essencial de cada momento de sua vida. Entretanto, agora tudo era distinto e ela não sabia por que. Andrew não podia saber nada do livro de Dakota. Cravou uma parte de alface de seu prato de salada e o observou. Havia uma barreira entre eles, uma separação que não estava ali antes.

Shannon ficou com o garfo a metade de caminho de sua boca. Já não ouvia a voz do Andrew em seu interior. Essa era a diferença. A conexão quase mística que tinha havido entre eles, que tinha enrolado seu sentido da prudência, tinha sido substituída pelo pressentimento de que tudo aquilo era provisório.

Amaldiçoou ao Dakota e as suas tolices paranormais. Afastou o prato e ficou olhando a piscina. Se sua capacidade de ler a boa fortuna fora tão boa como Dakota dizia, teria ganhado na loteria e não se veria obrigada a ter três trabalhos e a usar roupa de segunda mão.

«Estupendo, Shannon. “Agora está se convertendo em uma cadela além de em uma embusteira».

Queria muito Dakota e sabia que não havia nada falso ou servil em seus poderes extra sensoriais. Tinha sido testemunha de como se cumpriam suas predições suficientes

vezes para que merecesse um posto em um programa de televisão a altas horas da madrugada.

Mas esta vez, não podia acertar. Shannon estava disposta a revolver céu e terra para não perder sua única oportunidade de ser feliz. O destino tinha levado o Andrew até ela e não ia permitir que esse mesmo destino o arrebatasse.

Nem nesta vida nem na outra.

Andrew deixou de trabalhar quando escureceu. Recolheu as ferramentas espalhadas pelo chão e as estava colocando na garagem quando apareceu Shannon. Levava umas calças brancas que deixavam suas pernas ao descoberto e um sutiã amarelo que só lhe tampava a parte superior do peito. Andava descalça e inclusive à luz incerta do anoitecer podia ver o brilho de suas unhas pintadas de rosa. Cheirou o perfume de sua pele no ar da noite e um desejo devorador se acendeu em seu corpo.

—Deve estar com fome — disse ela.

—Sim. O aroma da carne à brasa fez seu efeito.

—Há salada e milho preparados para comer - disse ela vendo como ordenava as ferramentas. - O filé estará quando tiver acabado com isto.

Andrew lhe lançou um olhar duro.

—É uma mulher rica, como é que faz as tarefas da casa?

—Não é sempre o faço. Geralmente, é Mildred a que cozinha. Não falei que o Mildred e Karl?

—Sim. Contudo, não acredito que nenhuma outra mulher de sua posição se rebaixe a fazer trabalhos domésticos para um desconhecido.

O suspiro de Shannon flutuou até ele e Andrew desejou capturá-lo e guardá-lo junto a seu coração.

—Diverte-me cozinhar. Sobre tudo quando há alguém que sabe apreciá-lo.

Deram a volta para sair da garagem, mas Shannon parou repentinamente.

—Meu deus! — exclamou Andrew.

—O balão - disse ela em um fio de voz—. Que demônios...?

O trapo com que havia talher o arranjo tinha cansado a um lado desvelando uma cena inquietante. O tecido sedoso do balão mostrava uma cor esbranquiçada enquanto que a casquinha parecia estar desintegrando-se diante de seus olhos. O balão tinha aspecto de ter estado viajando durante séculos e conseguido sobreviver ao intento.

A Andrew lhe ocorreu de repente que não podia retroceder o andado, sem o balão e seu fogo mágico estava condenado a viver o resto de seus dias no mundo do Shannon.

—Pobre Andrew.

Shannon lhe pôs a mão no braço e ele sentiu que seu corpo estalava em chamas a seu contato.

—Encontraremos uma maneira de que isto funcione - acrescentou ela para lhe animar.

—Tomei uma decisão quando subi à casquinha e não me arrependo.

—E eu espero que nunca o faça.

«Seguirá pensando o mesmo dentro de um mês ou desejará que me tenha ido quando eu queira ficar com todo meu coração?»

Shannon o olhou no rosto e Andrew viu um brilho de pura felicidade no fundo de seus olhos. Não sabia o que tinha provocado para que ela o olhasse maravilhada, mas soube que ele entesouraria a lembrança daquele instante até a tumba.

Andrew comeu como fazia quase tudo, com apetite e entusiasmo. Quando terminou, Shannon tirou a mesa e sugeriu que vissem a televisão no estúdio enquanto tomavam o café e a sobremesa.

—Não parece se entusiasmar muito com a televisão — disse Shannon, passando de uma reposição do *Cheers* a outro canal.

—É como ler um livro, mas sem o desafio - disse ele. - Não há capacidade para a imaginação.

—A imaginação é um bem escasso nestes tempos. A maioria das pessoas quer que as diversões sejam tão simples e fáceis de digerir como é possível - disse enquanto acionava o controle remoto até encontrar uma reposição de *Te quero, Lucy*. - Mas teria que ver isto se te propõe entender a cultura americana. Era um episódio clássico do *Lucy*. Ricky apresentava um espetáculo no Tropicana e Lucy queria atuar nele.

—Não entendo a relutância do Ricky - disse Andrew—. Por que não atende os seus desejos?

—Já a ouviste cantar - disse Shannon sorrindo. - Lucy não tem talento, por isso não quer que cante em público.

Andrew meditou um momento.

—Não me consta que Ricky Ricardo saiba cantar.

O sorriso do Shannon se ampliou.

—Pois eu acredito que "Babalú" é uma obrara mestra.

—Lucy é uma formosa empregada - disse Andrew com um brilho pícaro nos olhos. - Deve ter sido um triunfo para ele conquistá-la.

—Outro comentário machista! Deve deixar de pensar que as mulheres são prolongações dos homens. Somos livres e independentes e não necessitamos que os homens nos mantenham.

—Sou um produto de meu tempo e não vou pedir desculpas por sê-lo.

—Se quer viver no século XX, terá que se adaptar.

Shannon contemplou como ele devorava uma bolacha de chocolate com um estilo excessivamente masculino e sentiu um delicioso formigamento de excitação. «Está em baixa forma, Shannon. “Se pondo a tom só de ver um homem comendo bolachas».

—Ficar a tom? — perguntou ele.

—Ficar a tom? — repetiu ela.

—Você tampouco sabe o significado?

—Quero dizer que... ficam a tom os instrumentos.

—Ah, sim? Muito interessante, mas você não o dizia com essa intenção.

—E você que sabe? Não me lembro de haver dito nada.

—Claro que sim - insistiu ele. - Ouvi claramente as palavras.

—Não acredito.

—Que sim, Shannon - sua voz se fez mais grave e seu tom lhe acariciou. - Eram suas palavras e as escutei em meu coração.

—Parece-me que não deveríamos falar destas coisas.

Aquela magia podia desaparecer se a perturbassem e isso ela não desejava. Tão somente umas poucas horas antes, tinha chegado a acreditar que já não existia aquela conexão especial entre eles. Mas, no interior sombrio da garagem, tinha ouvido os pensamentos do Andrew com a mesma clareza que ouvia os seus e tinha tido a sensação de que alguém lhe devolvia a vida.

Como podia duvidar de que tinha tomado a decisão correta ao esconder o livro de Dakota?

Andrew queria ficar com ela.

Em seu tempo, em seu mundo.

Quando duas pessoas estavam tão unidas que seus pensamentos eram um só, tinha que significar que seus destinos eram um também.

—Também te ocorre - disse Andrew. - Sei pela maneira que tem de me olhar, pelas coisas que diz.

—Passou-me a primeira noite - disse ela apartando o olhar. - Ontem seus pensamentos me estavam vedados até que...

—Sei. Aconteceu-me o mesmo.

Shannon voltou a olhá-lo nos olhos e viu além de seu ser físico, era um lugar mais profundo, mais complexo, mais prodigioso. — Nunca antes me havia sentido assim.

—Nem sequer com seu marido?

—Amava ao Bryant, mas era diferente.

O amor que tinha sentido por seu primeiro marido se apoiou na esperança de fundar uma família e na ingenuidade. Quando a dura realidade tinha mostrado seu verdadeiro rosto, Shannon tinha aceitado sua parte de culpa igual a outras mulheres aceitam as adulações.

—Acredito que você amava ao Elspeth.

—Com todo meu coração. Mas já não me amava para quando deixou este mundo.

—Isso não pode sabê-lo — disse ela, desejando ter a mesma capacidade para acalmar sua dor que ele para aliviar o seu.

—Sim que posso. O último dia que a vi, disse-me: o amor que sentia por você tinha morreu e só ficava o dever — disse com voz afogada de emoção. - Era uma boa mulher. Merecia mais do que fui capaz de lhe dar.

—O mundo não mudou muito em duzentos anos - disse Shannon ao fim de um momento. - Ainda cometemos os mesmos enganos. E ainda mantemos a esperança de escrever um final feliz em nossa história - acrescentou olhando-o aos olhos.

—Como nos contos para meninos? — perguntou ele com o esboço de um sorriso nos lábios.

—Tão terrível é isso? Onde está escrito que as coisas que desejamos não possam ser realidade? Seu queria viajar ao futuro e o obteve, Andrew. E eu...

Shannon se calou de repente, o rubor acendeu suas bochechas. Andrew lhe agarrou as mãos.

—Que mais poderia desejar você, Shannon?

—Você - sussurrou ela. - Desejo você.

Capítulo 16

Palavras.

Simples palavras, singelas em seu significado.

Mas naquelas palavras, o mundo e tudo o que continha era de Andrew.

O coração transbordava de alegria quando estreitou Shannon entre seus braços. Parecia tão pequena junto a ele, suas formas tão delicadas e femininas, que a necessidade de protegê-la do mundo lutava contra sua própria necessidade feroz de possuí-la, ali mesmo, no chão, como se fora uma...

Andrew a separou de si, lutando por sufocar os fogos que lhe abrasavam o corpo.

—Andrew?

Seus olhos estavam muito abertos, seus lábios rosa e suaves. Acaso não sabia o que esse rosto podia lhe fazer a um homem?

—Está passando mal?

—Sim — disse ele com um esforço. - Tem sobre mim um efeito inusitado.

—Me alegra saber. Suas palavras lhe deixaram perplexo. Não era a reação que ele tinha esperado.

—Não se ofende?

—Não. Ao contrário, adula-me - disse ela com uma voz que prometia maravilhas sem medida. - Porque você também tem um efeito inusitado sobre mim.

—Não é meu desejo lhe causar alarme.

—Sei - sussurrou ela, lhe pondo as mãos nas bochechas. - Acredito que o soube do primeiro momento.

—Em minha época, não o teria duvidado, mas aqui... Temo que as regras do namoro mudaram muito.

—Me faça à corte, Andrew. Corteje-me como o teria feito se nos tivéssemos conhecido em seu mundo.

Andrew lhe sujeitou aquelas mãos frágeis que ocultavam a força de uma corrente.

—Tivesse sido um galanteio lento e cuidadoso, — Andrew inclinou a cabeça e lhe beijou as mãos. - Teria havido muito tempo para passear juntos. —Beijou-lhe as palmas. - E para assistir a recepções. —Fechou-lhe os dedos para que guardasse o beijo. - E para contemplar o fogo da chaminé em uma fria noite de inverno.

Os olhos do Shannon se obscureceram enquanto o olhava.

—Mas estamos no verão... O que teria feito no verão?

—Isto.

Shannon se amoldava a seu corpo como se tivesse sido concebida para seu prazer e Andrew soube que seu prazer era mais evidente quanto mais perto a tinha. Suas mãos lhe abrangeram a cintura, aquela pele nua que lhe tentou a primeira vez que a havia visto junto ao lago retangular, e temeu que sua contenção não pudesse superá-la.

—Um galanteio lento - disse Shannon com voz lânguida. - Como lento, exatamente?

—Muitos meses - disse Andrew enquanto jogava os braços ao pescoço. - Um homem pode cortejar a sua dama um ano ou mais antes de...

—Muito tempo - disse ela, e o beijou no pescoço. - Agora atuamos com mais rapidez.

—É verdade - disse ele, sentindo que tudo o sangue se amontoava em suas virilhas. - Já vi a velocidade que eles se movem.

—A vida é curta. É uma das coisas que aprendemos.

—Shannon, se minha vida terminasse neste preciso instante, morreria feliz de estar contigo.

Shannon lhe beijou a bochecha.

—Diz isso a todas as garotas que visita.

—Não sou um adulator. Digo o que há em minha mente e em meu coração.

—Sei - disse ela, lhe passando o índice pelos lábios. - Escutei tudo o que tinha que dizer, mas agora quero que se cale e me beije.

Aquelas palavras eram um feitiço poderoso que tiveram um efeito assombroso sobre sua pessoa. Estalou em chamas, cego de desejo e, entretanto, dolorosamente consciente de suas próprias forças.

—Sou um... homem apaixonado - disse sinceramente. - Não tenho intenção de causar incomodo.

Andrew teria preferido morrer celibatário antes que feri-la em qualquer sentido.

—Sei que não vai fazer mal.

Shannon parecia surpreendida de que ele houvesse dito uma coisa assim. Andrew recordou a dor que tinha sofrido nas mãos de seu marido e insistiu.

—Há vezes em que esqueço minha própria força.

—Eu serei primeira em lhe recordar isso

Andrew lhe acariciou a cara.

—Faz muito tempo que não estive com uma mulher. Posso ser menos do que esperas.

—Jamais! —disse ela ferozmente. - Já é mais do que sonhei.

Andrew procurou seus lábios, mas sabia que era Shannon quem lhe conquistava em corpo, alma e coração.

Na televisão, Lucy e Ethel maquinavam um plano amalucado, mas Shannon não ouviu uma só palavra.

Andrew a tomou em seus braços e, sem romper o beijo, levou-a a seu quarto. A porta estava entreaberta, abriu-a com o pé e aquele gesto trouxe para sua memória as vezes que o tinha repetido no passado. Sem titubear, cruzou o quarto para a cama que havia junto a uma janela e um instante depois, ambos caíam entrelaçados sobre o colchão.

Beijou-a avidamente, como se não pudesse saciar-se de seu sabor nem de sua fragrância. Aquela fome nua a catapultou a um estado febril. Moveu-se contra ele, acariciou-lhe as costas e lhe tirou as abas da camisa até que pôde sentir sua pele.

Perguntou-se se era possível embriagar-se acariciando a pele de um homem, com aqueles músculos proeminentes, com o ímpeto que irradiava, com a segurança de que estava brincando com fogo e procurava consumir-se.

Andrew lhe sujeitava a cintura, intoxicado com sua fragrância, com o tato acetinado de sua pele, com a segurança de que quão único o separava do paraíso eram umas quantas objetos finos e um ato de força de vontade supremo.

Estavam deitados de lado, as pernas entrelaçadas, os fôlegos mesclados, os corações pulsando grosseiramente. Ela passou as mãos pelas suas costas e Andrew temeu perder o controle.

—Não - murmurou apartando-se. - Estou me arriscando a chegar ao final antes de ter começado.

Shannon abriu os braços e se apressou a abraçá-lo com um olhar de seus olhos, com um sorriso de seus formosos lábios. Andrew gemeu, fez que se deitasse sobre a cama e ficou sobre seus quadris. Encontrou o fechamento de suas calças curtas, mas os dedos não podiam abri-lo.

—É um botão de pressão.

Andrew olhou enquanto ela separava as duas partes de tecido. Depois, acariciou a lingüeta de metal que havia debaixo do botão.

—E isto?

—É um zíper — disse ela com uma voz que a seus ouvidos soava insuportavelmente sedutora. - Puxe a lingüeta para baixo.

Andrew fez o que lhe pedia, baixando a pequena fivela sobre a curva suave de seu ventre, abaixo, mais abaixo, até que pôde sentir seu calor nas mãos.

—Um zíper — repetiu enquanto a calça se abria descobrindo ante seus olhos uma diminuta renda cor nata. - Um invento novo?

—Tampouco o é.

—É pasmoso.

Andrew se inclinou sobre seu corpo, inalando profundamente seu aroma e logo pôs os lábios sobre o ventre.

Shannon gemeu enquanto ele riscava desenhos com a língua. Tirou a renda com os dentes.

—Um mundo de maravilhosos inventos.

Shannon se agitou inquieta enquanto ele a despojava de suas roupas. Andrew ficou sem fôlego ao contemplar suas pernas e seus quadris, tão somente cobertos por aquela exígua tira de tecido, tão fina que podia ver os cachos escuros e espessos que cobriam seu montículo. Abrangeu-o com a palma da mão, sentiu a umidade, imaginou fundo em toda sua longitude no fundo de seu corpo, ouvindo-a gritar enquanto alcançava o alívio.

Shannon levantou os braços e lutou com os botões da camisa até descobrir seu peito. Apertou a cara contra sua pele e inalou entrecortadamente. Andrew pensou que sentia aquele fôlego em todo seu corpo. Ela parecia encontrar um grande prazer olhando-o e tocando-o e seu próprio prazer se multiplicou em resposta.

A blusa de Shannon estava sujeita por botões normais que ele se apressou a desabotoar, só para descobrir mais renda de cor nata, aquela vez ocultando de seus olhos os seios. Mais não por completo. Podia ver a sombra escura de seus mamilos sob a barreira translúcida e, com mão tremente, passou um dedo sobre a curva, o vale, e outra vez a curva.

—Como se chama? — perguntou, enganchando o dedo em uma tira.

—Sutiã. Serve para...

—Está claro para o que serve. Inclusive estou vendo.

Menos claro, entretanto, é como tirar de você. —Algun problema? —disse ela.

—É um objeto diabolicamente misterioso.

Andrew colocou as mãos por debaixo do tecido elástico.

—A maioria dos moços sabe desabotoar um prendedor antes. —disse ela com um sorriso inocente.

—Insinuas que sou menos hábil que um menino? — perguntou ele, zangado com sua estupidez.

—É um homem de recursos - disse ela. - Estou segura de que saberá como resolvê-lo.

E quando Andrew o conseguiu, ela se pôs a rir, uma risada de mulher que agradou ao Andrew além de toda medida.

—Viu? Já te disse que sou um homem de recursos - disse ela, obviamente encantada.

—Diabos!

Sua própria delícia também era óbvia. O prendedor ainda estava quente. Em realidade, parecia conservar suas formas por si só. Andrew a olhou e seu sangue ferveu com uma necessidade que estava mais à frente do desejo. Ela era miúda, mas formosa, como se um artista a tivesse criado para um sonho de esplendor. Um sonho que ele nunca antes se atreveu a sonhar.

Levantou-se da cama e se tirou sapatos e meias três - quartos, depois desabotoou as calças. Os calções eram um estorvo e se sentiu mais ele mesmo quando estava na cama com ela, nu.

—Vem, minha senhora - disse com os braços abertos.

Ela sorriu reconhecendo a adulação e obedeceu. Não havia hesitações em seu comportamento, não havia acanhamento. Antes bem, parecia tão impaciente pelo que os aguardava como ele, sem recatos nem desculpas. Andrew nunca tinha conhecido uma mulher com semelhante capacidade para a alegria e aquela sensação o encheu de complacência.

Shannon jazia tombada em ângulo sobre o Andrew, os peitos esmagados contra a muralha de seu peito. Ele a sujeitava das nádegas, movendo-a lenta, maravilhosa, deliciosamente contra sua ereção até que ela acreditou morrer de desejo.

Mas era algo mais. Era avidez, uma avidez que chegava ao mais fundo, até cravar-se em seus ossos, tão incomensurável que não podia escapar dela, mesmo que tivesse querido. Uma avidez que esfaqueava suas defesas e deixava ao ar seu coração palpitante, o coração que ela tinha acreditado fechado para sempre.

«Já não posso mais, Andrew». Shannon fez sua a cadência de seus movimentos. «Agora... Por favor, agora».

Andrew deslizou a mão sob seu corpo e a acariciou.

—Está segura?

Shannon estava além das palavras e do pensamento, além de tudo o que não fora aquele instante e aquele homem.

—Nada acontecerá que você não queira que aconteça. - disse enquanto se colocava sobre ela. - É você quem decide.

—Sim — sussurrou ela abrindo os braços de par em par. - Digo que sim.

Com um gemido, cobriu-a. Sua ereção se apertou dura e ardente contra seu ventre. Agarrou-lhe o rosto entre as mãos e desejou que soubesse que só pertencia a ele, que viajar através do tempo não era nada com o milagre de encontrar o amor quando já tinha abandonado toda esperança.

Andrew ficou entre suas pernas. Ela sentiu que pressionava contra seu fogo úmido e arqueou as costas. Ele se lançou para diante. Ela se abriu para ele, rodeando-o, enfrentando-se a sua paixão com amor, alegria e deleite, mais do que jamais tinha acreditado possível que uma mulher pudesse entesourar em seu coração.

Shannon lhe entregou seu corpo, mas, mais que isso, também lhe devolveu sua alma. Andrew soube no preciso instante em que aconteceu. Quando entrou nela, seus olhos marinhos se aumentaram para olhá-lo e seguiu olhando-o enquanto ele se afundava mais profundo em sua suavidade complacente. E Shannon sorria. Sorria como se ele tivesse colhido a lua e as estrelas e as tivesse posto aos seus pés.

Andrew tinha estado com muitas mulheres em sua vida. Sabia que o momento de euforia que encontrava nos braços de uma mulher não sobrevivia de noite. Com a fria luz da alvorada, voltava a dar-se conta de que estava sozinho, de que sempre tinha estado sozinho, de que estaria sozinho até exalar o último fôlego.

Mas aquela vez era diferente. Andrew lhe deu prazer durante as horas mais escuras da noite e quando se aproximou o amanhecer, tomou seu próprio gozo vendo-a dormir entre seus braços.

As espessas pestanas arrojavam sombras sobre suas bochechas. Sentia no ombro a suavidade de seus cabelos desordenados. Shannon se agitou e se deu a volta. Andrew sentiu uma dor aguda no coração ao ver a brilhante curva da cicatriz que a faca de seu marido tinha deixado a seu passo. Andrew vinha de um mundo mais duro e selvagem. Frequentemente os homens deixavam que falassem seus punhos, inclusive entre as paredes de suas próprias casas. Tinha imaginado algo melhor do século XX. A humanidade tinha sido benta com riquezas sem contar e ainda os mesmos problemas que tinham acossado aos homens e mulheres de seu tempo existiam.

Aproximando-se, depositou um beijo sobre aquela marca lívida enquanto inalava seu aroma. Nem sequer aqueles pensamentos escuros bastavam para escurecer a alegria que ela tinha despertado em seu coração pelo simples fato de estar viva. Que tivesse dormido com ele, que lhe tivesse devotado os prazeres de seu corpo, acaso havia um homem naquele mundo ou em qualquer outro ao qual lhe tivesse rendido mais alta honra? Shannon dormia profundamente, seus seios subiam e baixavam com o ritmo de sua respiração. Ao cabo de um momento, também ele ficou dormido. Não sonhou, porque nenhum sonho podia comparar-se à maravilha de dormir junto a uma mulher como Shannon.

Na verdade, não soube o que despertou, mas se encontrou arrancando seu corpo do calor da cama que compartilhava com o Shannon. Cruzou rapidamente a habitação e foi direito à janela, onde separou as cortinas e contemplou uma paisagem estranhamente escura para aquela hora da manhã.

As sombras amortalhavam a esplanada. Um terror sem nome lhe invadiu quando elevou o olhar às taças das árvores e viu uma nuvem de formas estranhas elevando-se para os céus. Conhecia aquelas volutas estriadas de escuridão e de luz, o gemido grave do vento, o modo como que chamava como uma sereia que enfeitiçasse aos navegantes do mar. — O farol — murmurou enquanto a sensação de pavor se fazia mais forte.

Aquela mesma nuvem tinha envolvido farol o dia em que Andrew deixou atrás sua antiga vida. Ficou ali enquanto a nuvem se abatia um momento e depois se afastava, como se lhe tivesse demandado algo e ele tivesse fracassado em seu encargo. Perguntaram algo e ele não tinha sabido responder.

—Andrew? — murmurou Shannon como uma carícia para seus ouvidos. - Volta para a cama.

—Sim - disse lhe dando as costas a esta janela é o lugar onde desejo estar.

Capítulo 17

Dakota saía de sua casa quando ouviu o telefone.

—Não posso falar contigo agora, mãe - disse sujeitando o auricular com o ombro. - Outra vez chego tarde à biblioteca. Forsythe querará minha cabeça.

—Tive um sonho — disse Ginny Wylie no tom de voz que reservava para as grandes ocasiões.

—E qual é a novidade? — resmungou Dakota olhando o relógio que havia sobre o frigorífico.

—Como disse?

—De verdade que tenho que ir, mãe. Por que não me chama na hora de comer e...?

—Só será um segundo - disse Ginny com a confiança alegre da mulher que tem assegurado seu lugar no mundo. - Vai de viagem.

— Vou trabalhar se deixar que pendure o maldito telefone.

—Não tenho por que te dizer nada disto - disse Ginny com tom ofendido. - Só trato de alimentar sua mente. «Um telefone móvel» pensou Dakota olhando seu Mustang que a esperava fora. «dêem-me um móvel para que possa chegar ao trabalho a tempo».

—Conheceste a um homem - seguiu Ginny. - Vai trocar sua vida para sempre.

Ao Dakota lhe arrepiaram os cabelos da nuca. Teve que sentar-se em uma cadeira da cozinha e deixou escapar uma risada forçada.

—Um homem? O único homem que há em minha vida é o doutor Forsythe e as duas sabemos quanto me quer.

—Este não é bonito... mas sim irresistível - disse Ginny com um suspiro —E não é de por aqui. Dakota? Está aí?

—Estou aqui, mãe.

«Morta de medo». Sentia que o sangue lhe subia à cabeça, mas não se atreveu a levantar-se por temor a cair desmaiada ao chão.

—E tem um nome?

—Adam - disse Ginny. - Andrew, possivelmente.

A cozinha começou a dar voltas ante seus olhos.

—O amigo do Shannon - murmurou.

—Este assunto tem mais gordura do que parece, verdade?

—Mãe, a sério que não posso falar.

—Seu futuro está ligado ao dele.

—Eu não acredito.

—Pois o acredita. Quando retornar a sua casa, você irá com ele.

Dakota se levantou de um salto e estalou em gargalhadas.

—Não sei como lhe dizer isso mãe, mas esta vez seu radar onírico está muito, mas que muito equivocado.

—De onde é? De Chicago? Porque sei que você odeia Chicago.

—É pior que Chicago.

—Denver?

—Pior que Denver ainda.

Houve um comprido silencio na linha.

—Não recebo nenhuma vibração sobre isto, Dakota. Por que será?

—OH, Deus! Note que horas são! Tenho que ir, mãe. Chamar-te-ei logo.

Desligou o telefone e correu à porta antes que Ginny tivesse tempo de voltar a ligar. Por pouco, o telefone começou a soar no mesmo momento que ela fechava a porta. Certamente, sua mãe era uma pessoa tenaz.

«Mas também estava acostumado a ter razão, não?»

Dakota fechou os olhos e tentou imaginar-se com o Andrew, mas sua mente era uma tela em branco. Shannon e ele tinham nascido para querer-se e nada podia mudar aquilo.

«Mas sabe que seu futuro está unido ao do Shannon e Andrew».

—Claro que sei - disse em voz alta, o que não era um bom sinal nem sequer nos melhores momentos. - Mas isso não significa que vá me converter em sua sombra.

Como única solteira da família, estava até o cocuruto de ser a quinta roda, não pensava passar-se toda a vida igual.

Andrew só estava ali de maneira provisória, não lhe cabia a menor dúvida. E Deus sabia que ela nunca tinha visto dois destinos tão entrelaçados como o do Shannon e ele.

«E aonde chega com isso?»

—Não sei — disse indo para seu Mustang que estava estacionado à entrada do caminho.

Supunha que a levava onde sempre, a fazer o papel da boa amiga ou o da companheira engenhosa e paranormal. «Ou possivelmente o catalisador».

Parou-se de repente enquanto considerava a idéia. Catalisador?

Não tinha sentido. Ela não tinha unido Shannon e Andrew e, certamente, nunca faria nada para separá-los. Além de entrar em transe cada vez que o via quão único tinha feito era encontrar um livro poeirento que tinha transformado Shannon em uma demente.

Entretanto, tinha a persistente intuição de que ali havia algo mais que lhe escapava. Toda a vida tinha tido a sensação de que estava destinada a algo mais elevado que a realidade mundana da vida diária. Era possível que houvesse uma grande aventura esperando na curva da esquina?

«Ou no próximo balão de ar quente que decolasse».

—Claro - disse subindo ao carro e pondo-o em marcha. - Só faltava isso.

A única grande aventura que a esperava era uma viagem fulgurante ao escritório de emprego se não conseguia chegar à biblioteca antes que o doutor Forsythe.

—Três mil e um milhões vendidos - leu Andrew no pôster sob os arcos dourados de um Mcdonalds da estrada 206, a umas poucas milhas ao norte de Princeton. Voltou-se para o Shannon. - Três mil e milhões do que?

Shannon colocou o carro no estacionamento.

—De hambúrgueres.

Andrew a olhou com aquela expressão de não entender nada.

—Vitela picada com a que se formam umas tortas que se fazem à prancha e se servem com pãezinhos pequenos e redondos.

—Com que propósito?

—Para que lhe desfrute comendo isso são os mesmos hambúrgueres que provamos o outro dia no restaurante — disse ela ficando na fila depois de um Chevy Blazer carregado de crianças. —Esqueci te falar dos pepinos japoneses, a alface, a cebola, o ketchup e o molho especial?

—Sim, esqueceu-o.

Um minuto depois deteve o carro junto a placa do cardápio e, depois de um chiado metálico, alguém falou pelo alto-falante.

—Bem vindos ao Mcdonald. O que desejam, por favor?

—Valha-me Deus! —exclamou Andrew inclinando-se sobre ela para olhá-lo mais de perto. - Acaso há uma máquina para substituir a cada um de nós?

—Quase, quase - disse Shannon.

—Seu pedido, por favor - repetiu o alto-falante.

—Um "Big Mac", salada do *chef*, batatas fritas e dois chás gelados.

—Leve seu carro até o guichê número um.

—Encontraremos comida de verdade no guichê número um? —perguntou Andrew.

—O mais típico da autêntica cozinha americana - disse Shannon sorrindo.

—É assombroso.

«Não», pensou Shannon um momento depois, quando estavam no carro comendo. «O único assombroso deste mundo é que esteja aqui, ao meu lado».

—Bom o que parece? — perguntou ela com a boca cheia.

Andrew meteu uma batata na boca enquanto meditava a resposta.

—Parece-me que comeria outra.

- Um fã de “*junk food*”. Quem o teria pensado?

Andrew jogou um olhar suspicaz ao Mcdonald.

—Possivelmente o reconsidere. Não é bom comer lixo.

—Não seja tão literal, Andrew. Comida lixo significa comida rápida, algo que não seja uma comida tradicional, esquentar e sentar-se à mesa.

Andrew atacou seu hambúrguer com entusiasmo e ela sentiu calafrios de deleite. A noite anterior, ele tinha mostrado o mesmo apetite exuberante pelo sexo. Tinha vivido durante trinta anos sem imaginar que seu corpo era capaz de delícias semelhantes até que Andrew McVie a tinha estreitado entre seus braços.

Shannon tinha chegado virgem ao matrimônio, emocional e fisicamente, e Bryant tinha tomado aquela inocência e a tinha destruído. Desde o começo ela pensou que não era o bastante boa, o bastante bonita, o bastante sexy para lhe satisfazer e tinha demorado muito tempo em compreender que nada tinha sido culpa dela.

Shannon tinha recuperado o respeito por si mesma, mas nunca acreditou que a sensualidade formaria parte de sua vida. Dizia-se que não tinha importância, não podia sentir falta do que não tinha conhecido, mas havia um vazio em seu coração que nada podia encher.

Até a noite anterior.

Sentiu que suas bochechas se acendiam e que um sorriso revoava nas comissuras de seus lábios. Só tinha que recordar a suavidade daquelas mãos acariciando suas coxas, o som daquela voz repetindo seu nome uma e outra vez, e outra mais, até lhe devolver a vida.

E soube que aquele era o segredo, a força que convertia a gente racional em loucos e aos loucos em poetas. Olhou ao Andrew e o encontrou contemplando-a. O sol fazia cintilar as irisações douradas de seus olhos castanhos. Shannon pensou que nunca tinha visto um homem tão extraordinário nem tinha conhecido um coração tão sincero.

Andrew recordava Princeton como uma cidade pequena situada em metade de uma região de bosques frondosos e granjas. E, para seu assombro, seguia-o sendo em grande medida.

Era verdade que as terras de cultivo tinham minguado e que os bosques estavam limitados, mas o caráter da cidade seguia intacto. Princeton era um lugar bento com uma energia artística e intelectual vigorosa, e as duas se mesclavam com uma filosofia rural da vida que tinha sobrevivido através dos anos.

Quando Shannon colocou o carro pela Rua Nassau, Andrew se encontrou rodeado por umas lembranças que só tinham um par de semanas, mas que estavam a muitos mundos de distância.

—Aqui existia um botequim - disse assinalando a esquina do Nassau e University Agrada. - Era o lugar comum de reunião para Os Conjurados.

—É tão difícil de acreditar que possa ver Princeton de uma perspectiva de duzentos anos.

—Emilie e Zane estavam naquela esquina. Foi ali onde ela me disse que em sua época as mulheres governavam nações, foram à universidade e faziam tudo o que podiam fazer os homens, mas não acreditei. E inclusive agora, com a verdade diante dos olhos, custava-me trabalho compreendê-lo.

—Emilie se ofendeu muito por minha desconfiança.

Shannon estacionou com uma manobra brusca e apagou o motor.

—O que aconteceu?

—Você a amava - disse ela diretamente. - Verdade?

—Não, Shannon. Aquilo não era amor, a não ser teimosia.

—Mas você acreditou que era amor.

Andrew não podia enganá-la, nem sequer para facilitar as coisas entre os dois. Ela merecia que lhe oferecesse algo melhor que isso.

—Emilie não se parecia com nenhuma mulher das que eu conhecia. Falava de maravilhas além de minha compreensão. Era fácil confundir o assombro e a atração com um pouco mais profundo.

—E eu? Está comigo porque fui a primeira mulher que encontrou ou porque quer estar a meu lado?

—Estou contigo porque não há outro lugar, deste mundo ou do outro, no qual queira estar.

Uma expressão estranha cruzou pelo semblante do Shannon, uma expressão que ele nunca tinha visto.

—E se pudesse voltar para sua própria época? — perguntou ela.

—Essa pergunta não é relevante porque não existe oportunidade de voltar.

—Mas, e se existisse? — insistiu ela lhe pondo a mão sobre o braço. - Agora que viu este mundo, o que faria? Não ia querer voltar?

—Ficaria contigo - disse ele, sentindo que as palavras brotavam da verdade que havia no fundo de seu coração. - Não me importa em que lugar nem em que época.

Inclinou-se para ela e beijou sua bochecha suave. Desejou poder chegar muito dentro do Shannon e afugentar as lembranças do marido que a tinha tratado tão miseravelmente. Possivelmente então ela pudesse acreditar que tinham a felicidade ao alcance da mão.

Shannon deixou o carro no estacionamento do Ou Store e os dois foram caminhando ao Nassau Hall. Apesar de Dakota estar comprometida com a biblioteca, Shannon nunca tinha emprestado atenção à abundância histórica que os rodeava na Nova Jersey central. Mas, caminhando junto a um homem que estava presente quando aquela história se estava

escrevendo, não pôde deixar de ver as coisas de outro ângulo. Algumas das casas da Rua Alexander e do University exibiam placas comemorativas de sua data de construção: 1752, 1768, 1772. Uma vez, Andrew pôs sua mão contra a aldrava de uma casa de três pisos.

—William Strawbridge era um comerciante desumano, mas um verdadeiro patriota. Entregou em segredo muitas mensagens com um grande risco para ele e sua família.

Stockton e Witherspoon não eram ruas para o Andrew, a não ser pessoas. Richard Stockton e sua esposa Annie tinham enterrado a prata da família para salvar a da rapina dos soldados britânicos. O mesmo tinha feito a amiga do Andrew, Rebekah Blakelee. E John Witherspoon, tinha chegado de Escócia para dirigir o College de Nova Jersey, só para converter-se no único religioso em assinar a Declaração de Independência. Aquela gente tinha vivido e lutado nos tempos do Andrew, uma gente cujo rastro ainda se recordava.

«Como se recordaria ao Andrew se tivesse ficado em seu próprio mundo».

Não. Shannon se negou a pensar assim. Ela não era responsável por que ele subiu em um balão e viajou até o século XX. Tinha chegado ali por sua própria vontade e ficava pelo mesmo.

—Podemos ir ao Morven ou ao Drumthwacket de carro - disse ela.

Passeavam pela University Agrada, junto à estação, onde os viajantes subiam à bonde que carinhosamente chamavam "Dinky" para conectar com a linha principal.

—Acredito que Morven foi construído antes que começasse a guerra.

—Não, mas eu gostaria de ver outro lugar antes de sair daqui.

—O que você queira - disse ela com um sorriso despreocupado que ocultava seu sentimento de culpa.

—A Granja Blakelee.

—Nunca ouvi falar da Granja Blakelee. Ficava perto daqui?

—A um passeio do centro da cidade.

—Sente saudades que exista ainda, Andrew. Já verá o que aconteceu. As terras de cultivo se converteram em urbanizações.

—E sua amiga Dakota? Não trabalha em uma sociedade histórica?

Dakota não podia acreditar no que viam seus olhos.

Acabava de voltar de almoçar na confeitaria que havia perto do cinema, quando viu o Andrew e Shannon de cara sombria aproximar-se do mostrador de informação. McVie levava uns jeans e uma camisa branca que se moldava em seus ombros musculosos. A Dakota não atraía, mas devia reconhecer que tinha uma pinta estupenda. Sobre tudo com aquele acréscimo. Sempre tinha cansado a baba pelos homens com acréscimo e ele tinha um aspecto excepcional com ela.

Entretanto, Shannon parecia querer sair de sua própria pele.

«Já sei que não quer estar aqui», pensou Dakota, tratando de enviar suas vibrações diretamente a sua amiga. «É que não te dá conta do que está passando?» O destino os tinha apanhados aos três em um tudo indivisível e nenhum deles podia fazer nada para evitá-lo.

E ali estava a prova definitiva. Shannon teria preferido mascar cristais moídos antes de visitar o museu. E, certamente, não queria que Dakota se aproximasse do Andrew para nada.

Mas ali estavam aproximando-se de Dakota como um par de sabujos intrépidos que farejassem uma presa. Observou-os atentamente. Não, estava segura se Shannon havia

falado do livro escondido detrás das "Vidas" do Plutarco, o que significava: procuravam outra coisa, algo que não agradava Shannon, mas, o que?

—Olá - disse, apoiando-se no mostrador—. Alegro-me de lhes ver, meninos.

—bom dia, Dakota. Tem um aspecto magnífico — disse Andrew sorrindo.

—E você um gosto maravilhoso — disse ela contemplando sua camisa camponesa mexicana. - Cinquenta centavos no brechó da Rua Sommerville.

«Não entrei em transe ainda», pensou Dakota. «É um milagre!» —Não é uma visita social —disse Shannon com um brilho de advertência nos olhos. - Precisam nos informar sobre uma granja que estava nos subúrbios da cidade durante o período revolucionário.

—Então vieram ao lugar mais indicado — disse Dakota. - De quem era a granja?

—O sobrenome é Blakelee - disse Andrew. - Josiah e Rebekah.

—Temos registros nos arquivos. Mas o listrado professor está em microfilme - disse Dakota voltando-se para dirigir a máquina. - Vamos ver o que podemos averiguar. Houve uma Granja Blakelee entre Princeton e Griggstown, mas, de acordo com o arquivo, passou as mãos de um credor em 1778. A maior parte da propriedade foi vendida a uma urbanizadora em 1950, mas uma parte se conservou pela lei de espaços verdes.

Andrew parecia tão afetado que a Shannon lhe rompeu o coração. Teve que esclarecê-la garganta para falar.

—O que aconteceu à família?

—Não o diz aqui. Se quiserem posso buscá-lo em outros arquivos.

—Ficaria em dívida contigo — disse Andrew.

Dakota olhou a Shannon. «Tem que fazer algo com seu modo de falar». Estavam em 1993. Já ninguém era tão educado, a menos que se tratasse de viajantes do tempo que não tinham aprendido ainda do que ia a coisa.

—Só será um momento — disse Dakota. - Esse material está abaixo. Sentem-se. — disse mostrando os sofás que estavam junto às janelas.

De repente, Dakota se deu conta de que foram de mãos dadas. Pelo visto, já estavam mais cômodos do que ela se imaginava.

«OH, Shannon», pensou enquanto se apressava a passar junto às vidraças que davam ao espesso jardim da era colonial do doutor Forsythe. «De verdade acredita que isto vai durar?»

Oculto depois de uma coluna voltou-se a observá-los. Sentaram-se muito juntos no sofá, a luz do dia se derramava sobre eles como uma bênção. Dakota fechou os olhos um instante e rezou para estar equivocada, para que as coisas fossem distintas, mas quando abriu os olhos e olhou, viu que nada tinha trocado.

Aquele homem não tinha aura. A luz que o envolvia era o sol que entrava pelas janelas e nada mais. Era uma pessoa irrelevante e provisória neste mundo, como um penteado para o *Lyle Lovett*.

O estranho era que ninguém visse o que ela via quando o olhava. Uma cadeia de elos históricos o seguia a qualquer parte que fora. Milhares de vistas estavam entrelaçadas com o destino daquele homem solitário que vinha de outra época.

Desvanecer-se-iam todas essas vistas nas sombras se ele ficasse ali? Seria como se alguma vez tivessem existido, como se alguma vez tivessem tido a oportunidade de viver e amar e andar sobre a terra? Uma quebra de onda de vertigem a alagou e teve que apoiar-se na coluna para não cair. Apoiou as mãos nas coxas e inclinou a cabeça, tratando de recuperar o equilíbrio pela segunda vez naquele dia.

Revisão: Dominique Bozzi

Shannon o amava. Só tinha que vê-los juntos para dar-se conta. Deus sabia que Shannon se merecia o melhor que a vida pudesse lhe oferecer. Mas nada bom podia resultar uma fuga para diante quando escapava da história.

«A menos que haja um engano nesse livro».

A idéia captou toda sua atenção e se ergueu com a mente completamente limpa. Com quantos textos se encontrou que estavam infestados de enganos, graves e menores? Com centenas, pelo menos. Os eruditos não eram infalíveis, por muito que quisessem que as massas acreditassem outra coisa. Um livro não podia sentenciar um destino.

O amor era uma força, pensou enquanto reatava seu caminho ao porão. Rezou para que fosse mais forte que a sensação de despedida definitiva que crescia nela por momentos.

Capítulo 18

—Demora um tempo considerável procurando - disse Andrew.

—Sei - disse Shannon tamborilando os dedos sobre o braço do sofá. - Pode que se tropeçou com o doutor Forsythe e a tenha mandado a fazer algo.

—O doutor Forsythe?

—Seu chefe. Digamos que mantêm uma relação Espinhosa.

—Dakota nos olha como se soubesse o que ocorre. É uma sensação desconcertante.

—Esse é um dos problemas de ter uma amiga com poderes extra-sensoriais. Guardar um segredo é mais difícil do que deveria ser.

—Não saberá como vim, verdade?

—Sabe o do balão.

Shannon procurou uma posição mais cômoda sobre a almofada de couro. Ocultar a existência do livro era uma coisa e outra mentir a Andrew.

—Parece suspeitar que haja algo mais.

—Sim, o que eu pensava. O noto nos olhos cada vez que me olha.

Mas não se tratava do que ele imaginava. Dakota sabia tudo exceto que Andrew e ela eram amantes e, considerando a antena psíquica de Dakota, a aquelas alturas, provavelmente também saberia. Shannon ficou de pé e se alisou as calças.

—Sabe? Parece-me que Dakota vai demorar um bom momento. Por que não lhe deixamos uma nota e que acontecer casa a nos dizer o que tenha podido averiguar quando for lhe dar aula aos meninos?

Uma idéia genial, mas chegou trinta segundos muito tarde.

Shannon e Andrew estavam a ponto de sair, quando apareceu Dakota correndo e agitando em uma mão um maço de papéis.

—Sinto ter demorado tanto, mas algum idiota os tinha arquivado com os mapas de prospecção em vez de no registro de pessoas falecidas.

Andrew retrocedeu visivelmente, sobressaltando ao Shannon.

«Eram seus amigos», recordou-se. «Faz uns quantos dias estavam vivos».

—foi um pouco difícil de encontrar - disse Dakota como se não estivesse ocorrido nada fora do normal—. Pelo visto, os Blakelee se mudaram a Princeton em 1785 e viveram aqui até que morreram Josiah em 1799 e Rebekah em 1801.

Andrew assentiu, mas um músculo em sua mandíbula se agitou espasmodicamente.

—Havia outro casal que viveu com os Blakelee uma temporada em Princeton — disse Shannon, sabendo que Andrew não ia perguntar o. - Zane e Emilie Rutledge.

—Onde ouvi eu esses nomes? —perguntou Dakota olhando ao Shannon. De repente, suas bochechas avermelharam—. Dêem-me cinco minutos e verei o que posso fazer.

Andrew agarrou a mão do Shannon quando Dakota se foi.

—Foi um gesto muito generoso.

—Devo estar louca — disse ela rindo—. Interessar-me pela concorrência.

—Não há mais ninguém além de você — disse Andrew. - Nenhuma outra mulher pode comparar-se consigo.

Suas palavras chegaram a Shannon no coração e lhe deu um beijo breve nos lábios.

—Sabia que não iria perguntar o e decidi que eu sim podia fazê-lo.

«Generosidade, Shannon, ou só uma consciência culpado?»

Dakota não pôde encontrar informação a respeito do Emilie e Zane Rutledge, mas quando Andrew mencionou que seu nome de solteira era Crosse, abriram-se as comportas da história.

—Crosse Harbor - disse Dakota lhe dando ao Andrew umas páginas. - Parece que Emilie e Zane tinham uma mansão na Filadélfia e uma casa de verão na costa de Pulôver. E já que este é um museu de Nova Jersey, conservam-se os registros.

—E como chegou Crosse Harbor a ser conhecido pelo sobrenome de solteira do Emilie? — perguntou Shannon.

—Quem sabe? — disse Dakota encolhendo-se de ombros. - Possivelmente fora uma mulher emancipada, uma adiantada de seu tempo. Não é usual que uma mulher dessa época quera perpetuar seu sobrenome de algum jeito.

«Esta é a Emilie que eu conheço», pensou Andrew. Olhou Shannon e sentiu uma quebra de onda de emoção que lhe reconfortou em corpo e alma. «Uma mulher como não havia outra até que te conheci, Shannon». Ela procurou seu olhar e Andrew soube pela expressão de seus olhos verde mar que tinha ouvido seus pensamentos e entendia seu significado.

Andrew sentiu que os olhos lhe ardiam com lágrimas reprimidas enquanto olhava as páginas.

—A família Rutledge, uma das famílias principais do Acordo da Pennsylvania, fundada pelo Zane Rutledge e sua esposa Emilie Crosse. Seus cinco filhos: Sara, Jane, Andrew... Não posso seguir lendo-o — disse ele, dobrando as folhas e guardando-lhe no bolso da camisa.

«Um filho» pensou. «Um menino ao que puseram meu nome...»

Podia sentir que os olhos das duas mulheres estavam fixos como ferros candentes nele, mas lhe faltavam palavras para explicar seus atos.

—Deveríamos ir? — disse Shannon. - Já sabe como fica a auto-estrada à hora ponta. Dakota não parecia disposta a que se fossem.

—Se esperarem um pouco mais, possivelmente possa encontrar informação sobre os Rutledge da Pennsylvania.

—Não — disse Andrew com mais brutalidade da que pretendia. - Não será necessário. Já averigüei o que precisava saber sobre eles.

Dakota os acompanhou à porta.

—Veremo-nos logo, meninos. Levarei um montão de livros da "Vila Sésamo" que minha mãe encontrou em um leilão guia de ruas.

—De "Vila Sésamo"? — perguntou Shannon. - Não são um pouco maiores para isso?

—Quando não sabe ler pouco importa se começar com "A Galinha Caponata" ou com o Shakespeare. O que importa é que aprenda a ler. A Andrew ocorreu que Dakota era tão extraordinária a sua maneira como sua Shannon. Aquelas mulheres estavam comprometidas com uma causa que ia além delas mesmas, como ele mesmo o tinha estado uma vez, e se perguntou se sabiam quão afortunadas eram.

Dakota ficou na porta olhando Shannon e Andrew que caminhavam de mãos dadas pela rua.

—Covarde! — se disse a si mesma.

Possivelmente Shannon não tivesse coração para lhe dizer a Andrew a verdade sobre seu destino, mas ela não tinha desculpa. Não estava apaixonada por ele. Em realidade, exceto pelo modo que tinha de olhar a Shannon, como se ela fora o melhor que lhe tinha passado ao mundo desde invenção do pão em fatias, nem sequer estava segura de que gostasse de Andrew. Que classe de homem quereria deixar uma época onde ainda contava o esforço de todos, onde uma pessoa podia provocar mudanças que afetavam ao destino de uma nação inteira?

Não devia ter abandonado seu verdadeiro destino. O que importava que a vida não fora o que ele tivesse desejado? Possivelmente, se tivesse mantido em seu lugar em vez de subir ao primeiro balão que passasse por seu lado, poderia haver ganhado um lugar na história, o lugar reservado aos heróis.

Abaixo nos arquivos, tinha tirado o pó dos outros dois documentos que mencionavam o heroísmo do Andrew McVie no inverno de 1779-1780 e o resumiam em um lugar destacado do texto. «Não entende», havia dito Shannon. «foi dali em 1776». «E você tampouco o entende», pensou Dakota. «Tem que voltar onde lhe corresponde».

Shannon esteve calada durante o caminho a casa. Jogou a culpa à hora tardia, o que era bastante certo, mas estava longe de ser o único motivo.

«Está dirigindo muito bem o assunto, Shannon. “Asseguro que nunca pensou ser tão boa embusteira».

Embusteira? Não lhe tinha mentido em nada ao Andrew. Só havia negligenciado, calado e oculto uma informação possivelmente vital, mas não tinha mentido.

«Pode olhá-lo aos olhos e repetir isso, Shannon?»

—OH, te cale! — resmungou enquanto saía da auto-estrada.

Andrew ficou olhando.

—O que dizia?

—Nada. Só falava comigo mesma.

—Isso é um mau sinal - disse ele com um sorriso brincalhão. - Quando eu exercia advocacia em Boston, isso era motivo de prisão.

—Não estamos em Boston - replicou ela.

—Não - disse ele passando-a mão pelo queixo. - Nem tampouco estamos em 1776.

Shannon lhe lançou um olhar severo.

—Parece desiludido.

—Não era essa minha intenção. Só constato um fato.

—Já sei em que ano estamos Andrew. Não necessito que me recorde isso.

—Sente-se indisposta?

—Por que o diz? — perguntou ela em um tom de voz o bastante gélido para congelar um coquetel margarida.

—Parecia-me a melhor explicação.

—Não tenho direito a estar de mau humor?

—No fundo, não quer que responda a essa pergunta.

Ela o olhou furiosa.

—Desajeitado!

—Não conheço essa palavra.

—Bem, porque é um insulto. Não muito ocorrente, mas um insulto.

—Está se comportando de uma maneira diferente. A verdade é que ocorre cada vez que está com sua amiga Dakota.

—Imaginações suas.

—Não. Sei o que vejo e o que ouço.

—Pode que a viagem no tempo danifique os neurônios.

—Não entendo o significado, mas acredito que é outro insulto.

«Que está fazendo, Shannon? “Este é o homem que esteve esperando toda sua vida e agora o está se separando de ti com piadas tão baratas que não lhe ocorreriam nem a um comico de terceira em Las Vegas». Tomou o caminho sinuoso que levava a sua casa. Queria lhe dizer que o sentia, mas não encontrava as palavras. sentia-se frágil como um cristal, como se o mais mínimo movimento pudesse fazer pedacinhos seu coração.

Suspeitava que Dakota tivesse averiguado algo mais sobre o Andrew, certamente mais provas de que ele tinha salvado ao mundo ou um pouco igualmente nobre e heróico... e impossível se não retornava ao lugar de onde tinha vindo. Shannon podia sentir que suas suspeitas eram certas no mais fundo, nesse lugar onde seu sentimento de culpa se fazia maior a cada minuto que passava. Tinha acreditado que seu coração deixava de pulsar quando Dakota lhe tinha dado aquelas folhas ao Andrew.

Olhou-o e viu o vulto que faziam as fotocópias no bolso de sua camisa. Só Deus sabia que informações continham.

A questão, é obvio, era por que incomodava tanto que lesse umas notas sobre umas pessoas que morreram a duzentos anos. Aquela gente não era mais real para ela que Julho César, Napoleón ou Gengis Khan. Por que os amigos do Andrew influíam sobre ela através dos séculos?

«Possivelmente porque você não acreditava que isto tenha terminado».

Observou ao Andrew que olhava para diante, a mandíbula fechada com força.

«Possivelmente seja porque te quero».

Ele se voltou procurando seus olhos.

Nenhum disse uma palavra enquanto colocava o carro na garagem.

Aquele instante se prolongou, vibrou e envolveu seus corações, aproximando-os.

—Sinto muito. - murmurou ela. - estou insuportável.

—E eu fui um néscio. O passado está acabado.

Andrew tirou as fotocópias e as partiu pela metade. Shannon viu que as partes de papel se arrastavam sobre o chão até o balão e rezou para que Andrew nunca tivesse que arrepender-se de sua decisão.

Naquela noite ficaram deitados muito juntos sob a luz da lua. Faziam o amor de um modo sacramental, como uma celebração gozosa do milagre que os tinha unido naquele tempo e lugar. Ficava-se algo mais que lhe pedir à vida, algum dom que ainda não lhe tivesse concedido Shannon não podia imaginar o que podia ser. Entre os braços de Andrew sentiu que uma emoção maravilhosa a enchia de deleite e convertia seus sentimentos de culpa em algo insignificante.

—É feliz? —perguntou ela em um sussurro, com os lábios lhe roçando o peito. - É como você imaginava?

—Uma pergunta estranha, considerando os acontecimentos das duas últimas horas.

Ela começou a rir e brincou com a língua sobre seu mamilo.

—Quero que seja feliz - disse com ferocidade—. Não quero que nunca se arrependa de ter deixado seu mundo. Podemos obtê-lo, Andrew. Sei que podemos.

Suas palavras surpreenderam ao Andrew. Nunca tinha entendido a necessidade feminina de que estivessem constantemente lhes assegurando que tudo era verdade. Ao parecer, aquela característica havia sobrevivido através dos anos. Agarrou-a pela cintura e a tombou sobre seu corpo até ter aquela boca ao alcance de seus beijos.

—Acaso eu expressei insatisfação?

—Não, mas...

—Acaso não estou aqui contigo, em sua cama?

—Sim, mas...

—Então, não diga mais, porque temos outros assuntos dos que nos ocupar.

—Não é possível que você... Quero dizer que acabamos de... — disse ela rindo nervosa. - É assombroso!

Andrew introduziu a mão entre seus corpos até abranger o calor úmido que palpitava entre suas coxas. —Sim, assombroso.

Shannon estava lubrificada por ter feito o amor. Andrew deslizou um dedo ao interior de seu corpo complacente e sentiu como se endurecia e que Shannon contraía os músculos em torno de suas carícias. Com o polegar, brincou com os cachos brilhantes que cobriam seu montículo e logo, meigamente, acariciou a fonte de seu maior prazer. Ela arqueou o corpo e seus gemidos de deleite estiveram a ponto de fazer com que ficasse louco.

Andrew queria mais. Queria adorá-la, festejá-la, marcar-se a si mesmo com seu aroma, com seu sabor, com seu fogo.

—Não te farei mal - disse movendo-a até o bordo da cama. - Acredita?

—Sim, acredito.

Andrew se ajoelhou no chão e lhe separou as coxas, enterrando o rosto em seu ponto mais secreto e feminino. Encontrou-a com a boca. Ela cheirava a sexo e a vida... Ardente... doce... tão amadurecida e succulenta como um pêssego fresco em um dia do verão.

Shannon se arqueou contra ele, oferecendo-se para seus lábios, sua boca e sua língua, e Andrew tomou o que lhe brindava e exigiu mais. Ela se derramou de novo, seu grito de êxtase vibrou no silêncio do quarto e Andrew se encontrou ao bordo do delírio ao contemplar e ouvir sua paixão transbordada.

Deitou-se com ela sobre o colchão e a abraçou com força até que o coração do Shannon se serenou.

—Ninguém mais — disse ela lhe beijando na boca, saboreando-se a si mesmo em seus lábios. - Ninguém mais que você. Jamais.

Andrew compreendeu o significado das palavras que lhe enchiam de triunfo. — Somente eu, Shannon - disse com orgulho feroz. - De hoje para sempre, só eu.

Shannon se apoiou sobre um braço e, inclusive na escuridão, Andrew pôde ver o brilho trêmulo da emoção em seus formosos olhos.

—Deite-se — disse ela em um tom que não admitia réplica. - Agora é a sua vez.

Andrew nunca tinha conhecido uma mulher que dominasse com tanta firmeza o ato do amor. Inclusive as prostitutas com quem se aliviou e cobravam para agradar os desejos de um homem. Tanto entusiasmo e criatividade estavam além de sua capacidade de compreensão. Não sabia se protestava ou deixava continuar.

Revisão: Dominique Bozzi

Em realidade, não teve tempo de tomar a decisão porque sua formosa Shannon tomou por ele. Derramou beijos sobre seu torso e seu estômago até chegar a sua masculinidade. Andrew desejava que o acariciasse, mas ela se mostrou tímida, lhe roçando com a gema dos dedos a parte interior das coxas, entesourando-o para logo lhe retirar suas carícias até que ele se sentiu explorar de desejo.

—Está jogando a um jogo perigoso, minha senhora —disse enquanto ela passava a língua pela base de sua arma ereta. Um homem não pode conter-se por...

O gemido brotou do mais profundo de seu ser quando ela tomou em sua boca. Seus movimentos eram indecisos ao princípio, como se semelhante ato fosse desconhecido, mas sua coragem e o desejo de agradar ao Andrew eram tão fortes que Shannon não demorou a descobrir como lhe fazer arder de febre. Acariciou-lhe com a língua, com os lábios, com os dentes, acariciou-lhe como se sentir aquele peso na palma da mão lhe proporcionasse prazer.

Em realidade, tudo nela dava a entender que o ato de proporcionar agradar ao Andrew a arrastava também a ela. Ele não teria acreditado possível que uma mulher pudesse obter tanta satisfação física por agradar a seu homem, mas as provas eram inegáveis.

—Não prossiga — disse ele, levantando a dos ombros e ficando a em cima. - Esta vez iremos juntos.

Shannon sorriu um sorriso de prazer intenso e de entendimento. Então, cavalgou-o da mesma maneira que o tinha montado a primeira noite. Mas aquilo era diferente. Ela estava nua em corpo e alma, ansiosa de cumprir com o ato de plenitude que só pode achar-se com a união sexual de um homem e uma mulher.

Andrew a sentou sobre seu mastro, lenta, brandamente, até que, com um suspiro de prazer, ela o aceitou em toda sua longitude. Shannon começou a mover-se ao ritmo de uma cadência interior que Andrew não demorou a fazer seus e momentos depois encontravam juntos o paraíso.

«Amo-te, Shannon», pensou ele enquanto caía para a terra.

E, então, ouviu a voz do Shannon na escuridão.

—Sim, meu senhor.

Capítulo 19

—Recorda que foi tua idéia - disse Shannon na manhã seguinte, apoiando seu quadril contra ele.

—Já sei.

—Pode doer.

—Sim.

Shannon afiançou o corpo e se preparou.

—A de três. Uma... Duas... E três!

Andrew saiu voando por cima de seu ombro direito e aterrissou sobre a grama com um golpe surdo.

—Vê? —disse Shannon agachando-se a seu lado. - Uma mulher que pode vencer a um homem.

Andrew ficou deitado e a olhou sem mover-se. Shannon se inclinou sobre ele.

—Andrew?

Colocou a mão sobre o peito.

—Andrew, está bem?

Não houve resposta. O coração do Shannon começou a pulsar mais depressa. — Andrew! Não me faça isto. Diga algo, por favor.

Com um rugido, Andrew a abraçou e rodou até cobri-la com seu corpo.

—O que você faz são jogos de salão - disse ele enquanto ela ria. - Só é um truque de feira, um passe de mãos.

—Chama-se caratê. Qualquer um pode fazê-lo. Com anos de prática, claro - acrescentou sorrindo.

Andrew a beijou ruidosamente.

—Uma habilidade desacostumada em uma mulher.

—Uma habilidade necessária para uma mulher preparada. Oxalá tivesse sabido fazer isto quando estava casada. As coisas teriam sido muito distintas.

No mínimo, tivesse podido deixar Bryant à primeiro sinal de violência.

—Isto é o que ensina às mulheres que vão aos abrigos?

—Entre outras coisas, sim - disse enquanto ele a ajudava a levantar-se. - Sobre tudo lhes ensinamos a respeitarem-se a si mesmas. Aprender a defender-se só é uma boa maneira de começar.

Andrew guardou silêncio um momento.

—A pequena Ângela também precisa aprender.

—Maldição! —sussurrou Shannon. - A violência não conhece limites.

—Há algo que ensine aos meninos a ter esse respeito por si mesmo do que falas?

—Os trabalhadores sociais utilizam toda classe de jogos de rol que... Vá! Soa ridículo, verdade? Esses meninos necessitam algo mais que jogos de rol para lhes dar confiança. Necessitam que alguém lhes ensine a encontrar seu lugar no mundo.

—Sim - disse Andrew. - E necessitam que alguém os ensine a não perder-se no bosque. Estavam tão perto da casa que poderiam ter ouvido seus gritos, entretanto, não sabiam sair dali. Dava pena vê-los.

—Exato - disse Shannon lhe agarrando o braço. - Podemos fazer um mini programa de excursões. Uma das coisas que perdemos nestes tempos é a capacidade de viver sem as

comodidades modernas. As excursões levam as pessoas ao bosque e as obriga a desenvolver capacidades de sobrevivência.

—Isso é algo que faria muito bem a essas crianças.

—Você gostaria? — perguntou ela, transbordante de emoção.

—Não compreendo.

—Poderia levá-los acampar uma noite. Tenho certeza de que passariam muito bem e, o que é mais importante, poderia lhes transmitir seus conhecimentos sobre a natureza viva.

—Meus conhecimentos são de outra época.

—Alguns costumes nunca trocam. As técnicas básicas de sobrevivência, por exemplo. A tecnologia não pode te ajudar quando está sozinho no bosque, abandonado com seus próprios recursos.

—Isso é algo a considerar.

—Será muito divertido, Andrew. Além disso, eu também aproveitaria para refrescar a memória.

—Teria sido uma grande advogada, expõe seu caso com extrema habilidade.

Shannon jogou os braços ao pescoço.

—Mas temos que organizá-lo logo. Já é quinta-feira, duvido que continuem aqui a semana que vem.

—Então, faremos esta mesma noite.

Shannon lhe beijou com toda sua alma.

—Esta noite não. Ainda não estou preparada para compartilhar você com ninguém mais.

Seus formosos olhos castanhos faiscaram de alegria.

—Quando estará disposta a me compartilhar?

—Estive pensando em lhe dizer isso Andrew. O que te pareceria me acompanhar a um baile benéfico na sábado à noite?

—Qual é a alternativa?

—Eu ir sozinha.

Andrew se congestionou de raiva e Shannon o amou mais por isso.

—Então, eu a acompanho.

—Necessitará um smoking - disse ela com um sorriso.

—Diga-me o que é e eu decidirei o que necessito.

—É um traje de festa.

Suas sobancelhas avermelhadas se elevaram imediatamente.

—Não será necessária outra visita alfaiate, verdade?

—É obvio.

—Então, não irei. Esse homem mede algo mais que o tiro da calça.

Shannon se pôs a rir.

—Já tomaram nota de suas medidas. Eu irei ao centro comercial e você me espera aqui.

—De acordo. Dei-me conta de que a garagem precisa de uns acertos. Ocupar-me-ei disso enquanto você estas fora.

Shannon olhou o céu.

—Parece que se está forjando uma tormenta. Será melhor ir logo. Quero estar de volta antes que essas nuvens negras descarreguem.

Revisão: Dominique Bozzi

Shannon o beijou e entrou correndo na casa trocar de roupa. O sorriso do Andrew se esfumou assim que ela partiu. «Essas não são nuvens de tormenta, meu amor», pensou olhando o céu. Uma vez mais era a mesma frente de nuvens que tinha visto o dia que subiu ao balão... e a mesma nuvem que tinha visto no dia anterior.

Possivelmente não houvesse nada espetacular naquelas nuvens depois de tudo, raciocinou enquanto cruzava a extensa esplanada de grama caminho da garagem. Pareciam formar-se com certa frequência neste mundo, a julgar pelo que tinha visto os últimos dias.

A garagem estava aberta e Andrew entrou. Só tinha intenção de recolher as ferramentas e ficar a trabalhar, mas se encontrou atraído para o rincão onde tinha guardado a casquinha e o balão.

—É um engano olhar — disse em voz alta enquanto se aproximava.

O que importava que o tecido se estivesse mais descolorido ou que a casquinha tivesse aspecto de ter suportado uma tormenta ártica? Andrew não procurava uma maneira de retornar a seu tempo.

Entretanto, não podia negar que sentia uma tremenda curiosidade. Afastou o tecido que cobria o balão e ficou paralisado. Aquela vez não foi a cor do tecido o que lhe fez vacilar, foi a natureza do próprio tecido. A cor tinha permanecido constante da última vez que tinha visto, mas a seda parecia mais fina, quase transparente, tão fina que não poderia conter nem sequer uma baforada de fumaça e muito menos o fogo mágico que o tinha transportado a ele até ali. Os papéis que Dakota lhe havia dado estavam esparramados ao redor do balão e Andrew teve que fazer um esforço para dominar sua curiosidade.

—Não importa - disse dando as costas.

Emilie e Zane... Josiah e Rebekah... os tinha perdido, a todos, para sempre. Suas vidas se desenvolveram muito tempo atrás. Agora era a vez Andrew. Seu turno para escolher a vida que merecia.

Não procurava deixar aquele lugar. Não, enquanto Shannon continuasse amando-o.

—Está horrível, querida.

Dakota levantou a vista do montão de documentos que estava catalogando.

—Mãe! O que faz aqui?

Ginny Wylie era a imagem exata de sua filha, só que com vinte anos mais. Tinha o mesmo cabelo curto e encaracolado, os mesmos olhos negros, o mesmo gosto pela roupa estranha e as mesmas capacidades paranormais. Com os anos, isto último tinha feito que as relações entre mãe e filha fossem às vezes difíceis, às vezes sublimes, embora jamais aborrecidas.

—Tive outro sonho - anunciou Ginny. - Tive que vir comprová-lo por mim mesma.

Dakota tirou os óculos e se esfregou os olhos.

—Bom, mãe. Já o viu. Sigo aqui, ainda estou solteira. Não escapei com o homem misterioso. Satisfeita?

É obvio que Ginny não estava satisfeita. Sentou-se na borda da mesa e contemplou ao Dakota.

—Ganhou peso.

—Muito obrigado. Também viu as bolsas que tenho debaixo dos olhos?

—Não te critico, carinho. Estou preocupada com você.

—Não há nada que preocupar-se - disse Dakota, perguntando-se aonde levaria aquilo. - Encontro-me perfeitamente bem.

—Não, não é certo.

—É uma afirmação paranormal ou um julgamento materno?

—Um pouco as duas coisas - disse Ginny agarrando as mãos de sua filha. - esteve sofrendo enjôos e vertigens, não?

—Não estou grávida, se for isso o que quer saber.

Ginny fez uma careta.

—Pois claro que não está grávida, falta um homem para ficar grávida.

—Obrigado outra vez, mãe - resmungou Dakota—. Estou gorda, enjoada e sem um triste homem. E logo a gente se estranha de que esteja pensando em que veja um psiquiatra.

—Estiveram aqui, não é verdade?

Ginny elevou a cabeça e virtualmente cheirou o ar como um sabujo. Para que desperdiçar tempo em negá-lo? Aquilo era tão mau como quando Dakota tinha dezesseis anos e rezava para que os poderes extra-sensoriais de Ginny não descobrissem que estava saindo com o menino mau da cidade. Por desgraça, soava mais emocionante do que foi em realidade. Em seus tempos, o menino mau do Instituto de Princeton era um moço rico com aparelho nos dentes e alguns livros que se esqueceu de devolver à biblioteca.

—Sim - disse Dakota ao final. - Estiveram aqui ontem.

—Tem que senti-lo nos ossos - disse Ginny. - Esse homem tem um campo de força horripilante a seu redor.

—Por isso estiveste desmaiando?

—Não estive desmaiando, entrava em transe. Há uma diferença.

—Só ocorre quando está perto dele?

«Bravo. É boa, mãe. “Tenho que reconhecê-lo».

—Não tem aura, mãe. Estar ao seu lado é como estar junto a um buraco negro no espaço.

«Uma saída genial, Dakota. “Como se já não soubesse muito ».

—Quando vai voltar? — perguntou Ginny no mesmo tom que tivesse perguntado se gostava de uma salada de batatas.

—Aonde? Aqui?

—Ao lugar de onde veio - disse Ginny agitando a mão no ar—. É 1588, 1776 ou 1812, um de esses deve ser.

—O que a faz pensar que vem de outra época?

—Não tenho nem idéia. Só sei que é a verdade.

Dakota tentou trocar de tema.

—Está vivendo com Shannon.

—Não por muito tempo. Tem uma oportunidade de voltar agora mesmo, mas não lhe está emprestando atenção aos sinais.

Dakota tragou saliva.

—Também sente isso?

—Quem poderia deixar de senti-lo? Está tão claro como o nariz em seu rosto.

—O que acontecerá se não voltar agora? Terá outra oportunidade?

—A janela se está encolhendo - disse Ginny com firmeza—. Cedo ou tarde, perderá sua oportunidade.

—E então, o que? Não morrerá nem nada parecido, não?

—Não sei. Mas haverá repercussões de comprido alcance. Seu futuro está ligado ao de muitos outros. Disso sim que estou completamente segura. Dakota pensou nas

fotocópias que tinha dado ao Andrew. Perguntou-se como se sentiria ao ler as penalidades que seus amigos tinham passado durante a guerra, os perigos aos que enfrentaram.

—Oxalá pudesse convencer ao Shannon disso.

—Está apaixonada por ele, verdade?

Dakota assentiu.

—Isso mesmo.

—Lhe diga que não se preocupe - disse Ginny com uma segurança a prova de desânimo—. Shannon pode ir com ele.

Dakota considerou um dever soltar uma gargalhada.

—Faz que pareça muito fácil.

—Porque é muito fácil. Só seguir a seu coração.

—A gente não sai por aí seguindo seu coração através dos séculos.

—A vida é uma aventura, carinho. À maioria das pessoas tem um medo de morte viver seus sonhos.

Dakota recordou uma vez, quinze ou dezesseis anos atrás, em que seus pais tinham levado a família a ver Encontros na Terceira Fase. Todos se tinham ficado fascinados pela história de um povo que era escolhido pelos extraterrestres para ir viver a outro planeta. Depois do filme, Ginny tinha perguntado aos meninos o que haviam achado e os irmãos e irmãs de Dakota tinham estado de acordo que todos tivessem gostado de ver a grande espaçonave por dentro, mas nenhum teria querido viver ali.

—Eu sim — havia dito Dakota. - Eu iria agora mesmo ao espaço exterior.

Seus irmãos riram e burlaram dela, mas Ginny a olhou aos olhos e em seu olhar de mãe Dakota tinha visto entendimento e admiração.

—Mãe, a verdade é que tenho que voltar para trabalho. O doutor Forsythe anda detrás de mim ultimamente.

—Bom! E a quem lhe importa? Não vai ficar aqui para sempre, pequena.

—É um verdadeiro raio de sol. Primeiro me diz que estou gorda e agora que vou de cabeça à parada. Que mais, mãe? Vais dizer que Santa Claus existe?

—Muito graciosa — disse Ginny, inclinando-se para dar um beijo na bochecha a sua filha. - Não esqueça o que eu disse, carinho. A vida é uma aventura.

—O que significa isso exatamente?

—Saberá no seu devido tempo.

A aura de sua mãe era de um amarelo limão luminoso, provavelmente igual à da Mãe Teresa. Dakota deixou escapar um suspiro de exasperação.

—Assim é como a gente com poderes paranormais ganha a má fama que temos - disse irritada. - Se tão somente um de nós pudesse responder uma pergunta em uma linguagem normal e corrente, a todos seria melhor.

—Farei como se não te tivesse ouvido. Sua aura parece um pouco apagada hoje - disse apertando a mão de Dakota. - A "Fonte da Vitalidade" tem umas ofertas de ginseng estupendas. Deveria encher a despensa.

E com aquelas palavras, sua mãe saiu da biblioteca envolta em uma nuvem de patchouli e deixando ao Dakota ali plantada, olhando à porta. Naturalmente, o doutor Forsythe escolheu aquele preciso momento para sair de seu escritório.

—Já sabe o que penso de que seus amigos venham a vê-la durante o horário de trabalho, senhorita Wylie.

Revisão: Dominique Bozzi

Dakota o olhou com indiferença.

—Mencionou-o um par de vezes.

—Ontem a visitaram seus amigos — insistiu, fazendo que soasse como um crime contra a humanidade.

—Com uma pergunta legítima, de natureza histórica.

«Não me olhe como se fora um inseto estranho. “Eu também fui à universidade, Forsythe».

—E o que me diz dessa senhora tão extravagante que estava sentada sobre seu escritório?

Dakota sorriu.

—Essa não era "Uma senhora extravagante sentada sobre meu escritório", doutor Forsythe. Era minha mãe.

—Bom, lhe diga que não se volte a sentar em seu escritório — disse ele ruborizando-se.

—Farei o que possa.

—Assegure-se de fazê-lo.

—Está certo.

—Que disse?

—Hei disse que tem uma aura mortiça. A verdade é que deveria fazer algo a respeito, doutor Forsythe.

O doutor Forsythe saiu resmungando algo sobre a insubordinação, mas Dakota se limitou a sorrir. «Tem razão, mãe», pensou. «Não vou ficar aqui para sempre».

Dakota se perguntou se gostaria de uma greve.

Capítulo 20

O empregado da boutique masculina do centro comercial tinha convertido a adulação em uma forma de arte. Shannon, a quem nunca tinha gostado da gente servil, teve que fazer um esforço para ocultar sua repugnância.

—Está seguro de que poderá entregar o smoking amanhã pela tarde?

—Tem você nossa palavra, senhorita Whitney — disse ele com uma ligeira inclinação de cabeça. - O Baile de Máscaras de fim do verão é um acontecimento de suma importância aqui, no condado do Somerset. Nunca defraudamos a nossos ilustres clientes — acrescentou, mostrando os dentes em um arremedo de sorriso. - Seu amigo pode considerar-se afortunado de ter a alguém que o cuide tão bem.

«Faz falta valor», pensou ela, jogando faíscas enquanto caminhava pelo corredor ensolarado para Lorde & Taylor. O dependente tinha insinuado que Andrew era uma espécie de gigolo. Um mantido, se é que em realidade existiam homens assim. As mulheres compram trajes, camisas e toda classe de coisas para seus maridos. Havia muitas comédias escritas em torno desse tema. Apesar do que aquele cretino se imaginasse, a todos os efeitos, Shannon era a mulher do Andrew e tinha saído a comprar mais roupa para seu marido.

«Não está muito suscetível?», perguntou uma vozinha chata.

Atravessou a seção de cosméticos sem reparar nas atendedoras que, armadas com seus atomizadores, estavam dispostas a cair com seus perfumes sobre qualquer cliente despreparado. Claro que não estava suscetível. O que lhe acontecia era sentir-se furiosa por ter deixado um empregado lisonjeador lhe tivesse soltado pelas boas um comentário impróprio sem que lhe tivesse posto em seu lugar.

«Justo» continuou a voz fastidiosa. «E não tem nada que ver com o que viu na garagem, verdade?»

Procurou as escadas rolantes. Fazia o que podia para tirar da cabeça mas, pelo visto, não era suficiente. A imagem do Andrew de pé frente ao balão estava tão vivida em sua lembrança como o tinha sido na realidade. Shannon se tinha dado conta do tecido descolorido, da casquinha ruínosa, mas, sobre tudo, deu-se conta da expressão dos olhos do Andrew.

Ele não se deu conta que Shannon o observava das sombras enquanto passava a mão pelo bordo da casquinha. Não precisou ser clarividente para dar-se conta de que Andrew estava pensando na vida que tinha deixado atrás. Tinha que haver algo em sua vida anterior que ele sentia falta de, algo que lhe faltava aqui.

«Eu farei que o esqueça», pensou. «Seja o que for, encontrarei a maneira de compensar tudo».

Estava procurando entre uma seleção de camisas brancas, quando teve a incômoda sensação de que alguém a estava observando. Jogou uma olhada por cima do ombro e se fixou em um homem bem vestido que a olhava depois de um cabide de gravatas de seda.

Shannon seguiu com as camisas. Se aquele homem pensava começar a conversar, tinha deixado bem claro que não estava interessada.

—Desculpe-me — chamou ele.

Shannon se deu a volta com estudada inapetência.

—Sim?

—Não a conheço?

—Não acredito.

—Estou seguro de que nos conhecemos — disse ele aproximando-se. —me parece que não.

O homem estendeu sua mão.

—Meu nome é Linc. Linc Stewart.

—Sinto muito, senhor Stewart — disse ela apartando-se. - Deve me confundir com outra pessoa.

Entretanto, o senhor Stewart era um homem perseverante.

—Espere. Recordarei seu nome em um momento.

—Olhe, senhor Stewart — disse ela pondo-se a andar para as escadas rolantes. - A verdade é que tenho pressa. Estou segura de que o recordaria se nos conhecêssemos.

—Kitty... Katie... Katharine! É isso! Katharine Morgan.

A surpresa de ouvir seu velho nome a deixou gelada. Ficou pálida e por um momento acreditou que ia desmaiar ali mesmo. — encontra-se bem? —perguntou ele, preocupado. - Deixe que lhe traga um copo de água.

—Encontro-me bem. É só que... — Shannon pensou desesperadamente em uma mentira que a ajudasse a sair do passo. - Estou grávida e me enjôo por nada. John, meu marido, há-me dito que devo relaxar, mas já sabe você como são estas coisas — acrescentou lhe dedicando seu sorriso mais deslumbrante. - Mas não sou sua amiga Katharine Morgan. Sinto muito.

Ele ficou olhando enquanto Shannon tinha a sensação de que todo o passado voltava a acontecer ante seus olhos.

—Não, suponho que não — disse ele ao final. - Mas permita que lhe diga que poderia ser sua irmã gême-a.

Shannon não voltou a respirar tranqüila até que se encontrou ao volante de seu carro e de caminho a casa. As possibilidades de tropeçar com alguém que a conhecesse de sua vida anterior eram de uma entre um milhão. Quem quer que fora aquele tal Linc Stewart não podia ter sido alguém importante em sua vida cotidiana nem na do Bryant. Devia ser um de tantos conhecidos fortuitos com quem falava três minutos durante alguma janta para logo esquecê-lo.

—Isso é o que deveria fazer —disse enquanto tomava o desvio que ia a sua propriedade. - Esquecê-lo.

Era uma casualidade, um desses incidentes estranhos que ocorrem de vez em quando e não significam nada. Fazia seis meses que Bryant estava em liberdade sob fiança e ela não tinha tido o menor problema. Bryant estava em algum lugar da Califórnia e, se Deus e o sistema judicial assim o dispunham, ali ia ficar.

Estava desejando ver o Andrew, sentir seus braços em torno do corpo, apagar aquele encontro de sua mente. Deixou o carro ao final da esplanada e entrou correndo na garagem. Nem rastro dele. Ia partir quando o maldito balão a chamou do canto. Seus olhos captaram a revoada de umas partes de papel.

Era óbvio que Andrew não os tinha cuidado. Entretanto, Shannon não resistiu a tentação de recolhê-los e comprovar que informação importante continham para que Dakota os tivesse fotocopiado e entregue ao Andrew quando sabia muito bem como se

sentia ela. Sacudiu-lhes o pó e jogou uma olhada às meias páginas. A maior parte de texto eram detalhes anódinos sobre a Granja Blakelee, os campos que cultivavam as dimensões da casa original. Mas entre aquele mar de dados havia um parágrafo que lhe gelou o sangue.

Colocou as páginas na bolsa e saiu dali correndo. Não via o Andrew por nenhuma parte. Rodeou a garagem e se dirigiu à casa pelas portas traseiras. Ali também não estava.

—Andrew! —gritou com uma voz tremente que não parecia a sua. - Andrew, onde está?

—Aqui, Shannon.

Ela girou em volta.

—Olhe para cima.

Andrew estava subido no último degrau da escada de mão, trabalhando no telhado do terraço.

—OH, Andrew...!

E Shannon não pôde seguir contendo o pranto.

Ele nunca a tinha visto chorar. Vê-la agora, rompeu-lhe o coração e desceu de um salto os três metros que o separavam do chão, aterrissou com um golpe surdo e correu a seu lado. —Shannon, pequena - murmurou, rodeando-a com seus braços. - Vamos, vamos. Não chore.

—Nunca choro - disse ela entre soluços. - Não posso acreditar o que estou fazendo.

—Não é nada estranho. Chorar alivia a alma.

—Minha alma não necessita alívio.

—Algo provocou isto, Shannon. O que foi?

—Não sei - disse com o rosto enterrado contra seu ombro. - Nada... Tudo... Pareço uma boba, verdade?

—Absolutamente - disse ele apertando-a contra si.

Depois se afastou para poder olhá-la aos olhos.

—Não podia lhe encontrar Andrew. Não estava na garagem e tampouco o via aqui fora. Não sei o que me passou. Acreditei que tinha ido.

—Aonde ia quando tenho tudo o que posso desejar entre meus braços?

Shannon o olhou através das lágrimas e lhe pôs as mãos nas bochechas.

—Não temos por que ficar aqui, Andrew. Há todo um mundo que descobrir a nossa disposição poderia vê-lo inteiro.

—Sua vida está aqui - disse ele sem saber muito bem o que acontecia. Havia tensão na voz de Shannon, algo muito parecido ao desespero. - Aqui está a gente que depende de ti.

—A fundação funciona por si só. Assinei os documentos o outro dia. Poderia escapar a Borneo e viver de cocos, e a fundação nem se alteraria - seus olhos arderam com um fogo que Andrew não tinha visto nunca. - Tudo o que faço para eles são colaborações extras e é mais por mim mesma que por outra coisa. Dentro de uma semana haverá pessoal dedicado a que funcione as vinte e quatro horas do dia.

—Parece triste.

—Não estou triste. Ao contrário, me alegro de que as coisas vão tão bem. Não o entende? Sou rica, Andrew. Tenho dinheiro para ir onde quiser. Nunca poderemos viver o bastante para gastá-lo. Far-te-ei subir a um jato, a um helicóptero, ao Concorde, comprar-te-ei um carro...

—Basta! —disse ele em um tom severo sem podê-lo remediar. - Que demônios provocaram tudo isto, Shannon? Não sou um homem que aceite dinheiro de uma mulher, basto-me eu sozinho neste mundo.

—OH, não seja ridículo! —disse ela sem fazer caso de suas palavras. - antes de se bastar sozinho neste mundo tem que conhecê-lo, experimentá-lo. E me acredite, o mundo é maior que Nova Jersey.

—Iremos ver quando puder me permitir esse privilégio.

—Mas eu posso me permitir isso agora, Andrew. Para que esperar?

—Sou um homem instruído. Encontrarei a maneira de me assegurar o sustento em seu mundo.

—Meu deus, Andrew! Não entende. Não tem identificação, nem registro de nascimento, nem currículo, nem carteira de motorista. A todos os efeitos, nem sequer existe.

—Em minha época, a presença de um homem bastava para provar sua existência.

—A vida é mais complicada agora.

—Em Boston, terá que estar registrada a ata de meu nascimento.

—Estou segura de que sim, mas datará do século XVIII. Temos que conseguir documentação falsa e rápida.

—É possível fazer isso?

—Sim, é só tempo para conseguir informação e averiguar onde podemos conseguirla.

—Lhe fizeram isso — lhe recordou ele. - Quando inventou esta nova identidade.

—Ajudaram-me a fazê-lo. Tinha o apoio do governo.

—Então pediremos ao governo que me ajude.

—Isso não funciona assim, Andrew.

—Por que não? O governo estará em contato contigo para cuidar de que se encontre a salvo.

—Em realidade, ninguém está em contato comigo. Os agentes do governo inventaram uma identidade nova para mim e depois desapareceram do mapa.

—Não lhes deve sua riqueza?

Shannon negou com a cabeça.

—A fortuna era minha. Herdei quando fiz vinte e um anos.

—Em outras palavras, está dizendo que embora exista, não existo realmente porque não tenho documentos que provem minha existência.

—Bom, sim. É que não entende? Nada disso importa de verdade. Disponho do dinheiro suficiente, comprar-te-ei documentação, far-te-á um passaporte e nos iremos viajar por todo mundo.

—Quando puder pagar essa experiência.

—Já falamos disso — disse ela com teimosia.

—Sim, já falamos.

O rosto de Shannon se iluminou.

—O baile de máscaras do sábado! Por que não pensei nisso antes? Ali conhecerá todas as pessoas importantes do estado. Seguro que contataremos com alguém que possa nos ajudar.

—Esperas muito de uma noite de entretenimento.

—OH! O baile é muitas coisas, mas o entretenimento não forma parte delas. As festas de caridade são trabalho, igual a ir ao escritório.

—Acredita que nos beneficiará assistir?

—Quase posso garantir isso

E, porque era formosa e boa, e porque estava muito apaixonado por ela, Andrew quase acreditou.

Na sexta-feira, quatro das mulheres acolhidas no refúgio estavam sentadas sobre a grama, olhando ao Andrew pintar a porta dianteira da casa. Shannon sentava em um degrau perto dele, justo fora do alcance do pincel. Tinham convocado às mulheres para preparar os detalhes de seu plano de acampamento e até aquele momento, a resposta tinha sido muito pouco entusiasta.

—Eu não sei vocês - disse Pat—, mas, eu não penso deixar que meus meninos passem a noite no bosque se não for com eles.

—Por nada do mundo passava eu uma noite no bosque - disse Terri, sua mãe, com um calafrio—. Muitos insetos arrastando-se por toda parte.

A mãe de Derek, Rita, pôs-se a rir.

—Disso que se trata, não? De acostumar-se a ver insetos e animais estranhos e a não ter quarto de banho. Ouvi falar destas coisas - disse olhando Shannon. - É para reforçar a confiança na gente mesmo, verdade?

—Exatamente. Utiliza-se para pacientes com câncer de mama, para executivos, gente como vocês e eu - disse fazendo um gesto para as mulheres.

—Você? —disse Pat com uma gargalhada. - Já sei que me disse que tinha acontecido por isso, mas... - fez um gesto que abrangia a casa e os terrenos. - Não sei que problema tinha. Se eu tivesse seu dinheiro, já me teria largado faz tempo.

—Não sempre é uma questão de dinheiro - disse Shannon querendo tirar importância ao feito de não sofrer inseguranças econômicas. - Sim, tinha dinheiro, mas carecia de outra coisa que é muito mais importante.

—As chaves da caixa de segurança? — perguntou Pat.

— Respeito por eu mesma. Se não possuir respeito, não tem nada de nada.

—E acredita que uma noite no bosque vai nos dar coragem e respeito por nós mesmas? — perguntou Pat com ceticismo evidente.

—Acredito que é o lugar certo para começar.

Houve um comprido silencio. Shannon se perguntou se não tinha ido muito longe e se distanciou delas. Mas necessitavam que alguém lhes dissesse a verdade.

—Eu não sei vocês - disse Rita—. Mas me viria bem passar uma noite fora. Conta com minhas crianças e comigo, Shannon.

—Comigo, nem louca - disse Terri—. Eu fico na casa a ver um filme na televisão.

Pat olhou a sua mãe e depois Shannon.

—Eu vou. Mas, se vejo uma aranha, volto em seguida.

—E seus filhos?

—Adoram as aranhas — disse Pat, sorrindo pela primeira vez em muitos dias.

Shannon sentiu uma grande alegria.

—Meus filhos são maiores que os seus - disse Sara. - De todas as formas, se ainda estaremos aqui no domingo, verei de convencê-los para que se animem.

As mulheres brincaram sobre a dificuldade de convencer a uns adolescentes para que fizessem algo. Shannon olhou ao Andrew.

Revisão: Dominique Bozzi

—Parece que vamos ter menos trabalho de que pensávamos.

—Sim, algo é algo.

Seus olhos se encontraram e, por um momento, Shannon recordou outro homem, outras promessas, e lhe deu graças a Deus por ter levado Andrew McVie a sua vida.

Capítulo 21

—Está magnífico! — disse Shannon, lhe dando o último toque ao pescoço de sua camisa.

—Pareço um velhaco - disse Andrew olhando-se ao espelho com uma careta de desgosto. - Nenhum homem, salvo os latifundiários da Virginia, deveria levar tantos adornos sobre sua pessoa.

Shannon o contemplou com os olhos brilhantes de júbilo.

—Gravata de laço, faixa, gêmeos, o imprescindível smoking... Não é tanto Andrew.

—Mais dos que eu gostaria.

—Está muito bom.

—Ofende-me, senhora.

—Não te ofenda - disse ela rindo. - É o maior elogio que se pode fazer a um homem nestes tempos.

—Soa insultante.

—Bom, pois não o é. As mulheres vão cair com as patas acima quando lhe virem, Andrew. Espero que não lhe façam trocar de opinião.

—Não está sentindo-se um pouco possessiva?

—Sim, muito - disse ela, lhe beijando na boca.

—Para mim, este é uma adulação maior que a outra.

Em realidade, a maior adulação de todas, era que uma mulher de semelhante beleza e esplendor desejasse sua companhia. Ver Shannon linda com um vestido comprido e branco, bordado com fios de ouro brilhante, trazia para a mente a imagem dos seres celestiais. Os diamantes brilhavam em torno de sua garganta e pendiam de seus ouvidos. Um estreito bracelete de ouro, também com diamantes, adornava seu braço esquerdo.

—Isto vale o resgate de um rei, Shannon.

Naquele momento se deu conta de que era muito possível que ele jamais pudesse comprar nem sequer uma das gemas que brilhava e não se sentiu feliz.

—Em meu tempo, um homem podia passar toda a vida com o dinheiro que custa um só de seus pendentes.

—Recordá-lo-ei a próxima vez que compre um bilhete de avião a 1776 —disse ela com uma inclinação de cabeça.

Andrew sorriu ante a brincadeira, mas se encontrou pensando em como seria voltar para seu mundo com uma mulher semelhante a seu lado. Shannon pegou do console uma bolsa adornada de pérolas.

—A limusine chegará a qualquer momento — disse ela.

—Não compreendo a necessidade de que nos leve outra pessoa quando você é capaz de conduzir.

Shannon fez um gesto para seu vestido ajustado.

—Não pode dirigir a alavanca de mudanças levando um vestido do Versacci.

—Qual a diferença entre uma limusine e um carro?

—Em que a limusine é maior. É algo que impressiona a todo mundo.

—Deseja impressionar os outros?

Aquilo não era próprio da Shannon que ele conhecia.

—Em circunstâncias como esta, sim. Quanto mais os impressione, mais dispostos estarão a apoiar sua obra benéfica. É um jogo, Andrew. Como o xadrez, mas com peças vivas. Karen Naylor e seu acompanhante virão conosco na limusine - disse olhando-o aos olhos.

—A advogada negra?

—Tem que chamar a dessa maneira?

—Não estou aqui a muito tempo, Shannon. Como posso recordar os diversos jogadores?

Shannon franziu o cenho.

—Tenho a impressão de que recorda perfeitamente a Karen.

—Porque é negra?

—Porque é afro americana.

—Uma palavra chata.

—Mas apropriada. Um problema que não teria tido tão trágicas conseqüências se os homens de seu tempo tivessem tido o decoro de abolir a escravidão. —Falas como se eu tivesse tido o poder de trocar os acontecimentos. - Nunca fui convidado às discussões do Carpenters Hall, minha senhora. Minha opinião sobre a manutenção da escravidão tinha muito pouco peso no desenvolvimento dos acontecimentos.

—Equivoca-te - disse sua formosa companheira. - Como pode dizer, precisamente você, que a opinião de um homem corrente não importa? A revolução se apoiava nas idéias da gente do povo.

—E aquela rebelião não tinha muito êxito quando parti.

—Possivelmente se...

Shannon fechou a boca, horrorizada pelo que tinha estado a ponto de dizer. «Possivelmente se não te tivesse partido...»

—Acaba sua frase, Shannon. Estou impaciente por ouvir o que tem que dizer.

—Esquece. Esta discussão não tem sentido.

Certamente que não, se empenhava em dizer algo tão estúpido como o que tinha tido que calar. Encontrava-se nervosa desde quinta-feira pela manhã, depois do estranho encontro que tinha tido no centro comercial. Tinha passado tanto tempo da última vez que tinha ouvido seu antigo nome e desde que alguém a associasse com ele, que tirava o chapéu olhando para trás mais de uma vez, como se Bryant pudesse aparecer em qualquer momento.

«Ridículo!», pensou. Tinha uma casa e uma identidade novas. As probabilidades de que Bryant a encontrasse eram de uma entre um milhão.

«Igual às probabilidades de conhecer o Andrew McVie?»

Por sorte, a campainha soou naquele momento, avisando a chegada da limusine e pondo fim a suas conjecturas.

—As máscaras — disse ela, olhando a seu redor.

Andrew se aproximou dela e lhe fechou o passo.

—Guardo-os eu.

Ela assentiu e esperou. Mas Andrew não se movia.

—Temos que ir - disse ela. - Não quero fazer a Karen esperar.

—Sim - disse ele—. Não desejamos que esperasse.

—Faz um esforço - sussurrou ela—. Por favor, não faça que isto seja mais difícil para todos. Shannon pensava que, se fossem compartilhar suas vidas, era melhor começar quanto antes.

—Não sou o ogro que você acredita Shannon. Acho-me rodeado de umas circunstâncias novas e tento com todas minhas forças dobrar minha vontade ao sinal dos tempos que parece meio doido agora.

Umas lágrimas repentinas alagaram os olhos de Shannon.

—Já sei que não é um monstro. É só que...

—Quer que veja seus amigos sob um prisma mais favorável.

—E eu quero que meus amigos lhe vissem sob esse mesmo prisma.

—Não tinha pensado em tais términos.

—Sei - disse ela lhe agarrando pela mão.

Andrew tinha tanta força interior, estava tão seguro de que seus critérios eram os acertados, que a opinião de outros lhe importava muito pouco. «Este não é o mundo que você conhecia Andrew. “Este é meu mundo e deve aprender a viver sob suas normas». Mas, por que aqueles pensamentos a enchiam de uma tristeza tão repentina?

—Farei o esforço, embora essas normas sejam freqüentemente difíceis de compreender. Shannon sorriu e voltou a sentir-se conectada a ele da maneira mais profunda em que duas pessoas podem estar unidas, mais profunda inclusive que o ato do amor.

—Não posso pedir mais, não parece?

—Não, não pode - disse olhando-a com um brilho de humor nos olhos. - Mas em minha opinião acho que tentará.

Shannon o tinha instruído para que evitasse falar de política, de religião e de sexo, mas Andrew tinha a sensação de estar sozinho se não podia conversar de tais matérias. Ouvia estranhos retalhos de conversações que falavam de bebês de proveta, os direitos dos homossexuais, e do renascimento dos cristãos, e se deu conta de que não entendia quase nada.

—Está muito calado, senhor McVie - disse uma das senhoras de sua mesa. - Seguro que tem alguma opinião sobre o aborto.

—Sim, senhora. E essa opinião é tão pessoal como o tema mesmo.

—Já estamos com o direito à vida — disse a mulher com um gesto de suficiência. - A típica resposta evasiva.

Sentiu sobre ele o olhar preocupado de Shannon, mas o desabafo daquela desconhecida lhe impulsionou a falar diretamente.

—Não mantenho nenhuma preferência na matéria — lhe disse à senhora. - Só que minha opinião é de natureza pessoal.

—Está você entre amigos, senhor McVie — insistiu a senhora. - Por que não compartilha seus pontos de vista conosco?

—Porque meus pontos de vista não têm que importar no que deve ser um assunto privado entre um homem e sua esposa.

Umas sobrancelhas tintas de loiro se elevaram por cima da máscara enquanto a senhora ria.

—Entre um homem e sua esposa. Que idéia tão pitoresca!

A senhora se voltou para seu acompanhante, rechaçando ao Andrew de forma mais que evidente. Sentiu que uma mão se apoiava sobre seu braço.

Revisão: Dominique Bozzi

—estiveste genial - disse uma voz familiar.

Andrew olhou a sua direita e viu a Karen de pé junto a ele. Levava a mesma máscara cheia de jóias que todo mundo, mas ele não teve dificuldade em reconhecê-la. — Muitas coisas ficaram sem dizer.

—Não ouviu Andrew. A cabeça dessa mulher está cheia de cimento. —ouviste a conversação?

—Só o final. Não todo mundo pode fazer frente a Lydia. Merece a "croix de guerre".

Andrew procurou Shannon com o olhar. Estava conversando com o homem de cabelo prateado que tinha acompanhado a Karen. Entretanto, intuiu que ela era muito consciente de quem tinha a seu lado.

—Há muita opinião intolerante nesta festa — disse ele.

—Ah! Notou?

Seu tom era seco, mas Andrew descobriu uma leve nota de bom humor. Viram que Shannon se levantava de seu assento para dançar com o homem de cabelo prateado.

—Se me pedir um baile, não serei eu a que se negue — disse Karen sorrindo.

—Se te pedir um baile, não demoraria em se arrepender porque não tenho a mínima aptidão para dançar.

—Eu também — disse Karen. - Por isso John está dançando com Shannon. Mas, por que não lhes demonstramos que não somos causas perdidas?

Era uma mulher com encanto e inteligência e a Andrew não passou despercebido o ramo de oliveira que lhe oferecia. Os dois compartilhavam uma educação do Harvard, um desprezo pelos gastadores e um profundo carinho e respeito por Shannon. Em realidade, a ele não lhe ocorria o que mais faria falta para ter um ponto de partida em comum. Andrew se levantou e se inclinou ante ela.

—A carência de aptidões não significa carência de aptidão para aprender. Concedeme a honra, senhorita Naylor? Karen se pôs a rir e estendeu a mão.

—É todo seu, senhor McVie. E saíram juntos à pista. Trocaram de casal.

—E é a verdade - disse Andrew tomando-a entre seus braços.

Deram uns quantos passos e Shannon começou a rir.

—Tem razão. Não sabe dançar.

—E tampouco Karen. Mas fazíamos muito bom casal.

—Já me dei conta. Vamos tentar. Eu guio e você me segue.

Voltaram a retomar o passo ao compasso.

—Vê? —disse Shannon. — Leva jeito.

—Sim, mas deve tratar-se de um milagre.

—Obrigado, Andrew. - disse ela em voz baixa. Ver você dançar com a Karen lhe tinha dado esperanças. - Já sei que foi muito difícil.

—Não mais do que foi para a Karen. É uma mulher muito inteligente e uma verdadeira amiga para ti.

—Sei. Alegra-me que entenda.

—Me ocorreu que ela estava vivendo a vida que eu teria levado se tivesse nascido nestes tempos.

—É uma maneira estranha de enfocá-lo, mas sim. Suponho que é verdade.

Karen e Andrew tinham a mesma idade, compartilhavam a mesma educação e tinham o mesmo ímpeto.

Revisão: Dominique Bozzi

—Agora sou um advogado sem prática e um granjeiro sem terras. Parece que tudo o que consegui neste mundo foi resultado de sua generosidade. Todos os que estão neste salão contam com uma profissão para ganhá-la vida, exceto o homem ao que uniste sua sorte.

—E acredita que isso importa Andrew? Não pode escolher uma profissão antes de aprender tudo o que terá que saber sobre o mundo no que está. Viajaremos. Conhecerá todo o país, o mundo. E então saberá o que tem que fazer.

O silêncio do Andrew lhe partiu o coração. «Encontrará seu caminho», pensou. «Só necessita tempo».

O baile acabou as doze como tinha começado, com muita pompa.

—Como se não soubéssemos quem era cada qual — disse Karen com humor seco. - Não cabe dúvida de que os ricos são distintos. À exceção da presente, claro - acrescentou sorrindo Shannon.

—Claro — disse Shannon sorrindo também.

Andrew e o acompanhante da Karen, John, estavam entretidos em uma conversação. Shannon não podia imaginar do que estavam falando, mas pareciam levar-se muito bem e deu graças a Deus por aquilo.

—Fotos para todo mundo! — gritou Madolyn Bancroft, coordenadora do traje de gala. - Temos aqui jornalistas do Star Ledger, do Philadelphia Inquirer, do New York Time e do Town and Country nos esperando. Mostrem seus sorrisos!

—Mostrem seus sorrisos! — resmungou Karen. - Essa mulher é tão fresca que às vezes me dá vontade de estrangulá-la.

—Sei ao que se refere — disse Shannon. - Mas possivelmente por isso seja tão boa no que faz. Levantaram-se da mesa e foram à fonte, onde os fotógrafos se reuniram a tirar fotos instantâneas. Shannon levou Andrew a um lado.

—Vão tirar nossas fotos — disse em voz baixa. - Verá que apontam uma câmara em nossa direção e logo haverá um estalo de luz.

—E sua imagem fica apanhada, não?

Shannon sorriu.

—Depende. Se o fotógrafo seja bom.

—Muito bem - disse um dos repórteres. - O contraste é bom. Agora, cavalheiro, ponha o braço em torno da cintura da dama. Necessito um sorriso enorme. Já está! Verão os resultados nos jornais da manhã, amigos.

—Isto é assombroso - disse Andrew quando deixaram o lugar ao John e a Karen. - Que nossa foto saia nos jornais para que todo mundo possa vê-la.

Shannon pensou no homem com quem tropeçou no centro comercial e um calafrio de apreensão percorreu seu corpo. Toda a velada tinha estado olhando às pessoas mascarada e perguntando-se se algum dos assistentes não seria Linc Stewart. Uma idéia ridícula. Uma tolice estúpida. Tinha que conseguir esquecê-lo.

—Shannon, encontra-te indisposta?

—Estou bem — disse ela esforçando-se por sorrir. - Só um pouco cansada.

—Ah, sim! —disse ele com olhos brilhantes. - A idéia de ir para cama é extremamente atrativa.

«Sua foto saiu nos jornais inúmeras vezes», disse a si mesma quando saíram dali. «Não tem nada com o que se preocupar». E possivelmente fora o melhor que podia

ocorrer. Linc Stewart veria sua foto e saberia que verdadeiramente se tratava de Shannon Whitney e não de Katharine Morgan, e todo o incidente ficaria esquecido.

Karen sugeriu que parassem em um restaurante a tomar um café e conversar um pouco, mas nem Shannon nem Andrew estavam de humor. Chegaram a casa em silêncio, um silêncio que parecia diferente a todos os anteriores.

—Não deveríamos ter ido ao baile de máscaras — disse Shannon mais tarde, quando já se encontravam deitados.

Andrew não negou.

—Falavam muito sem chegar a nenhuma parte. Disse que assistiria a flor e nata do estado e eu não vi nenhum homem ou mulher de verdadeira valia entre eles.

Shannon se apoiou em um braço para olhá-lo.

—Andrew, como pode dizer isso? Philip Stalling é o presidente da maior empresa de ordenadores depois da Microsoft. Francesca Duval é presidenta honorífica do Visage Cosmetics, uma empresa ponteira. Lê Prescott é...

—E, entretanto, não vi uma só cara de felicidade entre todos eles.

—Jantamos com uma hora de atraso — disse ela com uma risadinha nervosa. - A ninguém assentou muito bem.

—É algo mais que isso, Shannon. Esses homens e mulheres têm tudo o que eu vim buscar e, entretanto...

—Sei — sussurrou ela. - Sei.

Aquela noite não fizeram amor. Ficaram abraçados e esperaram juntos o amanhecer.

Capítulo 22

—Está bem que a deixe sozinha — disse Andrew. - Podemos fazer o acampamento outro dia.

—Não, não podemos — disse Shannon com firmeza. - A maioria dos meninos irão dentro de dois de dias.

Shannon alisou o pescoço de sua camisa de trabalho. Parecia mais o homem que tinha conhecido o primeiro dia e menos o que ela tinha criado. E Shannon não gostava de pensar nisso.

—Além disso, estou exausta depois do de ontem à noite. Não acredito que tenha a energia suficiente para me aventurar no bosque com seus exploradores.

Ela estava dormindo um pouco antes do amanhecer só para despertar e encontrar Andrew junto à janela, olhando aquela nuvem estranha que se elevava estranha para o céu ameaçador.

—Sua fadiga não me preocupa, Shannon. O que me causa desassossego é que fique indefesa.

—Estive indefesa, como você diz, durante anos, antes que chegasse a minha vida, Andrew — disse ela, suavizando suas palavras com um beijo. -Acredito que suportarei uma noite mais.

—As portas e as janelas estão arrumadas. Usa os alarmes mecânicos.

Shannon saudou marcialmente.

—À ordem, senhor.

Era óbvio que Andrew não lhe via a graça ao gesto porque permaneceu sério.

—Agora o compreendo melhor que aquela primeira noite. Seu mundo é um lugar de engano e violência. Se o alarme pode proporcionar um pouco de segurança, utiliza-a.

Shannon o abraçou, deleitando-se com sua força e solidez.

—Pobre Andrew, Nunca devia lhe convencer a ver as notícias da televisão.

—É algo mais que isso. Fui à metade de uma rebelião só para encontrar uma guerra declarada aqui.

—Admito que temos nossos problemas, mas não estamos tão mal.

—Anarquia social - disse ele acalorando-se. - Homens de bem...

Andrew se deteve e deixou que um sorriso tímido iluminasse seu rosto.

—Homens e mulheres de bem sem meios para ganhar a vida enquanto que a maldade acampa aos seus lados.

Shannon não pôde rebater-lhe.

—Mas temos maravilhas que não existiam em seu tempo, a medicina moderna, por exemplo. A gente já não morre de varíola e de gripe. Seguro que isso compensa alguns de nossos defeitos.

—Você está neste mundo — disse ele. - Essa é a maior das maravilhas para mim. Saíram juntos da casa e encontraram Dakota esperando na esplanada, sentada sobre o capô de seu Mustang.

—Necessita a ajuda de uma velha Girl Scout e antiga bibliotecária na acampada?

— perguntou Dakota.

—Antiga bibliotecária? —perguntou Shannon enquanto Andrew ia à garagem. - É que Forsythe te despediu?

—Despedida, jogada. Ou seja, que me deu a conta. Estou desempregada.

—Não deveríamos ter ido o outro dia.

—Não foram vocês. Foi minha mãe. Sentou-se em cima de minha mesa e me contou seus sonhos.

—Despediu-te por isso? Esse homem é um bruto.

—Sim. E um miserável também. Pôr-me na rua sem paga por demissão.

—Isso não é ilegal?

—Trata de contar-lhe a um déspota ilustrado. Não chegará muito longe.

Shannon baixou a voz.

—Não falou sério o de ir acampar, verdade?

—Pois sim, claro que é sério. Dois dos meninos, Derek e Ângela, contaram-me isso e me pediram que me aprontasse. E já que não tenho nada melhor que fazer, irei - disse com um sorriso triste.

—Não acredito que seja uma boa idéia.

—Se tiver medo de que vá entrar em transe cada vez que o Homem Balão e eu nos rocemos, descuida. Prometo-te que não voltará a acontecer.

Shannon teve que rir apesar de si mesmo.

—Não me chame Homem Balão, por favor! É nosso segredo. Além disso, como sabe que não vai entrar em transe?

—Porque tive uma larga conversa comigo mesma, por isso. Se tiver que averiguar por que não tem aura, será melhor que permaneça consciente.

—É a segunda vez que fala de aura. O que é? Acreditava que todos nós tínhamos uma.

Shannon tinha visto fotografias Kirlian em uma revista, onde uns cientistas pretendiam ter captado o aura de uma cenoura e de uma pedra de jardim. Os olhos de Dakota contemplaram a garagem, a piscina, algo menos olhar ao Shannon.

—Bom, sim — disse ao cabo, reunindo coragem para olhar nos olhos. - A maioria das coisas tem aura, mas ele não.

—Pois claro que sim.

A cara do Dakota se iluminou.

—Viu-a?

—Como? É obvio que não! Você é quão única vê essas coisas. Só digo que Andrew está aqui, que é real, deve ter uma aura.

—Seria o normal, verdade?

—Possivelmente eu também vá acampar, depois de tudo.

—Não sabia que não vinha - disse Dakota.

Shannon se encolheu de ombros.

—Estou cansada, dói-me a cabeça e tenho o síndrome pré-menstrual. Pensei que seria melhor lhes dar uma pausa. Não irá...

—A dizer que sei que vem do passado? —interrompeu-a Dakota. - Não, se você não quiser.

—De acordo, não quero.

—Obrigado por me esclarecer isso

Shannon tomou as mãos, ansiosa de que seu amiga entendesse sua posição.

—Não é por ti. É por mim. É pelo Andrew. Por nós dois. O melhor que nos poderia acontecer seria que ele cortasse definitivamente seus laços com o passado e encontrasse seu lugar aqui. Não pode viver entre dois mundos para sempre.

Dakota guardou silêncio, mas a expressão de seus olhos castanhos falava por si só.

—Não irás começar com a chateação de que sabe que tudo isto é provisório, verdade?

—Suponho que não.

—Posso lhe dar uma vida como ele nunca sonhou, Dakota. Nunca lhe faltará de nada. Como pode lhe oferecer seu mundo algo melhor?

Dakota não disse nada.

Não tinha que fazê-lo.

O parágrafo em Heróis Esquecidos o dizia a gritos.

Andrew e Dakota se foram uma hora depois para reunir-se com outros no refúgio e dar começo a grande aventura do acampamento.

Shannon os despediu, abriu as portas do terraço e entrou no solário. Era uma casa formosa, mas nunca tinha parecido um lar até que Andrew tinha chegado. É obvio a casa não tinha nada que ver. Tinha vivido em suficientes lugares diferentes para saber isso. Era estar com ele o que o fazia sentir-se conectada ao mundo, a salvo e mimada, cheia de esperança no futuro. Um futuro que era dos dois.

«Não diga nada, Dakota», rezou em silêncio. «Deixa que tomemos nossas próprias decisões».

Tinha estado tentada de acompanhá-los, mas se sentia tão cansada que a idéia de caminhar pelo bosque, embora se tratasse de seu bosque, resultava-lhe um esforço excessivo. Ao menos, sim sabia por que estava tão cansada. Era o típico da síndrome pré-menstrual.

«E possivelmente um pingo de remorso?» recostou-se no sofá e fechou os olhos.

—Sim — disse à habitação vazia. - Remorso.

Remorso que não houvesse um filho de sua relação com o Andrew. A emoção era tão primitiva, chegava-lhe tão fundo que a deixava sem fôlego. Fazia muitos anos que não pensava em ter bebês. Era como se uma parte de seu coração tivesse sido selada e esquecida. Mas amar ao Andrew tinha aberto leva e janelas e o fazia desejar coisas que nunca tinha acreditado em seu alcance.

Um marido. Um lar. Uns filhos. Todo o Sonho Americano, imortal apesar dos séculos.

Sentou-se e tratou de imaginá-la vida no mundo do Andrew. Não haveria ar condicionado central, nem tela gigante, nem televisão, nem vídeo. Estavam em plena guerra enquanto a nação lutava por nascer, enquanto que homens e mulheres de caráter procuravam fazer um lugar no mundo para eles e para suas famílias.

Fechou os olhos e deixou que as imagens cobrassem vida. Pensou que era muito que podia fazer-se. Muitos os enganos que podiam emendar-se. «É uma chance de nascimento», dizia-lhe Dakota freqüentemente. «Sempre procurando salvar ao mundo de seus próprios excessos». Como seria voltar para o princípio e ter a oportunidade de fazê-lo corretamente?

Seus filhos, e os filhos de seus filhos, cresceriam com um conhecimento que os converteria em líderes e tudo porque, simplesmente, Andrew McVie e Shannon Whitney se conheceram em Nova Jersey uma tarde do verão. O ar condicionado era um preço insignificante em troca de toda aquela riqueza.

Mas, claro, era ridículo pensá-lo sequer. Não se tratava de ir à drogaria mais próxima, comprar uma garrafa de propano e encher o balão de ar quente. Não havia explicação para o que tinha levado ao Andrew até ela e Shannon só podia rezar para que a mesma força misteriosa não o arrebatasse.

Tentou ler, mas não podia concentrar-se. Folheou o último número do *People* e acabou deixando-o a um lado. *Newsweek* e o *Time* não demoraram para seguir o mesmo caminho. Não gostava de ver a televisão. Já tinha lido os jornais do domingo e havia sentido aliviada de ver que sua fotografia em companhia do Andrew era uma cópia imprecisa, escondida na página três das notas de sociedade. Mas não pôde resisti-lo e tinha fechado o periódico.

O bom da síndrome pré-menstrual era que explicava o cansaço e o mau humor de ontem. O modo em que tinha reagido exageradamente com o empregado da boutique, a apreensão da noite anterior, quando tinha enfrentado os fotógrafos.

Pensou que a vida era bela e fechou os olhos deixando-se conquistar pela fadiga. Cada dia que passava, Andrew se adaptava a outra peculiaridade da vida no século XX... e a sombra de sua vida anterior se desvanecia um pouco mais, cada vez menos ameaçadora. Já não tentava dar corda aos relógios de quartzo ou responder quando soava a secretária eletrônica. Embora, no baile, tinha esmurrado a mesa enquanto outros aplaudiam a cantor, mas se tinham cuidado aos olhos e tinham estalado em gargalhadas.

—Sim, a vida é bela — murmurou afundando-se no sonho. E, enquanto seguissem juntos, só podia melhorar.

—Direto ao ponto. — disse Andrew, internando-se ainda mais no bosque.

—Acreditava que iria ensinar-nos a não nos perder - disse Charlie.

—Nisso estamos.

—Eu não vejo que façamos nada especial — disse Ângela. - Só estamos andando.

—Fazemos algo mais que andar - disse Dakota. - Verdade que sim, Andrew?

—Em realidade, há muito que aprender se abrirem os olhos.

—Um montão de árvores e de plantas. - disse Derek. - Estupendo. Pois é um grande negócio!

—Sim, é estupendo. — disse Andrew—. Por aqui perto há gambás, cervos e guaxinins.

—Onde? — disse Charlie. - Eu não vejo nada.

Andrew se agachou junto a uma árvore caída e separou um montão de folhas secas. Assinalou-lhes uma fileira de depressões na terra fofa.

—Vejam a forma das pegadas claramente desenhadas, o modo em que se sobrepõem? É o rastro de um cervo a passo normal.

Então lhes mostrou umas marcas que havia na casca da árvore.

—Isto foi seu jantar.

Todos se apinharam ao seu redor. A incredulidade deu início lentamente ao assombro quando lhes mostrou o rastro com cinco dedos de um gambá e as marcas claras de um coelho.

—Um filhote de coelho pode apanhar-se com a mão, inclusive um coelho jovem — disse Andrew como se fora algo de todos os dias. - Mas mais de um homem morreu que fome por uma dieta a base de coelho. Não há gordura suficiente para...

Ao ouvi-lo, Ângela rompeu a chorar.

—Mamãe! Ele diz que temos que comer os coelhinhos.

A mãe da Ângela correu a abraçá-la enquanto que as demais faziam um coro solidário.

—Não era minha intenção fazer chorar à pequena - disse, lhe dando uns tapinhas na cabeça—. Entretanto, é uma realidade da vida que, para sobreviver, às vezes temos que levar a cabo atos desagradáveis.

As mães trocaram olhares e então, a mãe da Ângela o olhou aos olhos.

—Adiante, senhor McVie. Já é hora de todos aprendermos a sobreviver.

Jules, o condutor do refúgio, chamou um pouco depois das cinco.

—Despertei-a, senhorita Whitney?

—Não, claro que não - mentiu ela, sufocando um bocejo. - Chegaram mais pessoas?

—Parece que sim. Queríamos levá-las a casa que você alugou no Morriston, mas não tenho a chave.

—Parece-me que eu tampouco — disse ela, esforçando-se por pensar. - Karen a tem.

Agora que os documentos estavam assinados e registrados, Karen e a fundação se encarregavam da administração cotidiana dos abrigos.

—Espere um momento — disse ela. - Não. Esqueci-me de dar-lhe Tenho-a aqui mesmo.

Jules fez uma pausa.

—Tenho que estar na delegacia de polícia de Flemmington para recolhê-las dentro de vinte minutos. Mas posso dar um rodeio e passar a recolher a chave depois.

—Quando queira Jules. Não penso em sair de casa.

—Não quero incomodá-la, senhorita Whitney. Deixe a chave na caixa do correio e nem sequer terá que ouvir a campainha.

—É bom com isto - disse Dakota quando Andrew tirou uma faísca de uma rocha que golpeava com a folha de sua faca. - Não se encontram muitos advogados que saibam acender um fogo sem fósforos.

—Tinha que recolher lenha — disse ele olhando-a aos olhos. - Não vi que tenha contribuído.

—Já contribuí bastante no escritório - disse ela.

Entretanto, deteve-se o ver que ele não entendia a referência.

—Você é uma boa amiga de Shannon.

—Eu gosto de pensar que sim.

—E é. —afirmou ele. - Sei de certo. O que não entendo é por que a desagrada tanto.

—Você não me desagrada - disse Dakota prudentemente.

—Sim, noto-o.

Dakota respirou profundamente.

—Estou preocupada, nada mais.

—Nunca farei mal ao Shannon. Tem minha palavra.

—Sei que nunca lhe faria mal intencionalmente — disse ela, lhe pondo a mão sobre o braço. - Mas...

Dakota sentiu que caía dando voltas do espaço para a terra, cada vez mais rápido e...

Abriu os olhos e viu o Andrew inclinado sobre ela, lhe aproximando as mãos unidas, formando uma terrina.

—Bebe isto.

Dakota contemplou aquela água salgada com receio.

—De onde a tiraste?

—Do arroio.

Um calafrio estremeceu seu corpo.

—Nem o sonhe. Não sou viciada nos resíduos tóxicos.

—Cada vez que nos roçamos, desvanece-te. Por quê? Pergunto-me.

—Eu...

—Você sabe — disse ele em voz baixa para que outros não pudessem ouvi-lo soubeste desde o começo.

Dakota afastou o olhar.

—Prometi a Shannon que não falaria disto.

—Tem uma segunda visão. Minha mãe também tinha.

—Acredita nessas coisas? — perguntou ela abrindo muito os olhos.

—Acredito que há coisas que estão além de nosso entendimento.

Andrew sorriu e ela começou a rir.

—Acredito que, dadas as circunstâncias, sim deveria acreditar.

Ao fim e ao cabo, aquele homem tinha viajado do século XVIII a bordo de um balão de ar quente.

—Mas você crê que aqui acontece algo mais, não é certo?

—Olhe Andrew. De verdade que não posso falar sobre isto. Shannon é minha amiga e lhe prometi que não o faria.

—Juro ante Deus, Dakota, que nunca farei mal ao Shannon e que jamais a abandonarei. Os olhos do Dakota se encheram de lágrimas.

—Mas irá, disse estou segura. Podia senti-lo nos ossos.

Shannon despertou sobressaltada. Tornou a dormir depois da chamada do Jules. De repente, lembrou-se que a chave estava em sua bolsa e não na caixa, como tinha prometido.

Com um bocejo, levantou-se, abotoou o cinto por cima da blusa e saiu do terraço descalça. Desconectou o alarme das portas do terraço, saiu ao exterior e andou a passo vivo pelo caminho para a caixa, do outro lado da esplanada.

As nuvens sulcavam o céu sob a lua e a obscureciam quando Shannon retornou. «Muito escuro para meu gosto», pensou, abraçando o torso. Era estranho quão horripilante podia ser seu próprio caminho a noite, sabendo que não havia ninguém em casa, quando já se acostumou a que não estivesse vazia.

Teria dado boas risadas se alguém houvesse dito antes que era possível sentir tanta falta uma pessoa como ela tinha saudades de Andrew. Só levava umas horas sem vê-lo e já lhe pareciam meses. «Está no bosque, não em Wyoming. “Voltará amanhã cedo». Sentiu a tentação a aventurar-se no bosque ela sozinha, armada de lanterna e bússola para buscá-lo, mas não chegou a fazê-lo.

Ouviu um som de folhagem ao outro lado da esplanada e sentiu calafrios. A frase de que a noite tinha milhares de olhos mostrou um novo significado para ela. Estendeu a mão

para agarrar a maçaneta da porta do terraço e se deteve. Aquilo já era muitos ruídos estranhos. Um ramo estalou ao romper-se para sua direita. Pensou que algum burocrata empreendedor deveria proibir os ruídos estranhos em noites escuras, quando uma mulher estivesse sozinha.

O vento sussurrou entre as árvores e ela captou o aroma de algo estranho misturado com o aroma dos pinheiros de uma cálida noite do verão. O fragmento de uma lembrança revooou nos limites de sua consciência, mas não conseguiu saber o que era.

Abriu a porta e estava a ponto de entrar quando recebeu um tremendo golpe nas costas que a jogou de cara ao chão do terraço. O joelho direito foi o primeiro que se chocou contra os ladrilhos. Esperou a que chegasse a descarga de dor, mas não sentiu nada.

«Possivelmente deveria respirar para sentir dor», mas não podia respirar... nem pensar... nem sentir nada. Só havia terror e a completa segurança de que seus piores temores estavam a ponto de converter-se em realidade. «Andrew». O rosto amado apareceu por um segundo em sua mente. «meu deus! Viverei para voltar a verte?»

Fechou os olhos. Tinha a cara contra os ladrilhos do chão. Tentou encolher-se, fazer-se insignificante, invisível, mas o mundo estava estreitando-se, fazendo-se cada vez menor até deixá-la no centro, onde não havia lugar para esconder-se.

—Isto me dá medo — disse Derek. — Já nos perdemos? Andrew sorriu.

—Nem muito menos — disse assinalando o céu. - Vê esse caminho de estrelas que sobe para o alto?

Derek assentiu.

—Refere-se à Via Láctea?

—Sim — disse Andrew, embora o termo não lhe fosse familiar. - Bem, agora segue em linha reta até encontrar a Ursa Maior. As duas últimas estrelas do carro lhe indicam sempre a estrela polar, vê? É essa brilhante daí. Essa estrela sempre o guiará.

—Não o entendo - disse Derek. - Só é uma estrela estúpida. Por que não olhamos um mapa?

—Rambo tem óculos infravermelhos de visão noturna — disse Isso Charlie é o que nos faria falta.

—Haverá ocasiões em que não podem contar com outra coisa que os dons que Deus lhes concedeu para guiá-los — disse Andrew. - O que fariam se...? Escutem. Não ouvistes gritar meu nome?

Derek negou com a cabeça.

—OH, OH.

—Eu não fui - disse Charlie.

Inexplicavelmente, os cabelos de sua nuca começaram a arrepiar-se. Andrew se levantou.

—Algo estranho está acontecendo - disse a Dakota. - Você também o sente?

Dakota inclinou a cabeça.

—A que se refere? A uma tormenta ou um pouco parecido?

—É Shannon - disse sentindo que o horror crescia dentro de seu peito. - Não sente que uma escuridão se abate sobre ela?

Dakota negou com um movimento de cabeça.

—Não, mas isso não significa nada. Confie em suas intuições. Não se preocupe por nós. —Não quero assustar as mulheres - disse Andrew.

Revisão: Dominique Bozzi

—Eu fui escoteira — disse Dakota—. Claro, você não sabe o que é uma Escoteira. Isto é um treinamento para sobrevivência. Não se preocupe por nós.

Andrew franziu o cenho.

—Não os deixarei desprotegidos — disse entregando sua faca ao Dakota. - Usa-o bem.

—Espero não usar o de maneira nenhuma — disse ela com um breve sorriso. - vá ver o que acontece com Shannon. Prometo que tudo estará em ordem aqui.

Capítulo 23

—Me alegro de voltar a vê-la, Katharine — disse seu ex-marido, puxando-a pelos cabelos para obrigá-la a levantar-se. Era a mesma voz que tinha ouvido todos os dias de seu matrimônio e em cada pesadelo do divórcio. - Onde tinha se escondido?

Lampejos de dor lhe turvavam a vista. Vislumbrou a silhueta de um homem alto e bonito, vestido com um traje de alfaiate. A classe de homem que podia encontrar-se em uma reunião de executivos ou em um restaurante de cinco estrelas. Shannon tratou de colocar-se em posição de lhe fazer uma chave, mas seu joelho falhou e caiu contra ele. Bryant ainda não soltara seu cabelo e voltou a lhe dar um puxão. Shannon se espantou de que seu couro cabeludo continuasse preso ao crânio.

«Pensa, Shannon! Sabe como te enfrentar a isto. “Não se deixe dominar pelo medo, você pensa...”» Bryant contava com a vantagem de sua maior envergadura, mas Shannon sabia que podia dominá-lo se conseguisse fazer que suas pernas a obedecessem.

—Surpresa em me ver?

Shannon não pensava lhe responder. Podia ir-se ao inferno antes que lhe respondesse.

Bryant se inclinou para trás para tomar impulso e descarregou seu punho contra ela. Ainda agarrava seus cabelos, de modo que Shannon recebeu toda a força do impacto. Notou o sabor ardente do sangue que enchia sua boca e tratou de não engasgar-se.

—Não quer conversar, Katharine? — disse ele lhe apertando a cabeça com a mão. - Antes não foi tão calada.

Segurou o rosto com a mão livre e a obrigou a olhá-lo. Uma vez, fazia muito tempo, Shannon tinha pensado que aqueles olhos cinza eram formosos. Como se tinha equivocado... que engano tão patético, tão trágico.

Pensou em Andrew, em sua ternura infinita, na força que lhe caracterizava tanto como a cor castanha de seus olhos. Um homem duro de uns tempos duros e, entretanto, sabia mais do amor em todos seus aspectos do que Bryant poderia entender jamais.

—Mas sim tinha muitas coisas que contar a polícia, não? E tampouco se calou quando falava com os advogados e com o juiz. O que aconteceu, Katharine? —perguntou com uma gargalhada que a fez tremer. - Você gostaria mais que a chamasse Shannon? Porque esse é seu novo nome, não, Shannon?

Bryant a olhou devagar, com um desfrutando lentamente, detendo-se nas pernas e no ventre até chegar aos peitos.

—Não tem pinta de se chamar Shannon. Aumentou a pressão dos dedos sobre suas têmporas até que ela sentiu que lhe ia explodir a cabeça.

—Shannon é uma delatora, verdade? Por isso lembra que a Katharine não gostava dos delatores.

Por um momento, voltou a ser aquela outra mulher, a garota que se entregou a ele com esperança e alegria, impaciente por construir uma vida a seu lado, uma vida que algum dia iriam compartilhar com seus filhos. Sentiu que as forças lhe escapavam, que o respeito por si mesma que tanto lhe havia custado conseguir se derrubava a seus pés. «Não», ordenou-se. «Não o deixe ganhar. “Chegou muito longe para...”»

Já não era aquela mulher. Era uma pessoa nova, uma mulher forte. Tinha deixado atrás a Katharine Morgan e tinha criado a uma mulher capaz de lutar pelo direito a viver sem medo.

«Não vai ganhar Bryant. “Nunca mais...”»

Bryant lhe puxou o cabelo, jogou-lhe a cabeça para trás com tanta força que suas vértebras rangeram.

«Deixe ir», disse-se a si mesmo. «faça-lhe acreditar que está ganhando e então poderá pegá-lo de surpresa...»

A pistola era inútil guardada no armário do vestíbulo. Bryant a mataria antes que conseguisse chegar ao corredor. Seu nível de adrenalina disparou, exigindo que lutasse com o Bryant imediatamente e com todas as armas de que dispunha. Mas não podia. Tinha que controlar sua necessidade de vingar-se porque o fator surpresa era a melhor arma de todas.

Relaxar-se foi o mais difícil que tinha feito em sua vida. Sentia-se doente só de pensar o prazer que produzia ao Bryant a contemplação de sua debilidade.

«É a única maneira, Shannon. Não pode chegar à pistola. “Andrew não está em casa». Ninguém a ouvirá gritar. A caixa de correio ficava do outro lado da esplanada. A menos que Jules se descesse da caminhonete e fosse andando até a casa, não se daria conta do que estava passando em seu interior. E embora pudesse disparar o alarme, Shannon sabia que tudo teria terminado antes que a polícia chegasse. Bryant tinha violado a liberdade sob fiança, tinha cruzado o país em avião para torturá-la e Shannon não era tão ingênua para acreditar que ia arriscar sua liberdade se não era para vê-la morta.

Só contava consigo mesma e com sua coragem para salvar-se.

Deixou-se cair inerte contra Bryant, com seus braços pendurados dos lados. Bryant a agarrou pelos ombros, os dedos se afundaram com força em sua carne. Shannon soube que a dor chegaria depois, mas não importava.

Tinha que sobreviver.

A casa estava totalmente iluminada. Andrew deixou escapar um suspiro de alívio quando se deu conta de que o carro do Shannon estava na garagem, como tinha que ser.

Entretanto, o medo lhe apressava e rapidamente rodeou o edifício. Estavam acostumados a sentar-se freqüentemente junto à piscina. Andrew não queria assustá-la apresentando-se como uma aparição saída das sombras, mas não descansaria tranqüilo até que não pudesse ver seu rosto encantador lhe dizendo que se encontrava a salvo.

As portas do terraço estavam fechadas, mas franziu o cenho ao aproximar-se. A luz vermelha da parede piscava. Não se supunha que tinha que brilhar sem interrupção para indicar que o sistema de alarme vigiava as portas como era certa? Que Shannon estivesse na casa só e indefesa era algo que lhe gelava o sangue nas veias.

Subiu os degraus e agarrou a maçaneta. Acaso aquela mulher tinha perdido o juízo? Ela não gostaria, mas ia falar seriamente. Aquele era um mundo perigoso. Tinha que comprovar que estava bem e lhe pedir uma explicação.

—Estive vigiando você, Katharine — disse Bryant depois de arrastar-la até a cozinha. - Esse tipo com o qual você deita vai passar toda a noite fora.

Shannon assentiu, tratando de parecer totalmente aterrorizada. A fúria demente de Bryant se alimentava de seu medo.

—Isto não vai durar muito.

Empurrou-a para um lado e ela se bateu contra a mesa da cozinha. A mesa escorregou sobre os ladrilhos brancos atirando duas cadeiras. Shannon também caiu ao chão. A dor em seu joelho era intensa. O equilíbrio e a concentração o eram tudo no caratê. O que aconteceria não podia ficar em pé quando chegasse o momento?

«Não sinto a dor», disse a si mesma. «A dor não existe».

Bryant passou a mão pelo banco e fez uma careta de desgosto.

—Segue sem ser uma boa dona-de-casa, não, Katharine?

—Sinto-o - sussurrou ela, a esposa abnegada, enquanto a bÍlis enchia sua boca. - Mildred e Karl estão de férias.

—Nunca soube organizar um lar. Responda-me, Katharine. Qualquer outra mulher teria entendido o que eu precisava - disse acariciando um copo que havia na pia. - Por isso tive que explorar outros caminhos.

—Compreendo-o - disse ela baixando o olhar, rezando para que não se percebesse que estava calculando a distância e planejando seus movimentos. – Desculpe-me.

—Desculpe-me! - zombou ele aproximando-se.

«Vamos, Bryant... continue andando...»

Estava a pouco mais de três metros dela. Seus mocassins italianos faziam barulho sobre os ladrilhos do chão.

—Só pensa dizer isso? Sinto muito?

«Muito bem... muito bem... Isso é».

Shannon descarregou seu peso sobre a nádega direita e se apoiou nos braços. Seus músculos se contraíram alertas. Tudo era questão de ângulos e de alavancas. Balançar-se sobre o quadril direito, disparar a perna esquerda. Singelo, limpo, muito efetivo.

«Só um pouco mais, Bryant. “Se coloque no alvo...”»

Tinha feito centenas de vezes na aula. Um chute nos testículos sobrava para parar um bastardo da índole do Bryant, mas tinha que fazê-lo bem na primeira, porque se falhasse estaria morta.

O terraço parecia em ordem. Andrew, com todos seus sentidos alertas, cruzou cautelosamente o quarto registrando-o com o olhar. O sofá estava ligeiramente deslocado de seu lugar e, enquanto se movia para a direita, viu o cinturão do Shannon debaixo da mesa de cristal. Agachou-se para recolhê-lo e naquele instante ouviu o barulho de móveis que caíam ao chão na cozinha. «Bom Jesus!», pensou. Sua premonição de perigo estava certa. Apertou as costas contra a parede e avançou lentamente pelo corredor que levava a cozinha. Ouviu a voz do Shannon. Não podia entender suas palavras, mas reconheceu que o tom era tímido e inseguro, absolutamente o que não era normal nela.

A voz do homem tinha os matizes sutis da boa educação e do privilégio, mas não podia confundir a ameaça que vibrava detrás de suas palavras.

«Seu marido». Andrew soube com certeza. Em sua mente, viu a curva pálida da cicatriz no ombro do Shannon e lhe foi tomado pela ira. O homem que tinha cometido semelhante crime contra sua pessoa estava na outra habitação. Uma névoa vermelha de raiva lhe nublou a vista e a necessidade de derramar o sangue daquele miserável lhe arrasou o peito. Entretanto, sabia que irromper na cozinha sem conhecer primeiro a situação podia custar a vida de Shannon. Mas a ânsia de sangue se fazia mais ingovernável com cada segundo que transcorria e Andrew desejou não haver deixado sua faca.

—Vamos, Shannon — disse Bryant. - Vamos dar uma voltinha pelo andar de acima.

Bryant ficou ao seu alcance.

«Agora! Faz agora!» Shannon se concentrou, olhou-o aos olhos e lançou um chute com a intenção de lhe acertar a virilha daquele bastardo e lhe atravessar. Deu-lhe na coxa, mas falhou por pouco seu objetivo. —Maldita sorte!

Bryant saiu deslocado para a esquerda, mas em seguida voltou por ela. Ofegando, Shannon tentou afastar-se dele de gatinha, lutando por ignorar a dor lacerante de seu joelho direito e o aroma do medo que de repente parecia impregnar o ar. Bryant a agarrou pelo cabelo e a arrastou para trás.

—Você gosta de jogar duro, né? Eu também sei jogar duro.

Shannon olhou enquanto ele se tirava um pequeno revólver da cintura das calças, onde tinha estado oculto atrás do paletó. Sorrindo, apontou a arma para Shannon.

—Quão duro está disposta a jogar, Shannon Whitney? — perguntou lhe pondo a arma na têmpora—. Podemos fazê-lo rápido ou podemos fazê-lo lento. Você escolhe.

Shannon cuspiu aos pés.

O apertou a arma contra sua cabeça.

Um zumbido começou a soar entre seus ouvidos. Não podia acabar tudo assim. Não ali. Shannon tinha chegado muito longe, tinha aprendido muitas coisas, tinha encontrado ao único homem da terra no que se faziam realidade todos seus sonhos. Mas nada importava mais.

Sua força, seus sonhos, seu futuro, tudo teria morrido no intervalo de um batimento do coração.

Bryant tinha ganho.

E ela havia perdido.

«Andrew» pensou. «Se só...»

Shannon o chamava. Não pronunciou as palavras, entretanto chegaram ao coração e à mente do Andrew com a mesma clareza que as tivesse gritado.

A conexão que havia entre eles desafiava ao tempo e ao espaço, e Andrew sabia que nem sequer a morte poderia romper o vínculo que os unia.

Mas ela não ia morrer. Não a mulher linda e formosa que lhe tinha roubado o coração. Andrew estava disposto a entregar sua própria vida para salvá-la.

Lançou-se através da cozinha com uma força que nascia do amor. O outro homem era alto e largo, mas Andrew contava com o elemento surpresa a seu favor. Utilizou todo seu corpo como aríete, derrubando ao bastardo ao chão. Caíram sobre as cadeiras que havia no chão e foram dar contra o chão.

—Andrew, cuidado! —gritou Shannon. - Tem uma pistola!

O aviso chegava muito tarde. Andrew se encontrou deitado de costas ao chão com uma pistola metida na boca e o rosto do mal o olhando de cima. Olhou aos olhos a seu inimigo.

«Me mate se quiser, mas deixa que ela se vá. “Já sofreu bastante contigo».

Andrew sabia o que ia acontecer. Aquele bastardo não ia partir sem havê-los enviado aos dois a presença do Criador. Com a extremidade do olho, viu que Shannon se aproximava arrastando-se.

«Escapa maldita seja! Shannon! Minha vida não importa neste mundo. Você deve sobreviver!»

Escapar? Ela não queria escapar. Não havia nada no mundo que pudesse obrigá-la a abandonar Andrew a sua sorte.

—Bem, amigo — disse Bryant preparando-se. - Já pode ir dizendo suas orações.

Naquele momento Shannon não notava a dor, não sentia o medo. Só podia pensar que o homem que amava estava em perigo e ela era a única pessoa que podia salvá-lo. A pouca gente era concedia uma segunda oportunidade. Ela não pensava desperdiçá-la.

Agarrou uma cadeira pelas patas, ficou em pé de um salto e a descarregou contra Bryant com todas suas forças, com toda sua raiva e desespero. Hasteou aquela cadeira por ela mesma e por todas as mulheres que tinham passado pelo abrigo, por cada uma das mulheres para as quais já era muito tarde.

A cadeira lhe golpeou totalmente entre os ombros.

Bryant caiu fulminado ao chão, o corpo em um ângulo estranho e, com um grito de dor, ficou inconsciente. A arma caiu tamborilando no chão.

Andrew se levantou e foi até ela.

—Não! —disse Shannon.

Foi ela quem agarrou a pistola e apontou a seu ex-marido. Soube que seria muito fácil atirar do gatilho...

—Busca uma corda na despensa e lhe amarre os braços e pernas antes que volte em si — disse ela.

Andrew a olhou severamente, a ela e à pistola que sustentava entre as mãos. E logo fez o que lhe pedia.

—Certamente quebrou a clavícula — disse Shannon desapaixonadamente. - Deveria aliviar sua dor.

—Não, Shannon - disse Andrew pondo uma mão sobre as suas. - Ele não vale o preço que teria que pagar.

Aquele condenado bastardo merecia morrer, mas Shannon levaria a marca na alma para sempre. Andrew sabia que ele podia fazê-lo sem remorsos.

—Dê-me a arma. Eu o farei por ti.

—Não toque na pistola! — exclamou ela retrocedendo.

Andrew temeu que disparasse contra seu marido nesse preciso instante, mas Shannon não o fez. —Não podemos deixar que ninguém saiba que o viu metido nisto, Andrew. Como íamos explicar sua existência à polícia?

—A polícia o entenderá uma vez que lhes tenha explicado os fatos com clareza.

—Não tem documentação, nada que demonstre quem é. Deter-lhe-iam. Por favor, volta para bosque e não retorne até que a polícia se foi. Proteja-se, Andrew.

—Não me importa meu bem-estar. É você a que me importa Shannon. Só você.

—Então, faz o que digo — suplicou-a. - É nossa única esperança.

—Não voltarei a deixá-la sozinha.

Uma expressão triste escureceu seu rosto. Não se parecia com nenhuma que ele tivesse visto desde que a conhecia e então, Andrew conheceu uma classe de medo diferente.

—Sim, fará. - disse ela.

E já não disse nada mais. Andrew saiu da casa pela porta do terraço e se atrasou o tempo suficiente para ver que ela conectava o alarme e a disparava com a boca do canhão para alertar às autoridades. Depois, entrou rapidamente no bosque para assegurar-se de que Dakota e outros se encontravam bem.

Sua pista era fácil de seguir inclusive na escuridão. Contou às formas que dormiam e se convenceu de que tudo estava em ordem. Então procurou a Dakota, que estava acordada junto ao fogo. Ela se secou as bochechas quando o viu aproximar-se.

Revisão: Dominique Bozzi

—Era Bryant, verdade? —disse com voz sombria.

—Sim — respondeu ele enquanto se agachava junto à fogueira.

—Está morto?

—Sinto dizer que não. Quis matá-lo com minhas próprias mãos, mas fracasei.

—Shannon está bem?

—A primeira vista, sim. Por dentro, não saberia dizer. Algo a intranqüiliza.

—A volta do Bryant, provavelmente.

—Não, não é isso — disse Andrew. - Ela quer que falemos disso logo e eu...

Andrew se calou e sacudiu a cabeça. Não tinha intenção de pronunciar em voz alta seus temores. Tinha falhado com Shannon como tinha falhado com Elspeth, igual tinha falhado com todos e em tudo na vida. O remorso era um sabor amargo em sua língua.

Emilie tinha ido a seu tempo lhe acreditando o herói que tinha salvado ao general Washington, só para descobrir que o tinha feito seu próprio marido.

E agora com Shannon, quando tinha tentado salvá-la com coragem e galanteria, encontrou-se com o canhão de uma pistola metido em sua boca, tão apanhado e inútil como o mais miserável dos homens.

Andrew tinha acreditado que aquele mundo do futuro ia ser o lugar onde ele encontraria riquezas e êxito além de seus mais amalucados sonhos. Mas, em realidade, não era a não ser um menino perdido no bosque, destinado a confiar que a generosidade de Shannon lhe proporcionasse o pão de cada dia.

«Você merece algo melhor, Shannon», pensou enquanto olhava o fogo moribundo.

Shannon merecia o herói que ele nunca poderia ser.

Capítulo 24

Shannon ficou olhando como desapareciam as luzes cintilantes do último carro de polícia. O ruído das rodas sobre o cascalho parecia ensurdecedor no silêncio do amanhecer.

Parecia-lhe estranho voltar a estar sozinha na casa. Entrou pela porta do terraço e se deteve no centro do solário. Sempre tinha gostado daquele quarto, com seu chão de carvalho gentil e o sofá amarelo claro. Agora, nunca mais poderia olhá-los outra vez sem ver o Bryant.

Cruzou os braços sobre o peito e tomou fôlego.

O fato de que Bryant a tivesse encontrado a surpreendia menos que o modo em que tinha acontecido. Fazia semanas que ele sabia seu paradeiro e o homem que tinha encontrado no centro comercial não tinha nada que ver.

Bryant era muito mais inteligente que todo isso. Teria posto gente atrás de sua pista quando ainda se encontrava na prisão e aquela visita noturna tinha constituído o clímax de um plano cuidadosamente premeditado. Aquela mesma manhã teria ido apresentar-se ao oficial encarregado de sua vigilância e depois se teria subido ao jato privado de algum amigo para voar ao Este, atravessando o país. Se seu plano tivesse saído tal como ele o tinha pensado, Bryant estaria dormindo em sua casa da Costa Oeste quando a polícia tivesse ido buscá-lo.

E Andrew e ela estariam mortos.

A prisão não parecia um castigo suficiente para ele.

Entrou na cozinha e pôs de pé as cadeiras, sentindo pontadas de dor no joelho e no tórax. Mas aquela dor não era nada comparada com a funda nostalgia que sentia pela vida que lhe tinha sido negada. Já não poderiam ficar ali. Bryant se encarregaria disso. Shannon teria que mudar-se, encontrar um novo lar, construir uma nova vida, o mesmo que tinha feito antes. Perguntou-se se havia sentido estar casa alguma vez. Não podia recordá-lo. Certamente, com seus pais não. Não com o Bryant. Aquela casa tinha sido algo muito parecido, mas essa sensação tão especial não surgiu até que Andrew apareceu.

Que irônico que o único homem do mundo que lhe tinha feito acreditar no futuro fora o único homem que nunca poderia ter. Este mundo não merecia um homem como Andrew McVie.

E possivelmente ela tampouco.

As lágrimas brotaram de seus olhos, mas não tentou as secar. Tinha direito a chorar. Maldição! tinha ganhado. E não era porque aquela noite tivesse dado a volta em sua vida ou porque lhe doesse a cabeça ou o joelho. Não, era porque havia pena em seu coração, em um lugar tão profundo que ela não tinha sabido de sua existência até que tinha conhecido ao Andrew. Tinha acreditado que poderia funcionar. Ia arrumar tudo para oferecer uma vida maravilhosa, tão duradoura, que ele nunca sentiria falta das coisas que tinha deixado atrás. Não podia determinar com precisão a mudança, não podia identificar as forças que ali operavam, mas quando Andrew tinha arriscado sua vida para salvá-la, Shannon soube que ele merecia muito mais que uma vida nas sombras.

—Você é mais do que eu me mereço, Shannon.

Todo seu corpo ficou galvanizado pelo som de sua voz. Shannon levantou a cabeça e o viu de pé na porta.

Andrew abriu os braços.

A distância que os separava desapareceu e Shannon se lançou entre seus braços, deleitando-se com seu corpo, com seu aroma, com suas formas. Ele era todo bom, forte e decente que o mundo podia oferecer e naquele instante Shannon soube que o amava o suficiente para deixar que fosse.

Andrew sentiu a mudança imediatamente. Shannon se enrijeceu e lhe pareceu que um muro de cristal havia se interposto entre suas almas.

—Não sou a mulher que você acredita, Andrew.

Ele a contemplou atentamente. Doe-lhe a alma ao ver os hematomas que floresciaam ao longo de sua mandíbula delicada.

—Sim, Shannon. Sei que sua identidade não é a mesma com a que nasceu.

—Não me refiro a isso.

O desespero se agitou entre as sombras, mas Andrew se negou a admiti-lo.

—Então o diga claramente, Shannon, porque não tenho ânimos para adivinhar o significado de suas palavras. Shannon rompeu o abraço e se afastou.

Andrew a seguiu à biblioteca onde lhe indicou a estante acima.

—Aí, detrás das Vidas Paralelas do Plutarco, há um livro que quero que veja.

Andrew estendeu o braço, separou o livro de Plutarco e tirou o magro volume de Heróis Esquecidos. Leu o título e a ironia não lhe pareceu despercebida.

—Página cento e vinte e sete - disse Shannon com calma.

—Não há nada para mim neste livro - disse ele entregando-lhe

—Página cento e vinte e sete - repetiu Shannon.

Andrew encontrou a página em questão.

—Está destrozada - observou jogando uma olhada aos parágrafos—. Que valor pode ter este...?

Andrew se calou, o sangue rugiu em seus ouvidos como um oceano furioso enquanto as palavras pareciam saltar da página impressa.

Em um ato de coragem sem par na época da Guerra da Independência, o advogado de Boston e mais tarde espião Andrew McVie, realizou uma temerária incursão contra as tropas inglesas acantonadas em Jóquei Hollow durante o inverno de 1779-1780 e, completamente sozinho, salvou a dois espiões, membros de Los Conjurados, de uma morte certa quando...

—Vivi - disse aniquilado. - Não sei como é possível, mas vivi minha vida em meu próprio tempo.

—Sei - murmurou ela. - É seu destino. O rubor obscureceu seus traços duros enquanto começava a andar acima e abaixo pela biblioteca.

—Não pode ser. Isto não é o que Emilie me contou sobre meu destino.

—Emilie se equivocava.

—Não pode sabê-lo com segurança. Essa página está destrozada.

—Sim - disse ela tristemente. - Posso sabê-lo com segurança.

Andrew a ignorou.

—De onde tiraste este livro?

—Da biblioteca.

—Da biblioteca de Dakota?

—Sim.

—Essa mulher não gosta de mim.

Olhou furioso o livro, como se fora uma víbora enroscada e pronta para atacar.

—Isto é uma maldita brincadeira, pensada para nos separar. Teria que havê-lo queimado na chaminé.

—E o que teríamos ganhado com isso? Não mudaria nada, Andrew. Seu destino está aí, escrito em letras de forma.

—Por que estava escondido em sua biblioteca?

—Eu o pus aí.

—Ocultava-me isso?

—Não queria perde-lo - disse ela olhando-o aos olhos. - Você me devolveu o coração, Andrew. Nunca esquecerei...

Sua voz se quebrou e não pôde dizer mais nada.

—Tão pouca consideração me tem para acreditar que as palavras de um livro tem o poder de me separar de você? A magia me trouxe aqui e não vejo nenhuma magia aguardando para me levar de volta.

Andrew tirou da mão e pôs-se a andar para a porta do terraço. —Venha, eu mostrarei isso.

O céu clareava quando chegaram à garagem onde guardavam o balão.

—Olhe isto - disse ele levantando o trapo. - O tecido se converte em pó e essa casquinha não poderia suportar o peso de um menino.

Andrew agarrou o bordo da casquinha e começou a tirá-la a rastros da garagem. Não se deteve até que esteve a metade do caminho que levava a casa.

—Não há mais fogos mágicos, Shannon. Já não há nuvens estranhas que me levem de volta. Esse livro é mentira e só mentira.

—Há algo mais - disse ela.

—Não desejo vê-lo.

—Deve fazê-lo.

Andrew se aferrou a suas mãos.

—Por que me separa de ti, Shannon, quando não desejo ir ?

—Não depende de nós, Andrew. Faz tempo que estava decidido.

—Sim, e este país é a prova. Minha existência não teve nada que ver em seu nascimento.

—O que me diz dos homens que salvou?

Andrew desviou o olhar. Shannon viu que um músculo palpitava em sua mandíbula.

—Para mim não significam nada comparado ao que achei em aqui.

—OH, Andrew! —sussurrou ela—. Há tantas coisas que não sabe.

Shannon colocou a mão no bolso de sua bata e tirou umas páginas enrugadas.

—Dakota outra vez - disse, sacudindo impaciente a cabeça. - Estou cansado das loucuras dessa mulher.

—Peguei-os o melhor que soube - disse ela entregando-lhe

—Isto não tem sentido, não muda nada.

—Os espiões que você salvou...

—Não quero continuar ouvindo.

—Andrew, me escute! Salvou ao Zane Rutledge e ao Josiah Blakelee.

—Isso é impossível.

Shannon agitou as páginas sob seus narizes.

—Três fontes distintas o corroboram. Salvou suas vidas. Os meninos que o outro dia encontramos; as granjas, as famílias que fundaram... nada disso acontecerá a menos que retorne.

—Você é meu destino. Você é tudo o que desejo.

—Deve ir.

—Não há nada na vida além de ti.

—Nunca será feliz. Necessita muito mais que isso. Merece-te muito mais.

—Não — disse ele ferozmente. - Você é tudo o que necessito.

Andrew a beijou com uma avidez que a deixou sem fôlego.

—Andrew, olhe! —disse ela olhando ao céu—. Essas nuvens. Vi-as antes.

Andrew não disse nada, mas tentou beijá-la outra vez.

—A semana passada - seguiu ela como em transe. - Quando você caiu no bosque.

—Sim, e voltaram em duas ocasiões depois.

Andrew se separou do balão. Não tinha necessidade de contemplar aquelas nuvens.

—É isso, não? Assim é como aconteceu.

—Entretanto, é impossível - insistiu Andrew. - Havia um fogo mágico que impulsionava ao balão e esse fogo já não existe.

—E se o fogo volta a aparecer? — perseverou ela, seus olhos verde mar adquiriram um brilho perigoso. - O que faria você?

—Dar-lhe-ia as costas porque não desejo me separar de você, nem nesta vida nem na outra.

Shannon ficou nas pontas dos pés para olhar por cima de seus largos ombros.

—OH! Andrew olhe.

—Não, não penso olhar.

—Está acontecendo outra vez... meu Deus, Andrew!

Lentamente, virou e viu uma cena que estava além da razão. A casquinha aparecia ante seus olhos tão perfeita como o dia em que tinha subido nela. E o balão, Bom Jesus! O balão era de um escarlate intenso e se inchava a olhos vista. Parecia que as nuvens o tivessem rejuvenescido de algum jeito.

—O fogo mágico - murmurou ele, contemplando maravilhadas as chamas que se elevavam da casquinha. - Não pode ser.

—Possivelmente não - disse Shannon enquanto a sujeitava. - Mas está acontecendo diante de nós, Andrew. Não podemos negá-lo.

Andrew pensou em Emilie e Zane, nas esperanças que tinham postas no futuro... em Rebekah e Josiah, em seus filhos. Acaso o futuro de todos eles estava em suas mãos? Acaso estava destinado a ser um herói depois de tudo, a ser a classe de homem que Shannon merecia? Mas o que importava tudo isso se o tempo os condenava a viver separados? Do que servia se o destino os castigava a viver em solidão?

—Amo-te, Shannon Whitney. Mentiria se dissesse que o passado não me chama, mas a verdade é que não posso imaginar um futuro sem ti.

—Então, seu idiota, me convide para ir com você!

—Não posso - disse ele, liberando uma guerra entre seu coração e sua mente. - Como posso te pedir que abandone tudo isto por meu amor, quando só posso te oferecer uma vida de rigores e incertezas?

—A riqueza não assegura a felicidade, Andrew - disse ela com tranquilidade. - Sei por experiência.

—Não sabe o que está dizendo, Shannon.

—Sei exatamente o que estou dizendo. Já sei o que é ser rica, mas não sei o que é ser feliz. Você pode me ensinar, Andrew. Só você pode.

—Não tenho casa, nem perspectivas, nem sequer posso te garantir que vamos chegar ao mesmo mundo que deixei atrás.

—Não me importa - disse ela com o coração transbordante de alegria. - Eu tenho fé suficiente para os dois. Não se dá conta? Esta é a razão para qual veio, Andrew. Veio me buscar.

Andrew a olhou com severidade e então, seus olhos se entreabriram e seus lábios sorriram, e uma gargalhada jubilosa surgiu das profundidades de sua alma solitária.

—Sim - disse estreitando-a contra seu peito. - E nunca me separarei de ti.

—Há coisas que espero de você. - disse ela sem sorrir. - Reciprocidade. Quero amar e ser amada. Quero que sejamos companheiros. Quero que os dois sejamos tolerantes com os defeitos do outro. E quero ter filhos - disse ela, sorrindo ao fim—. Ouve-me, Andrew? Quero ser a mãe de seus filhos.

—Sim - disse ele com a voz afogada pela emoção. - É uma sorte que os dois peçamos as mesmas coisas à vida, minha senhora.

—E, no que diz respeito ao título de "senhora", Andrew - disse ela lhe golpeando o peito com o dedo indicador. - Acredito que será melhor que o legalizemos em seguida.

—Está se declarando?

Shannon o olhou e lançou uma gargalhada.

—Andrew McVie, quer te casar comigo? Levar-me-á ao amanhecer em um balão e me converterá em uma mulher decente? Promete me amar para sempre?

—Eu adoraria me casar contigo, minha senhora, mas tem que saber que não acredito no divórcio. Quando fizermos nossos votos, estaremos casados para a eternidade.

—Para a eternidade - repetiu ela em um murmúrio. - Nada me agradaria mais que estar contigo toda a eternidade.

Voltaram a olhar o balão, que se elevava agora por cima da casquinha.

—Já está quase pronto - disse Andrew—. Logo começará a elevar-se.

—Não podemos ir ainda - disse ela aterrada. - Tenho que recolher minhas coisas.

—Não há tempo, Shannon. Irá comigo ou vai ficar.

—Um minuto, Andrew. Voltarei a tempo. Prometo-lhe isso.

Shannon cumpriu sua palavra. Voltou para os poucos momentos levando uma grande mochila.

—Vai fazer meus cabelos branquearem, Shannon.

Andrew a agarrou pela cintura e a meteu na casquinha enquanto todo o balão estremecia impaciente por separar. Jogou dentro a mochila e subiu ele depois.

—O que era tão importante para que arriscasse nosso futuro?

—Paciência, senhor McVie — disse ela com um sorriso misterioso. - Saberá ao seu devido tempo.

Andrew tentou olhar na mochila e ela o apartou rindo, mas não antes que ele visse o periódico em seu interior.

—Para que o trouxeste? —perguntou ele.

—Pela fotografia. É para nossos filhos - disse ela com um olhar tão cheio de amor que encheu de alegria seu coração. - Ajudará a lhes explicar o milagre.

Andrew imaginou uma menina com a beleza e a generosidade de sua mãe, e um menino com sua coragem e inteligência. Muito tempo atrás tinha acreditado estar condenado a vagar pelo mundo em solidão, mas tinha encontrado Shannon e agora o futuro se estendia radiante a seus pés, mais precioso que o ouro.

—Isto sim que foi uma aventura — disse ele, abraçando-a enquanto o balão tremia e começava a ascender.

—Sei - disse ela, apoiando a cabeça sobre seu ombro. - Mas já é hora de ir para casa.

—Sim, minha senhora - disse ele no instante exato em que o sol aparecia entre as nuvens. - Já é hora.

Epílogo

—Não está com boa cara... — disse a menina levantando o rosto para olhar Dakota.

—Muito obrigada! — respondeu Dakota lhe revolvendo o cabelo—. Estou ficando velha para estas farras noturnas. Estamos todos? —disse jogando uma olhada ao alpendre.

Uma das mães levantou o polegar para lhe indicar que sim. Tinham chegado quando o sol aparecia sobre a copa das árvores. Se não fossem aquelas estranhas nuvens, seria um dia esplêndido. Os meninos atacavam seus cafés da manhã e as mães pareciam satisfeitas de ter sobrevivido à noite.

E Dakota se sentia como se um caminhão lhe tivesse passado por cima.

—Faço uns ovos mexidos estupendos - disse uma das mães. - Está convidada a tomar o café da manhã.

—Certamente ficaria dormindo sobre as torradas - disse Dakota recolhendo a bolsa e as chaves do carro. - Será melhor que vá para casa.

— Leve alguns pães doces. - disse a mulher. - Está muito magra.

—Que Deus benza a você e aos filhos dos filhos de seus filhos — disse Dakota enquanto a mulher lhe dava uma sacola com pães doces cheios de geléia.

Seu carro estava molhado pelo sereno e Dakota teve que ligar o limpador de pára-brisas para enxergar alguma coisa. Pensou em Shannon e no Andrew, mas não queria passar a vê-los. Deus sabia que já tinham tido bastante para uma noite. Além disso, era verdade que não se encontrava bem. Não só estava cansada, mas também se sentia débil, como se tivesse estado de cama durante semanas e fosse o primeiro dia que se levantava.

«A cama!», pensou enquanto saía ao caminho. Uma cama e doze ou dezoito horas de bom sonho, curavam-no tudo.

Um retalho de cor escarlate intensa captou sua atenção e pisou no freio. Não era nada, apenas um farrapo que aparecia por cima das árvores perto da casa de Shannon. Começou a sentir uma estranha revoada em seu peito. Recordava às vezes que tinha entrado em transe por culpa do Andrew. Era estranho que agora sentisse o mesmo, quando não havia nem rastro dele por ali.

Voltou a olhar ao farrapo de cor escarlate e a revoada se intensificou.

—O balão!

As palavras surgiram por si só de sua garganta. Estava acontecendo naquele mesmo instante. De repente, Dakota soube que era a última oportunidade que Andrew tinha de retornar.

Uns minutos mais tarde, o Mustang se deteve derrapando em frente à casa de Shannon. Dakota se encontrou olhando à casquinha que se elevava uns quantos centímetros do chão da esplanada.

O coração quase parou ao ver Shannon e Andrew que a saudavam de dentro. «Estão juntos», pensou com regozijo. «vão para casa». Os olhos se encheram de lágrimas ao ver o resplendor dourado que os rodeava, banhando aos viajantes em sua luz benevolente. Inclusive tinham umas auras que se complementavam.

O balão começou a elevar-se. A casquinha já estava a trinta centímetros do chão.

—Esperem! —gritou. - Tenho uma coisa para vocês.

—Anda depressa - disse Shannon. Não há mais tempo.

Dakota tentou correr, mas suas pernas pareciam de chumbo e logo não tinha a energia suficiente para pôr um pé diante do outro.

A casquinha ascendeu outros trinta centímetros.

—São pães doces recheados. - gritou Dakota lhes lançando a bolsa. Não os esmaguem, façam o que façam.

Podiam necessitar um lanche. Depois de tudo, ainda faltavam dois séculos para sua próxima comida.

O fundo da casquinha estava à altura da cintura. O tecido escarlate se fazia de uma cor mais intensa por momentos, mais substancial.

Dakota olhou as mãos, os braços... Sua aura tinha desaparecido. Tocou a casquinha. A aura voltou. Soltou a casquinha e viu horrorizada como seu ser físico se fazia transparente, como se estivesse a ponto de esfumar-se.

O cansaço fazia que a cabeça lhe desse voltas, lutou por conservar o equilíbrio. Sentia-se débil, como se seu corpo e sua alma estivessem separando-se. Deus do céu estava morrendo! A única coisa que a atava ao mundo dos mortais era o balão escarlate e não demoraria a ficar fora de seu alcance...

Shannon a olhava aterrorizada.

—Meu deus, Andrew! Temos que fazer algo.

—O que acontece? —acertou a dizer Dakota. - Ao fim encontrei uma dieta que funciona...

«Isso, você sempre com as brincadeiras, Wylie. É que não pode ficar de boca fechada nem quando está a ponto de esticar as canelas.

Andrew se inclinou para diante até tirar meio corpo da casquinha.

—Dê-me a mão.

—Certamente que não. Se voltar a desmaiar, não acordo mais.

—Tal como eu o vejo, só tem uma alternativa.

Agarrou Dakota pelos ombros, içando-a ao interior da casquinha no momento em que o balão se elevava para as nuvens.

—A quinta roda em dois séculos bem distintos - disse Dakota assim que seu coração se tranqüilizou o suficiente. - Ainda não é muito tarde para que me joguem para trás. Digam-me que vá, querem? Poderia saltar pela amurada. Certamente só me romperia às pernas, mas, o que é uma fratura entre amigos?

Dakota esperou um momento.

—Vamos, meninos. Só estava brincando. Se quiserem que me eu parta...

Mas Shannon e Andrew não tinham ouvido uma só palavra. Com os braços entrelaçados, já estavam em um mundo exclusivamente dos dois.

Formou-lhe um grande nó na garganta e teve que esfregar os olhos para secar as lágrimas. Havia algo no cumprimento do destino que trazia a superfície seu lado romântico.

—A quinta roda - repetiu, lhes dando as costas.

Mas, de algum jeito, aquelas palavra já não lhe doíam.

Navegaram entre as nuvens e seus temores se dissiparam como o sereno de manhã. Fazia um dia formoso de finais do verão. Brilhava o sol, o ar era doce. Havia uma grande

aventura esperando-a e ela se alegrou de ser digna filha de sua mãe, sempre disposta a dar o primeiro passo para o desconhecido.

Ouviu umas risadas suaves e se voltou a olhar ao casal. O resplendor dourado ainda os envolvia, mas havia algo mais, algo que não tinha nada que ver com as auras e sim com o poder do amor. Seus olhos se umedeceram enquanto os olhava descaradamente. Andrew olhava Shannon como se ela guardasse o segredo da vida. E Shannon! Olhava ao Andrew com uma expressão de alegria tão absoluta que Dakota se encontrou de novo comovida pelo milagre do amor.

Nunca se sabe quando pode acontecer a você. Nunca se sabe onde. Podem ser um médico, um advogado, um chefe índio ou um renegado, espião e patriota. O que importa é encontrar a outra metade de seu coração.

Dakota sorriu e deixou de olhar quando Shannon ficou nas pontas dos pés para beijar ao Andrew. Às vezes, inclusive tem que viajar através dos séculos para encontrá-lo.

Seu estômago grunhiu e se viu obrigada a tirar um pão doce da bolsa. «Framboesa» pensou lhe dando uma dentada.

Era um bom presságio.

Podia senti-lo nos ossos.

Fim

Nossa Comunidade:

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=97125945>

Nosso Blog:

<http://traducoes-revisoes-rs-rts.blogspot.com/>